

E R I C H V O N

DANIKEN

OS BUNKROS DA ESFINGE



MELHORAMENTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ERICH VON DÄNIKEN

OS OLHOS DA ESFINGE

Novas perguntas sobre o antigo país do
Nilo

©1991 Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel

Dedico a meu amigo de muitos anos Utz Utermann, que com o pseudônimo de Wilhelm Roggersdorf cuidou de mim brilhantemente durante os últimos vinte anos como pai adotivo literário.

Munique, 1989

CAPÍTULO 1

CEMITÉRIOS DE ANIMAIS E TÚMULOS VAZIOS

"Oh, Egito! Egito! De teu saber restarão apenas fábulas, que a gerações posteriores parecerão inacreditáveis."

Lucius Apuleius, filósofo romano, século II d.C.

"*Welcome to Egypt!*" O homem jovem e imundo, com cavanhaque negro, obstruía o caminho e estendia a mão para mim. Algo surpreso, eu a aceitei pensando que essa poderia ser a mais nova forma de saudar turistas. Foi entoada então a ladainha de perguntas costumeira, de onde eu vinha e o que eu pretendia visitar no Egito. Amigavelmente, ainda que de maneira um pouco afetada, eu me livre do rapaz. Não por muito tempo. Eu mal havia deixado o edifício do aeroporto do Cairo quando um outro, dizendo "*Welcome to Egypt!*", bloqueou minha bagagem. Novos apertos de mão — quisesse eu ou não.

Nos dias seguintes o tratamento enfadonho repetiu-se inúmeras vezes. "*Welcome to Egypt!*", ressoava diante do Museu Egípcio da cidade do Cairo. "*Welcome to Egypt!*", rejubilava-se o vendedor de papiros. "*Welcome to Egypt!*", saudava o engraxate da esquina, o motorista de táxi, o porteiro do hotel, o comerciante de *souvenirs*.

Como cada um deles quisesse novamente saber de que país eu viera, e eu sempre dando as mesmas respostas às mesmas perguntas, eu disse com o rosto sério ao quadragésimo segundo apertador de mãos diante da pirâmide em degraus de Sakkara: "Eu venho de Marte!" Nem um pouco impressionado com a resposta, ele segurou minhas duas mãos ao mesmo tempo e repetiu bem alto: "*Welcome to Egypt!*"

A esse ponto chegaram os egípcios: até mesmo turistas marcianos não espantam ninguém.

Em meus 54 anos de vida já visitei muitas vezes o país às margens do Nilo. O traçado das ruas se modificou, os meios de transporte, o

ar poluído, os novos hotéis — permanece a névoa de segredo que envolve esse país, o fascínio que impõe veneração irradiado pelo Egito há milênios.

Em 1954, ainda um rapazote de dezenove anos, pela primeira vez eu mergulhava sob a areia do deserto próximo a Sakkara através de passagens subterrâneas. Um colega de estudos egípcios e dois guardas iam na frente. Cada um de nosso time de quatro levava velas acesas, pois nessa época, 35 anos atrás, não havia luz elétrica nas abóbadas mofadas, os túneis não estavam liberados para o turismo. Eu me lembro como se tivesse sido ontem que um guarda iluminou com a luz de sua vela um impressionante sarcófago da altura de um homem. As pequenas chamas corriam sobre o bloco de granito.

— O que há lá dentro? — perguntei, hesitante.

— Touros sagrados, meu jovem, touros mumificados!

Alguns passos adiante, novamente um nicho largo na abóbada, de novo um sarcófago de touro. A mesma coisa no túmulo mofado em frente. Gigantescos sarcófagos-monstros até onde alcançava a luz da vela. Um espesso tapete de poeira engolia nossos passos. Novos corredores, novos nichos, novos sarcófagos. O ambiente tornava-se sinistro para mim, a fina poeira irritava a garganta, nenhuma corrente de ar amenizava o ar úmido e abafado. Todos os recipientes de touros estavam abertos, as pesadas tampas de granito parcialmente removidas descansavam sobre os sarcófagos. Eu queria ver uma múmia de touro. Pedi, então, aos dois guardas e a meu amigo estudante que me ajudassem. Eu me elevei apoiando-me em seus corpos e inclinado, assentando a barriga sobre a aresta superior de um sarcófago, iluminei o seu interior com a vela. Ele estava impecavelmente limpo — e vazio! Tentei com quatro outros sarcófagos, sempre com o mesmo resultado. Onde estariam os touros mumificados? Os pesados corpos dos animais teriam sido retirados? Estariam as múmias divinas em museus? Ou — uma suspeita indistinta surgiu em minha mente — será que os sarcófagos nunca haviam contido múmias de touros?

Agora, 35 anos mais tarde, eu estava novamente nas abóbadas subterrâneas. A luz elétrica foi instalada, grupos de turistas são

guiados por duas passagens que correm uma ao lado da outra. Ouvem-se os "ah..." e "oh..." das aglomerações humanas, vêem-se os rostos espantados, distingue-se a voz professoral do guia de viagens que explica que em cada sarcófago-monstro fora um dia colocada uma múmia do divino touro Ápis.

Prefiro não desmentir o guia, embora desde então eu tenha tomado conhecimento de algumas coisas: nunca foi encontrada uma múmia de touro nos imensos sarcófagos de granito!

Tudo começou com Auguste Mariette

Paris, 1850. Auguste Mariette, de 28 anos de idade, trabalha no Louvre como assistente científico. O homem pequeno e inquieto que praguejava como um cavaleiro tinha adquirido nos últimos sete anos um vasto conhecimento sobre o Egito. Ele falava fluentemente inglês, francês e árabe, sabia ler hieróglifos e trabalhava como um possesso na tradução de antigos textos egípcios. Chegara aos ouvidos dos franceses que seus maiores concorrentes no campo da arqueologia, os ingleses, iam comprar escritos antigos no Egito. "La Grande Nation" não podia assistir a isso de braços cruzados. A Academia de Ciências parisiense decidiu enviar o assistente científico Auguste Mariette ao Egito. Equipado com 6.000 francos, ele deveria surrupiar os melhores papiros aos ingleses.

Em 2 de outubro de 1850 Auguste Mariette chegou ao Cairo. Logo no dia seguinte ele visitou o patriarcado copta, pois tinha esperança de ter acesso a antigos papiros egípcios através de mosteiros coptas. Ao fazer um passeio pelos antiquários do Cairo, ele percebeu que todos os proprietários de lojas ofereciam esfinges autênticas, todas originárias de Sakkara. Mariette ficou cismado. Quando, em 17 de outubro, o patriarcado o informou de que seria necessário muito tempo para que se tomasse uma decisão quanto ao seu desejo de adquirir papiros antigos, Mariette subiu decepcionado à cidadela e sentou-se em um degrau, perdido em seus próprios pensamentos.

Abaixo estava o Cairo ao lusco-fusco do entardecer. "Como os mastros de uma frota afundada", escreveu Mariette, "erguiam-se

trezentos minaretes desse profundo mar de névoa. Em direção ao oeste, banhadas na poeira flamejante do pôr-do-sol, elevavam-se imponentes as pirâmides. A vista era arrebatadora. Ela me comovia e seu encanto me atingia com uma força quase dolorosa... O sonho de minha vida se realizava. Lá do outro lado, praticamente a meu alcance, estava todo um mundo de túmulos, obeliscos, inscrições, estátuas. O que mais havia? No dia seguinte aluguei três mulas para minha bagagem e um ou dois jumentos para mim mesmo. Eu tinha comprado uma tenda e duas cestas com o estritamente necessário para uma viagem no deserto, e em 20 de outubro de 1850 armei-a ao pé da Grande Pirâmide...".

Após sete dias o inquieto Mariette já estava cansado do burburinho que havia em torno das pirâmides. Com sua pequena caravana, ele prosseguiu meio dia de viagem em direção ao sul e acampou em Sakkara, entre os restos de muralhas e colunas derrubadas, que havia nos arredores. O símbolo da atual Sakkara, a pirâmide em degraus do faraó Djoser (2630-2611 a.C.), escondia-se, ainda totalmente desconhecida, no subsolo.



Auguste Mariette.

Ficar parado não fazia o gênero de Auguste Mariette. Ele fuçou pelos arredores e sentou-se sobre a cabeça de uma esfinge que se projetava da areia. Imediatamente pensou nas esfinges dos antiquários, que também eram originárias de Sakkara. Alguns metros adiante tropeçou em uma placa de pedra quebrada na qual pôde decifrar a palavra "Âpis". Agora o hóspede de Paris de 28 anos estava atento. Outros visitantes *antes* de Auguste Mariette também tinham visto a cabeça da esfinge e a placa inscrita, mas nenhum deles tinha ligado uma coisa com a outra. Mariette lembrou-se dos antigos historiadores, Heródoto, Diodoro da Sicília e Estrabão; todos tinham relatado a respeito de um culto a Apis no antigo Egito. No primeiro capítulo de sua *Descrição da Terra*, Estrabão (63 a.C.-26 d.C.) escreve:

“Próxima está também a própria Mênfis, a capital do império dos egípcios; pois do delta até ela são três *Schoinen* (16,648 quilômetros). Dentre seus templos o primeiro é o de Âpis, que é o

mesmo de Osíris. Aqui, como já disse, o touro Apis, que é tido como um deus, é mantido em uma sala do templo. Lá mesmo há também um templo de Serápis, em um lugar muito arenoso, do qual vimos as esfinges, algumas enterradas até a cabeça, algumas pela metade..." Falava-se aí de esfinges parcialmente enterradas, de Mênfis, do touro Ápis e de um templo de Serápis. Mariette estava no lugar certo! Em Diodoro da Sicília, que viveu no primeiro século antes de Cristo e que foi o autor de uma *Biblioteca Histórica* em quarenta volumes, ele tinha lido:

"Ao que já foi dito falta ainda acrescentar aqui aquilo que se refere ao touro sagrado, que eles chamam de Ápis. Quando este morre e é enterrado com pompa..."

Enterrado com pompa? Até então ninguém havia encontrado túmulos de touros no Egito. Auguste Mariette esqueceu sua missão, de que havia sido encarregado por seus colegas franceses, esqueceu o patriarcado copta, esqueceu as cópias dos papiros que devia providenciar. Ele foi tomado pela febre do caçador. Espontaneamente contratou trinta trabalhadores com pás e ordenou-lhes que removessem as pequenas colinas de areia que se erguiam do deserto a cada dois metros. Auguste Mariette desenterrou esfinge após esfinge, uma figura a cada seis metros, e toda uma aléia de esfinges, num total de 134 figuras, surgiu à luz do dia. O velho Estrabão tinha razão!

Nas ruínas de um pequeno templo Mariette encontrou algumas placas de pedra com imagens e inscrições. Elas mostravam o faraó Nektanebos II (360-342 a.C.), que dedicava o templo ao deus Ápis. Mariette então teve certeza: ali, em algum lugar, tinham que estar os túmulos com os touros Ápis "enterrados com pompa" (Diodoro).

As semanas que se seguiram decorreram em uma busca febril. Uma descoberta puxava outra. Mariette desenterrou da areia estátuas de falcões, deuses e panteras. Em uma espécie de capela ele pôs a descoberto o corpo de um touro Ápis, tirando-o da pedra calcária. A escultura do touro provocou reações espantosas nas mulheres das aldeias vizinhas. Durante uma pausa ao meio-dia, Mariette apanhou quinze meninas e mulheres que, uma após a outra, escalavam o touro. Montadas no touro elas começavam a fazer movimentos

rítmicos com a barriga e os quadris. Esses exercícios de ginástica, como veio a saber o perplexo Mariette, seriam um remédio contra a infertilidade.

Procurando a entrada para os túmulos dos touros, Mariette expôs à luz do dia centenas de pequenas figuras e amuletos. No Cairo circulavam rumores de que nervosos arqueólogos franceses faziam com que estatuetas de ouro desaparecessem. Soldados do regimento egípcio, montados em camelos, foram enviados, e um arauto proibiu que Mariette prosseguisse com as escavações.

Mariette praguejou, xingou... e negociou. Seus empregadores em Paris, felicíssimos com as notícias e tesouros que Mariette lhes enviava, mandaram-lhe mais 30.000 francos e concederam-lhe *status* diplomático junto ao governo egípcio. Em 30 de junho de 1851 Mariette pôde continuar a escavar. Impaciente, chegou a recorrer à dinamite, auscultando o chão durante a explosão.

Onde estão os touros mumificados?

Em 12 de novembro de 1851 uma pedra maior soltou-se sob os pés de Mariette. Como se estivesse em um elevador, ele escorregou lentamente para dentro de uma abóbada subterrânea. Quando a poeira assentou e lanternas foram trazidas, Mariette viu-se diante de um nicho com um imenso sarcófago. Não restava a menor dúvida. Ele atingira o objetivo. Lá dentro tinha que estar um touro Ápis divino. Quando se aproximou e iluminou o nicho com a lanterna, viu a gigantesca tampa do sarcófago. Ficou scandalizado. O sarcófago estava vazio.

Nas semanas seguintes Mariette passou a pente fino os túmulos de maneira sistemática. A abóbada principal media trezentos metros, tinha oito metros de altura e três de largura. À direita e à esquerda havia câmaras amplas. Cada uma delas — perfeitamente muradas na base — continha um sarcófago de granito. Uma segunda abóbada, tão grande quanto a primeira, foi aberta. Os doze sarcófagos que se encontravam lá dentro tinham as mesmas medidas superdimensionadas que os doze da primeira abóbada. Damos aqui as medidas de um sarcófago: comprimento = 3,79 m;

largura = 2,30 m; altura = 2,40 m (sem tampa); espessura da parede do sarcófago = 42 cm. Mariette avaliou o peso de um sarcófago em 70 toneladas, a tampa em aproximadamente 20 a 25 toneladas suplementares. Gigantesco. Todas as tampas dos sarcófagos ou tinham sido empurradas para um lado ou tinham sido derrubadas. Em nenhuma parte havia um vestígio sequer de múmias de touros "enterradas com pompa".

Mariette presumiu que ladrões de túmulos ou os monges do Mosteiro de São Jeremias, que ficava nas proximidades, tivessem chegado antes dele. Chateado e furioso, ele continuou a cavar infatigavelmente. Novas abóbadas foram desobstruídas. Elas continham sarcófagos de madeira da 19ª. Dinastia (1307-1196 a.C.). Como um bloco de rocha impedia que se prosseguisse, Mariette recorreu à dinamite. O explosivo abriu um buraco no chão, e abaixo de si os homens viram um maciço sarcófago de madeira. A explosão tinha destruído a tampa. Quando as lascas de madeira e de vigamento foram postas de lado, Mariette reconheceu um homem mumificado. Mariette: "Uma máscara de ouro cobria seu rosto, uma pequena coluna de feldspato verde e jaspe vermelho pendia de uma corrente de ouro em seu pescoço. Um outro tinha dois amuletos de jaspe, todos com o nome do príncipe Chaemwese, que era um dos filhos de Ramsés II... Dezoito estátuas com cabeças humanas com a inscrição 'Osíris-Âpis, Grande Deus, Senhor da Eternidade' estavam espalhadas ao redor".

A abóbada do Serapaeum de Mênfis.



Somente nos anos 30 de nosso século essa múmia que Mariette presumira ser o cadáver de um príncipe, foi cuidadosamente pesquisada. Quando o egiptólogo inglês Sir Robert Mond e o Dr. Oliver Myers cortaram as bandagens, foram atingidos por uma malcheirosa massa de betume (asfalto), misturada com minúsculas lascas de ossos.

Onde ficavam os touros divinos? Durante o verão de 1852 Mariette descobriu mais sarcófagos de Ápis em um novo túmulo. O mais antigo dentre eles foi datado como sendo de 1500 a.C. Nem um único continha uma múmia de touro!

Finalmente, em 5 de setembro de 1852, Mariette deparou com dois sarcófagos inviolados. Na poeira do chão ele reparou nas impressões de pés que os sacerdotes tinham deixado 3.500 anos antes ao levar o touro divino ao túmulo. Uma estátua dourada do deus Osíris guardava o nicho, no chão havia plaquetas de ouro que com o passar dos milênios haviam se desprendido do teto. No teto Mariette reconheceu gravuras de Ramsés II (1290-1224 a.C.) e de seu filho, que ofereciam uma bebida sacrificial ao deus Ápis-Osíris (representado aqui como um ser híbrido). Com muito trabalho a tampa do sarcófago foi erguida com alavancas de ferro e cordas. Mas aqui devemos dar a palavra ao próprio Auguste Mariette:

"Dessa maneira eu tinha certeza de que diante de mim tinha que estar uma múmia de Ápis, e conseqüentemente redobrei meus cuidados... Minha primeira preocupação dirigia-se à cabeça do touro,

mas não encontrei nenhuma. No sarcófago havia uma massa betuminosa muito fedorenta que se desmanchava à menor pressão. Em meio à massa malcheirosa havia uma quantidade de pequenos ossos, aparentemente já despedaçados na época do sepultamento. Em meio à mistura de pequenos ossos encontrei, na verdade por acaso, quinze pequenas figuras..."

Mariette fez a mesma constatação desoladora ao abrir o segundo sarcófago. "Nenhuma caveira de touro, nenhum osso grande; ao contrário, uma profusão ainda maior de minúsculas lascas de ossos."

As abóbadas sob Sakkara, nas quais não foi encontrado nem um único touro Ápis sagrado, embora o contrário seja dito a todos os turistas, e embora isso possa ser lido de maneira preponderante na literatura especializada, têm hoje o nome de Serapaeum. O significado é uma síntese grega das palavras Osir-Apis = Serapis.

Auguste Mariette, o incansável prospector, que venceu várias batalhas contra os funcionários egípcios, retornou ao Egito após uma curta estada em Paris. Ele não suportava mais o ar de museu que aí havia. Em 1858 o governo egípcio, sob recomendação de Ferdinand Lesseps, o construtor do Canal de Suez, o encarregou de vistoriar todas as escavações feitas no Egito. O irrequieto francês desenvolveu uma inacreditável fúria de trabalho. Sob sua direção foram feitas escavações em quarenta lugares diferentes ao mesmo tempo; ele chegava a ocupar 2.700 trabalhadores de uma só vez. Mariette foi o primeiro egiptólogo que catalogou de maneira exata cada descoberta. Fundou o mundialmente famoso Museu Egípcio e, em 1879, recebeu o título de Paxá. Até mesmo o libreto da ópera *Aida*, que Giuseppe Verdi compôs para a inauguração do Canal de Suez, remete-se a Auguste Mariette. Sem o saber, milhares de turistas passeiam hoje por seu túmulo. O sarcófago de Auguste Mariette encontra-se no jardim à entrada do Museu Egípcio, no Cairo.

Sarcófagos com múmias erradas

Para a conservadora corporação dos arqueólogos não resta nenhuma dúvida de que os imensos sarcófagos no Serapaeum

contiveram um dia múmias de touros. "Senão, o que é que eles iriam conter", disse-me bufando um especialista há pouco, "lixo atômico, talvez?" Dificilmente, meus caros senhores, mas no entanto a solução do enigma poderia vir de onde menos se espera. Para cercar o autor com indícios criminológicos preciso antes trazer à discussão alguns fatos curiosos.

Além do divino Ápis os egípcios veneravam outros dois touros menos conhecidos, chamados Mnevis e Buchis. Estrabão nota laconicamente no 17º. Livro:

"Aqui a cidade de Heliópolis está sobre uma colina considerável. Foi erguida com um templo ao Sol, e o touro Mnevis, mantido em um aposento, é considerado por eles como um deus, como Ápis em Mênfis".

Mnevis era um touro negro com chumaços de pêlos que cresciam na direção contrária da pelagem em geral, e sem qualquer marca. Através de uma carta escrita por um sacerdote do templo em Heliópolis, sabe-se que esse touro Mnevis foi realmente mumificado.



Diariamente milhares de turistas passeiam pelo sarcófago de Auguste Mariette.

O sacerdote até mesmo confirmou a utilização de vinte braças de linho fino para envolvê-lo. Em Heliópolis, a cidade do deus-Sol Re-Atum, foram encontrados também túmulos dos touros Mnevis: todos destruídos, roubados, saqueados. Até hoje não foi possível encontrar uma única sepultura de um touro Mnevis.

O culto ao touro Buchis ocorria no Egito central, não muito distante da atual Lúxor. Devemos a descoberta das catacumbas de Buchis, como ocorre freqüentemente na arqueologia, a um acaso. O arqueólogo britânico Sir Robert Mond ouvira dizer que a alguns quilômetros da pequena localidade de Armant uma figura de bronze de um touro teria sido desenterrada da areia. Ora, essa aldeola de Armant era exatamente a mesma que a cidade-templo de Hermonthis, que os antigos egípcios chamavam também de "a On do sul" (em contraposição à On do norte = Heliópolis). Sir Robert Mond disse a si mesmo que, se havia um culto ao touro na On do norte, o mesmo deveria ser válido para a do sul. A figura de bronze descoberta fortaleceu suas suposições. Sir Mond começou a procurar.

Como Mariette no Serapaeum, a equipe de arqueólogos britânicos descobriu sob as ruínas do templo de Hermonthis, que havia desmoronado totalmente, túmulos subterrâneos com sarcófagos

impressionantes que, exatamente como no Serapaeum, haviam sido murados em nichos à direita e à esquerda da passagem principal. Como se tratava de touros Buchis divinos, o complexo com um total de 35 nichos tumulares foi batizado de "Bucheum". Não muito distante dali, Sir Robert descobriu um segundo complexo tumular chamado Baqaria. Os dois locais de sepultamento estavam em um estado deplorável. Como se não bastasse que os ladrões de túmulos também aqui tivessem chegado antes que os arqueólogos, as câmaras tumulares estavam parcialmente submersas na água, e as múmias ou o que quer que estivesse lá dentro tinham sido totalmente devoradas por hordas de milhões de formigas brancas. Pequenas figuras de bronze totalmente corroídas estavam espalhadas em volta; o ferro se havia degradado em pó de ferrugem. Sir Robert Mond:

"O corpo mais bem preservado de todos, que nós encontramos ao final de nosso trabalho, talvez fosse aquele de Baqaria 32. Tratamos essas múmias com muito cuidado, e anotamos cada particularidade... A posição (da múmia) não era a de um boi em repouso, mas a de um chacal ou um cão... Nenhum osso estava quebrado".

Tudo isso soa estranho e confuso. Os sarcófagos de touros são a única realidade a que se pode ater. Eles existem no Serapaeum, em abóbadas sob Heliópolis, no Bucheum, em Baqaria e também em Abusir, próximo a Gizé. Os sarcófagos ou não continham nada ou então uma massa malcheirosa de betume com lascinhas de ossos. Ainda mais desconcertante foi o fato de, em lugar dos touros esperados, ter sido encontrada uma múmia humana com uma máscara de ouro, cujas bandagens, como se comprovou muito mais tarde, não revelavam nenhum cadáver humano, mas novamente asfalto fedorento. Finalmente — é para se arrancar os cabelos — as esperadas múmias de touro saíam do casulo na forma de chacais ou cães.

Os absurdos não param aí: os egiptólogos britânicos Mond e Myers mandaram analisar quimicamente algumas de suas descobertas do Bucheum e de Baqaria. Um pedaço de vidro branco continha 26,6% de óxido de alumínio, demasiado para o vidro comum. Um olho

artificial de argila consistia em calcário em quantidade muito acima da média, e o branco do olho de argila, que, presumia-se, tinha que ser de faiança, não era nem faiança egípcia nem vidro. (Ao contrário da faiança verdadeira, a egípcia consistia em fina areia de quartzo com uma cobertura de vidro. Com ela os egípcios fabricavam adornos, especialmente pérolas tubulares.)

Os sarcófagos de touros (sem tampa) são feitos a partir de um único bloco de granito de Assuan. Assuan dista aproximadamente mil quilômetros de Serapaeum. Só a escavação, polimento e transporte de um único sarcófago com tampa pesando de noventa a cem toneladas representava um esforço quase sobre-humano. Os monstros pesados e rígidos tinham que ser arrastados até o túmulo que fora preparado, empurrados, rolados e fixados em seus nichos. Essa façanha organizatória e técnica comprova a grande importância que os egípcios atribuíam ao conteúdo dos sarcófagos. E então — é inconcebível — os sacerdotes despedaçavam, esmagavam os touros recentemente mumificados com arte até transformá-los em minúsculas lascas de ossos, misturavam tudo com betume (asfalto) resistente e pegajoso, acrescentavam algumas pequenas figuras de deuses e amuletos e metiam a massa fedorenta nos estranhos sarcófagos. Tampava-se, e estava pronto.

Tivesse sido assim, Deus sabe que os egípcios poderiam ter-se poupado o esforço com os gigantescos sarcófagos. Para conservar lascas de ossos, ainda mais, contra toda lógica, sem cabeça e chifres, não são necessários colossais recipientes de granito. Os especialistas, aliás, são unânimes em afirmar que os antigos sacerdotes egípcios jamais despedaçaram um touro divino. Isso teria sido sacrilégio, blasfêmia. Sir Robert Mond: "O sepultamento de uma múmia em qualquer outra forma que não a de corpo inteiro era impensável no Egito antigo".

E no entanto parece ter sido exatamente isso o que aconteceu. Foram descobertos nos complexos subterrâneos próximos a Abusir dois touros magnificamente embalsamados. As bandagens de linho, cruzadas sobre o corpo do touro e amarradas com cordas de fibras, estavam intocadas. Finalmente múmias de touros bem-conservadas, rejubilava-se, pois das bandagens ressaltava até mesmo a cabeça

com os chifres. Especialistas franceses, o Sr. Lortet e o Sr. Gaillard, cortaram cuidadosamente as cordas milenares, retirando as camadas de linho uma após a outra. A perplexidade foi indescritível. No interior havia uma miscelânea de ossos de vários animais que nem mesmo podiam ser atribuídos a uma espécie determinada. A segunda múmia, com 2,5 m de comprimento e 1 m de largura, que por fora tinha a aparência perfeita de um touro, continha uma mistura de pelo menos sete animais diferentes, entre eles ossos de bezerro e de touro.

Todas as abóbadas de touros estavam destruídas. Teriam os ladrões de túmulos se enfurecido, teriam monges despedaçado o conteúdo dos sarcófagos até reduzi-los a lascas de ossos? Em todas as épocas os ladrões de túmulos vão em busca de dinheiro e pedras preciosas, múmias de touros não lhes interessam. Além disso, os ladrões de túmulos não esclarecem nem um pouquinho a descoberta de ossos de animais variados em uma pseudomúmia de touro. Quanto a monges devotos tomados de fanatismo missionário, a coisa é mais viável, desde que eles conhecessem as entradas de todas as necrópoles de touros. Então os monges, em sua cólera sagrada, teriam empurrado as tampas dos sarcófagos para um lado e esmagado o seu conteúdo com pesados porretes. Algo assim como esmagar uvas para fazer vinho. Essas explicações também não levam a nada. Os indícios da fúria destruidora cristã teriam que estar visíveis, as bandagens estariam esfarrapadas, as pequenas imagens de deuses, despedaçadas ou deformadas. Presumivelmente os piedosos irmãos, para expulsar o Satã pagão, teriam jogado uma cruz cristã em cada sarcófago ou exposto imagens sagradas nas galerias subterrâneas. Nada disso foi comprovado. Onde estão as múmias dos touros Ápis divinos?

Tradições contraditórias

Caso se acredite no historiador grego Heródoto (c. 490-425 a.C.), que por volta de 450 a.C. viajou extensamente pelo Egito e conversou com os sacerdotes de lá, estamos procurando múmias de

Ápis em vão. Heródoto informa que os egípcios teriam simplesmente comido seus touros divinos:

"Eles consideravam os touros animais sagrados do Epapho. Eles, portanto, os testavam da seguinte maneira: caso se encontrasse um único pêlo negro em um touro, ele era considerado impuro. Esse exame é feito por um sacerdote destinado a esse fim. Para isso o touro é mantido em pé e também virado de costas; puxa-se sua língua para fora para se verificar se ela está livre dos sinais previstos, que descrevi em outro lugar. O sacerdote examina os pêlos da cauda para saber se eles cresceram naturalmente... Assim, portanto, o animal é testado, mas o sacrifício é executado da seguinte maneira:

O animal assinalado é levado ao altar sobre o qual já se estão fazendo oferendas, e um fogo é acendido. Os sacerdotes então derramam vinho sobre o animal sacrificial, chamam a deus e o abatem. Em seguida decepam a cabeça da rês morta. Decapitam o corpo, mas a cabeça é levada, embora sob um coro de maldições. Caso haja um mercado na localidade e haja gregos trabalhando como comerciantes estrangeiros, a cabeça é levada ao mercado e vendida a um deles. Caso não haja nenhum grego, a cabeça do animal é jogada no Nilo... O estripamento do touro sacrificial e a cremação decorrem de maneira diferente em cada sacrifício... Após terem decapitado o touro e entoadado uma prece, a cavidade abdominal dele é aberta; as tripas e a gordura, no entanto, são deixadas no corpo. As pernas, as pontas dos ossos dos pés, os ombros e o peçoço, ao contrário, são cortados. Em seguida eles recheiam o que resta do corpo do animal com pão puro, mel, passas, figos, incenso, mirra e outras essências e o queimam como oferenda. Antes derramam uma grande quantidade de óleo sobre o corpo. Anteriormente ao sacrifício eles jejuam. Enquanto a oferenda queima, todos se lamentam. Quando já lamentaram o suficiente, preparam uma refeição com as partes restantes do animal sacrificial. Tanto os egípcios sacrificam touros e novilhos puros; vacas, ao contrário, eles não podem levar; elas são dedicadas a Ísis..."

Isso quanto a Heródoto. Se ele tivesse razão, as necrópoles de touros, por sua vez, não teriam sentido algum. Para que o trabalho

insano com os sarcófagos de granito se os sacerdotes se deliciavam com um banquete preparado com os corpos dos animais? Paradoxalmente o mesmo Heródoto, em outro lugar, descreve o embalsamamento de um touro, em que as vísceras eram soltas do corpo injetando-se óleo de cedro nos intestinos. Os escritores da Antigüidade transmitiam tradições absolutamente contraditórias quando se tratava de touros divinos. Enquanto Heródoto faz com que os touros sejam saboreados, Diodoro da Sicília escreve a respeito de "enterros com pompa". Plínio, Papínio Estácio e Amiano Marcelino, todos escritores romanos da Antigüidade, eram, ao contrário, unânimes em afirmar que os touros seriam afogados em uma fonte sagrada.

Afogados — comidos — embalsamados — despedaçados, como vocês preferem?

Em uma antiga tradição egípcia, o "papiro Ápis" assegura-se até os mínimos detalhes de que maneira o touro sagrado devia ser mumificado. Cada passo é descrito; está especificado quantos sacerdotes devem estar presentes durante o embalsamamento, em que lugares devem se posicionar, e onde e como o linho deve ser colocado — da esquerda para a direita, de cima para baixo e também de atravessado. Após a purificação com água e óleo, o touro deve ser coberto de sódio até estar completamente seco. Durante toda a cerimônia um leitor sacerdotal deve colocar-se diante do touro, murmurar fórmulas religiosas e preces e supervisionar o embalsamamento, para que nenhum passo em falso seja dado inadvertidamente. Após a rês estar finalmente envolvida com alguns milhares de metros de linho, o crânio era engessado e uma placa de ouro fixada entre os chifres. Esta simbolizava que o touro descendia do deus-Sol. Finalmente colocava-se ainda olhos de vidro nas cavidades oculares e a múmia, pronta, era levada em procissão festiva ao túmulo preparado de antemão. Tudo isso transmitido em detalhes. O que é que não deu certo?

Quem foi Ornar Khayyam?

Um conhecido tinha me convidado para jantar em um restaurante típico egípcio. Havia arroz, ave, feijões marrons cozidos no vapor, que estavam misturados com cebola, e além disso a verdura nacional nativa, *muluchija*. As folhas são grandes e suculentas; usa-se a *muluchija* no preparo de sopas aromáticas ou em cozidos de verduras. Enquanto se buscava um vinho pesado e frutado, meu acompanhante contava que na terrível época do califa El Hakim, que foi governante no Cairo de 996 a 1021, qualquer pessoa que fosse apanhada deliciando-se com *muluchija* era abatida no ato. O sádico califa não queria apenas mudar os hábitos dos egípcios, ele saboreava seu sofrimento. Desde o califa El Hakim nenhum governo egípcio tem condições, seja de que maneira for, de diminuir o consumo de *muluchija*.

Meu alegre parceiro enchia-se de verdura com apetite. Meus olhos dirigiram-se à garrafa de vinho. "Ornar Khayyam", eu li na etiqueta. Quem foi Ornar Khayyam?

— Acho que é o nome do vinicultor ou do atacadista — respondeu meu acompanhante.

Um garçom que tinha ouvido respondeu imediatamente:

— Ornar Khayyam foi um antigo governante do Egito!

De repente o chefe dos garçons estava à mesa e despachou seu subordinado com um movimento de mão:

— Ornar Khayyam foi um famoso general!

Mas isso o cliente da mesa ao lado não podia de maneira alguma aceitar.

— Ornar Khayyam? É claro que ele foi um chefe dos beduínos — ele bufou.

Oh! antes eu jamais tivesse perguntado! Todo o restaurante entrou num autêntico êxtase de palpites, e logo parecia que estávamos na Bolsa de Valores:

— Um almirante! — gritou alguém.

— O fundador do Jardim Zoológico! — sobrepujou-o um outro.

— O que é que você está dizendo? — gesticulava um comerciante idoso com grandes falhas entre os dentes. — Ornar Khayyam foi o engenheiro da represa de Assan...

Muitos dias depois, em uma conversa com o chefe das escavações de Sakkara, Dr. Holeil Ghaly, perguntei meio brincando:

— Quem foi realmente Ornar Khayyam?

O senhor dos arqueólogos de sua área sorriu e apanhou a enciclopédia:

— "Ornar Khayyam" — ele leu —, "poeta persa, matemático, astrólogo, viveu de 1048 a 1122, tratou de temas filosóficos, escreveu poesia lírica florida".

É preciso dirigir-se sempre às pessoas certas.

Uma pirâmide é encontrada

Eu estava sentado diante do homem certo. O Dr. Holeil Ghaly não é um egiptólogo qualquer, ele é — este é seu título — Diretor das Antigüidades de Sakkara. Um especialista sagaz e amável, poliglota, que até mesmo admitiu ter lido alguns de meus livros. "A fantasia é importante, também para nós arqueólogos", ele disse. Gostaria de conhecer mais pessoas como ele!

A área arqueológica de Sakkara é um dos mais extensos campos de escavações do Egito, a maior concentração de túmulos do mundo. Ela começa na fronteira com Gizé, perto de Abusir, e estende-se por sessenta quilômetros ao sul Nilo acima. Durante os meses de inverno há constantemente várias equipes trabalhando, na tentativa de desvendar os segredos ocultos sob a areia e o chão rochoso. Somente no início do ano de 1988 uma equipe francesa do Collège de France descobriu duas pirâmides até então desconhecidas da época de Pepi I (2289-2255 a.C.).



O Dr. Holeil Ghaly, diretor das Antigüidades de Sakkara, um especialista sagaz e amável.

— O senhor gostaria de ver as pirâmides? — perguntou o Dr. Ghaly. Seguimos em seu jipe por dunas de areia, passando pela região de Sakkara fechada ao turismo. No caminho fiquei sabendo que o faraó Pepi era conhecido havia muito. Ele foi o sucessor de Teti (2323-2291 a.C.), que por sua vez foi o fundador da 6^a. Dinastia. Teti, Pepi — nossos políticos deveriam ter nomes simples como esses! As pirâmides de Pepi I ficam em Sakkara do Sul, e não muito longe dali a equipe francesa teve a sorte de fazer sua descoberta: uma pirâmide da casa senhorial da família Pepi. "O que há de grande para ser descoberto lá?", pensei. "As pontas das pirâmides afinal não se projetam para fora da areia?"

Era por volta de dezesseis horas, o calor sufocava como uma cortina de partículas em brasa que penetrassem nos poros, sob o couro cabeludo suado. Um último solavanco, e o jipe parou diante de um grande buraco no chão. Não havia o menor sinal de uma pirâmide. O Dr. Ghaly, meu colaborador Willi Dünnenberger e eu nos dirigimos à borda do buraco. Fiquei sem fôlego, não devido ao calor, que poderia simplesmente trincar uma pessoa, mas devido à vista que se nos revelava dez metros abaixo de nós. As pessoas estão acostumadas a estar *diante* de pirâmides, a admirar seu claro contorno contra o horizonte. Ali tudo era diferente. Como viajantes do

tempo de uma dimensão distante, estávamos dez metros *acima* dos restos da pirâmide, que já há milênios deviam estar servindo aos habitantes da região como pedra barata. Ainda assim era possível reconhecer duas superfícies da pirâmide com blocos impecavelmente polidos e perfeitamente encaixados.

— Há quanto tempo já se está escavando aqui?

— Durante os últimos seis meses estavam trabalhando uma equipe francesa juntamente com arqueólogos egípcios e um total de 180 trabalhadores — esclareceu o Dr. Ghaly. — Agora no verão não é possível fazer escavações devido ao calor.

Os arqueólogos franceses tinham localizado a pirâmide sob a espessa camada de areia e pedras por meio de recursos eletrônicos. Existem vários métodos novos com os quais Heinrich Schliemann não se atrevia nem a sonhar. Com o magnetômetro é possível determinar o campo magnético do local em questão. A unidade de medida é chamada *gama*. O campo magnético da Terra oscila entre 25.000 *gamas* no Equador e 70.000 *gamas* nos pólos. Com sutis séries de medições constata-se o valor do *gama* de um lugar determinado e, com o auxílio de sondas, testa-se se esse valor é o mesmo em toda a região. Caso haja irregularidades, talvez devido à existência de metais ou espaços ocultos no subsolo, recorre-se ao Ground Penetrating Radar (GPR). Ele funciona de maneira similar a um radar de ecos. O emissor envia impulsos de alta frequência ao interior da Terra, que são repetidos e então medidos por uma antena especial.



Os arqueólogos delimitam suas áreas de escavação em Sakkara; suas ferramentas continuam sendo, em parte, as mesmas utilizadas no século XIX.

Um computador portátil calcula os impulsos e envia ondas e linhas ao monitor. Caso se perceba algo de anormal no subsolo, o objeto estranho pode ser literalmente cercado. Assim a equipe de arqueólogos franceses fez a descoberta sem que uma única pá fosse utilizada. Um grupo de físicos e arqueólogos da Universidade de Berkeley, na Califórnia, já se encontra há dez anos preparando um mapa dos complexos subterrâneos no Vale dos Reis.

Túmulos desaparecidos há milênios são localizados, abóbadas subterrâneas são descobertas. Podemos trazer mais tesouros arqueológicos à luz do dia nos próximos dez anos do que em todo o século anterior. Quando se vai ao lugar certo e não se é mesquinho com o tempo e o dinheiro, quase nada escapa aos modernos prospectores de tesouros. Mas infelizmente há crenças políticas e religiosas que de forma alguma aceitam essa objetividade arqueológica. São os que vivem num ontem eterno, que têm medo que os antepassados sejam revelados.

— Sabe-se exatamente o que significa o nome Sakkara? — perguntei ao Dr. Ghaly durante a volta.

— A palavra já era conhecida no egípcio antigo. Sakkara vem de "chacal".

— Que idade têm então as descobertas mais antigas de Sakkara?

O Dr. Ghaly, que dava a impressão de ser muito jovem, balançou a cabeça:

— A história de Sakkara remete-se à 1ª. Dinastia, que se iniciou em 2920 a.C., chegando até a época cristã. Há até mesmo descobertas pré-históricas aqui.

Sempre seguindo a pista dos touros Ápis divinos, perguntei, sério:

— Eu estudei a fundo os relatos das escavações de Auguste Mariette. O senhor sabia que Mariette na verdade jamais encontrou um touro no Serapaeum?

O Dr. Ghaly deu uma resposta breve:

— Sim, eu sabia!

— Pode-se então esperar ainda alguma coisa sensacional das escavações de Sakkara?

O egiptólogo sorriu compreensivo, mostrando seus dentes brancos que brilhavam como marfim sob a cabeleira negra:

— Presumimos que cerca de 20% de Sakkara são conhecidos. Oitenta por cento continuam intocados sob a Terra.

Oh, Deus, estremeci, vinte por cento e tantas perguntas em aberto! Que surpresa o futuro nos estaria reservando? Qual o turista que, indo ao Egito e, com sua excursão, visitando a pirâmide em degraus de Djoser (2630-2611 a.C.), a região de pirâmides do faraó Una (2356-2323 a.C.) ou o suntuoso túmulo do nobre senhor Ti em Sakkara, poderia imaginar que sob seus pés existem túneis labirínticos com milhares de passagens? Quem poderia dizer — dentre os viajantes esgotados pelo calor, que na barraca turística bebericam chá adocicado ou um refrigerante morno — que em Sakkara descansam milhões de animais mumificados de todas as espécies? Uma arca de Noé superdimensionada sob a Terra!

Na estrutura de meu pensamento os monumentais sarcófagos para pseudo-animais desempenham um papel-chave. Paciência, por favor! Estou prestes a cercar o monstro, para o qual os egípcios estavam dispostos a fazer qualquer trabalho pesado. Por que essa obsessão, essa necessidade de mumificar tudo? Quando se trata de seres humanos, esse comportamento é, em certa medida, compreensível. Mas com animais?

Corpos, Ka e Ba

A partir de textos das pirâmides, de uma grande variedade de inscrições tumulares, e naturalmente também de papiros e livros de escritores da Antigüidade tais como Heródoto, as concepções e crenças dos egípcios estão bem documentadas. Quando o deus Chnum (o que tem cabeça de bode) criou o homem, ele o fez em duas partes: corpo e Ka. O corpo é efêmero, o Ka, imortal. Este Ka é parte do grande espírito universal, das vibrações, por assim dizer, que dão vida a tudo. O corpo é apenas matéria, e, sem Ka, não tem o sopro da vida. O Ka, ao contrário, é espiritual, onipresente e eterno. Ainda assim o Ka não corresponde à nossa concepção de alma. Reinhard Grieshammer, um especialista do primeiro time, escreve a respeito:

"Queria-se ver nele um duplo do homem ou uma espécie de espírito protetor. A única coisa certa é que nele se manifesta uma certa energia e força. Sabemos que o aspecto do homem caracterizado por Ka ganha vida com seu nascimento. Isso está comprovado por textos e representações".

Além do Ka cada pessoa possui também um Ba. Com isso caracteriza-se um estado que se constitui apenas quando ocorre a unificação do corpo e Ka. Poderíamos classificar esse Ba como a consciência, como o conhecimento individual, como a psique ou ainda como o conteúdo de informação de uma vida. Quando o corpo morre, o Ka se une ao Ba. "Ele vai para o seu Ka", diziam os antigos egípcios quando alguém falecia. O corpo é agora um envoltório vazio, e Ka e Ba, ao contrário, unem-se, estão eternamente ligados e penetram em uma outra dimensão de deuses e antepassados.

Esse antiquíssimo modo de reflexão, que há milênios é ensinado pelas religiões de uma maneira ou de outra, é hoje de novo extremamente moderno. Os nomes se modificaram, os conteúdos permaneceram. Por trás de qualquer matéria o físico reconhece, em última instância, vibrações. O mundo do átomo, as partículas subatômicas de que tudo é formado, é a dimensão da radiação, da vibração. Exemplo: um elétron, componente de todo átomo, pulsa 10^{23} vezes por segundo. Isto é um 10 seguido de 23 zeros. A física, em busca da fórmula universal que esclareça tudo, que possa colocar tudo sob um único teto, não sabe qual é a origem de todas as vibrações, o que coloca o motor da vibração em movimento. Os esotéricos e filósofos, por sua vez, equipados apenas com as fraquezas do sentimento e da razão, dizem: tudo é um, cada qual está de alguma forma ligado a cada um.

A árvore, o animal, a pessoa têm o Ka, a vibração, mas à planta e ao animal falta a responsabilidade própria. Uma árvore, por exemplo, não executa nenhuma ação que possa ser avaliada como correta ou errada, boa ou má, lógica ou ilógica. Em conseqüência, não se desenvolve nenhuma psique, nenhuma responsabilidade individual. Falta o Ba. Somente a trindade de corpo, Ka e Ba torna o homem uma personalidade única, que o diferencia de todas as outras

pessoas. Nenhum de nós, nem mesmo os gêmeos univitelinos, sofre, padece ou registra as mesmas experiências da mesma maneira, ninguém sente ou se alegra com a mesma intensidade. Todos nós permanecemos pessoas, construídos a partir do mesmo material genético básico — e no entanto ninguém é igual a ninguém. Nós nos *tornamos* o que somos.

Até aí, tudo bem. Tudcrísso não constitui ainda uma razão para se mu-mificar um corpo moftó, a casca vazia sem Ka e Ba. Entre os antigos egípcios desenvolveu-se cada vez mais a concepção única de que Ka estaria ligado ao corpo também após a morte, de que Ka precisa do corpo para poder retornar. Para que Ka e Ba pudessem chegar bem ao além, o corpo precisava ser preservado. Não sabemos o que levou os egípcios e outros povos que igualmente praticavam a mumificação a essa estranha idéia, pois afinal ela contradiz sua própria crença. Segundo suas concepções, após a evasão de Ka e Ba o corpo não passava de um lastro inútil. A idéia de que o corpo também precisaria ser preservado levou forçosamente à mumificação e à construção de túmulos seguros semelhantes a fortalezas. As tumbas eram guarnecidas de fossos e passagens falsas, à prova de inimigos e ladrões. Quanto mais rico o morto, mais riquezas eram deixadas junto a ele. Não apenas ouro, pedras preciosas e comestíveis duráveis, mas também os utensílios favoritos, brinquedos, adornos, até mesmo a cama e as ferramentas seguiam-no ao escuro calabouço. O morto devia sentir-se bem e levar consigo bens suficientes que servissem de oferendas durante a longa viagem através das várias campinas do além.

Tudo isso é correto e comprovado através de descobertas tumulares — como também é ilógico e falso. Sou tentado a perguntar: quão estúpidos nós achamos que eram os antigos egípcios? Ou então: o que é que *nós* não compreendemos ao julgar túmulos e inscrições? Todas as explicações para a pompa mortuária egípcia estão fundadas em areia e vão contra qualquer experiência ou noção prática. Por quê?

Túmulos foram saqueados em todas as épocas por descendentes gananciosos, inclusive tumbas de faraós fortemente protegidas. E isso de forma alguma somente nos últimos dois mil anos, mas já na

época em que florescia a edificação de túmulos como caixas postas uma dentro da outra, volumosos, excêntricos. Já no início da 18ª. Dinastia (c. 1500 a.C.) não havia praticamente nenhum túmulo de governante que não tivesse sido assaltado. A partir de inscrições sabe-se que o faraó Haremheb (1319-1307 a.C.) mandou restaurar o túmulo arrombado de seu colega Tutmó-sis IV (1401-1391 a.C.). Tutmósis mal havia passado oitenta aninhos no sarcófago. Faraós e sacerdotes sabiam perfeitamente que o morto nem havia levado seus tesouros e objetos favoritos para a região do além, nem dissipado oferendas pelo caminho. Em vez de tirar a conclusão lógica de que toda a pompa das múmias com todos os seus pormenores era um disparate, e isso pela simples razão de que contradizia o conceito do Ka espiritual e imortal, os sacerdotes renovavam seus esforços. Mudaram-se para o Vale dos Reis, próximo a Tebas, câmaras mortuárias subterrâneas foram escavadas nas montanhas, por segurança foram instalados fossos e monstruosos blocos de rocha, e aos mortos se forneciam ainda mais cacarecos que antes. O túmulo de Tutancâmon (1333-1323 a.C.), que por exceção não foi saqueado, é bem ilustrativo. Alguma coisa não bate!

Os mortos adormecidos

Há 23 anos eu expressei em *Recordações do Futuro* a suposição, ousada para a época, de que os antigos egípcios tinham em vista muito mais um renascimento corporal do que espiritual:

"E é por isso que o aproveitamento para os cadáveres embalsamados nas câmaras mortuárias era tão prático e pensado para esta vida. Pois senão o que é que eles iriam fazer com dinheiro, jóias, seus apetrechos favoritos? Ao colocá-los no túmulo até mesmo com uma parte da criadagem, indiscutivelmente na forma de corpos vivos, o que se pretendia era a continuação da antiga vida em uma nova vida com todos os preparativos. As tumbas, quase que à prova de bombas atômicas, eram construídas para serem imensamente duradouras e sólidas; elas podiam resistir às tempestades de todos

os tempos. Os bens colocados junto com o corpo eram absolutamente à prova de crises, a saber, ouro e pedras preciosas".

Naquela época eu me referi a um livro do físico e astrônomo Robert C. W. Ettinger, que indicava de que maneira cadáveres poderiam ser preparados de forma a permitir uma ressurreição posterior. E hoje? Nos Estados Unidos da América — onde mais? — existe a American Cryonics Society (ACS). O fundador e presidente da associação é o matemático A. Quafe, que se nega terminantemente a aceitar a morte como inevitável. O objetivo da organização é a preparação e o congelamento de cadáveres, para que posteriormente — após décadas? séculos? milênios? — sejam descongelados. As experiências com animais estão bastante adiantadas. O Dr. Paul Eduard Segall, da ACS, afirma ter congelado totalmente seu próprio cão e tê-lo descongelado quinze minutos depois. Ele abanava a cauda de contentamento! A experiência foi tentada centenas de vezes com *hamsters*, e um em cada cinco animais sobreviveu ao sono congelado. Gatos, peixes, tartarugas também foram objeto de pesquisa — com sucesso. O sangue dos animais é retirado e substituído por uma solução semelhante à prova de congelamento. Se o sangue fosse congelado, as células se romperiam. Os corpos sem sangue são colocados em nitrogênio líquido a 196° negativos. Com pessoas tem-se a preocupação de separar o cérebro e determinados órgãos sensíveis do corpo e conservá-los em recipientes separados. Muito semelhante ao que já acontece com o transporte de órgãos (para transplante). Frankenstein manda lembranças!

Alguns anos atrás visitei em Orlando (Flórida, EUA) uma grande pirâmide para enterros. Aí o caixão com o finado não era mais colocado sob a terra, nem cremado, mas acondicionado em uma gaveta resfriada. Cada gaveta tem uma placa com os dados pessoais do morto. Coloca-se também a causa da morte. No centro da pirâmide há uma sala memorial forrada com tapetes, e os familiares podem visitar seu mortos a qualquer hora; elevadores silenciosos atendem os vários andares no interior da pirâmide; vivos e mortos são brindados com música de órgão as 24 horas do dia.

A que conclusões necessariamente chegariam os arqueólogos caso, após 3.500 anos, deparassem com mortos congelados ou corpos mumificados e gavetas onde se produziu vácuo? Esses 3.500 anos corresponderiam aproximadamente à idade que atribuímos à mumificação no antigo Egito! Pressinto a objeção de que o exemplo não serve como comparação, já que no antigo Egito foram encontrados também os votos e adágios dados às múmias para que os levassem consigo em sua jornada. A partir de conselhos e indicações desse tipo, esclarecendo como se comportar após a morte, surgiram os Livros dos Mortos egípcios. A objeção é válida? Aquele que, em pleno poder de suas faculdades físicas e mentais, concorda em ser congelado e em que seu cérebro e suas vísceras sejam preservados em recipientes separados tem em vista um renascimento *físico*, Isso não vai impedir os que ficaram de colocar versos e salmos piedosos na caixa refrigerada. "Alegre-se com uma vida em um mundo melhor", talvez se possa ler. Ou: "Em sua nova vida você estará livre da enfermidade que o atormentava aqui. Deus Todo-Poderoso e eterno o proteja em sua viagem e lhe seja misericordioso".

Partindo de votos desse tipo, os arqueólogos do futuro concluiriam que os mortos acreditavam em uma segunda vida no além. Convenhamos! Como é que podemos saber com certeza quais os motivos que há 4.600 anos levaram um faraó a construir um luxuoso túmulo para a eternidade? Seguindo os grandes modelos — os governantes —, todos naturalmente queriam ser mumificados. O alvo original, a esperança de uma ressurreição do corpo, desapareceu na poeira do esquecimento. Incentivados pelos sacerdotes, que afinal faziam disso o melhor dos negócios, iniciou-se no Egito um culto às múmias que não tem comparação no mundo. Novas profissões — embalsamador, lavador de cadáveres, o que fazia as incisões — surgiram, ramos inteiros da indústria devem ter produzido para a mumificação. Sarcófagos de granito, alabastro e madeira eram escavados, preparavam-se quantidades imensas de mel, cera, bálsamos, óleos e bicarbonato de sódio, milhões de canopos (recipientes semelhantes a vasos para as vísceras e o cérebro)

eram fabricados e se teciam milhões de metros de bandagens e mortalhas.

O que, afinal, aconteceu com esse número imenso de cadáveres embrulhados?

Após a anexação do reino faraônico pelos romanos nenhuma ordem sacerdotal mais guardava os túmulos. As tumbas foram pilhadas aos milhares, múmias e sarcófagos de madeira foram utilizados como combustível. Com o ingresso do cristianismo, no século II, os monges destruíram galerias subterrâneas onde freqüentemente as múmias se encontravam amontoadas umas sobre as outras. Durante a Idade Média grassou em toda a Europa uma febre de múmias totalmente grotesca. Pedaçõs de múmia, pó de múmia, pele de múmia e pasta de múmia eram recomendados contra paralisia, problemas cardíacos, males do fígado, acidez estomacal, epilepsia e até para fraturas ósseas. Iniciou-se uma exportação em massa de múmias do Egito, farmacêuticos europeus disputavam múmias. "Um pouco de múmia" era o que se ouvia em todas as farmácias; tomava-se "múmia" oralmente ou na forma de pomadas e pós. Após a charlatanice, que de qualquer forma perdurou por dois séculos, iniciou-se o que o médico e pesquisador de múmias francês Ange-Pierre Leca intitulou de "egiptomania". As múmias eram objetos de coleção cobiçados. Eram expostas em museus e feiras anuais, colocadas como armaduras nas ante-salas das casas nobres, e o desvendamento de múmias era celebrado publicamente. No século passado um comerciante do Maine, EUA, começou a fabricar papel a partir da matéria-prima múmia. Para grande irritação do fabricante, a resina e o betume das múmias tingiam o papel de marrom. Foi aí que nasceu o papel de embrulho! As folhas marrons, impróprias para escrever, chegaram na forma de rolos ao comércio varejista. As múmias serviam para empacotar — "embrulhado para a eternidade".

Milhões de animais envolvidos em bandagens

O homem é um pacote de medos, alegrias, tristezas e esperança. Morrem os pais, as pessoas amadas, um filho, um amigo. O homem não tem escolha, ele tem que se defrontar com a morte. Os mortos

continuam a existir de alguma maneira? Eles passam bem? Eles sofrem? Tudo termina com a morte, ou temos que responder a deuses e espíritos por nossos atos na Terra? Não o sabemos. Cinco mil anos de história humana não trouxeram nenhuma resposta às perguntas primordiais. Não há nenhuma prova segura, cientificamente natural, de uma vida após a morte, de uma ressurreição. Oh, sim, conheço os livros que afirmam o contrário. Ou eles surgiram a partir de concepções religiosas, da filosofia, do esoterismo, ou são relatos de experiências. Pessoas contam da vida no além, de uma consciência livre em magníficas esferas coloridas, pessoas retornam a existências anteriores através de estados semelhantes ao hipnótico. Li muito sobre tentativas desse tipo, deixei pessoalmente que se realizasse comigo um experimento de retorno. Existem hoje grupos de pesquisa que se comunicam com os mortos através de gravadores, outros que conseguem conjurar imagens de televisão do além no monitor. Muito do que é lançado à superfície soa iluminador, sugestivo, em muitos casos até mesmo convincente. Só que o cientista da natureza não pode fazer nada com isso. Ele em qualquer caso exige experimentos que possam ser repetidos, quer dados demonstráveis que não permitam outra interpretação que não seja a do renascimento ou a da vida após a morte. Relatos de experiências pessoais, com ou sem hipnose, não são válidos para as ciências naturais.

Essa busca tenaz de uma resposta para a própria morte faz parte da inquietação humana. A própria vida pessoal foi muito penosa e sofrida. E tudo isso para nada? Uma vida curta para uma longa morte? Jamais! Não pode ser assim! A vida tem que ter um sentido para além da morte.

Os antigos egípcios eram tão pouco imunes a considerações desse tipo quanto nós. Quem procura respostas encontra respostas. E como nós de forma alguma nos damos por satisfeitos com um "Fora!" final, vemos se acender a luz da esperança em nossa consciência. Há uma chance de escapar da morte. Renascimento! Se de maneira corporal ou espiritual, no momento não tem importância. Agarrar-se tenazmente a um renascimento para uma vida muito mais bela agora faz parte do sentido da vida. A esperança cria asas;

agora a infâmia cotidiana, a dor, os aborrecimentos e as injustiças tornam-se suportáveis. A partir da esperança em um renascimento surgem — hoje! — associações americanas como a ACS, e exatamente da mesma forma surgiram — naquela época! — organizações religiosas para a mumificação.

Tudo isso é compreensível, pode ser vivenciado em pensamento, trata-se afinal do próprio eu. Mas o que leva um povo a mumificar milhões de animais? Que uma senhora abastada enterre seu cãozinho ou seu gato de estimação como se fosse uma pessoa, bem, isso praticamente já faz parte da vida de todos os dias. Os cemitérios de animais o comprovam. A solidão das pessoas em todas as épocas levou a uma relação especial com os animais domésticos. Depreciativamente chama-se a isso de "amor de macacos' ". Mas por que diabos seriam centenas de milhares de crocodilos, cobras, hipopótamos, ouriços, ratos, sapos e peixes mumificados? Será que eles realmente fazem parte das espécies adotadas como animaizinhos de estimação? Aqui está uma lista (incompleta) dos animais mumificados pelos antigos egípcios:

Touro	Vaca
Carneiro	Ovelha
Cabra	Antílope
Gazela	Cão
Lobo	Babuíno
Crocodilo	Doninha
Mussaranho	Rato
Cobra	Leão
Gato	Urso
Lince	Lebre
Ouriço	Hipopótamo
Morcego	Sapo
Peixe	Enguia
Lontra	Íbis
Falcão	Águia
Abutre	Gavião
Coruja	Gralha
Corvo	Pomba
Andorinha	Poupa
Cegonha	Ganso
Escaravelho	Escorpião

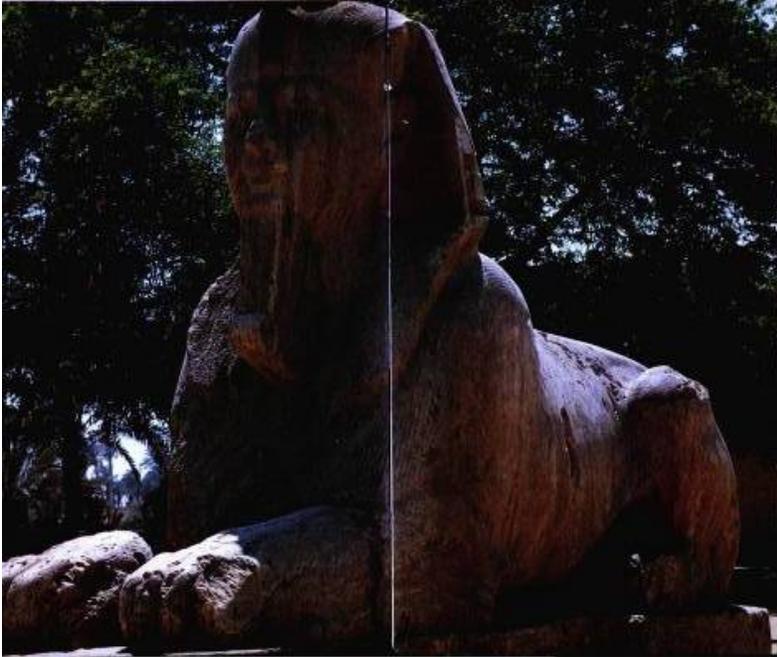
Um dos escavadores mais famosos e sem dúvida alguma mais bem-sucedidos foi o Dr. Brian Emery (de 1903 até 1971). Já como jovem egiptólogo ele fez parte da equipe de escavadores que deu de cara com as passagens subterrâneas do Bucheum (com os sarcófagos dos touros Buchis) sob a cidade-templo de Armant (a On meridional).



1 - A cidadela do Cairo.

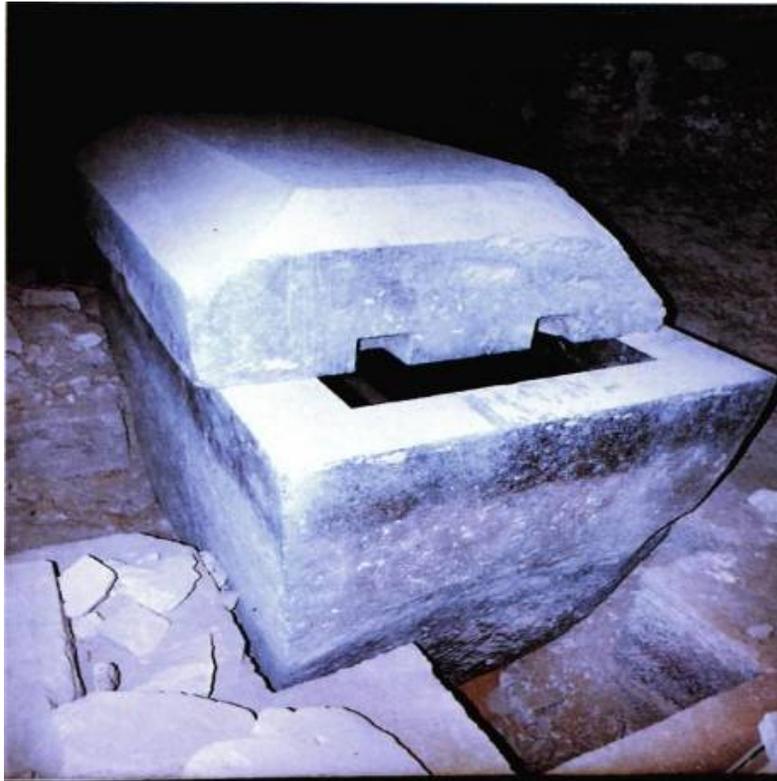


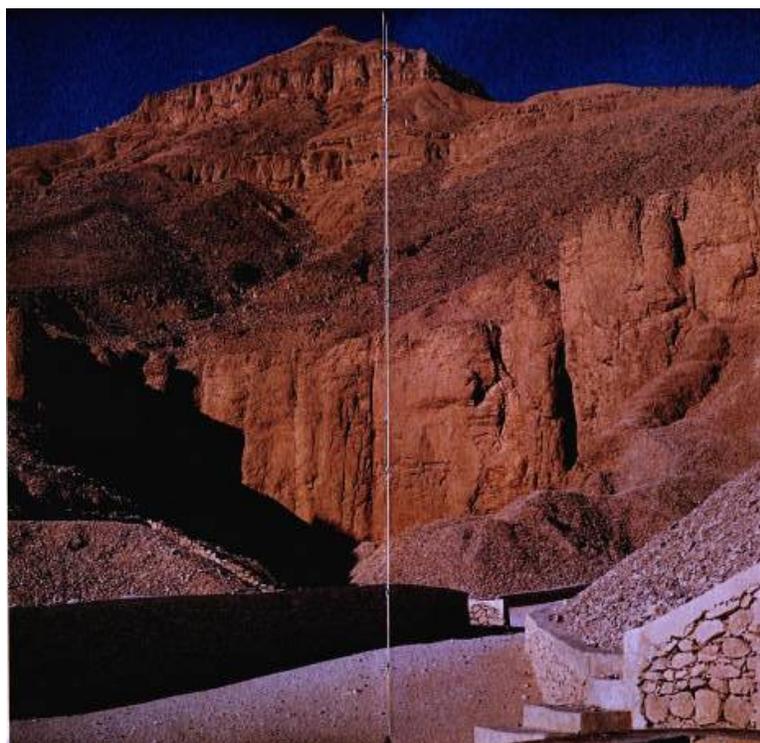
2 - A pirâmide em degraus de Sakkara e, diante dela, o campo de escavações ainda intacto — que surpresas ele pode ainda ocultar?



5 - Uma das esfinges de Mênfis, que parecem guardar a antiga capital dos faraós.

6 - Estes gigantescos sarcófagos, desta página e da seguinte, encontram-se nas câmaras, tendo sido esculpidos em blocos de rocha. A que fim se destinavam?





7 - O Vale dos Reis em Lúxor é uma das atrações mais famosas do Egito antigo.



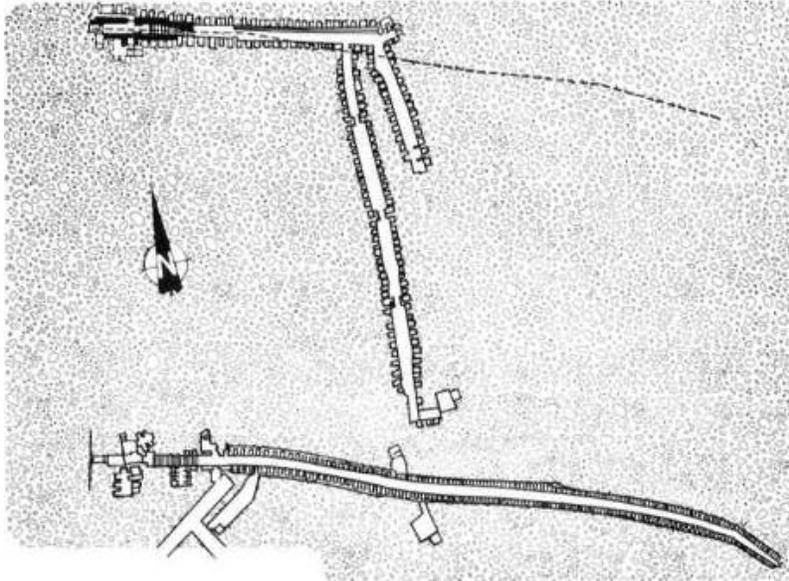
O Vale dos reis

8 - Sob este buraco ergue-se uma pirâmide da época do faraó Pepi I, que vem sendo escavada desde 1988.

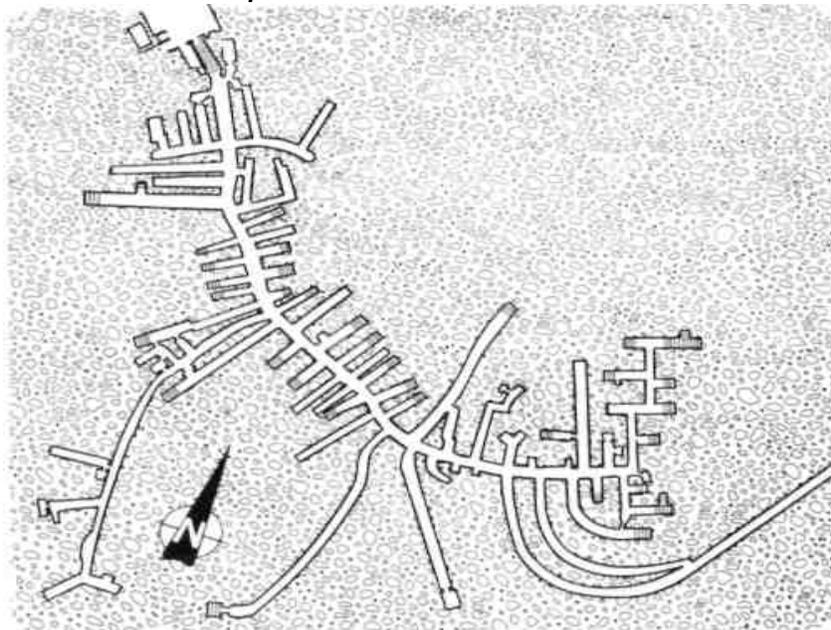


9 - Não eram apenas os cães que eram mumificados, mas até mesmo os peixes.





Plantas das galerias dos pássaros subterrâneos de Sakkara, parte das quais tinha dois andares.



A partir de 1935 ele cavou quase exclusivamente em Sakkara. Descobriu os mais antigos túmulos de faraós da 1ª. Dinastia juntamente com túmulos anexos das pessoas de seu séquito, que com a morte da pessoa mais importante também tinham que abandonar suas vidas. Quando Emery, em 1964, liberou um túmulo mais recente da época ptolomaica (de cerca de 330 até a conquista romana), a 1,25 m de profundidade ele pisou nos restos de um bezerro que um dia estivera embrulhado em uma mortalha. Seis metros mais abaixo sobressaía do chão um jarro com tampa cônica. Emery limpou cuidadosamente esse jarro, e ao fazê-lo notou que à direita e à esquerda, perto dali, havia outros jarros do mesmo tipo, alguns com o sinal do deus da Lua, Thot. Apareceram mais de quinhentos recipientes, cada ânfora contendo uma múmia de Íbis. Apenas poucos metros a leste do túmulo no. 3.510, da 3ª. Dinastia (2649-2575 a.C.), a 10 m de profundidade, Emery encontrou um poço cheio de múmias de íbis do chão à tampa. A surpresa do escavador foi indescritível quando constatou que o poço encontrado desembocava em uma passagem principal sinuosa da qual ramificavam-se mais de cinquenta passagens secundárias, que por sua vez se dividiam em mais clarabóias. No total um labirinto com vários quilômetros de comprimento com aproximadamente 1,5 milhão de múmias de Íbis! Todas as aves tinham sido cuidadosamente preparadas, envolvidas em bandagens e colocadas em ânforas semelhantes a vasos. Os vasos estavam empilhados do chão até o teto. Na passagem principal, com 4,5 m de altura e 2,5 de largura, poder-se-ia tranquilamente passar com um trator. O labirinto subterrâneo, sobre o qual o francês Paul Lucas, que viajou pelo Egito no início do século XVIII, escreveu dizendo que nele havia percorrido mais de 4 km, não foi até hoje pesquisado inteiramente. As estradas descobertas por Emery estão novamente soterradas. O que é que se vai fazer com milhões de múmias de íbis? Talvez em breve um comerciante de cerâmica descubra o negócio de sua vida. Um milhão e meio de vasos aguardam compradores. Em se tratando de quantidade de aves, a descoberta de múmias de íbis em Tuna el-Gebel deve bater todos os recordes. Tuna el-Gebel

fica próxima à cidade-templo de Hermópolis, cerca de 40 km ao sul de el-Minia. Aí os egiptólogos localizaram um cemitério de animais subterrâneo que se estendia por uma área de 16 ha. Passando por duas galerias, os escavadores chegaram a uma verdadeira cidade de rocha, com ruas, becos e câmaras emaranhadas entupidas com múmias de íbis, e também de falcões, flamingos e babuínos. Foram contados 4 milhões de íbis somente nas catacumbas! Sabe-se que Hermópolis, juntamente com Tuna el-Gebel, distante 7 km a oeste, até a época dos gregos e dos romanos era altamente venerada como lugar de peregrinação por seus animais sagrados. Um obelisco do faraó Echnaton (1365-1347 a.C.) era considerado o mais antigo monumento da necrópole. Entre o faraó Echnaton e a época dos romanos haviam decorrido 1.300 anos. Qual o poder de convencimento que deve emanar de uma religião que mantém vivos os mesmos ideais por uma época tão longa? Além do mais, nós nem mesmo sabemos se a necrópole de animais de Tuna el-Gebel não teve sua origem milhares de anos mais no passado.

Caixas para os babuínos

Com relação a Abidos nós sabemos. Abidos fica a aproximadamente 560 km do Cairo, Nilo acima. O lugar é especialmente importante do ponto de vista arqueológico porque os túmulos de Abidos são da 1ª. e 2ª. Dinastias, de uma época portanto que, contando de hoje, remete-se a 5.000 anos atrás. Abidos era o local de culto central do deus Osíris, a quem fora confiado o domínio sobre tudo o que é terreno. Foi ele quem introduziu na Terra coisas tão úteis como a agricultura e o cultivo da vinha, tendo por isso recebido dos homens o título de "o Perfeito". Osíris tinha um irmão chamado Seth, e este, enciumado com a popularidade de Osíris, atraiu o rebento divino para dentro de uma caixa, esquartejou-o e atirou os pedaços no Nilo. A lenda informa que a cabeça de Osíris foi enterrada em Abidos. Não é de admirar, portanto, que os primeiros faraós mandassem que se rezasse por seu descanso eterno nas proximidades de seu venerado Osíris. Em Abidos foram erguidas não apenas tumbas reais admiráveis do ponto de vista artesanal, mas também foram

descobertos os túmulos dos criados da corte, dos altos funcionários e até mesmo das mulheres do harém, que tinham que seguir seu senhor ao túmulo. Se de livre e espontânea vontade ou forçados, não se sabe. Era uma grande honra ser sepultado em Abidos.

É por isso que não se compreende muito bem por que exatamente na sagrada terra de Abidos encontram-se milhares e milhares de múmias de cães. Quando os arqueólogos, no início deste século, abriram uma cripta protegida com pedras, depararam com passagens subterrâneas de 1,5 m de altura e 2 m de largura. Os corredores terminavam em câmaras mortuárias cheias até o teto de cadáveres de cães. Envolvidos em panos brancos, os animais eram empilhados meio de qualquer jeito em filas de dez. Era impossível transportar os cadáveres dos cães; as múmias se desfaziam ao menor toque.

Nestes canupos semelhantes a estojos, o Dr. Walter Brian Emery encontrou milhões (!) de aves embalsamadas. As fotografias foram tiradas na galeria subterrânea dos falcões, em Sakkara.



Ainda assim foram encontradas entre os cadáveres de cães empilhados uns sobre os outros algumas lâmpadas a óleo romanas do primeiro século antes de Cristo. Esse fato permite concluir que múmias de cães foram sepultadas em Abidos durante milênios até a época dos romanos. Mas pode ser também que se trate apenas de ladrões de túmulos romanos que esqueceram suas lâmpadas nas fedorentas abóbadas de Abidos.

Múmias de animais para onde quer que olhemos. E com isso foi tocada apenas a ponta do *iceberg*. Recordemos: apenas vinte por cento de Sakka-ra são conhecidos! O incansável escavador Walter Emery, em cujas mãos caíram os milhões de múmias de íbis de Sakkara, fez outra descoberta ainda mais espetacular. Ao desobstruir um templo da época do faraó Nekta-nebo I (380-322 a.C.), Emery deu de cara com uma pequena sala de onde saía um declive que dava para passagens mais profundas. Em ambos os lados do corredor principal haviam sido escavados nichos quadrangulares na rocha. Em cada nicho havia uma caixa de madeira e dentro, envolto em panos, um babuíno. Os pés do animal estavam enfiados em cal ou gesso; com isso provavelmente se queria evitar que os sarcófagos quadrangulares de madeira virassem. A passagem principal, que tinha uns bons duzentos metros de comprimento, desembocava, do lado sudeste, em uma sala alongada sem nichos. Quando Emery e sua equipe iluminaram em volta com lâmpadas, degraus íngremes foram descobertos. Eles levavam a uma abóbada ainda mais profunda, que se estendia interminavelmente na direção leste—oeste. Os nichos se sucediam um após outro como um cordão de pérolas, cada um contendo uma caixa de madeira em pé com um babuíno mumificado. Quando Emery mandou que se retirasse o entulho de uma parte da galeria superior, os trabalhadores tropeçaram em reproduções em gesso de partes de corpos humanos. Jaziam uns sobre os outros mãos, pernas, pés, braços, e também perucas e cabeças inteiras. O egiptólogo francês Jean Philippe Lauer, por sua vez colaborador de Walter Emery e hoje o grande velho homem de Sakkara, observou:

"Sem dúvida trata-se aqui de oferendas votivas medicinais deixadas por peregrinos doentes em busca de cura, seja para informar à divindade o tipo de doença e a parte do corpo correspondente, seja como sinal de agradecimento pela cura já alcançada".

Emery mandou que se limpassem as galerias dos babuínos, pois ele pressentia mais surpresas. Era o tipo do escavador incansável com o instinto de descoberta, comparável a um Auguste Mariette. De fato, no andar inferior da abóbada dos babuínos, Emery encontrou um nicho que servia de passagem para um novo complexo labiríntico subterrâneo.



No subsolo rochoso de Tuna el-Gebelforam cavados nichos; cada nicho contém uma múmia de ave.

Uma dessas passagens estava "cheia até o teto de múmias de íbis em ânforas de cerâmica ilesas. Milhares dessas múmias bloqueavam a passagem". Durante o período de escavações que se estendeu de 1970 a 1971, Emery encontrou cadáveres de aves de rapina. O número total de águias, falcões, abutres, corvos e gralhas podia ser apenas estimado. O especialista Jean Philippe Lauer, que conhece pessoalmente "a monstruosa rede de abóbadas subterrâneas", fala de um número que "poderia facilmente ultrapassar a casa dos milhões". No total, até o estágio atual de conhecimento nessa área, sabe-se que os egípcios adoravam como divinas e mumificavam 38 espécies diferentes de aves.

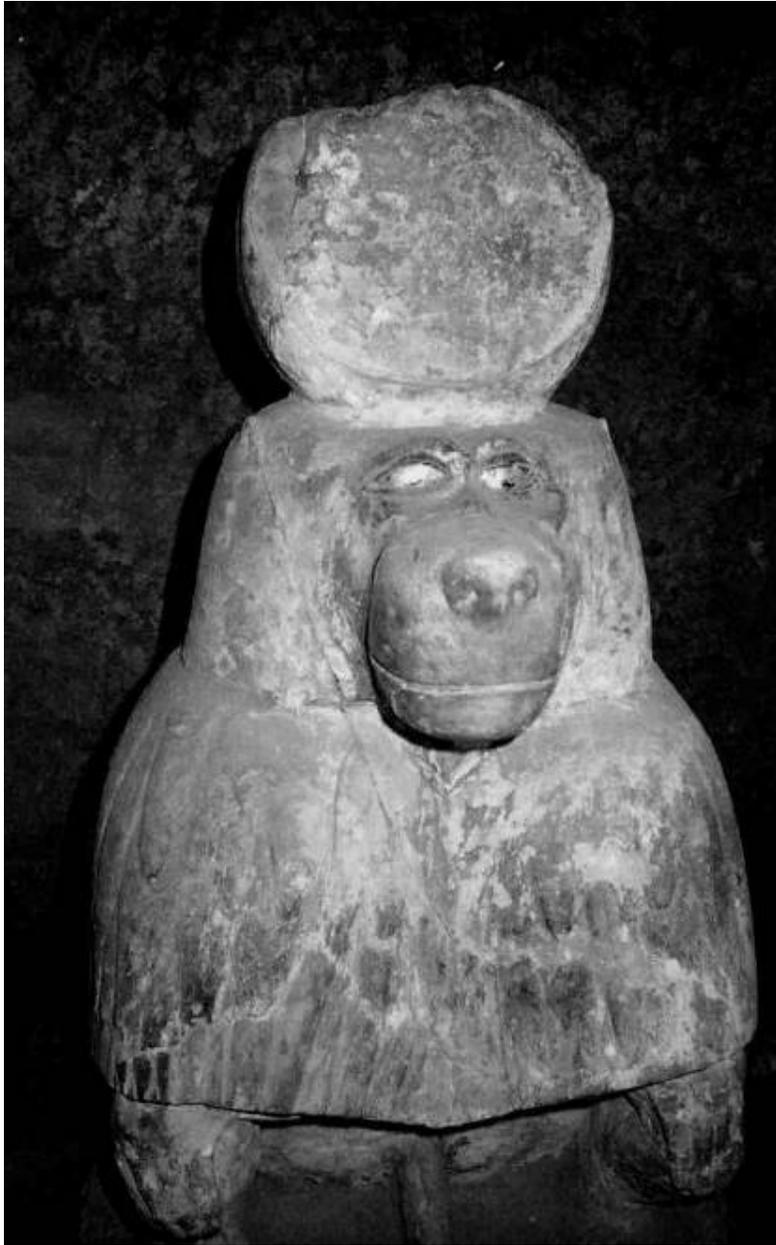
Para Emery estava claro que as passagens tinham de alguma maneira de estar relacionadas com as construções da 3ª. Dinastia (2649-2575 a.C.) na superfície. O destino não lhe deu mais nenhuma oportunidade de comprovar sua teoria. Durante os trabalhos de escavação, que o fascinavam, ele sofreu um enfarte.

Dança das múmias e magia dos mortos

Quem se der ao trabalho de pensar nas despesas que os egípcios tiveram com seus muitos milhões de múmias de animais vai ficar intrigado. Formas de vida sagradas dedicadas aos deuses? Deve ser isso. Para os hindus, por exemplo, a vaca é um animal sagrado até hoje. Apesar disso, ainda não lhes passou pela cabeça recheiar o gado morto com especiarias, deixá-lo secar penosamente, envolvê-lo artisticamente em bandagens, colocá-lo em sarcófagos monstruosos e dispô-lo em grutas que antes têm de ser escavadas com o suor do rosto na rocha bruta. (A propósito: a vaca também era sagrada para os egípcios. Quem herdou a tradição de quem?)



Em Tuna el-Gebel encontra-se também um santuário de babuínos subterrâneo.



Não eram apenas aves, babuínos e cães que eram mumificados na terra do Nilo, nos canopos jaziam também ovos de íbis, às vezes em número de quarenta ou cem, cada um deles cuidadosamente envolvido em tecido. Na necrópole de Tebtynis, um cemitério subterrâneo que está localizado a oeste do Nilo, no oásis Medinet el Faijum, foram contados 200.000 (!) crocodilos mumificados! Entre os cadáveres de crocodilos decompostos e comidos por insetos havia cântaros com ovos de crocodilo cuidadosamente empacotados. Segundo as tradições transmitidas por escritores antigos (Heródoto e outros), conhece-se até mesmo o nome de um labirinto ainda mais gigantesco para crocodilos divinos: o Sucheion. Até hoje esse Sucheion não pôde ser localizado.

A fúria mumificante dos egípcios não poupou nem mesmo cobras e sapos. Diversas espécies de serpentes venenosas que pululavam no Egito eram untadas com pomadas odoríferas, envolvidas com estreitas faixas de linho e colocadas em longos sarcófagos de madeira. Sapos mumificados eram esmagados juntamente com as bandagens em pequenos recipientes de bronze. Sim, e os sacerdotes da cidade de Esna, a cinquenta quilômetros da atual Lúxor, Nilo acima, se especializaram justamente na mumificação de peixes. Eles foram encontrados aos milhares, das menores às maiores espécies, envolvidos asseadamente em bandagens, em uma necrópole própria para peixes, dez quilômetros a oeste da cidade de Esna.

Do ponto de vista atual, a absurda dança das múmias dos egípcios somente pode ser compreendida a partir de uma motivação religiosa. Eles consideravam os animais sagrados e acreditavam que o pobre gado também possuía um Ka, e que esse Ka precisava, para a vida no outro mundo, do corpo deste mundo. Considerado sob o ponto de vista da economia política, tudo isso era uma loucura. Quantidades imensas de materiais valiosos e metais preciosos eram destinados a sarcófagos e túmulos, um número inimaginável de horas de trabalho era empregado nas múmias com todos os seus pormenores. Para quê? Para preparar despojos de cadáveres secos com os quais os egípcios, através de milênios de experiência e da observação diária,

sabiam que não aconteceria nada? Nenhum conteúdo das bandagens vivificou-se de maneira fantástica por si mesmo, nenhuma múmia de crocodilo remexeu-se até sair do linho, não se escutou nenhum uivo de cão vindo do silêncio abafado das necrópoles. Não resta a menor dúvida: os egípcios praticavam a adoração de animais já em tempos pré-históricos, ela não foi nenhuma inspiração dos sacerdotes faraônicos. Que crença ou loucura era tão dominadora a ponto de perdurar durante os milênios da história egípcia?

A mesma pergunta já inquietava os escritores da Antigüidade. No capítulo 86 de seu 1º. Livro, Diodoro da Sicília escreve:

"Essa fantástica adoração de animais dos egípcios, que supera todas as crenças, deixa em apuros qualquer um que indague as causas de tais coisas. A opinião que os sacerdotes têm a respeito, como já foi dito quando tratamos da crença em seus deuses, deve ser mantida em segredo; o povo egípcio, no entanto, dá as três seguintes razões, sendo que a primeira é totalmente lendária e corresponde apenas à ingenuidade dos tempos antigos. Eles dizem que os deuses primordiais, que devido a seu pouco número foram dominados pela quantidade e atrevimento das pessoas nascidas na Terra, teriam assumido a forma de determinados animais, conseguindo assim escapar da cruza e brutalidade dos homens. Quando então mais tarde alcançaram o domínio sobre todo o universo e todos os seres que vivem nele, provaram ser agradecidos àqueles que foram a causa de sua salvação, e declararam sagradas as espécies animais.

Eles dão como segunda causa o seguinte: antes da época antiga, dizem, os egípcios teriam perdido muitas batalhas devido à desorganização de suas hordas, e por isso tiveram a idéia de dar um emblema a cada bando. Então teriam feito imagens dos animais que agora adoram, espetando-as em lanças e entregando-as aos principais para levá-las, e dessa maneira cada um sabia a que seção pertencia...

Como terceira razão esclarecedora mencionam a utilidade que cada um desses animais tem para a sociedade humana e o indivíduo..."

Tudo isso, como Diodoro da Sicília salienta de maneira expressiva, é apenas o ponto de vista do povo, pois a sabedoria dos sacerdotes

quanto à origem da veneração aos animais deve "ser mantida em segredo". Já naquela época!

O escritor grego Luciano (c. 120 d.C.), que em idade avançada foi ainda nomeado secretário imperial no Egito, escreve que o culto dos egípcios aos animais remete-se à astrologia. Os egípcios dos diferentes cantões teriam venerado diversos sinais no céu, e então transportado esses sinais para os animais locais. Outros escritores da Antigüidade o contradizem. Os animais seriam adorados devido ao ledo ou porque ocasionavam prodígios. Diodoro da Sicília informa, a respeito de um desses milagres:

"Mas corre também uma outra lenda sobre esses animais. Diz-se que um antigo rei chamado Menas, perseguido por seus próprios cães, teria fugido saltando no lago Moeris, sendo de maneira milagrosa tomado por um crocodilo e levado à outra margem".

Nada mais que lendas e contos de fadas do mundo da fantasia dos homens, somos tentados a escarnecer. Há algo por trás disso? Alguma verdade primordial mal interpretada conhecida apenas de sacerdotes e iniciados? O especialista Dr. Theodor Hopfner, que já há setenta anos ocupou-se com o culto aos animais dos egípcios e que conhecia todas as tradições dos escritores antigos, resumiu:

"Nenhum desses fatos esclarece o motivo por que afinal os egípcios acabaram por adotar a prática de personificar os deuses em animais. A incorporação da alma em animais é tão improvavelmente a causa do culto aos animais quanto a personificação dos deuses, já que não se pode absolutamente falar de uma transmigração de almas... no que se refere ao Egito".

O que então? Esse fato é interessante: dentro da espécie, apenas alguns exemplares muito determinados eram considerados sagrados. Não era qualquer gazela, qualquer cão, qualquer vaca nem qualquer touro que recebia o selo divino dos sacerdotes, mas apenas animais únicos com características inconfundíveis. Heródoto escreve a respeito do touro Apis malhado de branco e negro:

"O assim chamado Apis tem os seguintes sinais: é negro; tem na testa uma mancha branca de quatro pontas, nas costas a imagem de

uma águia, os pêlos da cauda são duplos, e sob a língua reconhece-se a imagem de um escaravelho".

Esse touro muito especial — e somente ele! — já era venerado no Egito pré-histórico. Os antepassados desconhecidos viam no touro divino um descendente do cosmos, uma obra do deus Ptah. Essa antiga adoração é comprovada por paletas com cabeças de touro adornadas de estrelas, que foram encontradas em Abidos, ou pelas placas douradas do sol que se colocavam entre os chifres do touro Apis. O historiador e filósofo grego Plutarco (c. 50 d.C.) escreve que o touro divino não viria à vida de maneira natural, e sim através de um raio de lua que caía do céu. Esta opinião é comprovada por uma coluna mortuária encontrada por Auguste Mariette no Serapaeum. Aí pode-se ler a respeito de Apis: "Você não tem pai, você foi criado pelo céu". Heródoto também sustenta tradições semelhantes: "Os egípcios afirmam que ela (a Lua), antes de trazer Apis ao mundo, é fecundada por um raio do céu".

Em alguma época no passado cinzento os deuses ominosos jogaram com Apis (e outros animais) um jogo, e isso em um momento "que nós não podemos mais conceber historicamente". O ponto de partida do culto aos animais deve ser então transportado para o âmbito mítico, envolvido pela névoa das ações contraditórias dos deuses, que nenhum homem compreende. Esses deuses, surgidos de uma descendência suprather-restre, realizavam o impossível, inconcebível para simples mortais. Ressuscitavam animais — quem pode fazer isso? —, viviam em animais, atuavam através de animais. Eram animais que levavam aos deuses informações sobre os homens, animais protegiam os deuses na luta entre si e contra os homens. É divina também a criação de novos animais, inventar espécies de animais que não existiam na natureza. De origem divina são todos os seres híbridos, os monstros e as esfinges de várias espécies. Tudo isso era um pouco demasiado para a compreensão limitada dos homens, que mal haviam saído da Idade da Pedra. Também a fantasia humana, por mais rica e sonhadora que seja, precisa de incentivos. Nada vem do nada — nem mesmo o fantástico.

Em meu último livro expressei uma suspeita que desde então aumentou e que, como pode ser provado, relaciona-se de maneira sugestiva com o culto aos animais dos povos antigos. Tratei do desenvolvimento e das possibilidades futuras da tecnologia genética, deixando claro que os geneticistas num futuro próximo serão plenamente capazes de criar novos seres e misturar os já existentes.

Citação:

"O desenvolvimento dá cambalhotas e prova que a prática pode ser mais rápida que a mais ousada especulação. Em abril de 1987 a agência de patentes americana (US Patent and Trademark Office) reconheceu que futuramente 'organismos vivos pluricelulares' também poderão ser protegidos por patentes desde que tenham sido construídos baseados em um programa que não ocorre na natureza. Foi legalizado um procedimento que há muito ocorria na prática: até março de 1987 já tinham sido apresentados para patente nos Estados Unidos mais de duzentos micróbios modificados geneticamente, que por exemplo neutralizam o petróleo cru ou produzem insulina. Em abril de 1987 foram concedidas quinze patentes para animais que não existem na natureza. Assim, por exemplo, cientistas da Universidade da Califórnia obtiveram uma mistura de cabra e carneiro"— o cabreiro — por meios biotecnológicos; essa nova criação de laboratório dispõe de uma parte dianteira de carneiro, sendo a traseira de cabra. Críticos horrorizados foram acalmados com a informação de que o monstro sagrado era apenas o protótipo de uma série cujo modelo os *designers* californianos prometeram melhorar.

Quem é que pode ainda assegurar que cavalos voadores não podem nunca, jamais ter existido?! Ratos voadores (morcegos) e peixes voadores já existem há milênios. De agora em diante pode-se naturalmente perguntar se essas variedades são o produto de uma evolução natural ou surgiram dos laboratórios de visitantes extraterrestres".

Isso foi há dois anos. O relógio se adiantou.

Em 1976 foi fundada na Califórnia a firma Genentech. Queria-se pesquisar e avaliar a viabilidade comercial do emprego de medicamentos obtidos geneticamente. Em seus primeiros anos de

existência a firma registrou apenas despesas para investimentos e salários, ninguém acreditava muito em um êxito. No entretanto o movimento de caixa elevou-se a 250 milhões de dólares, há muito que a Genentech saiu do vermelho e em todo o mundo pipocaram trezentas firmas semelhantes. O que elas produzem? De que maneira diabólica o capitalismo sem coração voltou a atacar? Já em 1979 a Genentech conseguiu clonar o gene da insulina humana; um ano depois obteve-se sucesso na clonagem do Interferon-Alfa. Logo em seguida veio o preparado Protropina, criado por meio de engenharia genética, um hormônio de crescimento com o qual se tratam crianças com problemas de desenvolvimento.

Para estes e outros produtos semelhantes são concedidas licenças — e licenças dão dinheiro. A Genentech pretende obter em breve a patente para um preparado que faz maravilhas na cura de ferimentos. Acontece como com os deuses da mitologia: ferimentos abertos se fecham — abracadabra — quase que da noite para o dia. Em 13 de junho de 1988 o jornal *Die Welt* anunciou:

"Um dos projetos mais ambiciosos da biologia molecular, a decifração completa do material hereditário humano, assume agora formas concretas. O custo total desse Projeto Genoma está avaliado em 3 bilhões de dólares, e ele vem sendo discutido há dois anos, com argumentos controversos entre os cientistas... Empregando recursos imensos em pessoal, aparelhos e dinheiro, os cientistas querem dentro de poucos anos analisar o material hereditário humano até o menor de seus componentes".

Eles vão conseguir. O homem de vidro bate à porta. O Projeto Genoma não deve, entretanto, restringir-se ao homem; ele pretende incluir também "outros organismos". Afinal nós somos todos aparentados, não? Geneticistas da Universidade do Texas já desenvolveram um método pelo qual animais que foram modificados através de manipulação genética podem ser imediatamente diferenciados dos "verdadeiros" ou "originais". A brincadeira é fácil. Acrescenta-se ao gene modificado um gene adicional que libera luciferase. Esta é a enzima graças à qual os vaga-lumes emitem sua luz fria. A enzima será herdada pela geração seguinte, pela outra, e todos os descendentes serão portadores do gene da luciferase. Um

pequeno exame de tecido é suficiente para se constatar se um animal da ené-sima geração descende de um antepassado modificado geneticamente. A amostra de tecido, tratada com alguns produtos químicos, começa a brilhar.

Para mim sempre foi um mistério a maneira como os deuses míticos conseguiam identificar de cara uma determinada criatura das outras da mesma espécie. O mistério se esclarece.

O Dr. Tony Flint, diretor do zoológico de Londres, fundou recentemente um "banco de animais". Não, os bichos não vão investir dinheiro nem atuar na Bolsa de Valores. O "banco de animais" guarda células-ovo, sêmen, embriões e material genético básico de espécies de animais que estão ameaçadas de extinção nos próximos vinte anos. Com isso os geneticistas do futuro poderão fazê-las surgir novamente. Os deuses mandam lembranças!

Mâneto e Eusébio — duas testemunhas

É realmente ir demasiado longe, é demasiado especulativo transportar o futuro visível para o passado mítico? Um não tem nada, realmente nada a ver com o outro? Poderia o todo especial touro Ápis ter surgido de uma manipulação genética? Eu gostaria de dar a palavra a duas testemunhas que são uns 2.000 anos mais velhas que eu.

Mâneto é o nome de uma delas. Ele era Grande Sacerdote e escriba do Templo Sagrado no Egito. O historiador grego Plutarco menciona Mâneto como contemporâneo dos primeiros reis ptolomaicos (304-282 a.C.). O rei havia mandado fazer uma pesada escultura para Alexandria, escreve Plutarco, e o sacerdote Mâneto teria sido o único que explicou ao rei "que a figura enigmática seria um Serápis". Mâneto viveu em Sebennytyos, uma cidade no delta do Nilo, e lá também escreveu sua obra em três volumes sobre a história do Egito. Ele presenciou como testemunha ocular o fim do reino de 3.000 anos dos faraós, e como conhecedor escreveu a crônica de seus deuses e reis. O texto original de Mâneto desapareceu, mas o historiador grego Júlio Africano (240 d.C.) compilou passagens substanciais dos livros de Mâneto.

A segunda testemunha é também um historiador, de nome Eusébio (339 d.C), que ainda entrou para a história da Igreja como bispo de Cesaréia e cronista do início do cristianismo. Eusébio cita extensamente as obras de Mâneto, mas também muitas outras fontes, como afirma no prefácio de sua *Cronografia*:

"Repassei as variadas obras escritas das histórias dos antigos: o que os caldeus e assírios relatam, o que os egípcios também descrevem em detalhes..."

Mâneto e Eusébio completam-se em muitas tradições, ainda que Eusébio freqüentemente faça pregações cristas onde Mâneto friamente reproduz números e nomes. Mâneto começa sua história com a enumeração de deuses e semideuses, em que ele introduz os anos de governo dessas figuras, coisa que deixa nossos arqueólogos arrepiados. Os deuses teriam reinado sobre o Egito por 13.900 anos, e os semideuses que se seguiram, outros 11.000 anos. (Voltarei a isso em outro lugar.) Os deuses, segundo Mâneto, teriam feito com que surgissem vários seres, monstros e criaturas híbridas de todos os tipos. O príncipe da Igreja Eusébio afirma exatamente isso:

"E lá mesmo havia outros animais monstruosos dos quais uma parte tinha se criado por si mesma, e dotados de formas geradoras de vida; e eles tinham criado homens duplamente alados; além disso, também com quatro asas, dois rostos, um corpo e duas cabeças, mulheres e homens, e duas naturezas, masculina e feminina; e ainda outras pessoas com pernas de cabra e chifres na cabeça; outros ainda com cascos de cavalo; e outros com forma de cavalo na parte traseira e a forma de gente na parte dianteira, que têm a forma dos hipocentauros; *eles teriam criado também touros com cabeça de homem, e cães com quatro corpos cujas caudas saíam das costas na parte traseira, como as nadadeiras dos peixes; e também cavalos com cabeça de cavalo e corpo humano e com caudas semelhantes às dos peixes; e além disso também todos os tipos de monstros com forma de dragão; e peixes e répteis e serpentes e uma quantidade de seres maravilhosos, de tipos variados e com*

formas diferentes uns dos outros, cujas imagens eles mantinham representadas no templo de Belo uma ao lado da outra".

Seres híbridos até onde a vista alcança

A afirmação de Eusébio é forte! É preciso ler duas, três vezes, deixar que escorra pela língua até que a monstruosidade desse relato penetre nas células cerebrais. *Como* era isso na época? Teriam existido "pessoas duplamente aladas"? Tudo bobagem? Por que então seus relevos nos observam em colunas e esculturas em todos os grandes museus? Lá eles apenas não trazem a etiqueta de "pessoas duplamente aladas"; nossa moderna arqueologia, avessa a qualquer realidade fantástica, chama-os de "gênios alados". "Homens com pernas de cabra e chifres na cabeça" — muito provavelmente uma idiotice? Por favor, e que tal dar uma olhada nos papiros e paredes de templos sumérios e assírios? Reproduções de tais quimeras existem às centenas. E também "homens com cascos de cavalo" e centauros — meio homem, meio cavalo — foram eternizados em representações antigas. Sim, e "touros" eles devem ter criado "com cabeça de homem". Divino Ápis, socorro! Qualquer um pode admirar no Louvre três pequenas imagens, com apenas dez centímetros de altura, de touros com cabeças humanas. Elas foram datadas de 2200 a.C, aproximadamente. (Aqui se deve lembrar também do monstro de Creta, o Minotauro. Ele era um touro com cabeça humana para o qual os cretenses mandaram construir o famoso labirinto.) Devem ter existido "cães com nadadeiras de peixe", "outras monstruosidades" e "uma quantidade de seres maravilhosos". Saudações, Esfinge! A pequena palavra esfinge leva qualquer um a pensar na gigantesca imagem de leão com rosto humano próxima à grande pirâmide de Gizé. Entretanto, amigos, as esfinges existem em todo tipo de variações! Corpo de leão com cabeça de carneiro, corpo de cão ou de bode com cabeça humana, corpo de carneiro com cabeça de ave, corpo de homem com cabeça de crocodilo, etc. Aléias inteiras das diferentes esfinges foram retiradas da areia do deserto, ou nos encaram das paredes dos templos egípcios. Foram esculpidos seres especialmente raros nas paredes de um pequeno templo auxiliar de Dendera, no Egito central. Eles têm cabeça de leão ou babuíno com júbas, a parte superior do

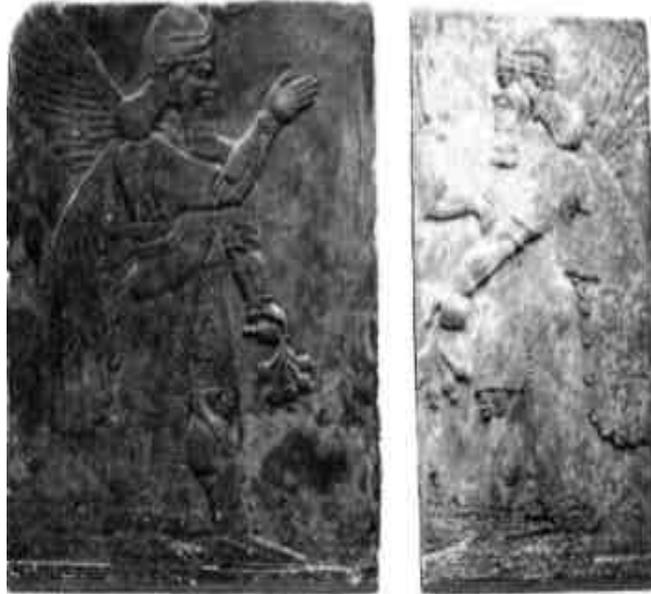
corpo esguia, quase humana, terminando a parte inferior, no entanto, em uma cauda de serpente. Os curiosos híbridos, que pertenciam à deusa Hator, apóiam-se elegantemente sobre suas caudas enroladas em duas voltas, "Seres maravilhosos", segundo a tradição transmitida por Eusébio, de "tipos variados e com formas diferentes uns dos outros".

Quem já perambulou, ainda que uma única vez, por um grande museu, quem já folheou apenas uma vez livros ilustrados sobre a Suméria, a Assíria e o Egito, pode entoar o cântico desses "seres maravilhosos".



Nos selos dos rolos sumerianos surgem constantemente formas enigmáticas. Os seres alados (abaixo, hoje no Museu Britânico de Londres) são chamados de “gênios alados” pelos arqueólogos.





Lá está, no museu de Bagdá, a pequenina imagem da "deusa arcaica". Um corpo de mulher com seios graciosos... e cabeça de monstro. No Museu do Estado de Berlim Oriental está exposta a reconstituição da porta do templo de Ishtar de Babilônia. De uma parede de tijolos com azulejos azuis, amarelos e ocre o observador é iluminado por fantásticos seres escamosos com longas caudas e pescoços longuíssimos. As unhas das mãos parecem garras de leão, as patas traseiras assemelham-se a pernas de águia. A representação original deve ter surgido por volta de 600 a.C. Em uma coluna suméria que hoje pode ser admirada no Louvre, em Paris, e da mesma forma em uma placa pintada que está no Museu Egípcio, podem-se reconhecer seres de quatro patas com longos pescoços flexíveis que terminam em cabeças de serpentes. A natureza nunca produziu híbridos absurdos desse tipo. Pura e simplesmente fantasia artística? Por que então os bichos são mantidos na coleira por homens? Encontra-se igualmente no Louvre a "taça de Gudéia", de 23 cm de altura, que foi criada por volta de 2200 a.C. A gravura na taça mostra um ser híbrido de um tipo todo especial: garras de ave nas pernas, corpo de cobra, mãos humanas, asas e a cabeça de um dragão ("...e além disso também todo tipo de monstros com forma de dragão...", Eusébio). Em uma miniatura de coluna de 20 cm de altura mostra-se uma "deusa alada": um belo

corpo de mulher, rosto de menina, mãos de dama, como se fosse uma senhora totalmente normal. Somente as asas nas costas e as repugnantes garras de animal em lugar dos pés perturbam a imagem erótica.

Deus sabe que não faltam representações artísticas desses "seres maravilhosos". Seja no Museu Asutoh de Calcutá, no Museu Arqueológico de Ancara, seja no Museu de Delfos na Grécia ou no Museu Metropolitano de Nova York, há todos os seres híbridos e monstros que se queira.

Em um relevo do rei assírio Assurbanipal (Museu Britânico), um homem robusto leva um animal notável por uma corda. Ele caminha de maneira semelhante aos macacos, sobre dois pés, e os braços terminam em nadadeiras. Igualmente no Museu Britânico encontra-se o obelisco negro do rei assírio Salamasar II. Atrás de um elefante caminham duas figuras

Estes seres fabulosos incompreensíveis (hoje no Louvre, em Paris) estão sendo claramente contidos por coleira curtas de pequena estatura, como se fossem crianças.



Os pequenos seres com cabeça de homem têm coxas e pernas de animais, e são conduzidos por dois guardas. Em uma outra seção de imagens do mesmo obelisco podem-se reconhecer duas formas semelhantes a esfinges — claramente com cabeças humanas. Nada de especial? Por que então uma das esfinges está chupando o polegar, por que elas são mantidas acorrentadas, e por que o texto cinzelado que acompanha as imagens fala de "homens-animais levados ao cativoiro"?

Até mesmo nas distantes Américas Central e do Sul não faltam representações artísticas de criaturas híbridas. Sejam olmecas, maias ou astecas, as horríveis formas animalesco-humanas sempre surgem nas paredes dos templos e nos códices, freqüentemente em ligação com deuses locais. Há dezoito anos fotografei da coleção do velho padre Crespi em Cuenca, Equador, diversas placas de metal com seres indefiníveis. O religioso, que no entretanto morreu, afirmava ter recebido as curiosas representações, que consistem em ligas incas de ouro, cobre e zinco, dos índios. Sim, e no verão de 1988 foi feita no norte do Peru, na localidade de Sipán, a mais sensacional descoberta dos últimos tempos. Arqueólogos peruanos encontraram o túmulo intacto de um príncipe-sacerdote moche. (A cultura dos índios moche desenvolveu-se aproximadamente na época do nascimento de Cristo no litoral peruano.) Em um sarcófago de madeira jazia o príncipe, ricamente ornado com jóias, cordões de pérolas, objetos de cerâmica e de ouro; ele morreu com a idade de aproximadamente 35 anos. Na mesma tumba familiar foram encontrados quatro outros sarcófagos com mulheres e homens, e alguns metros acima do túmulo propriamente dito o esqueleto de um homem envolto em panos. Sobre um cetro de cobre de um metro de comprimento, havia uma representação artística que não deixa nada a desejar quanto à clareza: uma mulher copula com um ser híbrido, meio gato, meio réptil.

Além dessas representações verdadeiramente inequívocas existem incontáveis formas de seres híbridos que jamais foram vistos por um ser humano. A história da cultura de muitos povos documenta a transformação imaginária de uma forma terrível na seguinte. Um centauro, por exemplo, pode muito bem ter surgido da representação

esquemática de cavalo e cavaleiro, que se misturaram uma com a outra. A origem de Pégaso também pode muito bem estar fundada no desejo humano de possuir um cavalo voador.

O poeta grego Homero (c. 800 a.C.), ao narrar as aventuras de Ulisses, descreve as sereias, que cantavam de forma tão sedutora que os homens do mar indolentemente esqueciam suas obrigações. Ainda que o próprio Homero não descreva a aparência dessas sereias, autores posteriores as representaram como mulheres aladas com pés de aves.

Abaixo: Uma vez mais, esfinges do Museu Egípcio do Cairo.



Representações de sereias estão documentadas por toda a história da arte — ainda que nunca um artista tenha posto os olhos sobre uma sereia. Até mesmo o conto de fadas alemão da Lorelei deve sua origem às antigas sereias.

Os seres híbridos entraram para a literatura dramática da Antigüidade, chegando até os contos de fadas infantis de nossa época. O grego Hesíodo (c. 700 a.C.) descreve o monstro Medusa, de cuja cabeça saíam serpentes e cujo olhar era tão terrível que transformava as pessoas em pedra. Em sua noite de Walpurgis, Goethe faz com que aquela que seduz Adão torne-se uma serpente com cabeça de mulher, e na obra do escritor Elliott Smith o dragão chinês transforma-se num cruzamento de serpente, crocodilo, leão e águia.

Isso e muito mais surge da multiplicidade da fantasia humana, sem a qual não se cria nenhum conto de fadas. Mas eu quero ir além. Procuo uma origem comum para essas fantasias, a chave inicial através da qual se desvenda toda a magia do mundo de nossa imaginação. Finalmente, não são apenas o velho Mâneto e o príncipe da Igreja, Eusébio, que falam desses "seres maravilhosos", mas também Plutarco, Estrabão, Platão, Tácito, Diodoro e — ainda que reiteradamente os mencione, ele não queria ou não podia relatar a respeito — Heródoto.

Após passar pela peneira da razão, restam apenas duas possibilidades para se abordar as tradições e representações artísticas desses seres híbridos:

1. Esses bichos nunca existiram. Trata-se, sem exceção, de frutos da fantasia. Nesse caso os antigos pintores, escultores e autores exageraram.

2. Criaturas híbridas desse tipo existiram um dia. Nesse caso os "seres maravilhosos" (Eusébio) somente podem ter surgido a partir da engenharia genética. Nenhuma outra conclusão é possível, pois a evolução não costuma produzir monstros desse tipo. O aparelho reprodutor e os cromossomos dos animais são diferenciados. Um acasalamento não produziria absolutamente nada. Logo...

Eu não posso sair na chuva sem me molhar. Ao tratar de "seres maravilhosos" estou andando em meio a uma tempestade divina e

me ensopando até os ossos. Sempre com os dois pés apoiados no chão, evito qualquer tipo de queda na irrealidade. Oh, sim, o pensamento de que os monstros descritos por Eusébio e outros ("de tipos variados e com formas diferentes uns dos outros") poderiam realmente ter existido é improvável à primeira vista. Acostumada às adoráveis criaturas da natureza, nossa mente tem que se esforçar para levar em consideração um zoológico de monstros vivos. Serei acusado de transformar meus próprios desejos fantasiosos em realidade. Eu não estaria em boa companhia, como provam os antigos?

Então a idéia de que "seres maravilhosos" teriam vivido é uma prova de que eles nunca existiram? As tradições são, então, falsas apenas por fazerem parte das lendas? E quem fez com que as tradições se atrofiassem até se tornarem lendas? Não teria sido a nossa mente limitada? Ou o nosso horizonte cerceado e delimitado pela lógica universitária, que a cada geração nos prescreve até onde devemos pensar? O que presumo é que muito daquilo que menosprezamos como não sendo digno de crédito ou como pouco razoável foi um dia história vivenciada. O filósofo romano Lúcio Apuleio, que viveu no século II a.C. e nessa época também viajou pelo Egito, escreveu em suas *Metamorfoses*: "Oh, Egito! Egito! De teu saber restarão apenas fábulas, que a gerações posteriores parecerão inacreditáveis". Uma fábula tirada da caixa da eternamente jovem ficção científica pode delinear o terreno mais nitidamente.

Um modelo da ficção científica

Houve uma época em que os deuses dominavam a Terra. Os homens não sabiam quem eram os deuses, de onde eles vinham. Broncos, recentemente diferenciados dos animais, eles piscavam quando olhavam para a luz. Os deuses viviam no céu, em algum lugar lá em cima entre as estrelas. A longa viagem entre as estrelas tinha custado muita energia, e agora, para garantir o prosseguimento da viagem, era melhor extrair combustível, fabricar, carregar. E assim não restou aos deuses outra alternativa senão passar alguns séculos em nosso sistema solar. Os anos passavam, preguiçosos, e em pouco tempo os deuses se aborreceram. Eles procuraram mudança, diversão, inventaram jogos e lutas. Conceitos morais humanos ou até mesmo uma ética no sentido atual eram-lhes completamente estranhos. Eles sentiam, eles pensavam em outras dimensões, a Terra era seu *playground*, seu parque de diversões.

Um dia Ptah, o *designer* de órgãos, desenvolveu um novo ser vivo na prancheta. O material genético provinha de duas formas de vida estúpidas da Terra. A combinação de leão e carneiro resultou em um novato herbívoro com as garras e a velocidade do leão. Para decepção de Ptah, um leão verdadeiro devorou a criatura divina.

Nunca se tinha visto algo assim antes! "A mente do carneiro", disse Chnum a Ptah, "era inferior à do animal de rapina terrestre. Tente novamente com um torso de leão e uma cabeça de touro." Esse monstro sobreviveu, os leões da Terra saíram de seu caminho.

Ptah já queria comemorar como vencedor, e então aconteceu algo inconcebível. Os bípedes primitivos tinham se reunido e matado o monstro com lanças e fundas. Ptah desceu como um raio e, furioso, puniu os desastrados humanos que não entenderam nada.

O conselho dos deuses cobriu Ptah com ameaças: "É errado castigar os humanos por um ato sem antes tê-los avisado das conseqüências negativas". Compreensivo, Ptah começou a marcar suas novas criações, a colocar um sinal visível em cada um de seus "seres maravilhosos", um quadrado claro na testa ou dois chifres luminosos na frente. Agora os homens sabiam quais criaturas eram propriedade dos deuses e quais podiam ser abatidas e comidas. A chateação tinha terminado para os ET's. Alegrementemente eles desenvolviam novas formas horríveis, "de tipos variados e com formas diferentes uns dos outros". Estudavam seu comportamento, sua utilidade, deixavam que os animais, livres na natureza, lutassem uns contra os outros, observavam às gargalhadas as reações dos homens aparvalhados.





Em que "modelos" os egípcios estariam pensando quando fizeram suas esfinges?

Finalmente a nave-mãe estava abastecida com combustível, era possível partir para novos limites do universo. Atrás ficavam os homens prostrados com os animais a eles confiados desde tempos primordiais — e os monstros divinos. Os sacerdotes foram os primeiros a compreender o desaparecimento dos deuses. Desanimados e inseguros eles não se atreviam nem mesmo a tocar as criaturas celestes. Gerações vieram e se foram, muitos dos animais divinos morreram, outros, "dotados de formas geradoras de vida" (Eusébio), tinham se modificado, sendo levados ao cativeiro ou criados como animais do templo. Os sacerdotes conservavam vivo o conhecimento sobre criaturas muito específicas reservadas apenas aos deuses. E como os sacerdotes de todas as épocas temem a reaparição não anunciada e repentina dos deuses, eles observavam desconfiados qualquer movimento no firmamento noturno. Constantemente noviços eram encarregados de percorrer o país em busca de animais divinos e de levá-los aos templos, para que assim recebessem as honras que lhes eram devidas. Claro que os exemplares mortos eram mumificados com toda a pompa; afinal, eles pertenciam aos deuses, e era preciso contar com seu retorno a qualquer momento.

Séculos, milênios se passaram, os tempos mudaram, e com os tempos o homem. Na credence popular a lembrança de monstros

horríveis permanecia viva. Na verdade, há muito que eles não mais existiam, esses monstros, mas seus descendentes, reconhecíveis por determinados sinais na pelagem ou na dentadura, viviam como espíões divinos entre os outros animais. Ninguém tinha medo das pequenas criaturas, dos pássaros, peixes e animais domésticos. As pessoas podiam falar com eles, talvez as orações até mesmo chegassem aos deuses por intermédio dos animais. Mas o que acontecera com as grandes bestas que inspiravam cautela? Iriam elas após a morte transformar-se novamente, assumindo suas horríveis formas originais? Iriam elas espalhar espanto e terror entre os homens ao ressuscitar? O que o homem poderia fazer para contentar os deuses sem ter que sofrer entre as bestas?

Esses graves pensamentos preocuparam por muito tempo os sacerdotes. Finalmente eles encontraram uma solução simples para o dilema. Enquanto os animais vivessem, eles deveriam ser venerados, divinizados, dever-se-ia orar para que seu Ka e Ba chegassem até os deuses após a morte e lá testemunhassem a boa vontade e a veneração de que os animais divinos eram objeto. Após a morte, ao contrário, os ossos das terríveis criaturas deveriam ser esmagados, despedaçados e misturados com betume. Deveriam ser feitos sarcófagos com o mais duro granito, de tal forma gigantescos e imponentes que nenhum monstro ressuscitado pudesse escapar da prisão. Os sarcófagos precisavam ser encerrados em túmulos de rocha subterrâneos; nunca mais criaturas monstruosas deveriam abater-se sobre os homens, nunca mais poderiam tyrannizar as pessoas.

Pseudotouros em túmulos falsos

Precisamos de modelos, de novas noções para poder ordenar apenas até certo ponto os absurdos e contradições de nossos antepassados. A história que inventei aqui não pretende ser nada além de um desses modelos, uma muleta que utilizei em meu benefício, a partir da qual sempre podemos nos erguer do pântano da pré-história. Somos suficientemente parciais e também estamos prontos para, de boa vontade e agradecidos, imediatamente aceitar

os escritos de um Heródoto, Estrabão, Diodoro, Tácito, Mêneto ou Eusébio quando isso se encaixa no esquema corrente. Mas, por azar, a coisa não bate. Autocráticos, nós nos automeamos juízes que, sem pestanejar, negam totalmente as mesmas tradições dos mesmos autores antigos. Isso não pode ser, o que é evidente.

O que encontrou Auguste Mariette em 5 de setembro de 1852 nos sarcófagos de touros inviolados de Sakkara?

"Minha primeira preocupação referia-se à cabeça do touro, mas não encontrei nenhuma. No sarcófago havia betume, uma massa muito malcheirosa que se desfazia ao menor toque".

Teriam os ossos desses pseudotouros sido despedaçados em uma época que poderia ser datada de séculos ou milênios após o sepultamento propriamente dito? Mariette:

"Em meio à massa fedorenta havia uma quantidade de ossinhos muito pequenos, aparentemente despedaçados *na época do sepultamento*".

E como foi com o segundo sarcófago intacto?

"Nenhuma caveira de touro, nenhum osso maior; ao contrário, uma profusão ainda maior de minúsculas lascas de ossos."

Como é então que o arqueólogo Sir Robert Mond descobriu em sarcófagos de touros ossos que ele *presumiu* serem "de um chacal ou de um cão"? Eu não levo a mal nenhum antropólogo que sob tais circunstâncias não pesquise ossos mais a fundo. Como se teria chegado à idéia absurda de "cães com quatro corpos cujas caudas saíam das costas na parte traseira, como as nadadeiras dos peixes" ?

O Dr. Ange-Pierre Leca é médico e especialista em múmias egípcias. Ele escreveu um livro emocionante a respeito de sua área de especialização. Aí ele menciona dois "touros maravilhosamente enfaixados" com "aparência belíssima", que foram encontrados nas abóbadas de Abusir. Citação:

"Ao examinar o interior de uma segunda múmia, parecia que novamente tratava-se de um único touro; entretanto, foram encontrados ossos de sete animais, entre eles os de um novilho de dois anos e os de um touro velhíssimo. Um terceiro tinha necessariamente duas caveiras".

Como? *Duas caveiras?* Ponto para Eusébio: "Seres maravilhosos de tipos variados e com formas diferentes uns dos outros ... e um corpo com duas cabeças".

Naturalmente expus minhas suspeitas ao chefe das escavações de Sakkara, Dr. Holeil Ghaly: perguntei se ele ou seus colegas tinham alguma vez encontrado múmias de animais cujos ossos não combinavam completamente. O erudito me fitou pensativo e, segundo me pareceu, um pouco incrédulo: "Meu Deus, quem é que presta atenção a uma coisa dessas?"

Ninguém. A idéia é monstruosa.

O incansável escavador Walter Emery também descobriu em Sakkara catacumbas com vacas sagradas. Não havia nenhuma dúvida a respeito, pois as inscrições cuidadosamente talhadas nos blocos de calcário afirmavam: "Aqui jaz Ísis, a mãe de Ápis". Além disso, foram encontrados vários papiros bem conservados dos séculos III e IV a.C. nos quais a deusa-vaca é invocada e adorada. Em lugar das esperadas vacas mumificadas, os arqueólogos trouxeram à luz ossos de gado embrulhados, bem como ossos de outros animais. Diz um arqueólogo e seguidor de Emery, Jean Philippe Lauer, a respeito:

"Trata-se claramente de ossos de túmulos que foram pilhados. Entretanto, a entrada desses túmulos não parecia ter sido..."

Já mencionei o fato: ladrões de túmulos procuram valores materiais, deixam desordem e destruição atrás de si. Eles não estão muito preocupados com a arrumação. É difícil imaginar por que razão salteadores iriam transportar os ossos de qualquer outro túmulo para as abóbadas das vacas sagradas.

O enigma do bebê babuíno

Na Etiópia e Núbia (atual Sudão) daquela época vivia um babuíno com cabeça de cão que os egípcios adoravam como animal divino. Esse babuíno com cabeça de cachorro era inclusive parte integrante dos tributos que os egípcios extraíam dos núbios. Esses seres engraçados, com mandí bulas de cão e espessas jubas, foram mumificados aos milhares. Nunca ninguém se deu ao trabalho de pensar a respeito, e afinal é também por isso que até hoje existem babuínos muito semelhantes àqueles. E é claro que existe uma descoberta curiosa que vale a pena examinar mais detalhadamente sob a lupa da ciência.

No ano de 1972 o Dr. Henry Riad, na época diretor do Museu Egípcio do Cairo, concedeu a alguns cientistas autorização para pesquisar e radiografar múmias. O Prof. Dr. James E. Harris, da Universidade de Michigan, EUA, ocupou-se intensivamente com a múmia da sacerdotisa Makare. Esta senhora tinha o mais alto título da hierarquia feminina, ela era "esposa do deus Âmon". As faixas que envolviam seu corpo levaram à conclusão de que a sacerdotisa morrera devido a um aborto, pois o nenê, igualmente envolvido em faixas, jazia no sarcófago sobre o corpo da mãe. Cuidadosamente, o pequeno pacote foi radiografado de todos os lados. O assombro foi enorme. O pretenso bebê revelou-se claramente como um babuíno com cabeça de cão, com um volume cerebral um pouco grande demais!

Pode-se naturalmente perguntar se a mulher, que afinal era sacerdotisa do deus Âmon, teria trazido o monstrengo ao mundo. Não é à toa que Heródoto deixa transparecer sua repugnância no que se refere às práticas sexuais do sacerdote egípcio. No Livro 2º., capítulo 46, ele diz que os escultores egípcios representavam o deus Pan "com cabeça de cabra e pernas de bode. É-me penoso dizer a razão de eles o representarem dessa maneira". Ele deixa o assunto para observar, zangado, algumas linhas depois: "Diante de todos os olhos, um bode se acasalava com uma mulher". Aparentemente

Diodoro da Sicília sabia mais quando escreveu que a origem da veneração dos animais tinha de ser "mantida em segredo".

Os poucos egiptólogos que conheço pessoalmente são pessoas abertas que generosamente se dedicaram à decifração e reconstrução da Antigüidade egípcia. Ainda assim a egiptologia ocupa um lugar único na história da arqueologia. Somente no Egito, durante décadas e com esforços imensos, foram retirados do deserto muitos templos e esculturas. A imagem histórica do antigo Egito tornou-se transparente, os hieróglifos foram decifrados. Os egiptólogos sabem o que estão falando. Eles vão me acusar de calar sobre o fato de que verdadeiros touros Ápis mumificados também foram encontrados; que podem, por exemplo, ser admirados no Louvre, no Museu de História Natural de Viena, Munique e Nova York. Isso eu sei, amigos, e sei também que a proveniência e o conteúdo dessas múmias são muito obscuros. Todos nós, que nos ocupamos intensivamente com o assunto, sabemos também que o sacerdote Mâneto dedicava-se especialmente ao culto de Serápis, e que indubitavelmente touros verdadeiros foram sepultados enquanto ele vivia. Nós, os que sabem, conhecemos também os textos em honra a Ápis que foram encontrados no Serapaeum de Alexandria (e outros lugares). Mas tudo isso aconteceu na época dos Ptolomeus e dos romanos, o que representa *apenas* de 2.000 a 2.500 anos antes de nós. Minha flecha não está apontada para essa época recente, almeja a origem do culto aos animais, que se remete, e muito, à pré-história. Já é esquisito: o primeiro rei ptolomaico (304-284 a.C.) envia a Alexandria uma pesada escultura que, em algum lugar, se extravia durante um naufrágio, e ninguém sabe o que a escultura realmente representava. Unicamente o sacerdote Mâneto, que aí estava, pode dar os devidos esclarecimentos a seu rei. A forma enigmática é um Serápis, informa Mâneto. (Serápis é a palavra grega para o touro sagrado.)

Do curto episódio, transmitido por Plutarco, pode-se tirar uma conclusão picante. O rei e todos os que estavam à sua volta eram idiotas. Eles não reconheciam nem mesmo a escultura de um touro. Por quê? Porque a escultura representava um "ser maravilhoso". Somente o sacerdote Mâneto podia explicar isso.

"Nada é mais digno de incredulidade que a realidade" (F. Dostoiévski, 1821-1881).

CAPÍTULO 2

O LABIRINTO DESAPARECIDO

"Não se pode confundir a verdade com a quantidade."
Jean Cocteau, poeta francês, 1889-1963

Há dez anos eu pensava que escrever sobre o Egito não teria qualquer sentido. Já se sabe tudo, não é mesmo? Eu era um daqueles que folheiam livros sobre o Egito com bastante má vontade. Sempre essas pirâmides de novo! Essas esfinges! Esses faraós! E então os deuses desconcertantes com seus adornos de cabeça esquisitos... realmente cômicos. Convidado a todos os museus do mundo por razões profissionais, eu encontrava os antigos egípcios a cada passo. Com o tempo, comecei a gravar os nomes dos vários deuses, e logo, divertido, eu os cumprimentava em seus pedestais e vitrinas de museus como se fossem velhos conhecidos. Hator? Essa é naturalmente aquela que de maneira graciosa equilibra chifres bovinos e uma placa solar no topete. Thot? Já sei! O adolescente com corpo de pássaro, o crescente da lua e a bola sobre a cabeça orgulhosa. Um antigo colega, ademais, pois Thot é também o deus dos escrevinhadores. Sobek? Não é aquele louco com cabeça de crocodilo e antenas? Min? Inconfundível devido à dupla fileira de baterias solares sobre o capuz. Esse tipo decididamente precisa de energia, ele é sempre representado com um chicote de três pontas. Hórus? Meu velho camarada, pelo qual nenhum visitante do Egito deixa de passar. Sua ferramenta, a placa solar alada, acena aos milhares do alto de telhados dourados, brilhando como placa alada dominadora sobre monumentais entradas de templos. Um excelente tema de propaganda para trajetórias de vôo (pistas magnéticas), ou OVNI's. Sim, e o olho de Hórus, sempre atento, sempre presente sobre a Terra, formidavelmente apropriado como deus dos construtores de satélites! O próprio Hórus, dependendo se no Alto ou no Baixo Egito, é representado com corpo de homem e cabeça de falcão, ou então apenas como falcão. Faltando com o respeito, sua

coroa dupla me lembra uma concha de sopa em que se enfiou uma garrafa de aguardente. Afinal de contas, é preciso conseguir imaginar alguma coisa em relação aos desconcertantes adornos de cabeça.

Formas divinas há muitas, moças e rapazes, homem/animal — seres híbridos ou apenas animais. O panteão egípcio torna-se realmente complicado com as linhas de parentesco das famílias de deuses, bem como — inevitável — com a arte de fabulação humana, que atribui absolutamente tudo às formas celestes. Por que no Egito é diferente da Grécia antiga, da Índia, do Japão ou da América Central? As pessoas precisam de um deus competente de plantão para cada uma de suas dorzinhas. O santo que está no céu, adotado pelos cristãos nos últimos 2.000 anos, não é nenhuma exceção.

Um dia chegou às minhas mãos um livro sobre o mundo dos deuses egípcios. Lembro-me de como lutei sem alegria com a leitura monótona e aborrecida, pois a mim pouco importava que cria dos deuses descendia de que deus-pai e qual cruzamento consangüíneo tinha produzido qual garoto travesso. Finalmente, caso quisesse saber, eu poderia procurar tudo isso em uma das notáveis enciclopédias sobre mitologia existentes. Além disso, os arqueólogos produziram trabalhos modelares; há longas listas com os nomes e o período de governo de todos os faraós, cada templo e cada coluna está etiquetada, cada uma das imagens já foi discutida extensamente. Não, eu provavelmente jamais iria escrever um livro sobre o Egito, não era a minha linha. Sou detetive, um descobridor de trilhas em busca de pistas de enigmas não decifrados — o que havia ainda no Egito por decifrar?

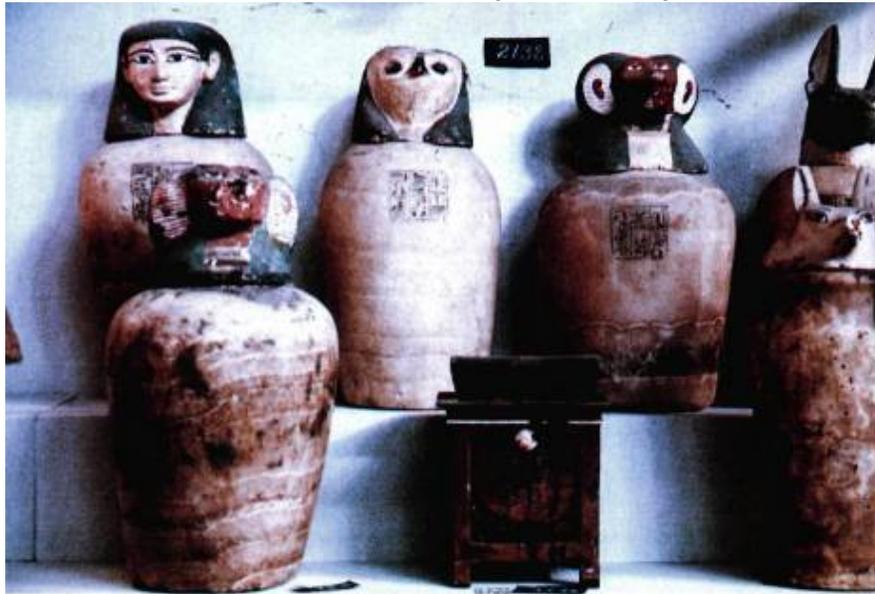
De Saulo a Paulo

Essa aversão modificou-se repentinamente quando, há alguns anos — por um motivo muito diferente! —, eu mais uma vez procurava algo no velho Heródoto. Homem, oh, homem! Heródoto conta histórias que não coincidem com o "saber seguro" dos egiptólogos! Quem teria razão? O historiador de 2.500 anos de idade ou os arqueólogos modernos? Era Heródoto um solitário meditando ou suas histórias são confirmadas por outras testemunhas oculares da Antigüidade? A discrepância entre Heródoto e o atual estado do conhecimento era tão patente em alguns lugares, de arrepiar os cabelos mesmo, que comecei a perseguir a matéria. Quanto mais

profundamente eu mergulhava nos antiqüíssimos alfarrábios, mais fascinante o Egito de repente se tornava. Foi aí que fui tomado pela febre do caçador! Tudo isso não podia ser verdade! Teriam os egiptólogos, tão elogiados por mim, cochilado? Teriam eles apenas rejuntado a superfície do mosaico para encobrir os absurdos que estavam por baixo?



10 - No Museu Egípcio pode-se admirar um pequeno zôo, canopos e animais mumificados, como por exemplo falcões e íbis.





12

Existem esfinges de todos os tipos, como a de Delfos, na Grécia



13 - *Esfinge, no Museu Egípcio do Cairo.*



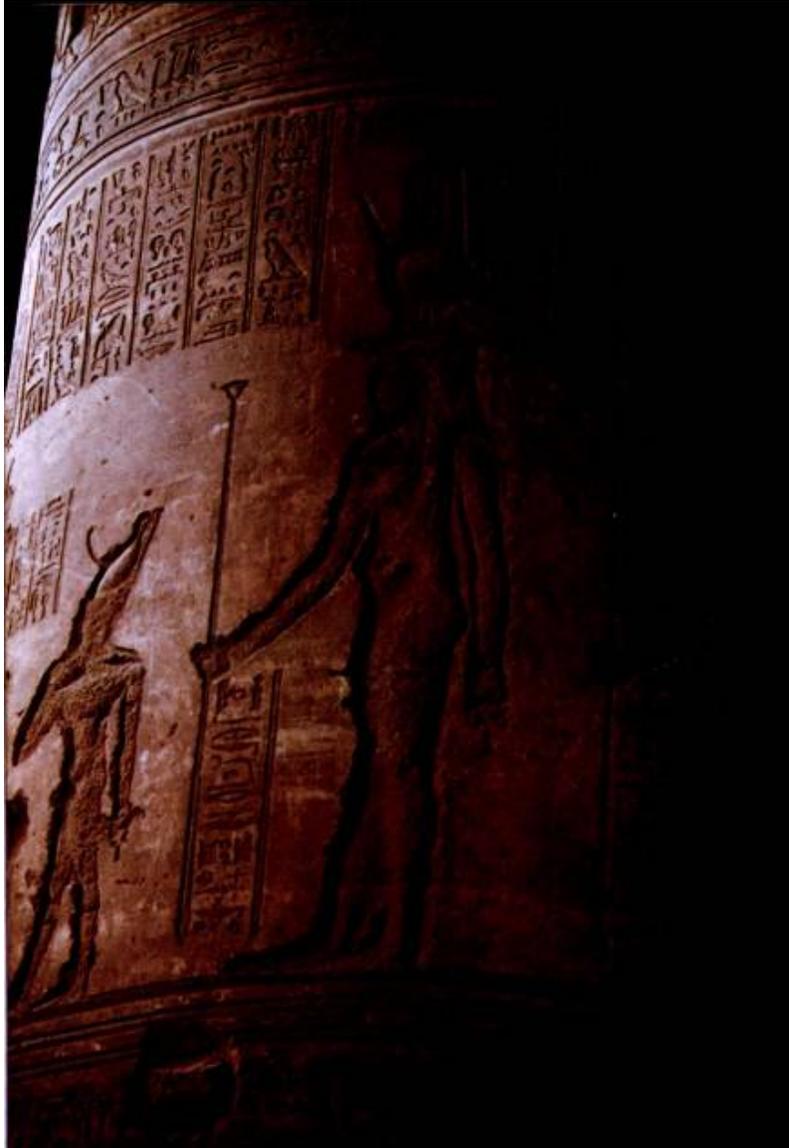
14 - *Esta figura com corpo de serpente também é chamada de esfinge.*



Os pássaros envoltos em bandagens eram colocados em minissarcófagos retangulares.



16 - O Dr. Holeil Ghaly e Erich von Däniken.



17 - Todos os deuses egípcios usam um interessante adorno de cabeça. O da deusa Hator, por exemplo, tem chifres de vaca com uma placa solar. As lamelas sobre a placa solar são interpretadas pelos eruditos como "plumas".



A deusa Hator e o deus com cabeça de carneiro, Harsaphes (em cima). O deus Month, com cabeça de falcão, uma placa solar e "plumas" (embaixo).



19



20



21 - Em Lúxor há alamedas inteiras formadas por esfinges.

Estaria eu no caminho de um conhecimento de milênios de idade, com que haviam entrado em contato apenas os iniciados de sociedades secretas obscuras? Haveria mensagens do antigo Egito que não se adaptavam à nossa época moderna, que não eram oportunas, sobre as quais era melhor calar para não espantar as pessoas comuns como uma revoada de pássaros?

Há 3.000 anos o escritor histórico fenício Sanchuniathon (c. 1250 a.C.) deve ter tido pensamentos semelhantes quando escreveu:

"Desde nossa mais tenra juventude estamos acostumados a escutar relatos falsificados, e há séculos nosso espírito está tão impregnado de preconceitos que acaba protegendo mentiras fantásticas como se fossem um tesouro — de forma que finalmente a verdade parece não ser digna de crédito e a deturpação parece verdadeira".

Foi o filósofo Cícero (106-43 a.C.) quem elevou Heródoto a "Pai da História". Este título foi mantido por Heródoto até a atualidade, embora ele sabidamente não tenha sido o primeiro a exercer o ofício de historiador.

O deus do céu Hórus aparece à direita como falcão humano. A coroa dupla que ele usa à esquerda me lembra uma concha de sopa em que se enfiou uma garrafa de aguardente.



Quem foi Heródoto?

O que é que se sabe sobre esse Heródoto? Ele era originário de Halicarnasso, uma cidade na ponta sudoeste da Ásia Menor. O pai de Heródoto rebelou-se tão veementemente contra o déspota e tirano Lygdamis que toda a família foi banida. Naquela época não era como hoje em dia. Da ilha de Samos, Heródoto acompanhava os acontecimentos políticos do mundo que o cercava. Não eram tempos tranquilos. O poderoso reino persa ameaçava os gregos, Atenas tinha fundado a primeira Liga Ática e rivalizava com o poderio militar de Esparta. Talvez tenham sido as atribulações políticas as responsáveis pelo fato de o jovem Heródoto ter ido a fundo em busca das coisas nos lugares onde aconteciam, para conseguir informações de primeira mão. Ele se tornou o escritor *globetrotter* de sua época. Heródoto viajou por toda a Ásia Menor, Itália e Sicília, mas também pelo sul da Rússia, Chipre, Síria, e chegou até a Babilônia, onde permaneceu por um tempo mais longo. Quando Heródoto foi ao Egito, em julho de 448 a.C., não estava entrando em "terra incógnita", aquele não era nenhum país desconhecido, antes dele seu conterrâneo e filósofo da natureza Hekataios (c. 550-480 a.C.) já havia descrito a terra do Nilo. Heródoto não seguiu seu antecessor como um jovem acrítico, ao contrário, ele o encarava "com certa animosidade e com forte desconfiança"¹.

Heródoto nunca foi um historiador puro. Na verdade ele anotava avidamente tudo o que seus interlocutores lhe contavam a respeito de seu país, embora também descrevesse a geografia e a topografia das regiões visitadas. Era tanto geógrafo quanto historiador. Heródoto foi o primeiro a colocar no pergaminho a idéia de que "cada história deve ser considerada em seu espaço geográfico, e cada espaço geográfico tem sua história".

O Egito naquela época mantinha um animado relacionamento comercial com a Grécia. O rei persa Artaxerxes I (465-424 a.C.), que governava o país do Nilo, chegou até mesmo a enviar rapazes egípcios para que aprendessem o idioma na Grécia e, em

contrapartida, trabalhadores gregos atuavam no Egito como comerciantes e estalajadeiros. Heródoto, que não falava egípcio, tinha que ter um intérprete ao lado, mas é claro que havia muitos deles. Seus informantes eram os sacerdotes de todas as categorias dos santuários de Mênfis, Heliópolis e Tebas, mas também bibliotecários, alguns funcionários da corte bem como alguns egípcios proeminentes, que gostavam de palavrear com o estrangeiro grego.

Heródoto diferenciava de forma marcante as tradições populares da história oficial do Egito que estava registrada nos papiros das bibliotecas e templos. Quando um sacerdote leu para ele os nomes de 331 faraós, ele os anotou exatamente, mas quando lhe contaram uma história sobre a vaca de Miquerinos, seu comentário a respeito foi "palavrório insensato!" Penosa e extensamente ele pediu que lhe informassem sobre os feitos heróicos de faraós mortos havia muito, mas imediatamente apurava o ouvido e se tornava cético ao ouvir histórias do povo de como um deles tinha gastado 1.600 talentos de prata em rabanetes e cebolas durante a construção da pirâmide.

O ouvinte Heródoto não anotava crédulo e admirado tudo o que lhe chegava ao ouvido, freqüentemente, com sua inteligência, fazia comentários mordazes. Enriquecia o que ouvia com informações próprias, em que separava a cada vez o que lhe tinham contado de seus próprios pontos de vista. Aqui está uma reportagem de uma testemunha ocular feita há 2.500 anos (2º. Livro de *Histórias*, capítulo 148).

Maior que a pirâmide?

"Eles (os doze reis) queriam também deixar um monumento coletivo, e por isso construíram o labirinto que fica um pouco acima do lago Moeris, mais ou menos próximo da chamada Cidade dos Crocodilos. Cheguei a vê-lo; ele supera todas as palavras. Se na Grécia se juntassem todas as muralhas e edificações semelhantes, não se teria gastado nelas tanto trabalho e tanto dinheiro como nesse labirinto. Lá está também o templo de Éfeso, de proporções semelhantes ao de Samos. As pirâmides certamente superavam qualquer descrição,

e cada uma delas supera muitas grandes obras dos gregos; o labirinto, no entanto, sobrepuja até mesmo as pirâmides. Ele tem doze pátios cobertos cujos portões encontram-se um em frente ao outro, seis ao norte, seis ao sul, todos bem próximos um ao lado do outro. Um único muro corre em volta de tudo. Há dois tipos de câmaras nestas construções, subterrâneas e na superfície, 3.000 ao todo, sendo 1.500 de cada tipo. Eu mesmo caminhei e observei as salas da superfície e falo por experiência própria; das câmaras abaixo da terra, somente ouvi falar. Pois os guardas egípcios não as quiseram mostrar de maneira alguma; eles explicaram que aí se encontravam os caixões dos reis que desde o princípio tinham construído esse labirinto, e os caixões dos crocodilos sagrados. E das câmaras inferiores, portanto, somente posso dizer o que ouvi; as superiores, que pude ver com meus próprios olhos, são uma obra verdadeiramente sobre-humana... No canto, ao final do labirinto, ergue-se uma grande pirâmide de quarenta braços de altura em que foram esculpidas figuras gigantescas. Uma passagem subterrânea leva ao interior da pirâmide... Mas o assim chamado lago Moeris, em cuja margem esse labirinto foi erguido, representa uma maravilha ainda maior... que ele é uma obra humana, e que foi cavado artificialmente, vê-se com clareza. Pois, mais ou menos no meio do lago, há duas pirâmides que se projetam cinquenta braços acima da água e que alcançam outro tanto até o fundo. Sobre ambas as pirâmides há uma colossal imagem de pedra, uma figura sentada em um trono..."

Indiscutivelmente a grande pirâmide de Gizé é a maior edificação da história egípcia, uma das sete maravilhas do mundo. Como pode Heródoto, que conheceu muito bem essa pirâmide, pois escreveu extensamente a respeito, falar de um labirinto que supera "qualquer descrição" e que "sobrepuja até mesmo a pirâmide?" Teria o sol egípcio afetado o cérebro do Sr. Heródoto? Não é a impressão que se tem, pois neste trecho do texto ele salienta exatamente quatro vezes sua condição de testemunha ocular: "...cheguei a vê-lo, ele supera todas as palavras... eu mesmo caminhei e observei as salas da superfície e falo por experiência própria... as superiores, que pude ver com meus próprios olhos... vê-se com clareza." O que

exerce boa impressão na descrição de Heródoto é a distância, a clara diferença entre aquilo que ele percebe admirado e aquilo que lhe foi relatado: "...das câmaras abaixo da terra, somente ouvi falar... e das câmaras inferiores, portanto, só posso dizer o que ouvi".

Segundo a descrição de Heródoto, esse labirinto deve ter sido uma superconstrução: basta imaginar 1.500 salas sobre a superfície da terra; além disso, "pátios cobertos" e "um único muro" que cerca esse complexo mamute. Gigantesco! Se não bastasse isso, há aí também um lago artificial enorme, do qual se projetam duas pirâmides.

Meu poder de imaginação vê-se bastante desgastado quando penso como uma construção tão portentosa pode ter desaparecido da superfície da Terra sem deixar rastros. Afinal de contas, ela ainda existia no outono do ano de 448 a.C. Pode-se argumentar que gerações posteriores teriam tornado a desfazer o complexo tijolo por tijolo para utilizá-los em outras edificações. Quem então? Na época de Heródoto e também depois o Egito não mais construiu nenhum edifício sensacional, a época da construção das pirâmides há muito tinha passado, os templos ruíam. Tampouco os romanos, cristãos e árabes que vieram depois realizaram algo de especial. Mas terá sido algo extravagante? Afinal, pode-se transformar monumentos suntuosos dos antepassados em casas e estradas, como se pode comprovar em todas as partes do mundo. Mas então onde estão essas casas egípcias de pedra, construídas com gigantescos blocos do antigo labirinto? Onde estão as superestradas feitas com blocos de cantaria adornados com cores brilhantes e guarnecidos com esculturas de deuses em profusão? Diz Heródoto sobre o interior do edifício maravilhoso:

Maravilha após maravilha

"Passear pelas salas e passagens a torto e a direito através dos pátios com suas cores múltiplas oferecia uma maravilha após outra. Sai-se dos pátios para os salões, dos salões para os pórticos, destes para outras câmaras e então novamente para outros pátios. Por toda parte está o teto de pedra, assim como as paredes; as

paredes estão cobertas de relevos, cada pátio cercado de colunas de mármore branco cuidadosamente encaixadas".

Os egípcios jamais eliminaram obras de arte desse tipo, luxuosas e adornadas "com paredes cobertas de relevos" para com seu material construir estradas ou casas. Na época dos Ptolomeus e dos romanos as tradições religiosas ainda eram muito respeitadas. Os romanos, por sua vez, não eram bárbaros. Seus historiadores teriam registrado a pilhagem e dilapidação de uma edificação maravilhosa e incomparável desse tipo. Não há nada a esse respeito nos registros. Teriam os maometanos destruído o labirinto? Teriam a partir dele surgido mesquitas ou a imensa cidade do Cairo? O cerne da atual cidade do Cairo desenvolveu-se a partir de um quartel militar em meados do século VII. Para tal não foram utilizados de forma alguma elementos de construção ricamente adornados ou especialmente grandiosos, e quando o sultão Saladin ordenou a construção da impressionante cidadela em 1176, havia muito que ninguém mais sabia qualquer coisa a respeito de um labirinto grandioso. Além disso não se trata apenas da desmontagem de uma obra arquitetônica incomparável ("...sobrepaja até mesmo as pirâmides", Heródoto), mas também do transporte de blocos de granito superdimensionados, colunas de mármore, "colossais imagens de pedra" (Heródoto), o que deve ser levado em conta. Transportes desse tipo, com todos os problemas organizacionais a eles ligados, foram executados no início e apogeu do reino dos faraós, depois nunca mais!

Teria sido o labirinto de Heródoto engolido pela areia? É possível, a areia já tragou antes pirâmides inteiras, e até mesmo a imponente esfinge de Gizé. Mas onde então, por todos os deuses egípcios, estão os 1.500 aposentos *sob* a terra com os túmulos dos doze reis de que fala Heródoto? Dizem que tenho uma fantasia fértil, que eu poderia imaginar até mesmo um palácio de contos de fadas das *Mil e uma Noites*. Os construtores de túneis daquela época não tinham nem dinamite nem modernos aparelhos de perfuração à disposição. Os 1.500 aposentos sob a terra eram presumivelmente guarnecidos com relevos e esculturas em profusão. Afinal, tratava-se de nada menos que dos túmulos de doze reis. Com o que eram iluminadas

1.500 salas subterrâneas? Qual sistema de ventilação foi utilizado durante a escavação? Com que imagens e inscrições estavam adornadas as paredes? A que profundidade encontravam-se os sarcófagos dos doze reis? Que mensagens de um passado longínquo aguardam nas 1.500 salas para que alguém as decifre? Sagrado Osíris, esse labirinto deveria deixar qualquer egiptólogo na maior excitação! Pois onde no mundo há algo que possa ser comparado a isso? Ainda que as 1.500 salas na superfície testemunhadas por Heródoto não mais existissem, necessariamente deveria ser possível localizar os restos do gigantesco muro, as fundações dos pórticos e talvez as grandes vigas dos impressionantes portões. As 1.500 salas inferiores deveriam, portanto, ser encontradas logo. Desde que o relato de Heródoto mexeu comigo, eu me pergunto como é que nenhum arqueólogo tentou alguma vez descobrir esse túmulo real multiplicado por doze. Por que essa falta de interesse? Por que a indiferença em relação a uma sensação emocionante?

Uma questão de crença?

Conheço as razões para esse desinteresse que beira a preguiça mental. Há arqueólogos que desconversam com o pretexto de que o relato de Heródoto não é digno de crédito; a maioria dos egiptólogos, no entanto, acha que o labirinto já foi descoberto há muito.

Gastou-se muita tinta a respeito da credibilidade de Heródoto, não apenas em tratadinhos acadêmicos de algumas páginas, mas em livros de conteúdo volumoso. Ora, concedo, a cada erudito que tratou de Heródoto seus louváveis esforços e sua integridade, mas ainda assim cada julgamento que se faz de Heródoto, permanece no fim das contas subjetivo, pois nenhum de nós o conheceu pessoalmente. Podemos apenas tirar conclusões indiretas a respeito de seu caráter. Teria ele a mania de ter sempre razão? Seria colérico? Meigo? Seria um ouvinte e anotador silencioso? Em polêmicas eruditas o Pai da História (Cícero) é considerado um aplicado coletor de material, um narrador amável, um amador

semiculto e até mesmo contador de fábulas. Louva-se sua "memória brilhante", e se critica "uma certa vaidade"⁴. O filósofo alemão Dr. Wilhelm Spiegelberg disse ainda no ano de 1926 que Heródoto teria transmitido as lendas egípcias tais como as tinha escutado, e sob esse ponto de vista "pode-se depositar nele total confiança"¹, e assim o erudito Kimball Armayor chegou no ano de 1985 à seguinte conclusão: "O labirinto de Heródoto nunca existiu na verdadeira história do Egito" ("*... is out of the questions in the real world of Egyptian history*").

O geógrafo Hanno Beck vê os feitos de Heródoto com mais benevolência:

"Como Heródoto não conhecia nem falava a língua dos povos que visitava, era inevitável que às vezes ocorressem com ele mal-entendidos e que, por outro lado, aqui e ali se introduzissem em sua obra exageros ou até mesmo dados incorretos. No todo, Heródoto se esforçou em exercer sua crítica sobre as notícias conseguidas".

Finalmente Friedrich Oertel, que escreveu um artigo fundamentado sobre a credibilidade de Heródoto, resumiu:

"O resultado é, portanto, que na descrição do Baixo Egito nada de sólido pode ser deduzido contra a credibilidade de Heródoto, ao contrário".

Para mim, após ter estudado algumas obras especializadas contra e a favor de Heródoto, ficou claro que os julgamentos negativos sempre recaem sobre os eruditos em questão. Parte-se do estágio atual do conhecimento. Como isso ou aquilo não foi provado *até hoje*, porque *hoje* não se pode imaginar isso ou aquilo, Heródoto tem de estar errado. Mas, então, o que significa nosso estágio de conhecimento frente a uma história de 5.000 anos? Lembro aqui um ditado chinês: "Todas as pessoas são inteligentes; umas antes, outras depois".

Heródoto não inventou seu labirinto com o lago artificial. No século I a.C. Diodoro da Sicília também escreveu a respeito (1º. Livro, capítulo 61):

Testemunhas oculares informam

"Após a morte desse rei os egípcios conquistaram novamente sua independência e colocaram um nativo no trono, Mendes, que alguns também chamam de Marrhos. Este, na verdade, não realizou nenhum feito guerreiro, mas construiu para si um monumento fúnebre, o assim chamado labirinto, que não era tão famoso pela grandiosidade da construção, e sim por seu valor artístico inimitável. De fato, quem penetra nele não encontra facilmente a saída se não tiver um guia perito ao seu lado. Alguns contam também que Dédalo teria vindo ao Egito, admirado a arte dessa obra e depois construído um labirinto para Minos, rei de Creta, semelhante ao do Egito, no qual está baseada a lenda do assim chamado Minotauro. O labirinto de Creta está totalmente desaparecido, seja porque algum governante o demoliu ou porque o tempo destruiu a obra; toda a edificação daquele que está no Egito, entretanto, permanece intacta até hoje."

Cinco capítulos depois Diodoro da Sicília conta a mesma história que Heródoto, sobre os doze reis e seu túmulo coletivo. Além disso, Diodoro afirma que o labirinto estaria localizado "na desembocadura do canal no lago Moeris". A arte da edificação, segundo Diodoro, tornava "qualquer superação impossível".

Quatrocentos e vinte e três anos após a morte de Heródoto, uma outra testemunha visitou o mesmo local: o geógrafo grego Estrabão (c. 63 a.C.-26 d.C.). Estrabão realizou grandes viagens que no ano 25 a.C. o levaram também ao Egito. A obra histórica de Estrabão se perdeu, entretanto foi conservada a maior parte de sua *Geographika* em dezessete volumes. No 17º. Livro, capítulo 37, Estrabão escreve: "O lago Moeris, devido a seu tamanho e profundidade, é portanto apropriado para recolher as águas que transbordam durante as enchentes do Nilo... nas duas embocaduras do canal, entretanto, há também comportas através das quais os engenheiros controlam a saída e a entrada das águas. Além disso, está aqui também o labirinto, uma edificação comparável às pirâmides, e ao lado o monumento fúnebre do rei que construiu o labirinto... lá há tantas salas palaciais cercadas por uma seqüência de colunas e dispostas

uma ao lado da outra, todas em uma fileira e todas contra uma parede... Diante das entradas há muitas passagens longas e cobertas e que formam caminhos retorcidos e emaranhados entre si, de forma que, sem um guia, é impossível a um estranho encontrar a entrada ou a saída de qualquer uma das salas do palácio.

O que é admirável, no entanto, é que o teto de cada um dos aposentos consiste em uma única pedra e que também a largura das passagens cobertas está revestida por placas de pedra de tamanho extraordinário, sendo que em parte alguma está misturada madeira ou qualquer outro material de construção. Quando se sobe ao telhado, que não se encontra a uma altura significativa, contempla-se uma superfície de pedra constituída de placas do mesmo tamanho... também as paredes foram erguidas com pedras de tamanho não desprezível. No fim... fica o túmulo quadrado, de cada lado uma pirâmide medindo cerca de quatro pletros, todas da mesma altura. O nome daquele que está sepultado lá dentro é Ismandes... Passa-se por essa construção e cem estádios adiante encontra-se a cidade de Arsinoe. Ela antigamente chamava-se Cidade dos Crocodilos... Nosso hospedeiro, um dos homens mais considerados, que nos mostrou os objetos sagrados que lá havia, foi conosco ao lago..."

Assim como Heródoto, Estrabão ficou profundamente impressionado com o tamanho e as portentosas placas de pedra do labirinto. Chama a atenção seu silêncio sobre as 1.500 salas sob a terra. E por quê? Estrabão encontra-se no Egito durante a época romana. No ano de 47 a.C. o imperador romano Caio Júlio César (100-44 a.C.) havia arrasado o exército egípcio e colocado sua amada Cleópatra como rainha do Egito. Dezesete anos depois — ou cinco anos antes da visita de Estrabão — o Egito foi declarado província romana. É claro como o sol que os sacerdotes egípcios nem em sonho pensaram em entregar seu antiqüíssimo conhecimento secreto aos conquistadores. A fúria de pilhagens de Júlio César e seu exército era temida também no Egito. É provável que os sacerdotes egípcios tenham se comportado exatamente como seus colegas de profissão na América Central e do Sul quando os conquistadores chegaram: os tesouros culturais foram escondidos. Já 423 anos antes de Estrabão, Heródoto não tinha obtido permissão para penetrar nas salas

subterrâneas, não é de admirar que Estrabão não tenha escutado nenhuma sílaba a respeito de túmulos subterrâneos. Ainda que grego, é claro que Estrabão provinha do detestado Império Romano, ao qual a Grécia pertencia.

Além disso, coisa que não pode ser salientada suficientemente, entre a presença de Heródoto no local e a visita de Estrabão há um período de quase meio milênio! Para comparar: a construção da catedral de Colônia foi iniciada em 1248; somente dois séculos depois a torre sul estava erguida até o andar do relógio, e o edifício atual só foi completado no ano de 1880. Quinhentos anos antes os arquitetos e engenheiros podiam, com certeza, dar informações sobre as catacumbas sob a catedral. Hoje, nenhum turista fica sabendo algo a respeito. A distância cronológica entre Heródoto e Estrabão estende-se por 423 anos! Isso não é nenhum instante! Os sacerdotes podiam informar a Heródoto, cheios de orgulho, que, ainda que ele visse apenas a metade da edificação, a outra metade encontrava-se igualmente imponente sob a terra. Nos tempos de Estrabão, ao contrário, ou os sacerdotes não sabiam mais nada sobre as salas subterrâneas, ou se calaram por razões políticas. É possível, também, que algum rumor a respeito dos túmulos reais sob o labirinto tenha chegado aos ouvidos de Estrabão, que entretanto não acreditou e por isso não os transmitiu.

Cem anos depois de Estrabão, o historiador romano Caio Plínio Segundo (61-113 d.C.) descreveu mais uma vez o labirinto egípcio. Novamente se fica sabendo de particularidades suplementares que nenhum de seus antecessores tinha registrado. Evidentemente os historiadores romanos dispunham de fontes que não eram acessíveis nem a Heródoto nem a Estrabão pois Plínio evoca Heródoto de maneira mordaz, onde se esforça em corrigir e completar este último (36? Livro da *História Natural*):

"Precisamos tratar também dos labirintos, essas estranhas criações do espírito humano, que, entretanto, não são inventadas, como se poderia imaginar. De fato, ainda agora um deles encontra-se na região heracleótica do Egito, que ao mesmo tempo é o mais antigo, tendo sido construído presumivelmente há 3.000 anos pelo rei Petesuchus ou Títoes, enquanto Heródoto diz que ele teria sido

construído por doze reis, tendo sido o último deles Psamético. Alega-se motivos distintos para sua construção... Não resta nenhuma dúvida de que Dédalo tirou desse labirinto o modelo para aquele que construiu em Creta, mas ele imitou somente a centésima parte dele... O labirinto de Dédalo foi, portanto, o segundo após o egípcio, encontrando-se o terceiro em Lemnos, o quarto na Itália. Todos foram construídos com pedras polidas abobadadas, o que me admira, embora de resto seu material consista em blocos de sienito, e mesmo séculos não puderam destruí-lo, ainda que Heracleopoliter tenha contribuído para destruir o seu, uma obra que odiava... (O labirinto) contém, além disso, o templo de todas as divindades egípcias, outras deusas da vingança em quarenta capelas, várias pirâmides de quarenta côvados cada uma, as quais cobrem com suas bases um espaço de seis acres. Agora já cansado de caminhar, chega-se àquelas passagens totalmente emaranhadas umas nas outras. Mas há também salas de refeição altas acima, e descendo-se noventa degraus chega-se a galerias abaixo que contêm colunas de pórfiro, imagens de divindades, estátuas de reis e todo tipo de formas monstruosas. Algumas das casas têm um dispositivo tal que ao abrir as portas para dentro ressoa um horrível trovão. Na maior parte do labirinto é preciso caminhar na escuridão. Do lado de fora dos muros encontram-se várias outras construções, que se chamam alas, mais longe há algumas casas em abóbadas subterrâneas".

Dentre todos os relatos antigos, o de Heródoto é o mais extenso. Na verdade é compreensível, pois entre todos os participantes Heródoto foi o primeiro a visitar o labirinto. Seu relatório de testemunha ocular e aquilo que os sacerdotes lhe contaram sobre o complexo subterrâneo são os mais remotos no que se refere ao decurso de tempo, ou, em outras palavras, é o que está mais próximo da realidade distante.

Ainda que os historiadores dêem nomes diferentes para os construtores do labirinto, eles são unânimes quanto aos pontos decisivos. O complexo de templos de pedras encaixadas fica às margens do lago Moeris, há canais artificiais, não muito distante fica a Cidade dos Crocodilos. As construções na superfície são "uma obra totalmente sobre-humana", os tetos "todos de pedra"

(Heródoto, Estrabão, Plínio), também as paredes consistem em placas de "tamanho extraordinário", e do telhado baixo avista-se uma "superfície de pedra constituída de grandes placas" (Estrabão). Não se utilizou madeira (Plínio, Estrabão), mas nas proximidades do labirinto há pelo menos uma, se não várias pirâmides (Heródoto, Estrabão, Plínio). Heródoto e Plínio mencionam "salas subterrâneas", embora Heródoto e Diodoro anunciem ainda duas pirâmides suplementares que se projetam do lago artificial. Finalmente só Plínio sabe alguma coisa sobre "imagens de divindades" e "todo tipo de figuras horríveis".

O que aconteceu com esse complexo arquitetônico lendário, com o qual os historiadores antigos se entusiasmavam tão efusivamente?

A grande maioria dos egiptólogos acredita que esse labirinto teria sido descoberto pelo famoso arqueólogo alemão Richard Lepsius (1810-1884), já no ano de 1843. Trata-se da pirâmide fúnebre do faraó Amenemhet III (1844-1797 a.C.), com as ruínas circundantes, que Lepsius localizou nas proximidades do atual oásis El Fayoum.

O arqueólogo feliz

Essa suposição confere? O que levou Lepsius a se convencer de que tinha descoberto o labirinto? Foram encontradas 1.500 salas subterrâneas?



A pedra de Roseta (hoje no Museu Britânico, em Londres) foi encontrada em 1799 por soldados durante a campanha de Napoleão. O bloco de basalto traz o mesmo texto em hieróglifos, bem como em letras demóticas e gregas.

Inspecionados os túmulos de doze reis? Teriam Lepsius e seus homens da Expedição Egípcia Real da Prússia encontrado "placas de pedra de tamanho extraordinário" ou uma "superfície de pedra de placas do mesmo tamanho" (Heródoto)? Teriam os escavadores encontrado "todo tipo de figuras horríveis" (Plínio) e "caminhos retorcidos e emaranhados entre si" (Estrabão)?

Nada disso foi localizado!

Richard Lepsius, filho de um administrador do Conselho de Naumburg, passava por ser o gênio incontestado entre os arqueólogos alemães. Ele era excêntrico, um possesso, entusiasmado, com a mania de sempre ter razão, cético e cabeça-dura, mas ao mesmo tempo um homem galante e charmoso com grande carisma. Em 1833 o jovem Lepsius chegou a Paris; Jean-François Champollion, que em 1822 tinha conseguido decifrar a escrita hieroglífica, morrera um ano antes. Embora Lepsius não pudesse ler os hieróglifos, o trabalho de Champollion o fascinava, e de forma intuitiva ele sentia que o trabalho de decifração de Champollion não podia ser perfeito. Lepsius iniciou uma correspondência com Ippolito Rossellini, um aluno de Champollion. Três anos depois, eles se encontraram em Pisa. No entretanto, Lepsius tinha aprendido a ler os textos hieroglíficos. Rapidamente ele se deu conta de que Champollion via nos hieróglifos apenas abreviações de palavras, que realmente resultavam em algo que fazia sentido, mas que de qualquer modo continuava sendo incompleto. Lepsius completou o trabalho de tradução de Champollion com um dado de conhecimento muito valioso: os hieróglifos não eram apenas abreviações, mas sim sinais de letras e sílabas ao mesmo tempo. Com uma objetividade encarniçada, Lepsius copiou e traduziu quase todos os textos hieroglíficos acessíveis na Europa.

Em 1841 vários amigos de Lepsius, entre eles Alexander von Humboldt, dirigiram-se a Sua Majestade, o rei Friedrich Wilhelm IV, para que ele, com sua larga visão e generosidade, financiasse uma expedição ao Egito. O chefe da expedição deveria ser Richard Lepsius, que, no entretanto, já havia editado várias publicações sobre o Egito. Sua Majestade deixou-se convencer. Em agosto de

1842 a Expedição Egípcia Real da Prússia embarcou em Hamburgo. Entre os participantes encontravam-se também um pintor, um desenhista, um especialista em estuque, bem como dois arquitetos. Além disso, trinta caixas com material. Os prussianos não perdiam para ninguém em generosidade.

Chegando ao Egito, Lepsius foi recebido pelo vice-rei, que o munuiu de algumas cartas brancas e chegou até mesmo a pedir-lhe expressamente que presenteasse o rei da Prússia com todas as descobertas que Lepsius considerasse valiosas. A catalogação de antigüidades ainda não tinha começado no Egito, um Auguste Mariette ainda não tinha subido ao palco, os europeus faziam no Egito o que bem entendiam. E assim, no decorrer dos anos, Lepsius despachou duzentas caixas com preciosidades arqueológicas para Berlim, de cujo conteúdo os egípcios de hoje gostariam muito de recuperar algumas coisas. Discreto é que ele não era, esse Richard Lepsius. Para o aniversário do rei ele fez com que se hasteasse a bandeira prussiana na pirâmide de Quéops, e nas passagens da pirâmide ressoava o hino nacional prussiano. Sob ordens de Lepsius, trabalhadores egípcios carregaram achas de madeira até as pontas das três grandes pirâmides, às quais foi ateado fogo na noite de Natal de 1842 ao som de *Noite Feliz*. Em seu livro bem-humorado *As Maiores Aventuras da Arqueologia*, Phi-lipp Vandenberg escreve:

"E aqui estava ele: Richard Lepsius, líder de expedição por obra e graça de Friedrich Wilhelm, de terno escuro, uma vela na mão, desejando feliz Natal para todos os lados. No sarcófago do rei Quéops... havia uma pequena palmeira, em suas folhas brilhavam velas".

Lepsius era também um homem de sentimentos, e além disso sabia cantar! — para admiração de toda a cidade do Cairo.

O que encontrou a Expedição Egípcia Real da Prússia?

Em maio de 1843 a Expedição Real da Prússia deixou Gizé. Lepsius tinha um novo alvo em vista: o labirinto. Ele conhecia as tradições de Heró-doto, Estrabão e outros, e também sabia muito bem onde ele podia estar localizado. Como foi isso?

Cento e vinte quilômetros a sudoeste do Cairo estende-se em meio ao deserto uma região verdejante: o oásis de Fayoum. Há milênios a paisagem rica em vegetação está ligada ao Nilo por um canal, o Bahrjusuf (Canal de José). Vinte e cinco quilômetros a noroeste da cidade de El Fayoum fica o pouco profundo lago Karun, que muitos arqueólogos presumem ser o lago Moeris de Heródoto. Há 3.700 anos o faraó Sesóstris II (1897-1878 a.C.) mandou construir uma pirâmide nessa paradisíaca paisagem verdejante, cercada por rochas e dunas de areia ressequidas.

Ora, Diodoro da Sicília tinha transmitido a informação de que o construtor do labirinto se chamava Mendes, "que alguns chamam também de Marrhos". Em Mâneto o mesmo governante chama-se "Lamare", e Plínio chega a relacionar o nome do personagem com o nome "Moeris". Esse era o nome do lago. Mas "Marrhos" é ao mesmo tempo o nome adotado por Amenemhet III (1844-1797 a.C.) quando ascendeu ao trono, e exatamente este faraó tinha transferido sua residência de verão, juntamente com sua pirâmide, para Hawara, que está a quarenta quilômetros de distância das margens do (atual) lago Karun. Além disso, a antiga capital do oásis Fayoum chamava-se "Krokodeilon Polis", a Cidade dos Crocodilos. Ela foi um dia o centro do culto em honra do deus-crocodilo Sobek. Era fácil juntar as idéias: o labirinto tinha que estar nas proximidades da Cidade dos Crocodilos, o construtor do labirinto chamava-se "Marrhos", e esse foi exatamente o nome adotado por Amenemhet III ao assumir o trono. Este faraó, por sua vez, tinha construído para si uma pirâmide no oásis Fayoum. Conseqüentemente era preciso procurar o labirinto nas proximidades dessa pirâmide. Logo...

Lepsius não foi o primeiro a pesquisar a região do oásis de Fayoum em busca do labirinto. Já em 1714 o viajante e pesquisador francês Paul Lucas tinha armado uma tenda às margens do lago Karun porque supunha que aí tinham que ser avistados os restos das duas pirâmides cujas pontas projetavam-se das águas nos tempos de Heródoto. Após Lucas ter examinado os barcos frágeis e esburacados com os quais os pescadores queriam levá-lo para dar uma volta pelo lago, ele abandonou suas intenções.

Em janeiro de 1801 o Dr. P. D. Martin, um engenheiro do exército de Bonaparte no Egito, cavalejou através do deserto até o oásis Fayoum. Os beduínos ficaram impressionados com o esforço físico despendido pelo Dr. Martin, e foram solícitos em lhe dar informações. Mas ele não encontrou o labirinto.

Em 1828 o rei francês Carlos Filipe X(1757-1836) contratou o diligente tradutor dos hieróglifos, Jean-François Champollion, para chefiar uma expedição ao Egito. O sensível e altamente inteligente Champollion procurou o labirinto no oásis de Fayoum em vão.

Finalmente, um ano antes de Lepsius, uma equipe de pesquisadores franceses descobriu a pirâmide de Amenemhet III. Lá havia até mesmo algumas muretas e pequenas colunas quebradas em volta, mas quanto aos restos de um gigantesco complexo de edificações, não havia nem sinal.

Após sua vitória em Antioquia, Júlio César, em 2 de agosto de 46 a.C., anunciou a Roma as três famosas palavras: *Veni — vidi — vici!*: "Vim — vi — venci!" Foi exatamente assim com Richard Lepsius. Ele veio, viu e venceu. Completamente convencido, ele anotou logo após a chegada:

"A 19 de maio de 1843 nós prosseguimos, e no dia 23 acampamos em Fayoum sobre os escombros do labirinto. O local em si já tinha sido presumido corretamente há muito; e logo à primeira vista não nos restava nenhuma dúvida".

A parcialidade de Lepsius fica ainda mais evidente nas cartas que enviou à distante Berlim:

"Aqui estamos nós desde o dia 23 de maio, do lado sul da pirâmide de Moeris, acampados sobre as ruínas do labirinto. Pois o fato de que tínhamos todo o direito de utilizar essa designação foi constatado por mim à primeira vista, assim que dei uma olhada superficial em toda a região. Não acreditava que nos seria tão fácil chegar a tal convicção".

Com essas frases o labirinto de Heródoto foi dissecado, catalogado e engavetado pela ciência, embora a uma observação mais atenta absolutamente nada coincidissem com o relato dos historiadores antigos. Lepsius convocou homens e crianças das aldeias circundantes: "Eles têm seu supervisor, e traz-se pão para eles; a

cada manhã eles são contados, e a cada fim de tarde, pagos; cada homem recebe uma piastra, cerca de dois vinténs de prata, cada criança a metade, e às vezes também trinta *para* quando foram especialmente esforçadas". Cada homem tinha que trazer um ancinho e uma cesta trançada, para as crianças uma cesta baixa bastava. Lepsius fez com que se cavassem buracos em cinco lugares diferentes ao mesmo tempo. Os homens enchiam as cestas, os velhos e crianças levavam o entulho. A procissão de cestas era controlada por supervisores, que ainda animavam as assíduas formigas a cantar.

Alguns dias depois Lepsius já tinha desobstruído um lugar com restos de colunas de granito e calcário, que brilhavam "quase como mármore". Em Heródoto elas eram "colunas de mármore branco cuidadosamente encaixadas". O entusiasmado prussiano, como ele mesmo diz, encontrou "centenas de câmaras justas e sobrepostas, pequenas, muitas vezes minúsculas, ao lado de maiores e grandes, sustentadas por pequenas colunas... sem qualquer regularidade de entradas e saídas, de forma que a descrição de Heródoto e Estrabão no que se refere a isso corresponde perfeitamente".

E mesmo?

Arqueólogos contra historiadores

Então onde estão "as paredes cobertas de relevos" (Heródoto)? Onde os "caminhos retorcidos emaranhados entre si" (Estrabão)? Onde os tetos que em cada aposento "consistiam em uma pedra", onde as "passagens cobertas com placas de uma pedra de extraordinário tamanho" (Estrabão)? Lepsius desenterrou câmaras pequenas e "muitas vezes minúsculas" — enquanto Heródoto, ao contrário, caminhou por "salões, dos salões para pórticos, destes para outras câmaras e então novamente para outros pátios". Heródoto e seus seguidores não dizem nada a respeito de abaixar-se e arrastar-se.

Quanto ao conjunto do complexo, Lepsius observou:

"A disposição do todo foi feita de tal modo que três blocos maciços de edificações, com trezentos pés de largura, circundam uma praça

retangular com seiscentos pés de comprimento e seiscentos de largura. O quarto lado, um dos estreitos, é limitado pela pirâmide que fica atrás, que tem trezentos pés na aresta da base e não chega a tocar as alas laterais daqueles blocos de edificações".

Como é que isso se combina com os "doze pátios cobertos" de Heródoto? Com as "gigantescas figuras esculpidas"? Com a "obra inteiramente sobre-humana"? Lepsius confirma pessoalmente que nas ruínas "de grandes massas de salas... nem uma única inscrição" foi encontrada. Heródoto ficou boquiaberto diante de "paredes cobertas de relevos". Para Lepsius, a praça central "estava dividida em duas metades por um longo muro", enquanto Heródoto descreve que "um único muro circunda tudo". Há 2.000 anos Plínio tinha anunciado: "...descendo-se noventa degraus chega-se às galerias abaixo". Noventa degraus? Isso é bem fundo. Calculando-se um degrau com apenas vinte centímetros de altura, as galerias deveriam estar dezoito metros abaixo do chão (daquela época!). Não há o menor indício deles em Lepsius. "Mais longe há algumas casas em abóbadas subterrâneas", escreve Plínio. Em parte alguma, por todos os deuses-crocodilos, Lepsius encontrou "casas em abóbadas subterrâneas". Túmulos ou sarcófagos de qualquer faraó mítico não foram de forma alguma encontrados pela Expedição Egípcia Real da Prússia. *Sic transit gloria mundi*. (Assim se esvai a glória do mundo!) A idéia fixa de que a pirâmide de Amenemhet III seria aquela sob a qual se encontrava o labirinto era errada desde o início. Se Lepsius, mantendo a lucidez, — não tivesse "dado uma olhada superficial" (Lepsius) na situação, é de se presumir que ele também se teria dado conta disso. Lindo, o nome "Marrhos", que Diodoro da Sicília menciona, é ao mesmo tempo o nome de trono de Amenemhet III, mas por que, com todos os diabos, ele se aferrou a esse nome? Afinal os historiadores antigos enumeram outros nomes totalmente diferentes desse "Marrhos" quando se trata do construtor do labirinto. Aqui está a lista de nomes:

Heródoto: doze reis, sendo entre eles nomeado Psamético, "que governou o Egito por 25 anos".

Diodoro: Mendes ou Marrhos, além disso Psamético de Sais, bem como Moeris.

Plínio: Petesuchus ou Thitoes, além de Motherudes e Moeris.

Mâneto: Lamares.

É incompreensível o porquê de "Marrhos", aliás Amenemhet III, valer mais que os outros. Os fatos exigem que se negue ter sido ele o construtor do labirinto. As provas são inequívocas.

Contradições em série

Compare com a testemunha ocular Heródoto: "No canto ao final do labirinto ergue-se uma grande pirâmide de quarenta braços de altura em que foram esculpidas figuras gigantescas". Estrabão dobra a parada: "No fim... quadrado, de cada lado uma pirâmide medindo cerca de quatro pletros... passa-se por essa construção..."

Segundo Heródoto, as pirâmides tinham um comprimento lateral de 71 m, segundo Estrabão, de 120 m. A pirâmide de Amenemhet III em Hawara, no entanto, mede apenas 106 m de comprimento lateral. Nenhum dado confere. Heródoto e Estrabão são unânimes em que essa pirâmide ficaria "em um canto" no fim do labirinto. Não é o caso em Hawara. A pirâmide de Amenemhet III não fica em nenhum canto, e sim no mesmo eixo que as ruínas do templo. A testemunha ocular Heródoto viu "figuras gigantescas" que foram "esculpidas" na pirâmide. Isso é completamente impossível na pirâmide de Hawara, pois ela foi construída com tijolos de barro. Não se pode esculpir figura alguma em tijolos de barro seco, quanto mais figuras "gigantescas".

Imagine um paradoxo desses: todas as testemunhas históricas descrevem o labirinto como sendo uma obra prodigiosa "coberta de relevos", uma "obra totalmente sobre-humana" (Heródoto), uma "superação é impossível" (Diodoro), de placas gigantescas "de tamanho extraordinário" (Estrabão) com "grandes blocos de sienito" (Plínio). (Sienito é uma pedra calcária semelhante ao mármore.) E então — o que é inconcebível! — o mesmo Amenemhet III que expôs ao mundo admirado essa obra suntuosa constrói para si mesmo uma pirâmide fúnebre feita com o material de construção mais barato, vagabundo e quebradiço? De tijolos de barro! Isso não bate de jeito nenhum. *Facía loquuntur* — os fatos falam por si mesmos!

Todos os faraós orgulhavam-se de seus feitos. Em placas e inscrições, os senhores do Nilo proclamavam para a posteridade quais templos eles tinham mandado construir ou restaurar. Tivesse sido Amenemhet III o construtor do labirinto ("supera até mesmo as pirâmides", Heródoto), e inscrições iriam louvar esse fato incomparável, elogiar o faraó e cobri-lo de honras. Não existe nada disso. Lepsius encontrou em uma câmara e em fragmentos de colunas placas onde se podia ler o nome "Amenemhet III". Disso ele tirou a conclusão correta: "O construtor e proprietário da pirâmide está portanto confirmado". Quarenta e cinco anos depois de Lepsius, o arqueólogo britânico Sir Flinders Petrie (1853-1942) descobriu no interior da pirâmide o sarcófago intacto de Amenemhet III e de sua filha. A câmara mortuária consistia em um único bloco de quartzito amarelo que estava apoiado no chão. Sobre a câmara mortuária, estavam três pesadas placas de quartzito com 1,22 m de espessura, suficientes para sustentar os tijolos de barro acima. Finalmente operários que trabalhavam no canal nas proximidades da pirâmide encontraram ainda uma estátua de pedra calcária representando Amenemhet III sentado. Em todas essas descobertas nenhum pequeno hieróglifo dá a menor indicação de que Amenemhet III teria mandado construir o labirinto. Flinders Petrie encontrara a câmara mortuária de Amenemhet III intocada. É absolutamente impensável que o faraó que lá se encontrava não fosse festejado como o genial contratante do labirinto. Nenhum faraó teria deixado passar essa página de glória!

É bastante curioso que o mesmo Amenemhet III mandasse ainda construir em Dahschur, 20 km ao sul do Cairo, uma segunda pirâmide. Popularmente ela é chamada de "a pirâmide negra", porque foi erguida com tijolos de barro do Nilo, que é cinza-escuro. A pedra de 1,40 m de altura que conclui essa pirâmide, o chamado Pyramidion, é de granito negro e pode ser admirada hoje no Museu Egípcio do Cairo. Sob as asas protetoras do deus Hórus os hieróglifos da pedra atestam a construção original de autoria do engenheiro-chefe de Amenemhet III. Não se comenta em parte alguma que ele tenha também encomendado o fenomenal labirinto. Há poucos anos, arqueólogos do Instituto Arqueológico Alemão, no

Cairo, descobriram perto do já descoberto sarcófago vazio de granito rosa dois sarcófagos suplementares de mulheres de Amenemhet III. Tampouco aí existe alguma inscrição indicando que seu senhor e soberano teria sido ao mesmo tempo o construtor do incomparável labirinto.

Livros sobre o Egito, escritos por arqueólogos sensatos e sagazes, converteram-se em minha leitura diária nos últimos anos. Em todas essas obras a pirâmide de Amenemhet III em Hawara é apontada como sendo a edificação sob a qual se encontra o labirinto. A descoberta do labirinto por Lepsius também é mencionada em toda parte. É como se os eruditos subissem uma escada em caracol sem dar voltas nela. Um recebe o absurdo do outro. Além disso sabe-se hoje que toda uma série de câmaras e muretas que Lepsius escavou com sua procissão de formigas cantantes são, na realidade, da época grega e romana! Amenemhet III foi unicamente o construtor da pirâmide de tijolos de barro e de alguns templos localizados nas proximidades — tudo isso tem tão pouco em comum com o labirinto quanto a *Quinta Sinfonia* de Beethoven com a parada de sucessos. Se os restos arqueológicos não combinam de forma alguma com a descrição dos antigos historiadores, a localização geográfica é verdadeiramente grotesca.



O Pyramidion, a pedra final da ponta da pirâmide negra de Amenemhet III, no Museu Egípcio do Cairo.

Um lago evaporado

Heródoto afirma que labirinto e pirâmide ficavam às margens do lago Moeris. Ele descreve esse lago como uma "obra maravilhosa" criada por mãos humanas "com um perímetro de 3.600 estádios... e em seu comprimento comparável até mesmo à costa marítima do Egito". Calculado em medidas atuais, o lago de Heródoto teria de ter 640 km de circunferência. Para comparar: o lago de Constança tem uma circunferência de 259 km. Destes, 160 km de margem correspondem à Alemanha, 72 km à Suíça e 27 à região austríaca (superfície: 538,5 km²). O lago Moeris, de Heródoto, teria de abranger mais que o dobro que o lago de Constança.

É possível que Heródoto tenha se deixado ludibriar pelos números exagerados dos egípcios; é possível, também, que os dados numéricos tenham sido traduzidos erradamente do egípcio para o grego. Números a mais ou a menos, o labirinto, juntamente com a pirâmide, ficava por assim dizer no passeio à beira-mar, pois Estrabão também salienta o tamanho do "mar de Mórís" e afirma: "... passa-se de barco por essa edificação (a pirâmide) ..." O mesmo Estrabão deve ter estado muito pessoalmente lá, pois escreve: "Nosso hospedeiro, um dos homens mais conceituados... foi conosco até o lago". Finalmente um sacerdote, na presença de Estrabão e do hospedeiro, alimentou um indolente crocodilo sagrado que cochilava na beira do lago e que era demasiado preguiçoso para comer o pão que lhe tinha sido trazido.

No capítulo 51 de seu 1º. Livro, Diodoro da Sicília entra em mais detalhes a respeito desse lago artificial:

"Dez gerações humanas após o já mencionado rei, Mórís assumiu o governo do Egito e construiu em Mênfis os átrios ao norte... Dez *schoinen* adiante acima da cidade ele mandou também que se cavasse um lago, de extraordinária utilidade e tamanho totalmente inacreditável. De fato, seu perímetro deve ter atingido 3.500 estádios e a profundidade em quase todos os lugares cerca de cinquenta braças. Quem portanto, ao meditar sobre a grandiosidade dessa

obra, não se perguntaria quantos milhares de homens e quantos anos foram empregados no trabalho?"

No capítulo seguinte Diodoro, exatamente como Heródoto, afirma que o ingresso da água no lago seria regulado por comportas maciças que eram abertas ou fechadas de acordo com a altura das águas do Nilo.

Labirinto, pirâmide e lago formam um conjunto. Como foi noticiado por geólogos, nunca existiu um lago próximo à pirâmide de Hawara. Isso pode ser comprovado por sedimentos no subsolo. Além disso o lago não combina com a região de Hawara por duas outras razões. A pirâmide de Amenemhet é feita de centenas de milhares de tijolos de barro. O barro não agüenta a água de maneira alguma, as fundações da pirâmide amoleceriam. As salas e câmaras que Lepsius desenterrou teriam sido inundadas pelo lençol de águas subterrâneo, o que quer dizer que seria necessário calafetá-las para que a água do lago não penetrasse. E quanto a muros de isolamento à prova d'água, nada foi encontrado em Hawara.

Hoje, 25 km a noroeste da cidade de El Fayoum, fica o raso lago Karun. Mas este não pode ser nunca idêntico ao lago Moeris dos antigos historiadores. Não apenas por ele estar a 40 km de distância em linha reta da pirâmide de Hawara, mas também porque ele é um lago natural, não sendo alimentado por canais artificiais. O lago Karun, cercado em três lados pelo deserto escaldante, e em um lado por um pouco de vegetação e alguns hotéis turísticos, a cada enchente torna-se mais profundo que o mar. Lepsius já tinha reconhecido isso:

"Quando o Nilo está alto e há grande afluência de água, ele sobe mais; no entanto, é muito profundo para deixar que reflua uma única gota de água que flua para ele. Seria preciso que toda a província fosse sepultada sob a enchente antes que essa pudesse encontrar o caminho de volta ao vale... O espelho de Birquet ei Qorn (= lago Karun) está agora 70 pés abaixo do ponto da desembocadura do canal, e não pode nunca ter subido muito acima disso. Isso é comprovado por antigas ruínas de templos que se encontram em suas margens. Tampouco são corretas as informações de que o

labirinto e a capital Arsinoe, hoje Medinet el Faium, se encontrariam em suas margens".

Apesar desses fatos, Lepsius permaneceu aferrado à localização de seu labirinto. Juntamente com três colaboradores, ele tinha visto os restos de uma represa que considerou serem o aterro do lago Moeris construído artificialmente. Até mesmo as ruínas de duas edificações, que a princípio pensava-se serem as duas pirâmides que Heródoto viu projetarem-se das águas do lago Moeris, foram pesquisadas por Lepsius. Após uma curta escavação, ele constatou, resignado: "Pelo menos depreende-se daí que elas nunca estiveram no lago..."

Alguém como Lepsius, que se esforça convulsivamente para levar o labirinto a Hawara num passe de mágica, teria também que tropeçar nos dados sobre distâncias mencionados por Heródoto. Diodoro da Sicília escreveu que o rei Moeris teria mandado escavar o lago artificial "dez *schoi-nen* adiante acima da cidade de Mênfis". Isso seria aproximadamente a altura de Dahschur, ou uns bons setenta quilômetros em linha reta a nordeste de Hawara. Estrabão descreveu o lago como sendo uma gigantesca superfície de água com praias, comparável ao mar. Heródoto, por sua vez, constatou no quarto capítulo de seu 2º. Livro:

"A terra que existe atualmente ao norte do lago Moeris não se projetava dele naquela época, enquanto agora leva-se sete dias de viagem subindo a corrente até se chegar ao lago Moeris".

Finalmente o Pai da História (Cícero) dá ainda, no capítulo 150 do mesmo livro, uma última indicação geográfica:

"Os nativos contam uns para os outros que o lago teria uma saída subterrânea para o Syrte líbio, que se dirige para oeste terra adentro ao longo das montanhas acima de Mênfis".

"Não são as coisas que confundem os homens, mas as opiniões a respeito das coisas" (Eurípedes, escritor de tragédias grego, 480-407 a.C.).

Inspeção no local

O motorista de táxi riu quando me viu sair do hotel com a câmara pendurada. Nós nos conhecíamos, pois eu tinha contratado o mesmo chofer nos dias anteriores. Isso me poupava não apenas a luta diária com a concorrência que aguarda em bandos diante de todos os hotéis do Cairo, mas também ficar irritantemente pechinchando o preço da corrida diária. O motorista sabia em que pé estava comigo, e eu, vice-versa. Além disso seu carro negro, um modelo americano antigo, estava em ótimo estado, um argumento que conta muito no Egito, pois rapidamente se abandonam as ruas e tem-se que percorrer pistas no deserto e caminhos de terra. Kamal — assim se chamava o meu chofer — tinha estudado egiptologia durante quatro anos na Universidade do Cairo. Agora ele levava turistas porque isso lhe rendia mais dinheiro que um trabalho burocrático acadêmico. Falava sofrivelmente inglês e também sabia como manter os importunos vendedores de *souvenirs* fora do meu encaixo — um benefício muito especial quando se sabe que a maioria dos guias e vendedores se conhecem entre si e que, após uma boa venda, o motorista não sai de mãos vazias.

Fomos pela avenida principal, lotada de veículos sacolejantes e malcheirosos, que leva a Gizé; passamos pelas grandes pirâmides e prosseguimos na direção sudoeste deserto adentro. A longa estrada de 106 km que leva ao oásis Fayoum parece ter sido traçada a régua e é asfaltada; à direita e à esquerda da pista cinza-escura automóveis isolados enferrujam, e as carrocerias de ônibus e caminhões depenados lançam sombras horripilantes na areia. O tempo sempre vence.

— O que o senhor está procurando lá fora? — Kamal tinha perguntado.

— Eu quero apenas chegar à pirâmide de Amenemhet III em Hawara.

— Não vale a pena — Kamal resmungou com ar de especialista —, nada de especial, apenas tijolos secos.

— Eu sei, mas eu quero ir até lá assim mesmo! Kamal tornou a rir.

— Todos vocês são um pouco ingênuos, se o senhor me permite. Nenhum egípcio visita a pirâmide de Hawara de livre e espontânea vontade.

Na verdade esta palavrinha, "oásis", não se aplica a Fayoum, pois o "oásis" através do canal Bahr Jusuf depende inteiramente do Nilo, o "oásis" de mais de 4.000 km² não tem produção própria de água. Apesar disso mantenho a denominação oásis, pois água no deserto é sempre um oásis para nós, de onde quer que venha o líquido doador de vida. Por um instante passou por meu cérebro um pensamento: Heródoto. Heródoto somente poderia ter ido de Gizé a Hawara a camelo. Uma viagem de dois dias. Nós que vivemos hoje alcançamos a periferia do oásis em duas horas. Benditos sejam os camelos motorizados!

A frutífera região de Fayoum, cercada em toda a volta pelo deserto, é irrigada por 324 canais com um comprimento total de 1.298 km. A isso, segundo dados oficiais, acrescentam-se ainda 222 regos de água com 964 km¹⁴.

Do rádio do carro soava uma prece, o chantre recitava, a multidão murmurava. Embora estivesse dirigindo, Kamal inclinou-se três vezes sobre a direção.

— Trata-se da água — ele esclareceu depois. O xeque el-Azhar, o mais importante religioso sunita, tinha instado para que os crentes implorassem pedindo água a Alá. O verão de 1988 foi o sétimo ano de seca no altiplano da Etiópia. Sem chuva não há água do Nilo, sem água do Nilo os canais tornam-se lamacentos, e sem canais não há campos cultivados.

— O Egito tem, no entanto, a represa Nasser em Assuan. Acho que ela regula a água do Nilo — eu disse com simpatia.

Kamal riu novamente, como sempre fazia, só que desta vez o riso fora causado por minha ignorância.

— O nível da água na represa baixou 25 m nos últimos anos. Se nos próximos dois meses não chover no Sudão ou na Etiópia, as turbinas terão de ser desligadas. Isso é ruim para tudo o que depende de eletricidade!



Ainda hoje as crianças se banham nos canais cuja água imunda está infestada de büharzias.

E então a enxurrada do Nilo não pode alimentar os milhares de canais à direita e à esquerda da corrente. Os campos secam. O senhor sabe o que isso significa para 53 milhões de egípcios?

Eu fazia uma idéia. Desde tempos imemoriais todo o país depende de uma única fonte de água. A cada vez são irrigados 2,6 milhões de hectares de campos que anualmente absorvem 49,5 bilhões de metros cúbicos de água. A isso acrescenta-se um consumo de água potável de 3,5 bilhões de metros cúbicos por ano. Quem quer que tenha sido o faraó X, que ordenou a criação do lago Moeris, de Heródoto, ele foi necessariamente um governante de larga visão.

Após 90 km de percurso, surgiu o primeiro verde à margem da estrada. Comerciantes tinham se instalado ali; eles acenavam, estendiam para nós buquês de rosas, cebolas trançadas em guirlandas e perus vivos. Depois de uma curva, o primeiro canal. Crianças chapinhavam alegremente na sopa que se arrastava por ele. Pedi a Kamal que parasse; ele não ria mais. Seu rosto assumiu uma expressão obstinada.

— Bilharzia? — eu perguntei.

Kamal assentiu.

Os canais estavam infestados de büharzias, que são vermes microscópicos, parasitas do sangue do homem e dos animais, cujo

nome foi dado pelo médico alemão Theodor Bilharz (1825-1862). Ele foi o descobridor do agente patológico que penetra na circulação sangüínea através da pele.

Esses vermes mortais alojam-se no fígado, causando enfermidades nesse órgão, no intestino e no aparelho genital, as quais levam inexoravelmente à morte. Hoje já existem remédios contra a bilharziose, também conhecida no Brasil por esquistossomose. Trabalhando em conjunto com a Organização Mundial de Saúde, o governo egípcio vem lutando há anos contra essa pérfida doença. Os agentes se reproduzem de maneira explosiva nas margens imundas dos canais, onde a água fica quase parada.

— Por que se permite que as crianças se banhem aqui? Kamal balançou a cabeça.

— Há campanhas de esclarecimento na televisão, no rádio, nas escolas e até mesmo nas revistas em quadrinhos. Apesar disso, muitos camponeses não acreditam no risco que estão correndo. Eles confiam em Alá.

Eles temem a Deus, honesta e modestamente, esses camponeses diligentes e suas famílias, que ano após ano passam seus dias nos campos planos e escaldantes. Planta-se algodão, e na estação produz-se também feijão, milho, arroz, pepinos, batatas, cebolas, alho, couve-flor e melancias. Quase não se vêem máquinas colheitadeiras, as costas curvadas de mulheres e crianças são mais baratas. Grupos de palmeiras produzem sombra, cada parte da palmeira, do tronco até as fibras, é aproveitada. Diante das casas de barro sentam-se mulheres tecendo cestas, outras modelam travessas, lâmpadas e figuras, delicadas mãos de crianças pintam os produtos em cores brilhantes. O tempo aqui permanece parado. Kamal apontou para a frente.



— Essa é Medina, a capital do oásis; hoje ela é chamada cada vez mais apenas de "the Fayoum". Antigamente ela teria se chamado Cidade dos Crocodilos.

— Teria?

Kamal virou-se, riu novamente, esquecidas as crianças que se banhavam, esquecida a bilharziose.

— Ela se chamou uma vez Cidade dos Crocodilos, isso se sabe com certeza. Mas é claro que por Cidade dos Crocodilos qualquer um se refere ao lugar que é mencionado pelos escritores antigos: a Cidade dos Crocodilos à margem do lago Moeris.

— E... esta não era ela?

Meu motorista de táxi versado em arqueologia deu de ombros, torcendo os cantos da boca num sorriso irônico:

— No antigo Egito existiram várias Cidades dos Crocodilos, e em cada templo um pouco maior, do delta do Nilo subindo até Assuam, o crocodilo era adorado de alguma maneira. Aqui em Fayoum cada aldeia, por assim dizer, tinha um centro de crocodilos. É difícil determinar de que Cidade dos Crocodilos Heródoto estava realmente falando.

Isso não tornava a coisa mais fácil, eu pensei.

Lentamente nos desviávamos de aglomerações humanas, e ultrapassamos um caminhão carregado com camelos. Os animais também se tornaram mais comodistas! Kamal parou o carro.

— O senhor deveria ver isso, já que está aqui! — disse ele.

Em um canal que corria pelo meio da cidade rodavam morosamente quatro enormes rodas-d'água de cor castanho-escura. Elas rangiam, estalavam, guinchavam, gemiam como se 100.000 espíritos ocultos se lamentassem sob os açoites dos escravos. As rodas giram sempre, elas são o único moto-perpétuo que vi em minha vida. Fiquei sabendo que há cerca de duzentas rodas-d'água desse tipo no oásis de Fayoum. A água é levada para vários canais e elevada de nível pelas rodas, e tudo isso sem eletricidade ou qualquer outro tipo de energia artificial. O fluxo da água é a única fonte de energia. Nas grandes rodas, que comprovam um excelente artesanato, são colocadas simples pás largas que a cada volta mergulham na água.

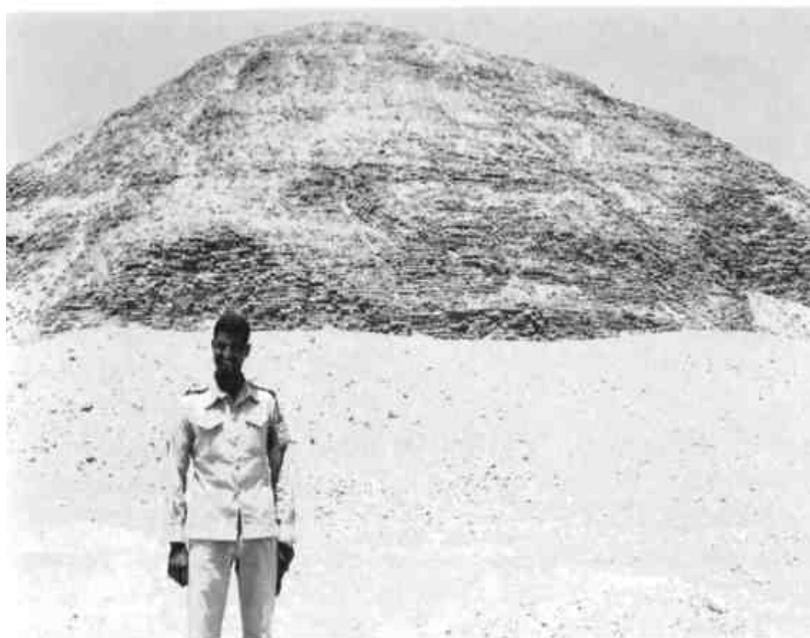
A roda tem que girar forçada pela corrente. Junto com as pás há ainda em cada roda alguns baldes que ao mergulhar enchem-se de água e a cada volta a levam para um canal situado mais acima. A altura máxima desse elevador de água eterno depende do perímetro da roda. É espantoso a que idéias geniais chegou o espírito criativo humano já há milênios!

Cerca de 10 km em direção ao sudeste, justamente atrás da pequena aldeia de Hawara, ergue-se o monte cinza-escuro da pirâmide de Amenem-het III. De longe ela me fazia lembrar mais um pudim entornado achatado em cima com algumas depressões. Eu estava livre de preconceitos, e presumivelmente teria dado pulos de alegria se em volta da pirâmide pudesse avistar um indício, por menor que fosse, de um labirinto. Mas quando chegamos ao abrigo onde um policial solitário despertou sobres-saltado à nossa chegada, eu deparei com uma placa margeada de negro enfiada no chão: "Labirinto", podia-se ler lá, e "305 x 244 m/3.000 *rooms*". Das ruínas desses "3.000 *rooms*" não havia nem sinal.

Fucei em volta por algumas horas, trepei em pequenas muretas da época ptolomaica e romana, iluminei buracos e poços com minha potente lanterna, procurei com poucas esperanças "paredes cobertas de relevos" (Heródoto). A única coisa que realmente lembrava um templo da época eram alguns pedaços de granito de Assuam avermelhados. Em parte alguma havia restos de "placas de uma única pedra de tamanho extraordinário" (Estrabão), nenhum sinal de "grandes blocos de sienito" (Plínio), isso para não falar do esqueleto de uma "obra verdadeiramente sobre-humana" (Heródoto). Escalei a pirâmide degrau a degrau pela aresta sudoeste; procurei sob os tijolos de barro negro-acinzentados qualquer coisa fora do comum, alguma saliência de granito talvez, que nos tempos de Heródoto tivesse sustentado o peso das "figuras gigantescas" que tinham sido "esculpidas" (Heródoto) na pirâmide. Nada pôde ser encontrado. A pirâmide está parcialmente destruída. Os moradores das redondezas serviram-se do material de construção pré-fabricado para suas casas. Falta toda a ponta da construção; seria possível armar uma barraca lá em cima. Originalmente esta pirâmide também estava revestida com uma cobertura de pedra calcária — não existe

mais nem sombra dela. Sulcos foram escavados na montanha de tijolos de barro pelas chuvas, muitos dos tijolos de cerca de cinquenta centímetros de comprimento se desgastaram, se esfarelaram. Originalmente a matéria-prima para esse material de construção foi prensada entre pranchas de madeira e secadas ao ar livre, e conseqüentemente os tijolos são porosos, cheios de talos de palha, grama seca e pedrinhas.

Nenhum Michelangelo egípcio da Antigüidade teria podido esculpir "figuras gigantescas" aí, os tijolos de barro jamais poderiam sustentar o peso de colossos desse tipo. Os críticos vão alegar que as imagens há muito desabaram, se quebraram, que as "paredes cobertas de relevos" se esmi-galharam com o passar dos milênios. Mas por que isso teria acontecido, apenas ali, na pirâmide de Hawara e no (pretenso) labirinto? Afinal, em outros lugares foram encontradas estátuas quebradas de muitos faraós, e em adoráveis templos egípcios que anualmente atraem milhares de turistas às "paredes cobertas de relevos" tampouco elas se esfumaram no ar. Em relação ao labirinto sabe-se ao menos que elas existiam nos tempos de Heródoto.



A pirâmide de tijolos de barro do faraó Amenemhet III, em Hawara.



Se fosse assim, ao menos os restos das gigantescas placas de pedra de "tamanho extraordinário" teriam que estar espalhados em volta. Nada — simplesmente não há nada lá!

A vista do alto da pirâmide de 58 metros de altura não é menos descon-soladora. Abaixo avistam-se algumas muretas e morrinhos de areia, mais atrás postes de alta tensão, um canal que corta todo o areai em diagonal e, ao fundo, campos cultivados.

Seriam esses montes de entulho os restos do tão louvado labirinto?

Kamal tinha encontrado a cabeça de, um morto em meio ao cascalho, o policial colocara a caveira sobre uma mureta. Olhei fixamente para as cavidades oculares vazias do esqueleto, e pensei vagamente que o morto um dia, talvez, pudesse ter encontrado Estrabão ou Heródoto. Se os mortos falassem... eu perguntaria à caveira pelo paradeiro do singular labirinto. Kamal ria às gargalhadas, e para mim era como se a caveira do morto risse também, juntando-se às gargalhadas de todos os deuses do Egito antigo.

O labirinto, um monte de escombros

Em 1888, 45 anos depois de Richard Lepsius, esteve aqui o arqueólogo britânico Sir Flinders Petrie. Ele constatou que as câmaras que Lepsius tinha desenterrado seriam "apenas as ruínas de uma pequena localidade romana", onde os destruidores do labirinto teriam morado. O labirinto propriamente dito teria sido inteiramente aniquilado, na opinião de Sir Flinders Petrie, restando no local apenas uma depressão coberta com pequenos pedaços de pedra. "É muito difícil montar alguma coisa a partir de pedaços de pedra tão pequenos", escreveu o britânico, para então fazer exatamente isso. Oh, se ele tivesse deixado as coisas como estavam! Sua própria versão do labirinto, uma planta com muitas câmaras e colunas, combina tão pouco com a descrição dos historiadores antigos quanto aquela de Lepsius. Segundo Flinders Petrie, os templos e pórticos estão dispostos uns ao lado dos outros em linha reta. Estrabão falara ainda de "caminhos retorcidos e emaranhados"; seria "impossível" encontrar a saída sem um guia.

Plínio salientou as "passagens totalmente emaranhadas umas nas outras". Para mim é totalmente misteriosa a razão pela qual os visitantes do labirinto, na versão de Sir Flinders Petrie, deveriam ter qualquer tipo de problema para encontrar as saídas. Elas estão em linha reta — alinhadas como soldados. A planta de Petrie mostra vários templos isolados que se encontram a grande distância uns dos outros. A testemunha ocular Heródoto tinha falado de pátios cobertos que estavam "bem próximos um ao lado do outro".



Petrie encontra restos de um muro ao sul e a oeste do terreno, Heródoto vê apenas "um único muro" que cerca todo o labirinto. Os remanescentes do muro de Petrie não podem corresponder ao muro abrangente de Heródoto, senão seria preciso também encontrar as fundações deste ao norte e a leste. A planta do labirinto de Petrie está cheia de malícia e contradições. Uma hora a edificação é quadrada, outra retangular e, finalmente, até mesmo circular. Evidentemente Petrie tentou forçar seu antecessor Lepsius a se encaixar em um esquema preparado de antemão. Por esse método, qualquer monte de entulho arqueológico pode ser metamorfoseado em um labirinto. Definitivamente as escavações de Petrie fracassaram no que concernia ao imenso lago Moeris, que não pôde ser levado a Hawara por mágica, e às 1.500 salas subterrâneas, que

apesar de toda a fúria escavadora empregada recusaram-se a emergir da areia.

"Para cada problema há uma solução simples, clara e falsa" (Henry Louis Mencken, 1880-1956, publicitário americano). Onde está o labirinto egípcio? Teriam Heródoto e seus seguidores nos enganado redondamente? Nunca existiu essa "obra verdadeiramente sobre-humana" (Heródoto)? Ou será que os historiadores antigos visualizavam algo totalmente diferente de hoje quanto ao conceito de "labirinto"? Teriam sido Heródoto e seus discípulos nada mais que plagiadores baratos, tendo roubado suas histórias atuais de outras fontes?

Confusões labirínticas

Por labirinto entende-se tanto hoje como naquela época um jardim sem saída, um sistema de cavernas com passagens enganosas, ou edifícios encaixados dentro dos outros com um traçado inextricável de escadas, corredores cheios de curvas e salas. O mito do labirinto é antiqüíssimo, chega até a Idade da Pedra.

Foram encontrados labirintos gravados nas paredes de rochedos e de cavernas no norte da África, no sul da França, em Creta e Malta, mas também no sul da Índia, na Inglaterra, Escócia e nos Estados Unidos. O motivo já era internacional em épocas pré-históricas. Também as posteriores "decorações labirínticas da pintura geométrica grega e da cerâmica doméstica mexicana e peruana são admiravelmente semelhantes". É com alguma perplexidade que se procura pelas razões dessa unanimidade global. O que levou os índios norte-americanos do Arizona a riscar formas labirínticas na rocha quando é claro que não tinham qualquer tipo de contato com seus colegas da Idade da Pedra europeus? Teriam as pessoas dessa época em todos os continentes olhado para o interior das caveiras abertas de seus inimigos, e a imagem primordial do labirinto teria surgido da aula de observação das circunvoluções do cérebro humano? Brincariam eles de "pega-pega" e "o-que-eu-estou-pensando", será que eles tentavam pregar os pensamentos na

massa cinzenta do cérebro? Suponho que os cérebros das pessoas da Idade da Pedra fossem menos labirínticos que os de hoje.

Os pesquisadores que procuram motivos são comparáveis ao náufrago Robinson, que um dia viu a marca de um pé na areia. A pista sempre leva ao desconhecido, o labirinto é o monstro com mil tentáculos, que não pode ser apreendido em lugar nenhum e está sempre envolto em uma aura de medo do desconhecido. Segundo a lenda grega, o mestre artesão e inventor Dédalo construiu um labirinto em Cnossos, na ilha de Creta. O complexo com falsos caminhos emaranhados, do qual ninguém saía sem ajuda de fora, foi feito originalmente para o monstro Minotauro, um ser híbrido metade homem e metade touro. Diodoro da Sicília e Caio Plínio Segundo escrevem que esse labirinto de Creta seria apenas uma cópia reduzida do original que se encontrava no Egito.

Sir Arthur Evans, o grande escavador de Creta, não encontrou nenhum vestígio do labirinto. Isso levou os arqueólogos à idéia de que por "labirinto" não se queria dizer originalmente um edifício único, e sim toda uma cidade com sua variedade de ruas.



22 - *O caminho para o oásis de Fayoum está repleto de ônibus destruídos; os comerciantes esperam à entrada da localidade.*

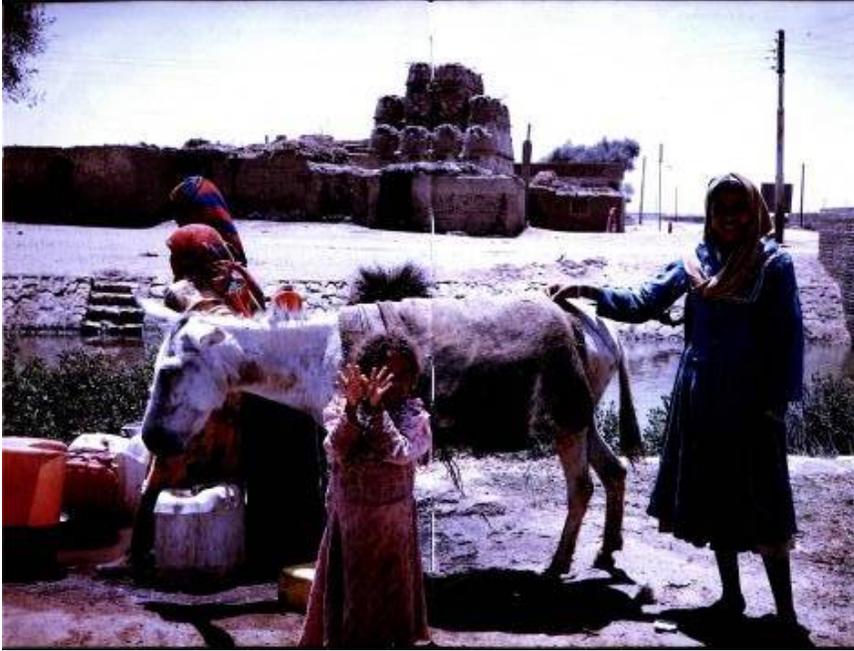


No Museu Britânico de Londres encontra-se este obelisco negro do rei assírio Salamasar II, que está decorado com relevos quadrangulares únicos..



Estes pequeninos homens-animais do obelisco assírio são levados por guardas com coleiras curtas (em cima). Trata-se de animais com cabeças humanas (embaixo); um dos seres híbridos enfia o polegar na boca — os monstros existiram!



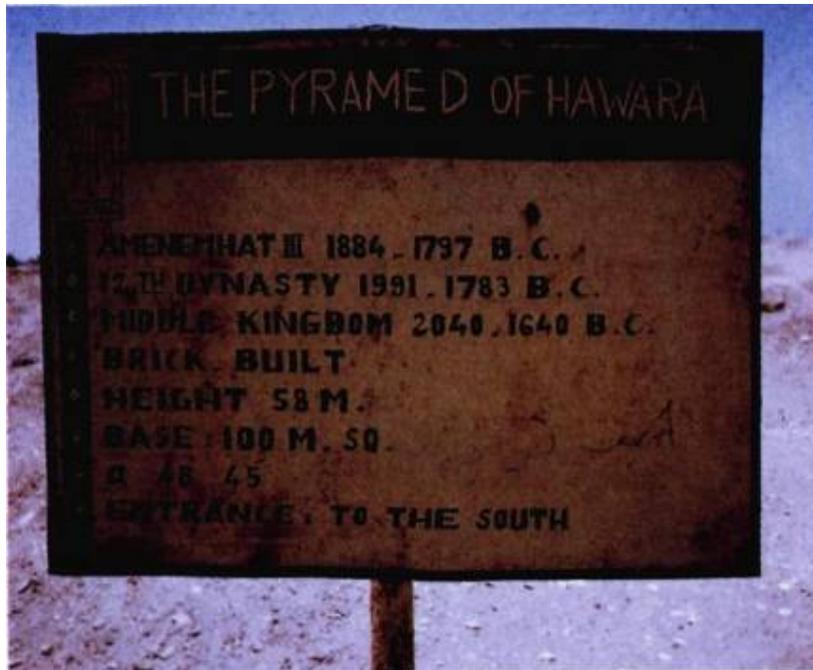




27- Camelos sobre caminhões! Os animais também se tornaram mais comodistas.

Estas enormes rodas-d'água giram preguiçosamente desde tempos imemoriais uma alegoria do perpetuum mobile.



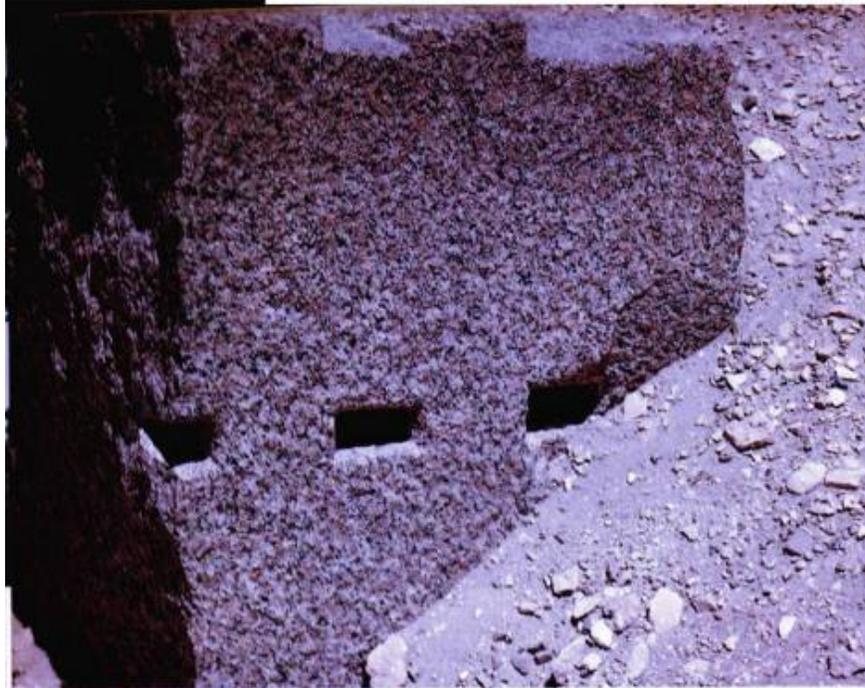


29

Muitos tijolos de barro foram desgastados pelo "dente do tempo".



30



31 - Um outro bloco de granito rosa, observado mais de perto. Eu tinha a impressão de que esta caveira queria rir também.





*A vista do alto da pirâmide de 58 m de altura é desoladora (acima);
e será que estes pequenos blocos de granito rosa foi tudo o que
restou do gigantesco labirinto?*



Jean Pieper, que seguiu o rastro do mito do labirinto, assim resumiu suas impressões:

"Há portanto boas razões para se presumir que o fundamento histórico do mito do labirinto não consiste em um único complexo arquitetônico labiríntico gigantesco, e sim naquelas cidades formigantes de gente que tinham, é óbvio, que parecer labirínticas para povos pastoris, que praticamente não podiam presumir que dentro delas existisse outra coisa a não ser um monstro antropófago com cabeça de touro..."

Embora essa lógica tenha em si algo sugestivamente simples, não se pode abrir o labirinto com essa chave. Afinal, os artistas da Idade da Pedra em todos os continentes não conheceram nenhuma cidade labiríntica "formigante de gente" que pudessem utilizar como modelo para suas representações.

"Todos nós nos confundimos, mas cada um se confunde de maneira diferente" (Georg Christoph Lichtenberg, 1742-1799).

Mentirosos da Antigüidade?

No Egito tudo se confunde de outra maneira, pois lá se manifestam testemunhas oculares que nos metem na cabeça que eles teriam visitado o labirinto pessoalmente. Em uma única página Heródoto garante quatro vezes que fala após tê-lo observado pessoalmente. Por que, na verdade, o "Pai da História" deveria neste único caso mentir, e logo "quadrifonicamente"? Pois nos demais casos ele se ateve à verdade. E que motivo teria Estrabão para, 423 anos depois de Heródoto, renovar suas mentiras e enriquecê-las com algumas de sua própria autoria? A pequena história de que ele, juntamente com seu hospedeiro, "um dos homens mais proeminentes", e um sacerdote, teriam alimentado um crocodilo no lago Moeris seria então igualmente uma farsa. E Caio Plínio Segundo, que escreveu que o labirinto teria à entrada "pedras polidas, o que me admira"? Teria ele se admirado somente no pergaminho? Por que razão ele nos enganaria ("agora já cansado de caminhar, chega-se àquelas passagens totalmente emaranhadas umas nas outras") se ele não

colocou um pé adiante do outro nem se cansou? Como pode ele ter "descido noventa degraus" para chegar a galerias que nunca existiram?

Eu acredito nos velhos senhores. O labirinto, que "supera até mesmo as pirâmides", ficava "um pouco acima do lago Moeris" (Heródoto). Pode um lago com uma circunferência de 640 km simplesmente desaparecer? Eu já disse que talvez as medidas de Heródoto tenham sido exageradas, mas mesmo um lago tão grande pode evaporar rapidamente. O lago da represa Nasser, em Assuan, tinha um comprimento de quinhentos quilômetros. Apenas sete anos de seca no Sudão e na Etiópia foram suficientes para baixar o nível da água em 25 m. Períodos de seca de mais de sete anos, mesmo sem a histeria moderna, não são razão para o fim do mundo. O Antigo Testamento já falava nos sete anos de seca no Egito, que somente foram superados graças às provisões de José.

O lago Moeris de Heródoto era alimentado por um canal que saía do Nilo. Caso o rio se torne um lodaçal, o canal vira lama, se enche de areia. Em um período de seca de longa duração, as comportas para o lago Moeris poderiam ter sido fechadas, pois a água essencial à vida era necessária ao longo do Nilo. Esses estados calamitosos por falta d'água sempre ocorreram no país dos faraós; o lago Moeris pode até mesmo ter devolvido água ao Nilo. E é claro que de repente tudo foi diferente.

Como o lago Moeris ainda existia nos tempos de Heródoto, e como também Estrabão ainda alimentou um crocodilo em suas margens 423 anos depois, o progressivo assoreamento do lago deve ter ocorrido na época romano-cristã. Nesse período o poderoso reino dos faraós foi despedaçado. Nenhum outro governante providente deu ordem para que se de-sassoreasse o lago Moeris, dragasse os canais e se restaurassem as velhas comportas. No 17º. Livro de sua *Geographika*, Estrabão descreve diversos grandes canais e pequenos lagos no Egito que chegavam até mesmo a ser navegáveis e forneciam água aos populosos cantões. O que restou disso tudo?

Um par de anos de seca e alguns anos de letargia fizeram com que o lago Moeris secasse. Diodoro da Sicília já tinha lançado a pergunta: "Quantos milhares de homens e quantos anos" teriam sido gastos na escavação do lago? Agora, depois que o lago começou a se assorear e que os canais estavam ávidos de água, faltavam os muitos milhares de homens, e faltava também a estrutura de mando

que poderia motivar e comandar um novo formigueiro. O fim começou. Essa constatação não valia apenas para o lago Moeris e o labirinto — valia para todo o Egito. Cidades-templos que foram cuidadas durante milênios se despovoaram, pirâmides enormes e a imponente Esfinge de Gizé foram engolidas pela areia — as escavações atuais o comprovam.

A areia não é apenas algo que engole tudo, a areia é também um conservante. O labirinto de Heródoto, com as suntuosas paredes de relevos, com 1.500 salas subterrâneas e talvez até mesmo com os preciosos túmulos de doze faraós lendários, espera pelo Heinrich Schliemann de nossos dias. As chances de localização não são nada más, pois os historiadores antigos deixaram pistas para a feliz caçada. Resumindo todas as informações de Heródoto e companhia, chega-se à conclusão de que o labirinto deveria estar a "sete dias de viagem Nilo acima", um pouco "acima da cidade de Mênfis" na "embocadura do canal que deságua no lago Moeris". O eixo desse lago encontra-se na direção norte—sul e o lago, no "distrito de Arsinoe". Finalmente, o canal que alimentava esse lago estava ligado ao Nilo e era regulado "por comportas". Muito simples, não é mesmo?

A última chance

Toma-se (está no livro de culinária) um pequeno avião — pode ser também apenas um helicóptero — e sobrevoa-se a região delimitada nas primeiras horas da manhã e no fim da tarde.

Talvez se tenha que amassar por um tempo mais longo até que a massa esteja no ponto. Talvez também seja necessário ir de um lado para outro Nilo acima e Nilo abaixo todos os dias durante um mês até que os contornos sejam visíveis. Que contornos? O do canal, meu filho! Que canal? Aquele ao lado do qual ficava o labirinto, meu filho! Mas é claro que o canal não existe mais... Ainda assim, meu filho!

A arqueologia aerofotogramétrica torna isso possível. Canais que se secaram ainda são visíveis do ar após milênios, ao menos parcialmente. Em algum lugar acima de Mênfis deve-se ramificar um canal do Nilo em direção ao oeste. Os indícios do seu curso podem

ser reconhecidos. Caso não haja nenhum canal desse tipo, resta então apenas o antigo curso d'água Bahr-Jusuf, cujas margens hoje verdejam e florescem. Ou um ou outro. O canal descoberto do alto é seguido terra adentro até o ponto em que ele se interrompe. Lá começa o lago Moeris, e lá também o labirinto estará esperando por seu descobridor. Caso reste apenas o canal Bahr-Jusuf, é necessário que se possa constatar a presença de antiqüíssimos muros de comportas de seu leito original. Eles levam diretamente ao labirinto, pois, segundo os historiadores antigos em uníssono, "ele ficava na embocadura do canal".

Essa corrente de pensamentos pode ser facilmente apreendida, ainda que alguns elos de ligação pareçam confusos. "Presumivelmente existe uma ligação entre uma rosa e um hipopótamo, e no entanto nunca ocorreria a um jovem presentear sua amada com um ramalhete de hipopóta-mos" (MarkTwain, 1835-1910).

CAPÍTULO 3

A MARAVILHA DO MUNDO ANÔNIMA

"O homem tem medo do tempo — o tempo tem medo das
pirâmides."

Ditado egípcio

Pepinos azedos provocam acidentes aéreos, acidentes automobilísticos, guerra e câncer." Essa espantosa afirmação foi publicada pelo *Journal for Irreproducible Results* (Jornal de Resultados não-re-produzíveis) no verão de 1982, para irritação do mundo acadêmico. As provas estatísticas eram sugestivas; 99,9% de todas as vítimas do câncer tinham alguma vez em sua vida comido pepinos em conserva, todos os soldados são consumidores de pepinos em conserva, e também 99,7% dos mototistas de automóveis comem pepinos azedos de tempos em tempos. Naturalmente a manchete era uma piada, pois o *Journal for Irreproducible Results*, que é editado em Park Forest, no Estado norte-americano de Illinois, publica trimestralmente paródias de trabalhos científicos. Com estatísticas, um questionamento errado e uma interpretação às avessas, pode-se alicerçar praticamente qualquer coisa.

Tentemos nós mesmos uma vez com um questionamento cômico e relacionemos o consumo de cebolas dos egípcios com a construção de pirâmides: quando a Grande Pirâmide de Gizé surgiu, os egípcios comiam apaixonadamente cebolas e rabanetes. Como informou Heródoto, devem ter participado da enorme construção 100.000 trabalhadores durante vinte anos. Supondo-se que cada trabalhador recebesse por dia apenas uma cebola de cem gramas, então 100.000 trabalhadores dariam sumiço em 10.000 kg de cebolas diariamente. Em dez dias seriam 100.000 kg (cem toneladas), e por mês, trezentas toneladas. Caso se trabalhasse no canteiro de obras apenas seis meses por ano, então somente neste período teriam de ser trazidas 1.800 toneladas de cebolas. Como naquela época não

havia nem caminhões nem trens de carga, as cebolas teriam de ser transportadas em sacos e batcos e destes, por sua vez, nos lombos de bois e burros, enquanto diariamente duzentos trabalhadores se ocupariam com descarregar e distribuir pesados sacos de 50 kg. Ora, os construtores das pirâmides não viviam apenas de cebolas, nós teremos de lhes conceder como ração diária pelo menos um quilo bruto de frutas, arroz, ovos e verduras. Para 100.000 trabalhadores isso corresponde a 100.000 kg por dia ou 3 milhões de quilos (3.000 toneladas) por mês. Por diversão pode-se acrescentar a estas 3.000 toneladas as quantidades de alimento consumidas no resto do Egito (fora do canteiro de obras). A soma pode ser dividida pela área cultivada do Egito da época e multiplicada pelos dias festivos dos deuses Osíris e Hórus, nos quais se papava o dobro. Por esse esquema de cálculo pode-se então obter a qualquer hora a circunferência da Terra em pirâmides, a distância do Sol a Alfa do Centauro em metros cúbicos e o diâmetro do buraco da camada de ozônio, que aumentou devido aos gases produzidos pelas nações devoradoras de cebolas.

Quanto às pirâmides, foram feitos cálculos ainda mais absurdos, com relações distorcidas de arrepiar ainda mais os cabelos. Um exemplo¹: mede-se o número 666 mencionado pelo apóstolo João nas revelações secretas em centímetros a partir do meio do sarcófago que está na pirâmide de Quéops e ajusta-se o número com o eixo dos dois canais de respiração na câmara do rei, obtendo-se assim como resultado o mês de julho do ano de 1987. Nesse dia, na verdade, deveria ter começado a Terceira Guerra Mundial. Por razões inexplicáveis a humanidade não deu bola para a data.

Quem procurar harmonia matemática em pirâmides (e outras edificações antigas) encontrará uma quantidade de números intetminável. O comprimento de minha escrivania, na qual estou trabalhando neste exato momento, também está em alguma espécie de relação com medidas cósmicas. E por isso não devemos levar a sério nenhum dos numerólogos e matemáticos que derivam dados curiosos da pirâmide de Quéops?

Entretanto há medidas baseadas na Grande Pirâmide que não precisam ser procuradas na base do "sai, diabo". Eles simplesmente estão lá, como partes integrantes fixas da construção monumental. Enquanto o idioma precisa de muletas para que após milênios possa ser compreendido pelo menos em certa medida pelos especialistas, os valores numéricos são atemporais: 1 mais 1 dá sempre 2, em qualquer canto do universo.

Como surgiu o metro?

Todo arquiteto precisa de uma unidade de medida para que possa executar suas plantas. Nossa medida básica atual, o metro, corresponde à quadragésima milionésima parte de um meridiano terrestre. Para isso se promoveu em 1875 uma conferência, a Convenção do Metro. Desde então é conservado no órgão para medidas e pesos internacionais um metro básico feito de uma liga de platina e irídio.

Através de medições precisas resultaram mais tarde pequeninas diferenças na circunferência da Terra, e subitamente o metro original não correspondia mais exatamente à quadragésima milionésima parte de um meridiano terrestre. Concordou-se então no ano de 1927 em uma nova convenção do metro com um novo metro original, que corresponde ao comprimento de onda da luz na linha vermelha do cádmio em ar seco à temperatura de 15 graus Celsius. É claro que esse metro original não se manteve em nosso mundo cercado de satélites. O mais novo metro original corresponde ao comprimento de onda de uma determinada linha espectral do gás nobre criptônio (número atômico 36, peso atômico 83,7, ponto de fusão — 157,2°). Quer se trate de criptônio, cádmio ou um metro original de uma liga de platina e irídio, o que se quer dizer sempre é a quadragésima milionésima parte de um meridiano terrestre. Uma condição indispensável para um metro primordial desse tipo é o conhecimento exato do perímetro da Terra. Quando, dentro de 3.000 anos, arqueólogos do futuro desenterrarem as ruínas da sede do governo da República Suíça em Berna e procurarem uma unidade básica de medida, eles forçosamente depararão com o metro. Eles poderão

deduzir essa unidade de medida também a partir de outros edifícios da mesma época. Talvez então alguma cabeça mais esclarecida faça uma descoberta sensacional. Essa unidade de medida corresponde à quadragésima milionésima parte de um meridiano terrestre! Puro acaso, irão objetar seus colegas científicos, pois isso significaria que esses estranhos antepassados, que ainda faziam pesadas construções de pedra, já conheciam há milênios o perímetro exato da Terra!

Não é diferente o que acontece com o côvado sagrado no antigo Egito. Ele media 63,5 cm e corresponde a um milésimo da distância que a Terra percorre girando sobre si mesma na linha do Equador em um segundo. (Além desse havia ainda um côvado egípcio de 52,36 cm.)

O Dr. Acaso está sempre presente

Acaso? Provavelmente, pois isso nos levaria a supor que os antigos egípcios conhecessem a velocidade de rotação da Terra no Equador e que também calculassem o tempo com um intervalo igual ao nosso segundo. A coisa somente se torna espantosa quando os acasos não mais se erguem em direção ao céu como monólitos isolados, e sim reúnem-se em complexos monumentais. Um conhecido meu com muito talento para a matemática publicou os dados incontestáveis a respeito da Grande Pirâmide em uma excelente brochura. Aqui está um resumo:

- A pirâmide está direcionada exatamente segundo os quatro pontos cardeais.
- A pirâmide fica no centro da massa de terra firme do planeta.
- O meridiano que passa por Gizé divide os mares e os continentes da Terra em duas partes de igual tamanho. Além disso, esse meridiano é o que percorre a maior distância sobre terra na direção norte—sul, e forma o ponto zero natural para as medições de comprimento de todo o globo terrestre.
- Os ângulos da pirâmide dividem o delta do Nilo em duas metades iguais.

— A pirâmide é um ponto de direção perfeito, geodésico e fixo. Com a ajuda da triangulação, toda a terra que se encontra à vista pode ser medida, como os cientistas de Napoleão constataram, admirados.

— As três pirâmides de Gizé formam entre si um triângulo de Pitágoras cujos lados estão em uma relação de 3:4:5.

— A relação entre a altura e o perímetro da pirâmide corresponde à relação entre o raio e o perímetro de um círculo.



Os quatro lados são os maiores e mais visíveis triângulos do mundo.

— Com a pirâmide pode-se calcular tanto o volume da esfera quanto a área do círculo. Ela é um monumento à quadratura do círculo.

— A pirâmide é um imenso relógio solar. A sombra projetada por ela de meados de outubro até início de março indica as estações e a duração do ano. O comprimento das placas de pedra que envolvem a pirâmide corresponde ao comprimento da sombra de um dia. Observando-se essa sombra sobre as placas de pedra foi possível obter a duração exata do ano pela 0,2419 parte de um dia.

— O comprimento lateral normal da base quadrada é de 365,342 côvados egípcios. O número é idêntico ao número de dias do ano solar tropical.

— A distância da Grande Pirâmide ao ponto central da Terra é exatamente igual à distância até o Pólo Norte e com isso corresponde à distância do Pólo Norte ao centro da Terra.

— Dividindo-se a superfície da base da pirâmide pela metade dupla do monumento obtém-se o número $\pi = 3,1416$.

— A superfície total dos quatro lados da pirâmide corresponde ao quadrado da altura da pirâmide.

— Tomando-se a ponta da Grande Pirâmide pelo Pólo Norte, seu perímetro corresponde ao comprimento do Equador, e ambos encontram-se proporcionalmente distantes um do outro. Cada lado da pirâmide foi medido de tal forma que ele ou correspondia a um setor de um quarto da meia esfera nórdica ou a um quadrado esférico de noventa graus. (O perímetro do Equador é de 40.076,592 km, o perímetro da Terra passando pelos pólos é de 40.009,153 km)".

Esta enumeração de acasos matemáticos e geométricos poderia ser facilmente estendida, pois pensadores argutos escreveram grossos volumes que homens igualmente engenhosos freqüentemente refutaram. Mais uma amostra?

O ângulo de inclinação da Grande Pirâmide está disposto de tal forma que o sol do meio-dia de fins de fevereiro até meados de outubro não lança nenhuma sombra. Isso teria uma razão: o deus-sol Rá mandou um sinal aos homens. Portanto não é de admirar se a distância média da Terra ao Sol estiver registrada na pirâmide. Ela corresponde exatamente a 10^9 vezes a altura da pirâmide. Acaso? Dificilmente, pois "a altura da pirâmide está para a metade da diagonal da superfície da base assim como 9 está para 10".

Alguém como eu, que nunca foi abençoado pela alta matemática, fica algo confuso e perplexo diante dessa montanha de números. Aí eu leio que a distância da pirâmide ao centro da Terra é exatamente de igual tamanho que a distância até o Pólo Norte. Então tenho que deduzir que os idealizadores da pirâmide teriam conhecido a forma esférica e o perímetro da Terra. Caso a pirâmide se encontrasse na praça da Catedral de Colônia, a distância até o Pólo Norte não seria

igual à distância até o centro da Terra. Será que a localização da construção não foi um capricho do faraó?

Ao ler que o meridiano que passa pela pirâmide divide mares e continentes em duas partes de igual tamanho, fico a princípio perplexo, pois afinal cada metade de uma bola tem sempre o mesmo tamanho da outra. Apesar disso estou errado, pois em uma metade do globo há mais terra e na outra, mais água. O meridiano norte—sul é o que percorre maior distância sobre a terra? Abri um grande mapa-múndi no chão, peguei uma régua e me ajoelhei. Preocupada, minha mulher perguntou se eu estava planejando a próxima viagem. Medindo-se a partir de Gizé, minha régua de fato cobria terra em sua maior parte na direção norte—sul. Desloquei a régua para Nova York, para Hong Kong e para a distante Lima. Em qualquer outro caso a régua cobria menos terra que a partir de Gizé. Meu grotesco jogo no chão do quarto produziu resultados ainda mais extravagantes quando tracei uma diagonal. A linha que passa pela pirâmide de sudoeste para nordeste é a rota aérea mais longa possível ao redor do globo sobre massas de terra. Novamente desloquei a localização das pirâmides para todas as regiões do mundo, para o Iêmen e para a Cidade do México, para a África Central e para Honolulu. Meu joguinho somente funcionava a partir da localização de Gizé.

A construção da Grande Pirâmide deve ter sido iniciada por volta de 2551 a.C., o que são uns bons 4.500 anos atrás. Os conquistadores brancos descobriram a América do Sul há apenas 490 aninhos, de forma que as massas de terra somente foram corretamente cartografadas nas últimas décadas. Ora, a linha sudoeste—nordeste que se prolonga a partir da pirâmide atravessa forçosamente a América do Sul, passando por Recife (Brasil) até a costa chilena ao norte de Santiago. Será que os desconhecidos idealizadores da pirâmide sabiam disso? Teriam sido localização e medidas dadas de antemão? Teria alguém dito ao faraó Quéops que ele tinha de construir sua pirâmide de preferência em Gizé ou então em lugar nenhum, ainda que se tratasse de uma tradição sacerdotal de época muito mais antiga? Teriam as medidas vindo da adega secreta dos deuses?

Não basta que a um gênio geométrico da época de Quéops tenham ocorrido extravagantes medidas de ângulos e superfícies de triângulos que resultaram em suntuosos papiros cheios de cálculos. Também não basta que esse *superstar* matemático tenha determinado as medidas de cada bloco e prescrito com precisão milimétrica que a cobertura da câmara real tinha de ser de granito polido e constituir-se de exatamente cem blocos. Além do conhecimento matemático, a equipe de *designers* da pirâmide tinha que possuir dados fundamentados sobre medidas, circunferência e inclinação do eixo de nossa Terra. De que escola espiritual surgiram esses conhecimentos? Pitágoras, Arquimedes e Euclides, os grandes pensadores matemáticos, surgiram somente 2.000 anos depois no palco do mundo.

O grande silêncio

Para os arqueólogos de profissão todos esses enigmas sobre as pirâmides são uma pedra no sapato. É compreensível que eles se irrite com as pessoas que estão de fora e com os idiotas piramidais, porque ou suas perguntas são pueris ou não podem ser respondidas. Só que as perguntas têm o desagradável costume de ficar flutuando no ar até serem respondidas. Quando hoje se executa um grande projeto de construção, são empregados escritórios inteiros de engenheiros e arquitetos. Mas querem nos convencer de que algum gênio egípcio inventou a Grande Pirâmide quase que passeando sozinho, e que suas notáveis características matemáticas ou teriam caído do céu ou simplesmente não existiam. A objeção de que antes da Grande Pirâmide já se teria feito um "estudo" precursor não pode pesar muito, pois essas "pirâmides-estudo" antecedem Quéops em apenas algumas décadas. Além disso, as "pirâmides-estudo" não chegam nem perto do gigantismo e do refinamento matemático da pirâmide de Quéops.

Em um notável livro de textos e ilustrações, *O Egito Antigo*, a egiptóloga Dra. Eva Eggebrecht nota que há pouco foi calculado que somente nos primeiros oitenta anos da 4ª. Dinastia foi empregado

um total de 8.974.000 m³ em volume de material de construção. Isso para as pirâmides de Snofru (2575-2551 a.C.), Quéops (2551-2528 a.C.), Djedefre (2528-2520 a.C.) e Quéfren (2520-2494 a.C.). Nesses oitenta anos foram cortados 12.066.000 blocos de pedra da rocha, lavrados, medidos, polidos, transportados e encaixados nos lugares corretos da respectiva obra. Produção diária: 413 blocos! Não estão sendo levados em consideração aqui os trabalhos de recrutamento e planificação, a manufatura e manutenção de ferramentas, a construção de rampas e andaimes, o emprego de material em geral, bem como a manutenção das massas humanas. Todo o Baixo Egito em um único canteiro de obras!

Nem a equipe de projetistas e arquitetos nem um mestre-de-obras, sacerdote ou faraó deixou escapar uma única sílaba sobre os trabalhos de construção. Nem uma única inscrição informa como isso foi feito. Diz a Dra. Eva Eggebrecht a esse respeito:

"O silêncio contemporâneo quanto à construção das pirâmides é inteiramente incompreensível quando se tem presente que as necrópoles não eram de forma alguma cidades de mistério onde reinava um silêncio sepulcral. Nos templos mortuários dos reis... eram levadas oferendas, sacerdotes entravam e saíam... Nenhum deles deixou qualquer notícia com a qual apenas uma das questões a respeito da construção da pirâmide pudesse ser respondida".

Ao silêncio posso contrapor um punhado de possíveis respostas:

— As inscrições correspondentes ainda não apareceram.— ou já foram destruídas.

— A construção de pirâmides era a coisa mais banal do mundo. Ninguém iria gastar palavras com isso.

— Era proibido tomar notas. Determinadas informações deveriam permanecer vedadas aos sucessores.

— Nossas suposições estão erradas. A Grande Pirâmide já existia como modelo iluminador quando os descendentes ergueram suas imitações.

"O que eu não sei não me preocupa", diz o ditado. Aplicado à pirâmide de Quéops, ocorre o contrário: o que não se sabe torna tudo mais preocupante. Uma multidão de piramidólogos automeados, mas também engenheiros, mestres-de-obras, arquitetos e arqueólogos tentaram quebrar a noz das pirâmides. Soluções sensatas, bem pensadas e calculadas para o problema da construção das pirâmides foram apresentadas e refutadas. O Prof. Dr. Georges Goyon, arqueólogo e "há décadas legítimo especialista nas técnicas dos antigos egípcios", desfiou com maestria todas as teorias de reconstrução conhecidas — e apresentou uma sugestão própria. Esta foi negada pelo Prof. Oskar Riedl para que ele, por sua vez, pudesse oferecer "a solução do enigma milenar sem prodígios e sem mágica". Isso vai continuar assim, nesse interminável intercâmbio de soluções e refutações, até que finalmente emerja das profundezas um texto sobre as pirâmides onde se possa ler como

elas foram feitas. Até hoje os mestres construtores da Grande Pirâmide conseguiram nos passar a perna.

O leigo pode retorquir perguntando o que afinal há de tão complicado e insolúvel na construção de uma pirâmide. Empilham-se pedaços de pedra uns sobre os outros, e pronto. O especialista, entretanto, sabe que as dificuldades são totalmente piramidais. Para se erguer um grande edifício eram necessárias, tanto naquela época como hoje, coisas banais como cordas, bobinas, cinzéis de ferro, suportes de madeira, roldanas, animais de tração e carros de mão. Com isso a salada já está servida. O arqueólogo e especialista em técnica do Egito antigo, Prof. Dr. Georges Goyon, escreveu:

Construir pirâmides sem madeira?

"Em primeiro lugar precisamos descartar de nossas considerações qualquer hipótese baseada na utilização de madeira como material de suporte da construção. O estágio em que se encontram nossos conhecimentos sobre o antigo Egito nos permite ser categóricos nesse ponto: a madeira sempre foi escassa no vale do Nilo. Os descobrimentos têm comprovado amplamente com que parcimônia marceneiros e carpinteiros encontravam utilidade para o menor pedacinho de madeira".

Naquela época existia no Egito madeira de tamarindo e de salgueiro, e também de acácia, palmeira, sicômoro e arbustos. Madeiras resistentes tais como o cedro e o ébano, que suportam cargas pesadas ou poderiam servir para rolar monólitos de quarenta toneladas, tinham que ser importadas. Essas importações de madeira do Líbano, Síria e África Central ocorriam em pequenas quantidades. Para o transporte da madeira Nilo acima eram necessários navios: de madeira! Camelos e cavalos não carregavam madeira através do deserto? Não, as duas espécies de animais não existiam no Egito à época de Quéops. Como animais de carga e de tração conheciam-se apenas bois e burros.

Os blocos que pesavam toneladas eram arrastados rampas acima por meio de cordas? Sim, sem elas — nisso os especialistas são unânimes — nada podia acontecer. As cordas devem ter existido

necessariamente, embora ninguém possa jurar quanto a isso. Em um ílevo na parede do túmulo do príncipe distrital Djehutihotep (c. 1870 a.C.) está representado como 170 homens arrastam por meio de cordas uma estátua colossal através do deserto, e em um documento da época de Amenemhet I (1991-1962 a.C.) são mencionadas cordas. Também foram encontradas em paredes tumulares da 18ª Dinastia representações pictóricas de roldanas simples com as quais pedras eram empilhadas umas sobre as outras. Como prova, tudo isso vale pouco, pois entre a construção da Grande Pirâmide e Amenemhet I há uns bons 550 anos. Quando arqueólogos do futuro examinarem fotos amareladas de grandes canteiros de obras da atualidade, com guindastes, dragas e esteiras rolantes, eles não poderão deduzir que isso já poderia ter se dado meio milênio antes. Além do mais, há na idéia de se transportar os documentos pictóricos da 18ª Dinastia — mil anos depois de Quéops! — para a época da 3ª e 4ª Dinastias uma contradição perigosa. *Com* cordas a qualidade das construções deveria ser consideravelmente melhor que sem cordas. O contrário é o que ocorre. A técnica utilizada na pirâmide de Quéops supera todas as cópias posteriores. Seja como for, sem cordas nada se movia no canteiro de obras "Quéops", é preciso pressupor sua existência sem abrir a boca.

A coisa é mais difícil com as rampas e andaimes. Um ponto de vista muito difundido, que parece bastante razoável à primeira vista, é o seguinte: após os trabalhos de escavação e o aplainamento do platô rochoso de Gizé, os trabalhadores colocaram a camada de pedras inferior peça por peça até formar um terraço. Só foram deixadas livres as aberturas para os aposentos que ficavam mais abaixo. Então colocou-se areia em torno do primeiro terraço. Turmas de operários empurravam e arrastavam carros com os blocos de pedra areia acima. Quando este estava pronto tornava-se a trazer areia até chegar à altura da segunda camada. A pirâmide crescia terraço a terraço, cercada por uma montanha de areia. O Prof. Goyon calculou que com uma inclinação de apenas 10 centímetros por metro e uma altura de 146,549 m para a pirâmide em um perímetro de meio

quilômetro "todo o platô de Gizé estaria soterrado sob uma imensa camada de areia".

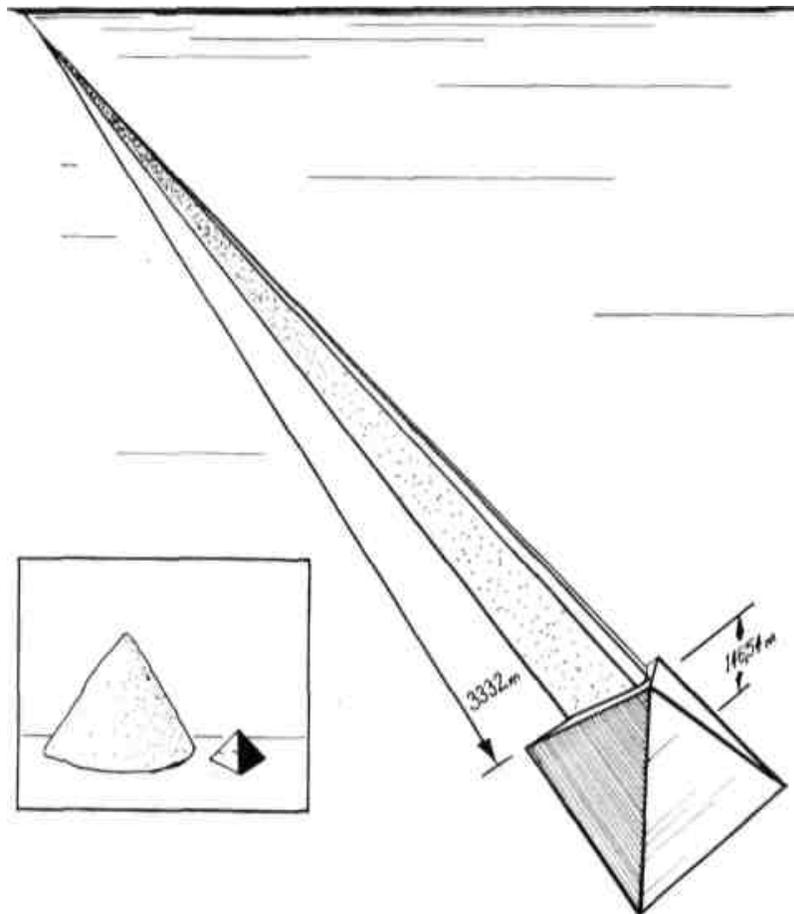
Amontoar areia não funcionaria nunca também por razões práticas. Animais de cascos com suas cargas afundariam na areia, bem como rolos de madeira e carros. Além disso, ao pé da pirâmide também se trabalhava em templos. Pedreiros talhavam blocos de cantaria, alisavam com martelos de madeira grande monólitos para as galerias no interior da pirâmide. Nenhum desses trabalhos seria possível em uma montanha de areia.

Não tem de ter havido nenhum monte de areia em torno da obra, uma imensa rampa inclinada também pode fazê-lo. Essa idéia evidente já tinha ocorrido ao britânico Sir Flinders Petrie, o mesmo que tentou reconstruir o labirinto, bem como ao arqueólogo alemão Ludwig Borchardt quando tinha vinte anos. De que material consistiria essa rampa? A madeira ficava longe. E além de não estar disponível em quantidade suficiente, ela não teria suportado o peso dos colossos de pedra, carros e homens. É preciso apenas imaginar um esqueleto de madeira inclinado para cima de um quilômetro de comprimento cujo ponto mais alto encontra-se a 146 m de altura! Pela rampa balouçante tinham de ser arrastados *ao mesmo tempo* vários carros com monstros de pedra, enquanto equipes de homens desciam aos solavancos com seus carrinhos barulhentos pela "segunda pista". Em ritmo de samba.

Nada de madeira, portanto, mas uma rampa de pedras e tijolos de barro seco. O especialista em problemas cabeludos, Prof. Goyon, acha que o ângulo de inclinação de uma rampa desse tipo não poderia ter ultrapassado muito 3 dedos (0,056 m) por metro". Uma rampa dessas somente tem sentido se direcionada para leste, em direção ao Nilo, onde os barcos eram descarregados. Para mal dos pecados o local em que a pirâmide foi construída fica 40 m acima do Nilo, e a rampa teria que ser correspondentemente mais longa e mais alta: nada menos que 3 km e meio de comprimento! "Neste caso o aterro hipotético teria atingido um tal volume que o da pirâmide, em comparação, teria sido menos importante".

Dá na mesma saber de qual material a rampa foi feita; também tanto faz se a camada superior foi untada com óleo ou consistia em argila

úmida para que os carros deslizassem sem atrito: a cada vez que a pirâmide crescia um terraço, a rampa tinha de ser ajustada *em todo o seu comprimento*.



Em relação à altura da pirâmide, a rampa teria de ter 3-332 m de comprimento. Seu volume, como está representado à esquerda, seria várias vezes maior que o da pirâmide.

Ela só podia subir de forma constante e uniforme, uma curvatura repentina em um ângulo mais agudo não era possível. Correspondentemente o ângulo de inclinação em todo o comprimento da rampa precisava ser renovado ininterruptamente, e o mesmo vale para a cobertura deslizante, fosse ela do que fosse. Como dia após dia havia um intenso tráfego de formigas sobre a rampa, para mudanças de nível sobrava somente a noite. Sob os holofotes do deus Hórus!

Tempo, tempo!

Por que a pressa? Os construtores das pirâmides tinham naturalmente um tempo interminável, podia-se periodicamente tirar alguns dias de folga para ajustar a rampa à nova altura.

O faraó Quéops, o dono da Maravilha do Mundo que leva seu nome, governou por 23 anos. Dificilmente ele poderia ter ordenado a construção da pirâmide antes de assumir o governo, seu antecessor Snofru já estava sobrecarregado com "estudos de pirâmides". Como qualquer pessoa, Quéops tampouco podia saber de antemão quanto tempo de vida o deus Osíris lhe iria conceder. Ainda assim ele sabia quanto tinham vivido seus antecessores e parentes. O tempo para completar a prodigiosa obra era curto; afinal, o faraó tinha o compreensível desejo de inspecionar a obra antes de falecer. À luz dos 23 anos de governo de Quéops, a declaração de Heródoto de que a Grande Pirâmide teria sido erguida no prazo de vinte anos soa bastante plausível. Na prática, entretanto, os vinte anos de construção estão apoiados em uma base muito frágil.

Segundo a opinião dos especialistas, a Grande Pirâmide consiste em 2,5 milhões de blocos de pedra. Entre eles há alguns que chegam a pesar até quarenta toneladas ou mais, enquanto para outros a balança indica apenas uma tonelada. A maioria pesa algo em torno de três toneladas. Se se trabalhou na construção da pirâmide por vinte anos, eram fabricadas 125.000 pedras anualmente. Seguramente não me engano ao supor que os egípcios daquela época também não se esfalfavam dia após dia. Mesmo sem sindicatos havia festividades e feriados. Calculo trezentos dias de trabalho por ano; 125.000 monólitos por trezentos dias de trabalho anuais resulta em uma produção diária de 416,6 blocos de pedra talhados. Com números como esses, tornamo-nos generosos. Portanto, suponho em meus cálculos que se trabalhariam diariamente doze das 24 horas — uma jornada de trabalho terrível!

Quatrocentas e dezesseis pedras por dia divididas por doze horas fazem aproximadamente 34 blocos por hora ou — dividindo novamente por sessenta minutos... e chegamos a um acordo: um

monstro de pedra a cada dois minutos! Nestes cálculos simples estamos falando de pedras prontas para usar — isso dá uma imagem falsa. Os blocos precisavam ser retirados da rocha e cortados em medidas determinadas, polidos e finalmente transportados ao local da construção.

Com toda a técnica que temos à nossa disposição... esse programa não poderia ser cumprido hoje! Têm-se alegado argumentos equívocos contra esses cálculos, que dão apenas um valor médio. Segundo aqueles, o trabalho nos terraços inferiores teria sido muito mais fácil que nos superiores. Além disso, teriam sido fabricados cada vez menos monólitos à medida que o edifício se erguia em direção ao céu. O que isso muda no *valor médio*? E: quanto mais alta a pirâmide, mais alta também a rampa hipotética. O dispêndio de trabalho para levar os blocos de pedra para cima aumentava com a altura. Talvez a luz esteja surgindo nas circunvoluções do cérebro. Que organização! Que planejamento! A cada dois minutos um bloco pronto fixado no lugar certo!

Esses números decididamente não foram fermentados na cozinha dos idiotas piramidais. Quem na verdade leva a mal quando perguntas são formuladas?

O que informam as testemunhas oculares?

Da mesma maneira que em relação ao labirinto, os historiadores antigos também manifestaram sua opinião quanto às pirâmides. Heródoto escreve que o rei Quéops teria forçado todos os egípcios ao trabalho. Teriam sido necessários dez anos apenas para se construir a estrada pela qual o material de construção para a pirâmide era transportado. Inclusive estes dez anos teriam sido também o tempo gasto na construção " das câmaras subterrâneas na colina sobre a qual estão as pirâmides". Segundo Heródoto, essas câmaras deveriam "servir como câmaras mortuárias, e ele, Quéops, as construiu sobre uma ilha, tendo dirigido para lá um canal do Nilo. Na pirâmide propriamente dita trabalhou-se durante vinte anos".

Essa constatação lacônica, feita por Heródoto junto a seus interlocutores, é seguida de uma descrição de *como* se deu a construção da pirâmide (2º. Livro de *Histórias*, capítulo 125):

"Ela foi construída como uma escada, que muitos chamam de patamares, outros de degraus. Quando um desses degraus já estava quase pronto, erguiam-se as pedras restantes com a ajuda de uma estrutura feita de pedaços curtos de madeira. E assim a pedra era erguida do chão até o primeiro patamar. Toda vez que a pedra era levada até ele, era colocada em uma outra estrutura que se encontrava sobre o primeiro degrau; daí ela era erguida até o segundo patamar, sobre uma outra estrutura. Pois havia tantas máquinas quanto degraus, se é que o mesmo dispositivo de elevação, que era bastante leve para ser carregado, não era deslocado para cada novo degrau após a pedra ter sido retirada. Na verdade ambas as versões me foram contadas, motivo pelo qual ambas devem ser reproduzidas".

As "máquinas" de Heródoto renderam muito assunto nos círculos especializados. Heródoto fala de "estruturas" sobre as quais as pedras eram passadas de um estágio ao outro; presumivelmente ele pensava em uma espécie de dispositivo de elevação ou de roldanas. Com isso estava tudo muito bem, os especialistas eruditos, que na verdade já deveriam saber disso, não iriam protestar. O professor de arquitetura John Fitchen, da Universidade Colgate, EUA, que se ocupou intensivamente com a técnica de construção de nossos antepassados, escreve a respeito da construção da pirâmide de Quéops":

"Podemos afirmar com determinação que, com exceção de algumas poucas pedras relativamente menores (e então também somente sob circunstâncias muito especiais), os antigos egípcios por princípio não poderiam ter levantado seus blocos de pedra nem com roldanas nem com simples cordas. Seus monólitos maciços, ocasionalmente monumentais, excluía a possibilidade de ser erguidos por cordas. Os blocos de cantaria das pirâmides devem ter sido levados para o alto com recursos auxiliares — cunhas, alavancas ou gangorras".

Este ponto de vista é confirmado pelo historiador antigo Diodoro da Sicília, que em suas descrições muitas vezes é mais minucioso que

seu precursor Heródoto. Diodoro pretende saber que "naquela época as máquinas ainda não tinham sido inventadas". É muito interessante fazer uma comparação de textos entre os dois historiadores, e deve-se estar sempre consciente de que tanto Heródoto como Diodoro somente podiam reproduzir aquilo que lhes tinha sido relatado no local. Afinal, as pirâmides, com toda a sua grandeza, já estavam lá havia 2.000 anos quando os historiadores escreveram a respeito.

"O oitavo rei foi Chemmis de Mênfis. Ele governou por cinquenta anos e construiu a maior das três pirâmides, que é considerada uma das sete Maravilhas do Mundo... Ela consiste pura e inteiramente em dura pedra, que na verdade é muito difícil de trabalhar, mas que dura para sempre. Pois, segundo se diz, não decorreram menos de mil anos até os nossos dias, embora alguns escrevam mais de 3.000 e até mesmo 4.000 anos, e no entanto as pedras ainda agora permanecem em sua disposição inicial e mantêm todo o edifício intacto. Conta-se que a pedra teria sido trazida da Arábia por uma longa distância, e a construção teria sido feita por meio de diques, porque naquele tempo ainda não tinham sido inventadas máquinas. E o que é mais admirável: embora aqui tenham sido edificadas obras de tal grandeza e a região circundante consista apenas em areia, não restou nenhum vestígio de um dique nem restos de pedras talhadas, de tal forma que se tem a impressão de que a obra não surgiu paulatinamente por mãos humanas, mas que foi colocada pronta de uma só vez sobre o deserto por um deus. Na verdade alguns egípcios tentam dar algumas explicações maravilhosas a respeito, como a de que os diques teriam consistido em sal e salitre, e o rio desviado até aqui os teria então dissolvido e levado embora totalmente sem mais trabalho humano; mas na verdade a coisa não foi assim: as incontáveis mãos que levantaram o dique foram as mesmas que fizeram com que tudo voltasse a ser como antes. Segundo se conta, teriam trabalhado nas obras 36.000 homens em regime de escravidão, e todo o edifício teria sido terminado em poucos vinte anos".

Heródoto e Diodoro atribuem ao faraó Quéops um período de governo de cinquenta anos — os arqueólogos modernos estipulam

23. Um período de governo mais longo teria sido benéfico à pirâmide!

O maior trocista dentre os historiadores antigos, Caio Plínio Segundo, que além disso tinha a vantagem de conhecer todas as obras de seus pre-decessores, assim as descreveu: "ao passar pelas pirâmides egípcias"; elas seriam "a prova da ostentação ociosa e perdulária dos reis de então", troveja Plínio, e "somente foram construídas para não deixar nenhum dinheiro para seus sucessores ou para ocupar o populacho".

Finalmente um motivo original para a construção das pirâmides! Escárnio impiedoso aqui ou ali, o estudo das fontes feito por um Plínio — já há 2.000 anos! — tampouco trouxe qualquer prova quanto ao arquiteto da Grande Pirâmide (*História Natural*, 36º. Livro, capítulo 17):

"O material para a maior das pirâmides foi trazido de pedreiras da Arábia e 360.000 homens trabalharam nela durante vinte anos; todas as três (pirâmides), no entanto, ficaram prontas em 78 anos e quatro meses. Os seguintes autores descreveram as pirâmides: Heródoto-Euhemerus, Duris de Samos, Aristágoras, Dionísio, Artemidorus, Alexandre Polistor, Butóridas, Antístenes, Demétrio, Demótoles, Apion. Nenhum deles, entretanto, sabe mencionar o arquiteto propriamente dito, e portanto os criadores dessa obra de vaidade caíram, com toda a razão, no esquecimento... Uma questão de extrema importância é por que meios as pedras foram erguidas a tal altura. Alguns são da opinião de que à medida que a obra subia amontoava-se em volta bicarbonato de sódio e sal, sendo estes retirados pelo transbordamento de um rio após a obra ter sido completada. Outros dizem que teriam sido construídas pontes de tijolos de barro e, após a obra estar pronta, teriam utilizado os tijolos para a construção de casas particulares, pois o Nilo fica a um nível muito baixo para que pudesse ter inundado a região. No interior da Grande Pirâmide encontra-se um poço de 86 côvados de profundidade através do qual o rio deveria ter sido canalizado..."

Os dados contraditórios dos historiadores antigos permitem, na verdade, apenas duas constatações categóricas:

- a) O arquiteto da Grande Pirâmide já não era mais conhecido dos egípcios há 2.000 anos.
- b) Ninguém sabia como ela foi feita.

Mil e Uma Noites?

Por volta de 1360 d.C. o historiador árabe Ahmed-Al-Makrizis reuniu todos os documentos disponíveis sobre as pirâmides. O material coletado foi por ele publicado no "capítulo das pirâmides" de sua obra *Hitat*. Em *Hitat* as coisas são fantásticas:

"Nas pirâmides e em seus tetos, paredes e colunas foi anotado todo o conhecimento secreto a que os egípcios recorrem para si, e lá foram pintadas as imagens de todas as estrelas, e também foram registrados os nomes dos remédios bem como sua utilidade e os danos que podem causar, além disso a ciência dos talismãs, da aritmética e da geometria e todas as suas ciências, compreensíveis para aquele que conhece sua escrita e sua língua. Quando ele iniciou a construção das pirâmides, mandou talhar colunas imponentes, enormes placas de pedra, mandou trazer chumbo dos países ocidentais e blocos de pedra da região de Assuan. Com isso ele edificou as fundações das três pirâmides: a oriental, a ocidental e a colorida. Eles tinham folhas escritas, e quando a pedra tinha sido talhada e o acabamento apropriado terminado, eles as colocavam sobre a pedra, davam-lhe um empurrão e com esse empurrão moviam-na cem *saham* (1 *saham* = 6 côvados — EvD) para a frente; isso então era repetido até que a pedra chegasse à pirâmide..."

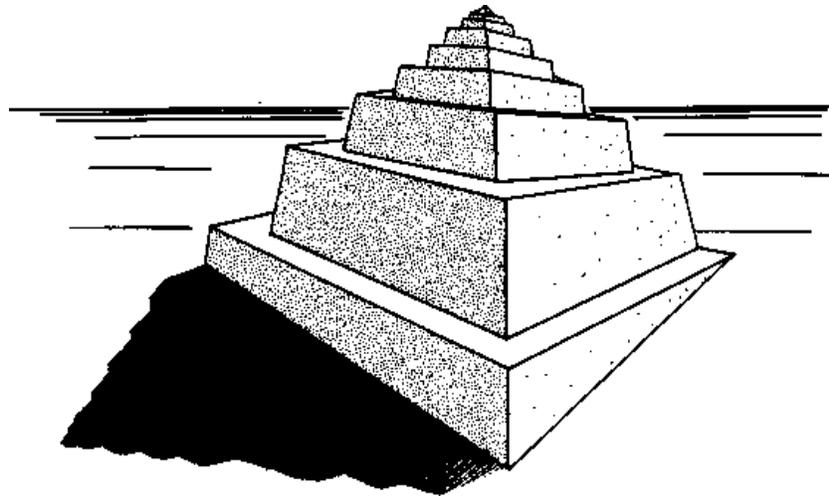
Eu sabia! Construir pirâmides era a coisa mais banal do mundo. Infelizmente o autor do *Hitat* se esqueceu de incluir a fórmula que realizava o prodígio de fazer a pedra flutuar.

As pessoas práticas não acreditam em prodígios — elas meditam em busca de soluções. O Prof. Goyon viu uma dessas soluções em uma ram-pa-andaime de tijolos secos ao ar que circundava a pirâmide em constante crescimento. Esse tipo de tijolo consiste em argila do Nilo, barro e palha picada. Esses tijolos, empilhados em grandes quantidades uns sobre os outros, resultam em muros bastante estáveis, como o comprovam diversas pirâmides que foram

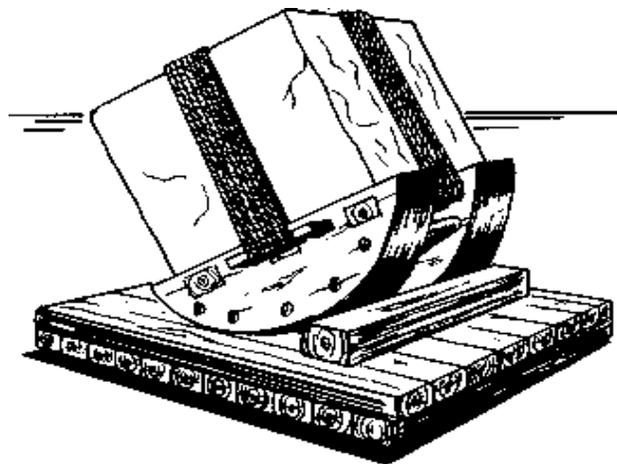
erguidas com o mesmo material. Não obstante, a teoria dos tijolos secos ao ar é discutível, mas em se tratando de teoria das pirâmides, o que é que não é discutível? É com razão que o Prof. Riedl critica o fato de que a superfície da rampa em espiral teria que ser constantemente umedecida para que os trenós pudessem deslizar por ela. Riedl:

"Se assumirmos que para que as duas grossas vigas de cada trenó deslizessem seria preciso um oitavo de litro de água para molhar a rampa, um volume realmente insignificante, do qual ainda a metade evapora, então, ainda assim, seriam necessários cerca de 220.000 litros de água, já que a rampa, de 34 metros de comprimento, precisa ter 6 por cento de inclinação ascendente para que se coloque a segunda camada lateral de cerca de 52.000 pedras. Isso quer dizer que em 250 m³ de lama do Nilo seca ao ar infiltram-se continuamente cerca de 1.380 litros de água por dia. Quanto tempo isso deve durar até que a massa dos tijolos se dissolva?"

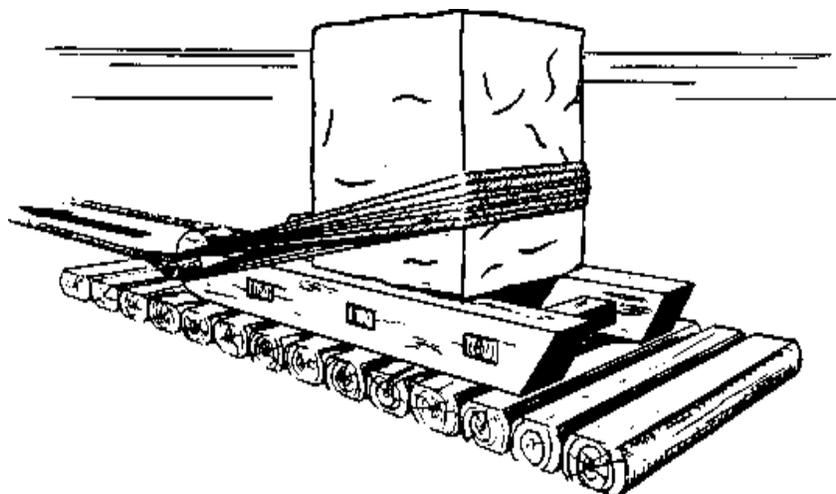
Ninguém sabe, mas me parece que os trabalhadores e supervisores do imponente edifício de Gizé deviam estar todo o tempo hipnotizados diante da ampulheta. Que canseira! Que correria! No mínimo a cada dois minutos um monstro de pedra tinha afinal que estar colocado no lugar certo. Caso uma turma ficasse empacada na rampa, o mesmo ocorreria com todos os trenós que vinham atrás. Dessa maneira o peso total sobre a rampa aumentava de forma ameaçadora. Todos trabalhando direitinho, portanto, sem intervalo, ao ritmo ininterrupto do sol.



A rampa em forma de espiral, de tijolos secos ao ar, enrola-se em torno da pirâmide.



Monólito sobre a gangorra.



É assim que os engenheiros imaginam o transporte de pedras sobre trenós de madeira.

O balanço de Viena

As coisas não estão assim tão mal, ensinou o egiptólogo vienense Prof. Dr. Dieter Arnold, e apresentou a gangorra, um aparelho simples através do qual blocos de pedra podem ser balançados para que subam um andar sem esforço. A gangorra funciona de maneira muito simples — quando funciona. Quando era criança, uma vez eu observei um palhaço de circo que, brincando, ia para lá e para cá em sua cadeira de balanço. Então seus colegas engraçados aproximaram-se de mansinho e começaram a colocar tábuas de madeira pela frente e por trás intercaladamente por baixo da cadeira. No décimo de segundo em que a cadeira chegava ao fim de seu percurso balouçante, antes de voltar, rápido como um raio, era colocada uma tábua. O palhaço, que lia o jornal sentado na cadeira, não percebia que através das camadas de tábuas que eram colocadas seu assento subia mais e mais. Até que ele punha o jornal de lado e com um grito de socorro se precipitava da vacilante torre de madeira.

É exatamente assim com a gangorra do Prof. Arnold. Coloca-se um bloco de pedra sobre a gangorra por meio de alavancas de ferro, amarrando-o com cordas. Dois trabalhadores sobem na gangorra, que com o aumento de peso inclina-se para um lado. Rápido como

um raio, dois outros trabalhadores enfiam uma tábua sob a gangorra, os primeiros saltam para o chão, dois outros sobem no lado contrário. Rapidinho se mete outra tábua sob o lado que está levantado, e a gangorra, juntamente com sua carga, encontra-se alguns centímetros mais alta.

Deve ter sido muito engraçado! Trabalhadores pulando para cima e para baixo como se sobre a rampa estivessem pulando corda ininterruptamente! Por que não há uma categoria olímpica para salto de gangorra? É possível também que dois trabalhadores ficassem em pé sobre a carga útil e, deslocando o peso de seus corpos, mantivessem o movimento de balanço.

Esse balanço todo, no entanto, funciona somente com pequenos pesos; com pesos maiores a gangorra teria virado rapidamente. Quanto mais pesado o bloco de pedra sobre a gangorra, mais finas teriam que ser as tábuas. Com um peso de três toneladas não se poderia mais enfiar nenhuma viga sob as meias rodas da base; ela funcionaria como uma trava e interromperia abruptamente o movimento de balanço. O peso que recai sobre as cordas das bases também termina por destruí-las, pois afinal elas não são feitas de aço. Factível é apenas uma elevação mínima através de uma tábua fina. Esta por sua vez se lasca, se despedaça, pois o peso conjunto da gangorra, carga útil e trabalhadores pulando atinge algumas toneladas. Totalmente indiscutível é o alegre ato de gangorra com vigas de comprimento monolítico. Elas não podiam estar dispostas na gangorra na direção do movimento de balanço, pois já ao primeiro movimento a ponta da viga estaria batendo no chão. E na direção contrária o alegre balanço não funciona devido ao equilíbrio e à falta de lugar. Vigas longitudinais, por sua vez, foram empregadas aos montes nas grandes pirâmides. Somente os tetos da câmara do rei e das câmaras de descarga que ficam acima consistem em mais de noventa vigas de granito, das quais cada uma pesa mais de quarenta toneladas. Hip-hip-hurra!

Mergulhar e erguer

O Prof. Oskar Riedl, de Viena, resolveu o enigma das pirâmides sem gangorras e sem rampas, sem 100.000 trabalhadores e sem mágica. Como é que vigas de granito pesando quarenta e cinquenta toneladas foram levadas de Assuan a Gizé? Sobre barcos de carga? Imagine! *Sob* barcos de carga! Riedl se lembrou do antigo matemático Arquimedes (278 a.C.), que, ao lado da espiral que leva seu nome, que gira interminavelmente, inventou uma série de engenhosas máquinas de guerra. Esse matemático cheio de sutilezas práticas teria uma vez percebido, enquanto se banhava, que na água seu corpo era mais leve do que na terra. "Peso específico" é como se denomina essa propriedade dos corpos quando imersos em um líquido. Em algum momento, quando mais uma vez uma viga de granito caiu de um barco de carga na água, os egípcios responsáveis pelo transporte devem ter registrado esse efeito: blocos de pedra pesam menos na água. O Prof. Riedl acha que os egípcios teriam amarrado suas pesadas cargas sob a água entre dois barcos. Antes os barcos teriam sido ancorados e enchidos de água até que a carga útil estivesse amarrada de forma segura sob a água. Então os barcos eram esvaziados, e por sua vez subiam com a carga pendurada embaixo.

Do ponto de vista teórico, a sugestão de Riedl é bastante razoável — se isso poderia ser feito em uma viagem de mil quilômetros pelo Nilo, com bancos de areia e corredeiras, somente uma experiência com barcas egípcias antigas mostraria. Nesse caso, o peso transportado não poderia ser menor que 45 toneladas por barca, pois o peso original do monólito era maior que o da viga após o polimento final. Chegando à altura de Gizé, a barca se aproximava de um molhe já preparado, os barcos eram inundados, a carga afundava e, como ela ainda estava amarrada com as cordas, uma equipe de homens a arrastava até o trenó preparado de antemão. É até possível que esses trenós já fossem colocados na posição correta sob a água, de forma que a carga afundasse diretamente sobre o trenó.

Segundo o Prof. Riedl, esses trenós não eram empurrados rampa acima por centenas de trabalhadores suados e praguejantes, e sim por meio de cordas e roldanas. Havia baterias completas de

roldanas montadas no pla-tô de Gizé, homens e bois moviam os molinetes, os trenós de carga eram passados de uma roldana à próxima intercaladamente. Chegando finalmente ao pé da pirâmide, os monólitos eram passados para plataformas elevatórias de madeira. O Prof. Riedl sugeriu vinte plataformas desse tipo em cada lado da pirâmide, cada uma com cerca de cinco metros de comprimento.

O princípio é simples e funciona sem rampas, andaimes e aterros, exatamente como o prático mecanismo utilizado para limpar as janelas no exterior dos edifícios. Em cada terraço pronto da pirâmide são fixadas várias roldanas. As cordas que ficam penduradas são atadas a uma estrutura de madeira alongada, na qual encontram-se por sua vez, na frente e atrás, duas roldanas com molinetes. Se somente uma dessas roldanas é girada, a estrutura de madeira inclina-se para um lado, e o bloco de pedra pode ser passado do carro para a plataforma com a ajuda de alavancas. A carga útil é então bloqueada com traves, alguns homens giram o molinete e, rangendo e estalando, o plano inclinado da estrutura se endireita. Agora algumas voltas nas duas roldanas, e tanto a plataforma quanto os trabalhadores, bem como a carga útil, estão acenando do andar da pirâmide imediatamente acima. Exatamente como os cômicos Laurel e Hardy (o Gordo e o Magro), que trabalham como pintores de parede em uma casa e que, estando sobre a plataforma inclinada, rapidamente deixam cair o balde de tinta.

A sugestão do Prof. Riedl é notável, ela torna a construção da pirâmide possível "sem prodígios nem mágicas", desde que algumas condições prévias não tenham sido superestimadas. Para as muitas barcas com seu transporte subaquático é necessário madeira, sendo o mesmo válido para os inumeráveis trenós, roldanas, rolos e plataformas. A teoria poderia finalmente naufragar na enorme quantidade de cordas de primeiríssima qualidade, sem as quais nenhuma roldana gira, nenhuma plataforma sobe rangendo pela parede da pirâmide. Os construtores da pirâmide deveriam dispor de cordas de cânhamo. Cordas de cânhamo? O material se presta na melhor das hipóteses para a tração provocada por uma carga de até três toneladas. Quantas cordas são necessárias para um monólito

de cinquenta toneladas? E quando a corda escapa do eixo de madeira redondo? E quando os finos barrotes dos molinetes se despedaçam? E quando a plataforma de elevação despenca da 96ª. camada de pedra, arrebatando as arestas já polidas de outros monólitos que estão lá embaixo? Dificilmente a construção da pirâmide terá decorrido sem acidentes, mas quanto aos prejuízos que a queda de um colosso de pedra poderia acarretar à construção em andamento, nada pode ser constatado hoje. Será que o *know-how* de polias e plataformas de elevação bastante sofisticadas já existia à época de Quéops (2551 a.C.)? Em caso positivo, as gerações de faraós subseqüentes teriam que pelo menos dispor da mesma tecnologia. Por que razão então os sucessores de Quéops construíram pirâmides tão mesquinhas se a tecnologia estava disponível havia muito c a construção, graças às plataformas elevatórias e polias, eram uma brincadeira de criança? O faraó Niuserre (2420-2396 a.C.), por exemplo, viveu apenas 130 anos após a construção da Grande Pirâmide, e governou por um período um pouco mais longo que seu antecessor Quéops. Ele teve o mesmo tempo para construir sua pirâmide, e a técnica de construção deveria na verdade ter feito progressos desde Quéops. Mestres construtores e arquitetos aprendem muito em 130 anos. A pirâmide de Niuserre em Abusir tem exatamente 51,5 m de altura, a de seu antecessor Sahure (2458-2446 a.C.) estira-se apenas 47 m em direção ao Sol, e o faraó Unas (2355-2325 a.C.), que também pertencia à mesma dinastia, a 5ª, ainda construiu em Sakkara uma piramidinha de 43 metrinhos. Há no Egito pirâmides com pregas, em degraus, pirâmides inacabadas e que desabaram. Em nenhuma delas foi encontrado um único tarugo de uma plataforma de elevação apodrecida ou o ponto de fixação de alguma polia.

O concreto que conserva por milênios

Não faz mal, diz o Prof. Davidovits, diretor do Instituto para a Ciência Arqueológica Aplicada da Universidade Barry, de Miami, EUA. Os egípcios não foram buscar suas pedras para as Grandes Pirâmides em Assuan ou qualquer outra pedreira, nem as arrastaram com

polias. Eles as moldaram no próprio local, como se faz com o concreto. Gongo!

A cadeia de provas do erudito, que se formou em química, pode ser lida como uma novela policial. Aqui está a história:

No ano de 1889 o egiptólogo C. E. Wilbour encontrou na pequena ilha do Nilo de Sehel, ao norte de Assuan, uma coluna coberta de hieróglifos. Sehel é um dos poucos lugares do Egito onde os antigos deuses estão até hoje eternizados em esplêndidos desenhos na rocha. Os sinais escritos foram traduzidos no século passado pelos arqueólogos Brugsh, Pleyte e Morgan e novamente decifrados em 1953 pelo egiptólogo francês Barquet. Concorda-se que os hieróglifos da assim chamada "coluna Famine" somente foram burilados na dura rocha na época ptolomaica (c. 300 a.C.), embora os textos se refiram a uma época anterior àquela em milênios. De um total de 2.600 hieróglifos da coluna, 650 sinais descrevem a fabricação de pedras artificiais. O conhecimento foi transmitido pelo antigo deus egípcio da criação, Chnum, ao construtor da primeira pirâmide, o faraó Djoser (2609-2590 a.C.), em sonhos.

Deve ter sido um sonho esquisito, pois o deus Chnum ditou ao faraó até mesmo uma lista de 29 minerais e diversas substâncias químicas naturais, e mostrou-lhe ainda um ligante que ocorre na natureza, com o qual as pedras sintéticas deviam ser grudadas. Não foi apenas o faraó Djoser, o construtor da pirâmide em degraus de Sakkara, que recebeu informações do céu, mas também seu arquiteto-chefe Imhotep, que mais tarde foi venerado pelos egípcios como um deus e cujo túmulo os arqueólogos estão procurando até hoje em vão.

Nas colunas de 6 a 18 da "coluna Famine" estão listados os ingredientes necessários para o "concreto" e também indicados ainda os lugares no país onde podiam ser encontrados. Seguindo essas instruções divinas Imhotep fez uma papa de carbonato de sódio e silicato de alumínio (argila), à qual acrescentou silicatos e lama do Nilo contendo alumínio complementar. Com complementos de minerais contendo arsênico e areia surgiu um cimento de secagem rápida que apresenta as mesmas ligações moleculares que a pedra natural.

No 2º. Congresso Internacional de Egiptólogos, que se reuniu em Grenoble, França, em 1979, o químico de minerais Dr. D. Klemm informou os perplexos arqueólogos a respeito de suas pesquisas com as pedras das pirâmides. O Dr. Klemm e seus colaboradores científicos analisaram um total de vinte amostras diferentes de pedras da pirâmide de Quéops e constataram que cada pedra teria de ter vindo de uma outra região do Egito. Agora, quem pensa que cada aldeia egípcia contribuiu com "sua" pedra para a grande obra está enganado, pois as próprias pedras pesquisadas continham componentes de todas as regiões do país! Um bloco de granito natural tem em geral uma densidade homogênea, enquanto as pedras pesquisadas pelo Dr. Klemm eram mais densamente agregadas embaixo que em cima, contendo além disso pequenas bolhas de ar em demasia.

O Prof. Joseph Davidovits apresentou duas provas adicionais que poderiam literalmente solidificar sua teoria.

No ano de 1974 o famoso Stanford Research Institute da Califórnia, juntamente com cientistas da Universidade de Ain-Sham do Cairo, executaram medições eletromagnéticas na Grande Pirâmide. Varria-se a pedra com ondas de alta frequência, que não são refletidas completamente por monólitos secos. Na verdade estava-se seguro de se descobrir passagens e câmaras secretas com tais medições, pois as pirâmides juntamente com o platô de Gizé passavam por ser totalmente secos.

Contra todos os prognósticos, os resultados das medições foram caóticos, as ondas de alta frequência foram completamente absorvidas pela pedra. O que tinha acontecido? Os blocos das pirâmides continham muito mais umidade que a pedra natural. Cálculos de computador resultaram, somente para a pirâmide de Quéfren, em um conteúdo de alguns milhões de litros de água! Daí o Prof. Davidovits dizer: "Os blocos são artificiais".

A segunda prova poderia ter saído de um romance de Agatha Christie. Quando o Prof. Davidovits examinou as amostras de pedra da pirâmide de Quéops sob o microscópio, ele descobriu indícios de um fio de cabelo humano e mais tarde até mesmo um fio de cabelo inteiro com 21 centímetros de comprimento. Como é que o cabelo foi

parar na pedra? Ele provavelmente caiu da cabeça de algum misturador de cimento egípcio.

No entretanto o Prof. Davidovits reproduziu vários tipos de cimento é de concreto segundo antigas misturas egípcias. O novo — antiqüíssimo! — concreto é muito mais duro e bastante mais resistente às influências do ambiente que o nosso, pois em razão das reações químicas ele seca mais depressa e de maneira mais perfeita. Quem iria se admirar se a Géopoly-mère France já estiver fabricando concreto segundo a receita antiqüíssima? A Dinamite Nobel também quer produzir a nova mistura de cimento; nos EUA a gigante do concreto Lone Star já incluiu a mistura de cimento mais dura e de secagem mais rápida em seu programa. Concretado por milênios!

Pirâmides enevoadas

Novamente estávamos eu e meu colaborador Willi Dünnenberger sobre a pequena elevação ao sul da Grande Pirâmide. Era de manhã cedinho, por volta das seis horas do dia 12 de maio de 1988; tínhamos feito com que Achmed, nosso motorista de táxi que ria o tempo todo, nos levasse até lá na escuridão da noite, pois queríamos fotografar a Maravilha do Mundo ao nascer do sol. Não conseguimos nada. Embora as pirâmides se projetassem do chão a escassos 300 m de nós, não as podíamos distinguir mesmo uma hora após o nascer do Sol. Um espesso nevoeiro envolvia os edifícios imperiais como se fossem cortinas úmidas e cinzentas que não queriam se erguer de forma alguma. No lusco-fusco da manhã já fomos cumprimentados com "*Welcome to Egypt!*" por guias faladores. Somente Hórus, que tudo vê, poderia saber em que ruínas esses insistentes pseu-dovigias passam a noite. Eles são onipresentes e duradouros durante 24 horas.

Tínhamos frio. Enquanto Willi inspecionava as câmeras, percorri rapidamente os 50 m que nos separavam das pirâmides. Em algum momento tinha que se poder distinguir os contornos das superfícies triangulares simétricas. Já eram oito horas, e a neblina cintilava, branca como algodão-doce; uma luz pálida como a da lua cheia

pingava timidamente através do filtro de vapor que teimosamente me impedia de avistar as pirâmides.

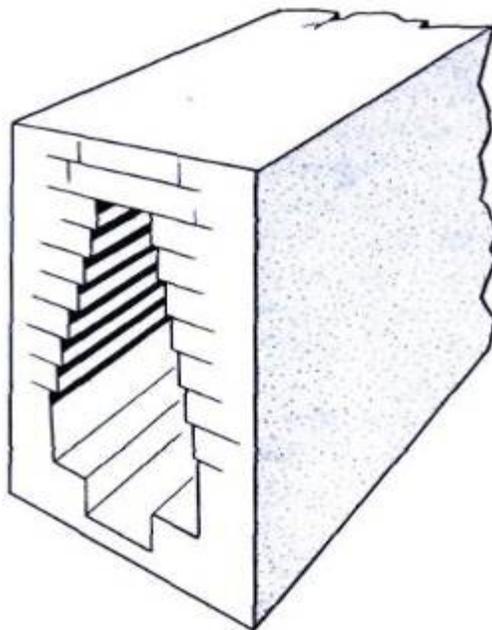
— Será que na época de Quéops também havia neblina aqui? — perguntou Willi, e nós estávamos pensando a mesma coisa. Nesse caso as colunas de trabalhadores não teriam tido doze horas de luz por dia. Finalmente, por volta das nove, o encanto se desfez. Seis majestosos triângulos, dois de cada pirâmide, retiraram seus capuzes reluzentes, surgindo frios e grandiosos diante de nós. O homem teme o tempo — o tempo teme as pirâmides, dizem os egípcios.

Achmed negociava com o guarda barbudo à entrada da pirâmide. Queríamos entrar antes que as hordas de turistas fossem trazidas pelos ônibus. Ficamos um longo tempo parados na Grande Galeria, que leva à câmara real; não se escutava nenhum ruído, as lâmpadas elétricas mergulhavam as paredes perpendiculares numa luz amarelada. Sentimo-nos minúsculos nessa galeria. A imensa passagem, que num ângulo inclinado para cima leva à câmara real, tem 46,61 m de comprimento, 2,09 de largura e 8,53 de altura. Dever-se-ia deixar as medidas se dissolverem na língua! A parte inferior das paredes laterais consiste em monólitos de calcário polido que atingem uma altura de até 2,29 m, seguindo-se então sete séries de vigas imensas, cada uma das quais está deslocada 8 cm para dentro. Devido a isso a passagem inicialmente larga torna-se cada vez mais estreita à medida que se aproxima do teto, as duas paredes da passagem inclinam-se uma em direção à outra, e por essa razão o teto de placas horizontais mede apenas 1,04 m. A maneira de construir lembra a dos incas do Peru, que freqüentemente davam forma de trapézio às suas portas, janelas e passagens.

Essa grande galeria é o prodígio de engenharia mais inconcebível da história da humanidade. Aqui o reconhecimento de que todas as teorias sobre as pirâmides somente podem ser parciais torna-se para qualquer um tão dolorosamente claro quanto uma chicotada. As vigas de granito da galeria de 8,5 m de altura dispostas uma diante da outra não estão na horizontal, não, os monólitos se inclinam para cima junto com o ângulo de inclinação da Grande Galeria, como se

os espertinhos nos quisessem dar ainda um último puxão de orelhas. O acabamento de vigas e placas é de tal perfeição que, mesmo com nossas lanternas, tivemos dificuldade para discernir uma ranhura. Se alguém ainda tem alguma dúvida quanto aos mestres construtores da Grande Pirâmide que tenham recebido ajuda de deuses extraterrestres, então que venha até aqui, na Grande Galeria! Não devemos esquecer a humildade. As pessoas estão sempre tentando nos convencer de que nós, seres humanos, somos os maiores, a coroação da criação, o ponto culminante provisório da evolução. Conversa fiada! Quem não consegue mais surpreender-se não é realista. A realidade é sobre-humana, formando um tecido de vibrações espirituais, e engrenada com as próximas dimensões do universo.

Calculo que nos últimos três anos consumi cerca de sessenta livros com teorias sobre as pirâmides. A respeito de *como* a Grande Galeria foi construída existe apenas lixo e argumentos do tipo "eu é que sei". Ninguém sabe nada de preciso, mas todos argumentam com exercícios de acrobacia mental. "Abençoados sejam aqueles que não têm nada a dizer e ficam de boca fechada" (Oscar Wilde, 1856-1900).

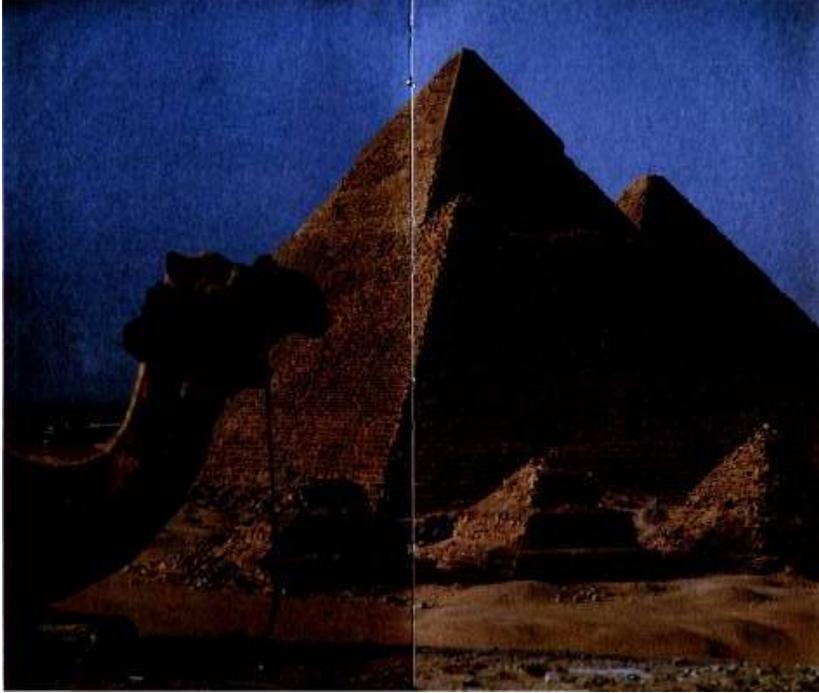


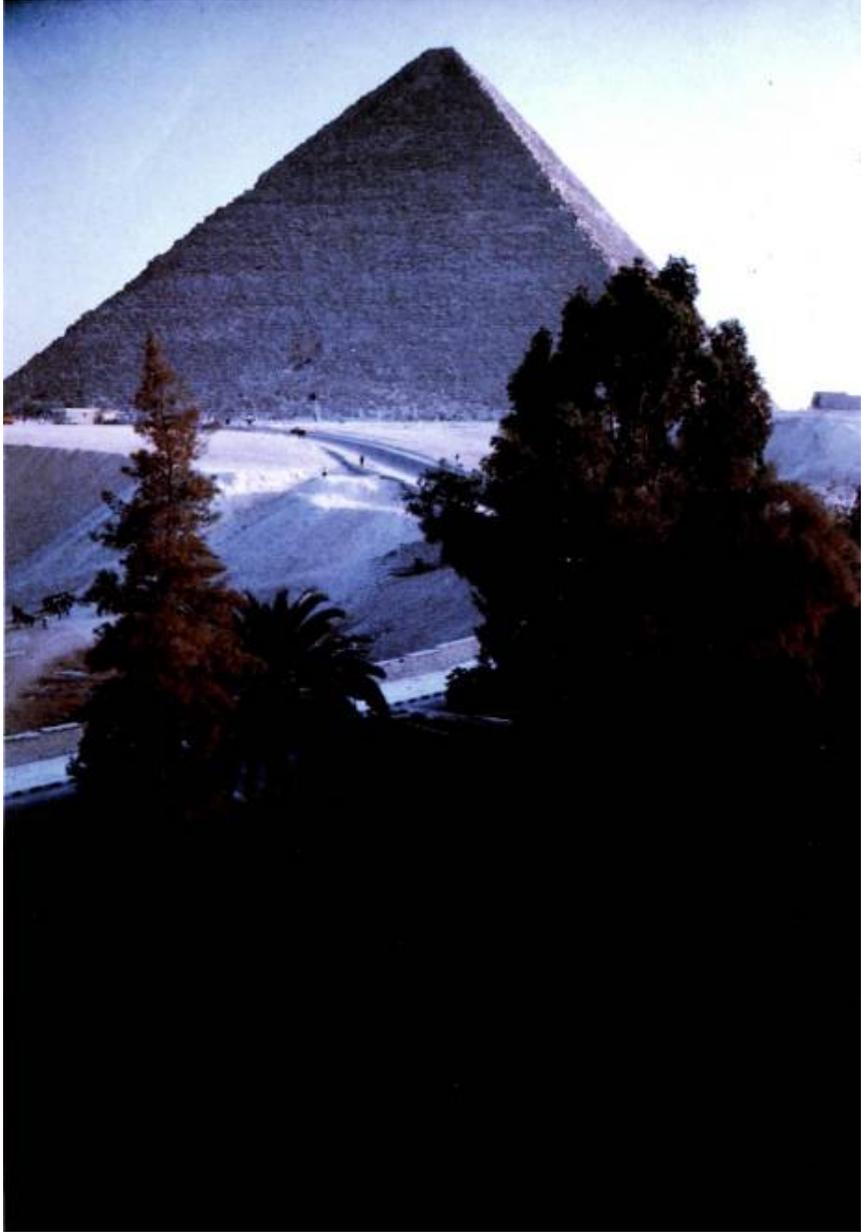
A Grande Galeria. Cada viga monolítica está deslocada 8 cm para dentro. A gigantesca passagem tem 46,61 m de comprimento.



33 - *Os vários aspectos das pirâmides de Gizé nas páginas seguintes comprovam que, observadas de qualquer ângulo, elas são sempre fascinantes.*

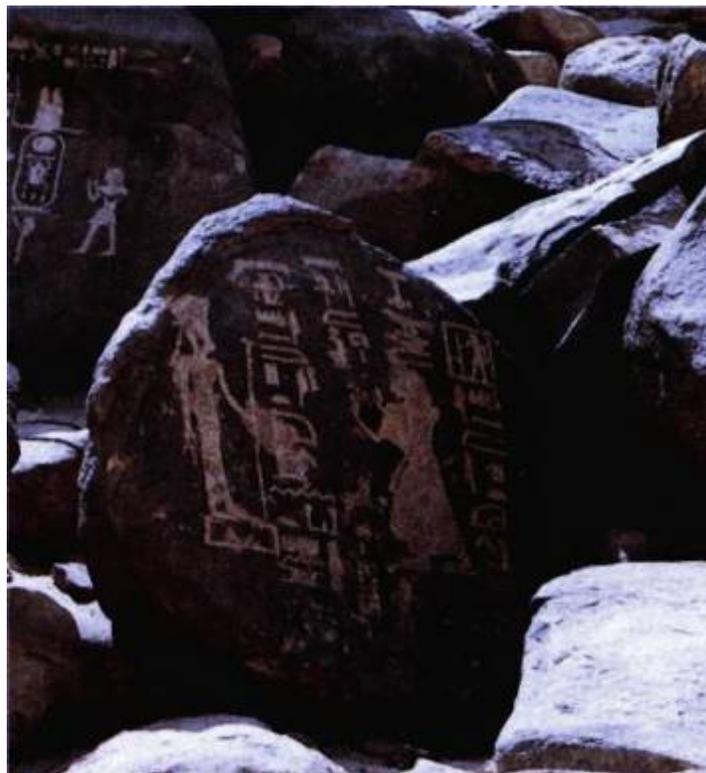








37 - Os desenhos na rocha com cenas de deuses na ilha Sehel, no Nilo, mostram representações de deuses de diversas dinastias.





39





*41 - A Grande Galeria, na pirâmide de Quêops, é um dos prodígios
inconcebíveis da arquitetura mundial.*

*O sarcófago da câmara do rei (acima e no centro) estava vazio.
Para que ele pode ter servido?; embaixo: um poço de ventilação na
câmara do rei.*



42



43



44

Um sarcófago no lugar errado

Ao final da Grande Galeria, que fica na direção sul, encontra-se a passagem de 8,40 m de comprimento que dá para a câmara real. A princípio caminhávamos abaixados, a galeria tinha apenas 1,12 m de altura, mas um metro depois o corredor baixo se abria para uma ante-sala de mais de 3,5 m de altura. Antigamente um portão vertical de granito de três toneladas bloqueava a entrada. Três metros adiante tivemos que nos abaixar novamente; Achmed, que já não ria havia muito, ia abaixado na frente, Willi e eu atrás dele. Talvez por ter sido educado de maneira muito devota, ou apenas por guardar em mim um saudável resto de respeito, ou então por me encontrar pela primeira vez nessa assim chamada câmara real sem turistas estranhos, eu me sentia como se estivesse em uma catedral. A sala retangular mede 5,22 m no eixo norte—sul e 10,47 m no eixo leste—oeste. A altura atinge 5,82 m. É incompreensível como se pode falar de uma "câmara" com medidas como essas! As paredes desse pequeno salão consistem em cinco enormes vigas de granito sobrepostas — e não encaixadas! —, sendo o chão também recoberto de placas de granito. As paredes parecem, ao tato, ser de mármore liso. O teto, que consiste em nove gigantescas vigas de granito rosa de Assuan, foi montado de maneira tão precisa que as

juntas, na melhor das hipóteses, são vistas apenas como finas linhas negras. Sobre o teto, não acessíveis ao observador, ficam ainda cinco "câmaras de descarga" de monólitos-monstros de até quarenta toneladas colocados uns sobre os outros.

Achmed tossiu e apontou para o teto polido sem juntas:

— Ninguém mais conseguiu fazer algo assim desde Quéops!

Willi dirigiu a luz para cima, o foco de sua lanterna tateou o fenomenal teto centímetro a centímetro.

— Como é que se chegou à idéia de chamar as cavidades acima de "câmaras de descarga"?

Agora Achmed sorria novamente:

— E como se poderiam chamar? Hesitante, eu me meti na conversa:



A passagem maciça para a câmara do rei.

— A construção sobre a câmara real me lembra de maneira espontânea um templo *shintô*, um portal para um outro mundo. Parece-me também que os arqueólogos deviam parar imediatamente de falar em câmaras de descarga. Em primeiro lugar as salas intermediárias aqui em cima não se encontram absolutamente no eixo da pirâmide, não estando portanto sob a ponta da pirâmide; em segundo lugar, e isso me parece muito mais importante, eles com isso imputam aos construtores do edifício o conhecimento exato do

descomunal peso da pirâmide. Como isso se adapta à época de Quéops? Vocês se dão conta do que isso quer dizer em termos de conhecimento matemático? Hoje somente realizaríamos cálculos como esse por computador. Será que a câmara real desabaria, viria abaixo sem as "câmaras de descarga" ? De modo algum. Poder-se-ia simplesmente recobrir o espaço sobre o teto com vigas de granito cujo peso não recaísse sobre a câmara real. Além disso, onde estão então as outras "câmaras de descarga" na pirâmide?

Sem dizer uma palavra, Achmed caminhou os poucos metros que o separavam do sarcófago de granito negro que hoje se encontra em pé encostado à parede ocidental da sala. Presume-se que ele originalmente ocupava o centro do aposento. O sarcófago mede (segundo o professor Goyon) 2,28 x 0,98 x 1,04 m.

— Muita coisa aqui é discutível — ensinou Achmed. — O sarcófago teria sido encontrado vazio e sem tampa... Para que serve um sarcófago vazio? Além disso, suas medidas são maiores que as da passagem que sobe até a grande galeria. Como é que o sarcófago, que foi talhado em um único pedaço de pedra, chegou até aqui? Willi deu um palpite:

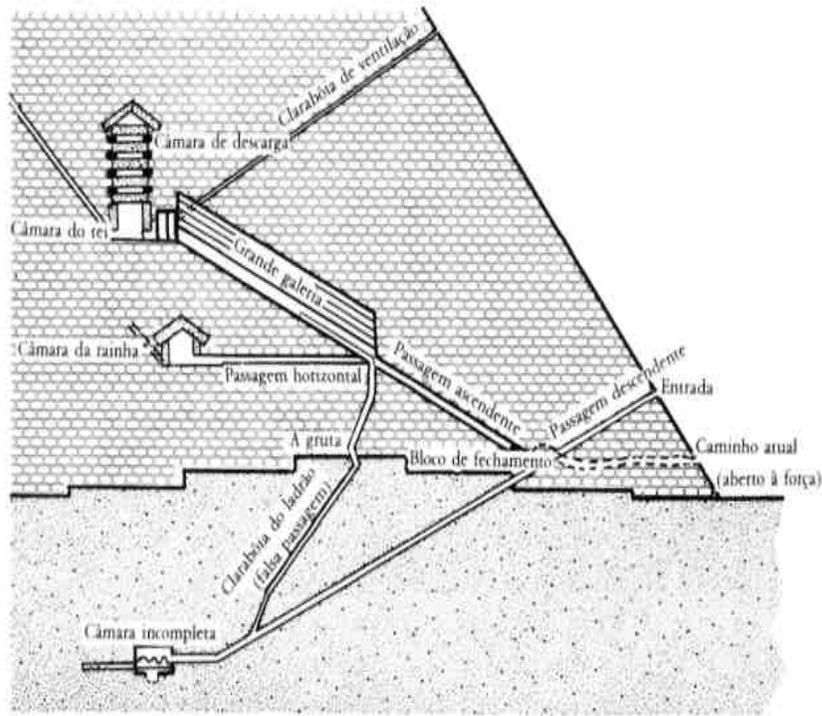
— Por essa razão a pirâmide teria sido construída em torno dele; as passagens nas pirâmides de Quéfren ou Miquerinos são igualmente mais estreitas que seus sarcófagos.

Achmed meditou um pouquinho:

— Tem que ter sido assim, o que permanece incompreensível é por que a Grande Galeria é muitas vezes maior que a passagem ascendente. Na Grande Galeria o sarcófago poderia ter sido tranqüilamente transportado na posição vertical, enquanto, por outro lado, ele não passa em nenhuma parte da passagem ascendente. O que eu quero dizer é que a altura de 8,5 m da Grande Galeria era supérflua. Para o transporte do sarcófago a metade teria sido suficiente. E se a pirâmide fosse construída em torno do sarcófago, como você supõe, para que então a Grande Galeria?

A lógica aqui dá cambalhotas. Especialistas opinaram que a Grande Galeria teria sido imaginada como uma sala alongada ascendente pela qual um dia passaria uma digna procissão de sacerdotes para prestar as últimas honras ao faraó morto. Dignidade

e morte combinam. Mas a mesma procissão de sacerdotes precisava antes desrespeitosamente abaixar-se e arrastar-se pela passagem ascendente para poder chegar à Grande Galeria. Isso não combina.





A "passagem ascendente" está hoje guarnecida de escadas e corrimãos, por razões de segurança.

— Quem constrói com a agudeza matemática dos sacerdotes-arquitetos não faz nada desnecessário — retrucou Willi. — Para que pseudopassa-gens e câmaras vazias? Essa futilidade teria custado anos de trabalho, anos que, dado o acelerado ritmo de trabalho exigido, dificilmente seriam desperdiçados.

Finalmente Achmed riu outra vez.

— O senhor está se esquecendo dos ladrões de túmulos? Eles tinham que ser enganados.

Willi olhava alternadamente para Achmed e para mim.

— Ladrões de túmulos? — ele gritou para Achmed por sobre o sarcófago, que se erguia entre eles como uma banheira. — Sagrado Hórus, nós estamos falando da época de Quéops, 2.500 anos antes de Cristo! Toda essa mania de construir pirâmides começou com a pirâmide em degraus de Sakkara. São apenas oitenta anos antes de Quéops! De onde viriam os ladrões de túmulos? As pirâmides eram espessas como cofres de aço.

Na verdade ele tinha razão, pensei, e Achmed deve ter pensado a mesma coisa, pois pela primeira vez o vi cocar o queixo, embaraçado. Por outro lado, o portão vertical continuava sendo o fato irrefutável. A passagem ascendente e a câmara real foram lacradas com blocos de granito maciços. É de se arrancar os cabelos! Para que esse imenso sistema de segurança, para que a edificação fechada se nunca um faraó foi levado ao túmulo na pirâmide de Quéops? Para que poços e passagens sem saída em uma época em que jamais um ladrão de túmulos tinha tocado uma pirâmide?

Dois contrários: vaidade e anonimato

Os construtores das pirâmides devem ter conhecido muito bem a natureza humana, deviam saber que a curiosidade científica das gerações futuras não os deixaria em paz. A sede de saber é parte integrante da inteligência humana. Em algum momento do futuro distante os homens iriam arrombar as pirâmides. Só então eles descobririam, incólume, a herança dos antigos. Em que consiste esse legado? Em um sarcófago vazio?

O barulho de vozes, interjeições de admiração, risos abafados e nomes chamados em voz alta chegaram à nossa solene sala. A primeira onda de turistas do dia rolava galeria acima. Fugimos, passando por rostos esquecidos cheios de expectativa, saímos aos tropeções para a clara luz da manhã. O sol brilhava, a pesada névoa tinha desaparecido completamente. Com um *"Welcome to Egypt"* um vendedor de papiros dirigiu-se a nós. Enquanto folheávamos a oferta de motivos egípcios clássicos de cores suntuosas e meus olhos ausentes passavam pelos cartuchos pincelados com tinta dourada, um pensamento passou pela minha cabeça. Hieróglifos! Em nenhuma sala, em nenhuma câmara, nem mesmo na Grande Galeria nem em qualquer outro corredor havia inscrições. Como pode um faraó mandar construir o edifício mais gigantesco da Terra sem cobrar a fama de seus feitos? Sem eternizar seu próprio nome ainda que com um símbolo minúsculo? A total ausência de sinais de escrita é

francamente perversa, o anonimato do edifício não combina com o caráter do proprietário.

Plínio tinha escrito: "...e portanto os criadores dessa obra de vaidade caíram com toda a razão no esquecimento". Vaidade e ausência de nomes são incompatíveis. Se o faraó Quéops era vaidoso, ou até mesmo um tirano e opressor que — segundo Heródoto — deixou que 100.000 escravos se esfalsassem na Grande Pirâmide, então todas as paredes teriam que anunciar seus feitos heróicos. Foi objetado que justamente os oprimidos teriam apagado os hieróglifos que louvavam seu ditador. Como? Quando? A pirâmide estava perfeitamente lacrada. Nenhum súdito podia entrar lá para descarregar sua fúria nas inscrições do faraó. Além disso, a opinião moderna dos eruditos é que não teriam sido empregados escravos. Diz o egiptólogo Karlheinz Schüssler a esse respeito:

"Uma coisa pode se dizer hoje com certeza: nessa época não havia escravidão no antigo reino".

Sem escravos, com a participação por livre e espontânea vontade de trabalhadores prontos a sacrificar-se na grande obra, há menos razão ainda para a falta de qualquer comunicação escrita. Uma mão-de-obra livre teria antes exaltado a grandeza do construtor.

— Vocês sabem como o papiro é feito realmente? — perguntou Achmed, interrompendo minhas meditações. Tínhamos conseguido abrir caminho por entre vendedores e chusmas de turistas até o táxi.

— Papiro não se faz, ele cresce nas margens do Nilo — troçou Willi do banco de trás, piscando com cumplicidade por sobre o ombro de Achmed.

— E como é que se obtém da planta uma folha flexível semelhante ao pergaminho?

Papiro, desde que o Nilo flui

Willi deu de ombros, Achmed acelerou, fazendo hábeis curvas por entre os redemoinhos de pessoas, camelos e automóveis, saindo para a estrada de Sakkara. Fizemos uma curta parada diante de uma tecelagem de tapetes. Garotos e meninas, estas vestindo saias de um vermelho berrante, estavam de pé diante de uma parede e

com delicadas mãos de criança moviam os pequenos fusos através do novelo de linha. Rapazes com os cabelos negros como o piche, camisas cinza-claras e pés descalços trabalhavam com movimentos seguros nos barulhentos teares de madeira. As crianças estavam contentes; riam, cantavam e agradeciam sem importunar com pedidos de esmolas. Achmed explicou que as próprias crianças iriam desenhar os motivos nos tapetes, e a composição de cores também vinha delas. Dois quilômetros adiante vimos uma das muitas *Papyrus factories* do vale do Nilo. O processamento das plantas aquáticas que atingem até dois metros de altura não se modificou durante milênios.

O talo é cortado em pedaços de cerca de vinte centímetros de comprimento, a casca verde é retirada com uma faca. Antes eram fabricados cintos e sandálias com essa casca elástica; hoje ela serve como combustível. O miolo branco no interior do talo é cortado em tiras finas e deixado de molho na água por seis dias. Esse material se satura de água e, além disso, torna-se marrom. Então as lamelas são esmagadas com uma prensa ou um pilão e colocadas em cruz sobre uma toalha de algodão, sempre uma tira horizontal e uma vertical. Coloca-se outro pano em cima e procede-se a uma segunda passagem entre as toalhas. Estas toalhas são trocadas freqüentemente até que o xadrez de tiras de papiro esteja seco. Como a polpa do papiro contém gelatina, as tiras secas grudam umas nas outras. Após cerca de seis dias está pronta uma folha de papiro elástica e bastante resistente. Ela pode ser facilmente pintada com todas as cores.

Há séculos os egípcios confiam mensagens ao papiro. Por que razão não se transmitiu uma única palavra sobre a construção das pirâmides? Por que o nome do criador do mais fenomenal de todos os edifícios não é citado em lugar nenhum? Podemos virar e torcer quanto quisermos, a lógica de nossas células cinzentas não colabora. Alega-se que Quéops teria sido sepultado em outro lugar e não em sua própria pirâmide. Por que deveria ele ser afastado? "Sua" tumba era evidentemente a mais segura do mundo. Em que momento ele teria tomado a decisão de não ser sepultado na própria pirâmide? É simplesmente impensável que uma decisão desse tipo fosse tomada

já no estágio inicial da construção da pirâmide. Os arquitetos e sacerdotes teriam agradecido! O incomensurável trabalho teria sido um fracasso? Nunca! Com sua edificação, Quéops deixou uma marca indelével na paisagem egípcia. É inconcebível que ele perdesse a oportunidade única de deixar sua própria auréola brilhando por toda a eternidade.



Este papiro no Museu Egípcio do Cairo tem milhares de anos de idade.

Os fatos, na verdade, deixam em aberto apenas três variantes:

a) A câmara mortuária de Quéops foi saqueada há muito.

b) A câmara mortuária não foi descoberta até hoje.

c) A decisão de não ser sepultado na pirâmide não foi de Quéops.

Voltarei aos pontos *a* e *b*, a terceira objeção contradiz a dura realidade. Afinal, a pirâmide de Quéops foi trancada com enormes monólitos e portões de pedra verticais quando estava pronta e terminada. O edifício foi entregue à sua destinação sem remendos. Caso a pirâmide não estivesse pronta quando da morte de Quéops e a posteridade tivesse amaldiçoado o tirânico faraó a ponto de não querer ver sua múmia na pirâmide, por que então o edifício foi completado? Nenhum dedo teria mais se movido em prol do detestado faraó. Os sucessores de Quéops tinham planos arquitetônicos próprios.

Ou Quéops está em sua pirâmide... ou a pirâmide não pertence a Quéops.

Pirâmides — paredes cobertas de textos

O Egito foi governado pelo último soberano da 5ª Dinastia, o faraó Unas (2356-2323 a.C.), apenas duzentos anos depois de Quéops. Sua pirâmide em Sakkara tem 47 m de comprimento lateral e atingia originalmente parcos 43 m de altura, mas apesar disso ela presenteou os escavadores com uma sensação.

As paredes da câmara mortuária, da ante-sala e da entrada da câmara intermediária estão saturadas de textos hieroglíficos. Em colunas densamente dispostas, as linhas escritas correm da direita para a esquerda e de cima para baixo. Trata-se das mais antigas inscrições de pirâmides, mas não das únicas.

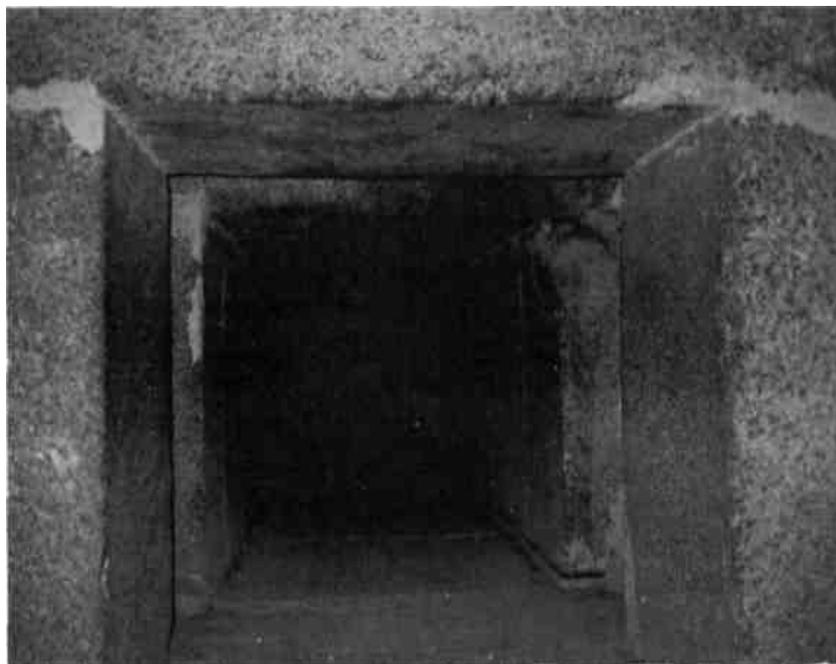
Os sucessores de Unas Teti, Pepi I, Menrenê e Pepi II, todos pertencentes à 6ª. Dinastia (2323-2150 a.C.), deixaram as paredes internas de suas pirâmides recobertas de textos. Já em 1965 foram classificados setecentos fragmentos de inscrições na pirâmide de Teti, e dois anos depois arqueólogos franceses atacaram a pirâmide

de Pepi; aqui também as passagens e paredes estavam cobertas de hieróglifos.

Em fevereiro de 1971 o egiptólogo Jean-Philippe Lauer, juntamente com sua equipe, pôs a descoberto a pirâmide do filho de Pepi, Menrenê.



As lâmpadas deslizavam por gigantescos blocos de pedra calcária, passando pelos rostos em relevo de uma procissão que era liderada por um gênio alado. O orgulhoso ser divino trazia em uma das mãos um cetro com o deus-animal Seth, na outra o hieróglifo Ankh, geralmente conhecido como o "símbolo da vida" ou a "chave da vida".



Por esta entrada subterrânea penetra-se na pirâmide do faraó Unas.

Em uma galeria mais profunda os escavadores passaram por cima de um portão de pedra vertical derrubado por ladrões de túmulos e chegaram finalmente a duas salas, que estavam subdivididas por monólitos maciços que pesavam pelo menos três toneladas. Esses monólitos estavam dispostos de maneira a formar um gigantesco V, afastando-se portanto um do outro e espalhando-se em direção ao teto como o sinal da vitória. Os monólitos estão decorados com estrelas brancas luminosas que, devido à forma em V, realmente estão penduradas na sala. Paredes isoladas estavam recobertas com textos de pirâmides, outras mostravam representações imagéticas com rituais enigmáticos. Nelas há animais que estão divididos em duas metades por uma faixa pintada. Os arqueólogos acreditam que dessa maneira as criaturas selvagens teriam sido simbolicamente "amansadas, de forma a se tornarem inofensivas". O soberano morto não deveria ser molestado nem mesmo atacado por animais em sua viagem ao mundo dos deuses. O fundamento é fraco. Se era por medo da magia dos animais, por que então representações de animais?

Estamos presos a um tipo de pensamento que se desenvolveu a partir da escola de egiptologia antiga. As pressuposições podem ser esclarecedoras e corretas em muitas áreas, mas atuais é que elas não são. O significado de representações imagéticas bem como de hieróglifos é passível de interpretação, tanto depois como antes. Talvez com as faixas que dividem os animais em duas metades não se quisesse de forma alguma representar um "amansamento mágico", talvez se quisesse expressar que o animal era um ser híbrido, meio terreno, meio divino.

Quem esperava encontrar nesses textos de pirâmides indicações arquitetônicas, até mesmo tradições referentes ao grande antepassado Quéops, ficou decepcionado. Trata-se de testemunhos escritos poéticos da mitologia, da religião e da magia, onde o cosmo muitas vezes desempenha um grande papel. É entretanto indiscutível que os textos das pirâmides — tenham eles surgido no final da 5ª. ou durante a 6ª. Dinastia — contêm representações de crenças que se remetem a um passado muito mais distante. É difícil aceitar que o significado dos textos das pirâmides consista apenas de indicações

pensadas, inventadas para a continuação da vida no mundo do além. Qualificamos o conteúdo, com seus louvores e lisonjas, como "mágico" e "ritual", como a expressão dos pensamentos oníricos e dos desejos do faraó. Constata-se então nos textos de pirâmides mais antigos o desejo do faraó de encontrar o deus-sol Rá-Atum no firmamento em sua viagem futura. É preciso compreender isso espiritualmente, dizem os eruditos. E preciso? É claro que o faraó e seus sacerdotes tinham concepções inequívocas a respeito de suas viagens celestes, ainda que elas possam nos parecer infantis. Não se viajava "em espírito", viajava-se de navio.

Tecnologia espacial e brinquedo

Por que nossas crianças brincam com ferrovias em miniatura? Porque os adultos viajam em ferrovias de verdade. Por que um baixinho pedala em seu carrinho de brinquedo de cores luminosas pela grama, enquanto imita com os lábios o ruído do motor fazendo brum-brum? Porque seus modelos possuem carros chiques que fazem brum-brum. Por que razão pirralhos invadem a sala de estar com capacetes e fones de ouvido, dão tiros de raio laser e brincam de "Conquistadores do Planeta XY"? Porque vêem os adultos fazerem exatamente a mesma coisa na tela. Em meu livro *Será que Eu Estava Errado?* apresentei um desfile de cultos-"cargo" para comprovar exemplarmente que não apenas as pessoas da Antigüidade, mas também tribos de nativos do presente, imitam tecnologias que ultrapassam seu horizonte espiritual.

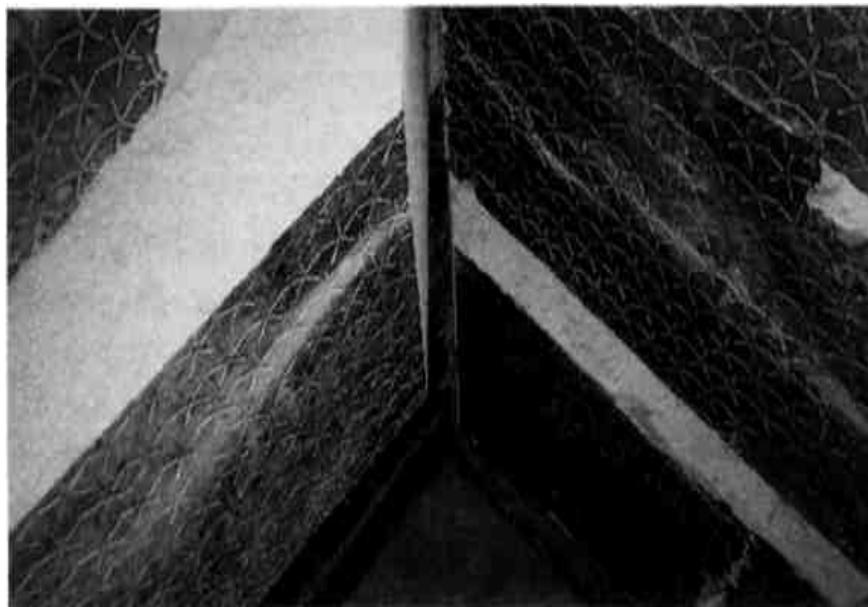
— Os habitantes da ilha Wewak construíram um aeroporto espiritual com modelos de aviões de madeira e palha porque tinham a esperança de assim atrair aviões de verdade.

— Quando, nos anos 30, os habitantes do planalto da Nova Guiné viram homens brancos pela primeira vez, eles pensaram que necessariamente tratava-se de deuses. A razão do engano eram, antes de mais nada, as calças e mochilas que os brancos usavam. "Nós acreditávamos que eles deviam trazer suas mulheres nas mochilas", disse vinte anos depois uma testemunha ocular da época,

"c perguntávamo-nos onde os seres estranhos deixavam seus excrementos. Eles naturalmente não podiam passar pelas calças."

— No vale de Markham (planalto oriental da Nova Guiné) surgiram "estações de rádio" feitas de bambu e "isoladores" feitos de folhas enroladas. Varas da altura de uma casa deveriam representar "antenas", os barracos de arbustos estavam ligados por "cabos" tecidos com fibras vegetais. Por que a imitação? Os nativos tinham observado às escondidas as atividades dos brancos no litoral.

— Quando, em setembro de 1871, o russo Maclay atracou seu navio *Vitiaz* na costa da Nova Guiné, ele foi observado ceticamente pela população nativa. Uma vez os nativos viram o capitão Maclay caminhar de noite com uma lanterna, e a partir desse momento ficaram convencidos de que ele era um homem da Lua.



Antigamente as estrelas no teto em forma de V brilhavam douradas.

Maclay explicou-lhes, com dificuldade, que ele vinha da Rússia, e não da Lua. Isso para eles não queria dizer nada, pois o russo, para eles, era um ser especial, não apenas porque tinha a pele branca mas sobretudo porque tinha aparecido tão repentinamente num navio tão grande. Em suma: os nativos fizeram dele o deus Tamo Anut, e seu navio foi declarado veículo divino. Quando um dia uma estátua

de madeira proveniente de um naufrágio foi levada à praia, eles elevaram a obra talhada em símbolo venerável de seu deus Tamo Anut.

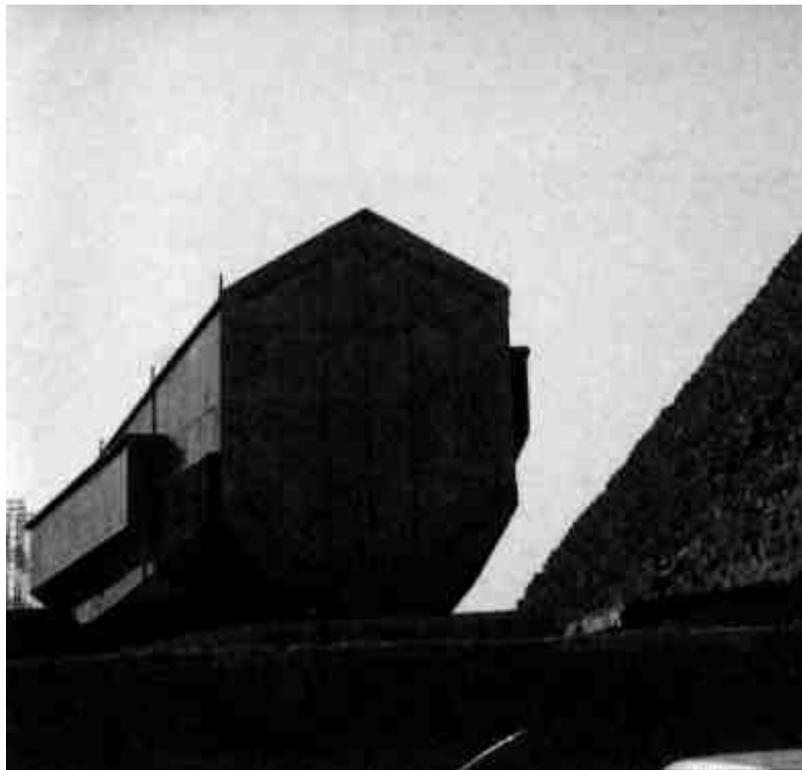
Foram escritas obras etnológicas sobre exemplos semelhantes. Todas elas comprovam o comportamento do homem frente a uma tecnologia incompreensível. Não importa se os imitadores são jovens ou adultos, pois estes também agem como crianças, e entendem a tecnologia estranha tão pouco quanto elas.

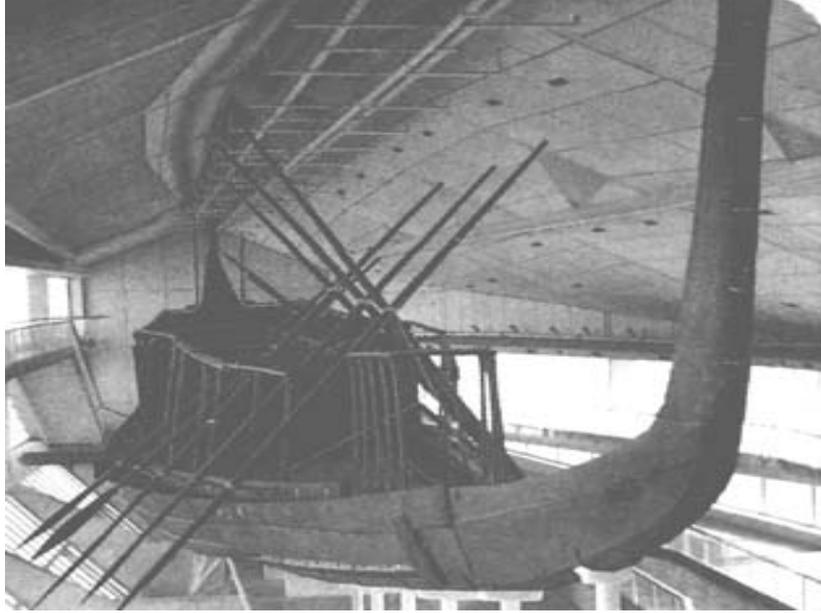
O que ainda é novo?

Desde os primórdios o homem foi um macaco imitador, e corajosamente continua a sê-lo. Todos nós temos nossos modelos, que secretamente procuramos imitar, todos nós muitas vezes gostaríamos de representar outros papéis, ser uma vez apenas este ou aquele. Sentamo-nos à direção e nos sentimos pequenos pilotos, ainda que saibamos que o carro nunca vai decolar. Descemos pela pista de esqui com as pernas abertas e sonhamos em fazê-lo como os mestres. Seguimos até mesmo os modelos da Antigüidade para circunstâncias religiosas e culturais. Nossos antepassados aprenderam suas concepções em aulas ainda mais antigas. De qual modelo primordial foram copiados a coroa, o cetro, o báculo? Quem foi espiado para que determinadas atividades somente possam ser exercidas em vestes protocolares fixas? O que é que nós imitamos quando, na procissão de Cor-pus Christi, o "céu" é carregado pelas ruas? Por que razão o Santuário é mantido encerrado no altar? De onde se originaram os modelos dos anjos com asas e auréolas brilhantes? Onde existiram os modelos reais da Arca da Aliança, do altar-mor e do trono celeste? De onde nós, habitantes da Terra, tiramos concepções tão abstrusas tais como uma "viagem celeste", um "pecado original", uma "redenção"?

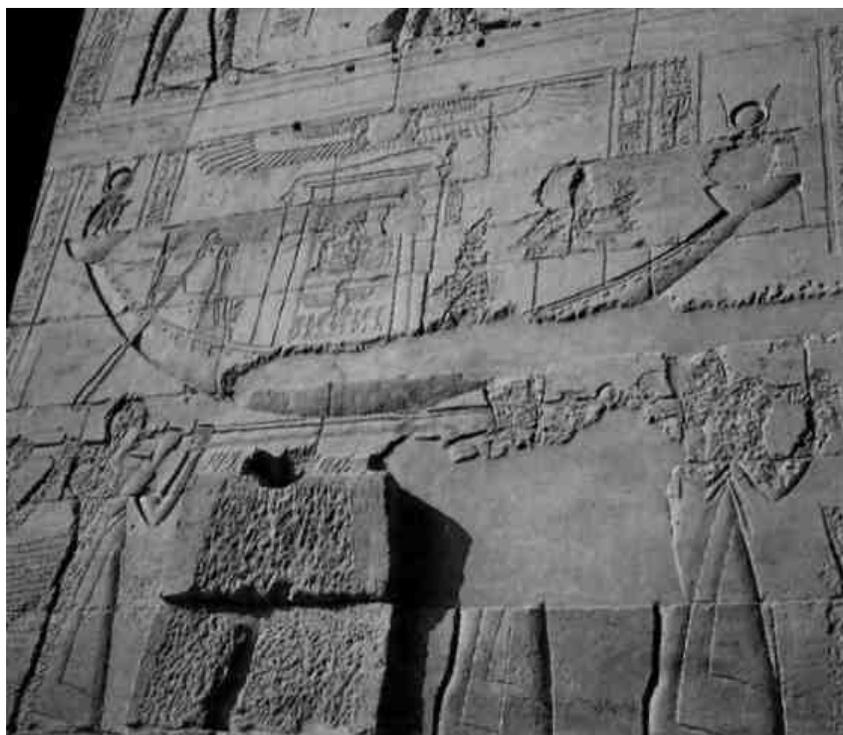
Utilizando-nos do presente e do conhecimento histórico, temos a chance de dar uma espiada na psique de um faraó. Ele — ou seus antepassados — tinha observado deuses reais, extraterrestres, que viajavam pelo firmamento com naves. Isso dava notícia! Acontecimentos desse tipo deviam passar às tradições como

manchetes, por assim dizer. Originalmente pessoas escolhidas poderiam até mesmo ter servido aos deuses. Escrupulosamente lavados... compreende-se, vestidos com roupas especiais... compreende-se, separados dos "celestes" por átrios e barreiras... compreende-se. Os extraterrestres evitavam qualquer perigo de contaminação. A partir de observações, serviços, abluções, e naturalmente também de incompreensão, do hábito da imitação e dos objetos dos deuses jamais compreendidos surgiu o culto. Quando a tradição insistia em que os deuses teriam cruzado o firmamento em barcas, o faraó também tinha que possuir uma barca especial.





O barco celeste do faraó Quêops está hoje exposto ao lado de sua pirâmide em um edifício horrível.



O barco real foi igualmente reproduzido em uma parede do templo de Philae.

Se ele sabia que não podia voar com ela, ou se ele simplesmente acreditava poder decolar após a morte, bem, isso não tem importância. O que conta é o motivo original.

O barco do Sol dos faraós não surgiu de uma idéia filosófica, nem da observação do astro central que subia e descia, o pensamento imitativo originou-se da tradição, que transmite antigas realidades. Com navios viajavam os homens pelo Nilo — os deuses pelo céu. As pessoas deviam acreditar que o faraó com seu suntuoso barco estava a caminho dos deuses, ele seria quase um antigo colega e parceiro com os mesmos direitos dos celestes. Um faraó-deus e seus sacerdotes nunca, mesmo que soubessem, poderiam admitir que o domínio termina com a morte. Deuses nunca morrem.

Assim, não é de se admirar que nas proximidades e sob as pirâmides emergem barcos do Sol construídos com arte e ricamente ornamentados. Um desses barcos encontra-se há anos em um horrível edifício ao lado da pirâmide de Quéops, e há pouco foi localizado com ondas magnéticas um outro barco real no solo

rochoso. Esses navios existem em relevos de templos de Assuan até o delta do Nilo, eles brotam como modelos em museus, e o faraó Unas — aquele dos mais antigos textos de pirâmides — também tinha seu barco do Sol.

Os próprios especialistas não sabem nada de determinado sobre o objetivo desses barcos, mesmo que isso seja feito na literatura popular. Em geral admite-se que o faraó teria possuído um barco diurno e um noturno, porque os egípcios presumiam que durante a noite o Sol se movia no mundo dos mortos. Portanto, era necessário um barco para o dia e um outro para a noite. Mas o barco do Sol também é considerado como sendo um "barco com oferendas", como "navio de peregrinos", como "barco das almas", "veículo sepulcral" ou meramente como "barca real de inspeção". Pelo menos os textos das pirâmides, a partir dos quais foi costurado o *Livro Egípcio dos Mortos*, permitem diversas interpretações. Neles há, como exemplo, dentre muitos, a "Canção ao Todo-Poderoso", na qual o poeta (ou sacerdote?) invoca uma deusa chamada "Olho de Hórus". Pede-se à deusa que tenha à disposição água, plantas e comida para o faraó, e que abra os portões do céu para que ele possa movimentar-se livremente. Alimentos materiais para o Ka e o Ba em fuga?

Nos versículos 273 e 274 dos textos da pirâmide de Unas, em Sakkara, são cantados os feitos que levam o morto ao universo:

"Ele é o senhor das forças,
sua mãe não conhece seu nome.
A magnificência de Unas está no céu
seu poder está no horizonte...
Unas é o touro celeste...
Os habitantes do céu servem a Unas..."

Os textos da câmara mortuária propriamente dita na pirâmide de Unas são ainda mais ambíguos. Lá está expresso que o faraó é "como uma nuvem" em seu caminho para o céu, ele se instala em um assento preparado na nave do deus-Sol. Unas é designado como sendo o "condutor da nave do Sol", que na escuridão do universo

pede socorro, pois "é grande a solidão no interminável caminho para as constelações". Como isso é verdade!

Uma nave associa-se a "viagens". Pelo menos os faraós da 1ª. Dinastia consideravam-se "filhos dos deuses". (Exatamente como os imperadores japoneses, persas e etíopes até a história recente.) Como "filho de um deus", era evidente que ele procurava o "pai" após a morte; este último, durante a regência do filho, cuidava dos negócios celestes. E da mesma forma como o primeiro príncipe entrava na posse da herança do pai real, o mesmo devia acontecer nos campos do além. E assim o faraó morto é louvado nos textos das pirâmides como novo soberano entre as estrelas, como poderoso executor e juiz com o qual espíritos e velhos deuses precisam ter cuidado.

Tudo isso é correto, e praticamente não é contestado pelo mundo dos especialistas, mas os egiptólogos não podem reconhecer na barca celeste nada de real, nada de prático. Isso lembra os cultos-"cargo". Objetos simbólicos substituem técnicas macaqueadas. Somente com o Ka e o Ba nenhum faraó se atrevia a comparecer perante o trono do pai celeste. Ele tinha que levar riquezas, como oferendas e gorjetas para circunstâncias difíceis. Valores reais em um meio de transporte real. O filho do xeque do petróleo atual passa zunindo pelas salas do palácio com um Rolls-Royce de brinquedo movido a pilha — o filho do deus celeste com uma barca do Sol adornada de ouro.

Astronautas no antigo Egito?

Uma decoração especial que surge em todos os templos e monumentos egípcios antigos aponta na mesma direção: a placa solar alada. Uma placa ou a sugestão de uma esfera dourada com asas coloridas amplamente estendidas simbolizam a partir da 5ª. Dinastia o falcão que domina o céu, e o Sol. No entanto, o padrão desse motivo, com o qual estão decorados tetos inteiros de templos e incontáveis entradas de templos, tem sua origem em tempos pré-históricos, pois já a 1ª. Dinastia mostra uma representação do *barco do Sol sobre um par de asas*. Somente quando a concepção original

da barca do Sol, que desliza sobre asas, não mais foi compreendida, o par de asas passou a ser guarnecido de uma placa dourada. A imagem, que surge com precisão geométrica sobre as entradas de salões e aposentos, é acompanhada de inscrições que a designam com o nome de *hut* ou *api*. Etimologicamente *hut* corresponde a "estender", "esticar", enquanto o radical de *api* significa simplesmente "voar".

A placa solar alada está ligada ao deus Hórus, que tinha seu domicílio original no gigantesco complexo templário de Edfu, no lado ocidental do Nilo entre Assuan e Lúxor. A região do templo, que ainda hoje é bastante abrangente, tem rio entanto pouco em comum com o antigo templo de Hórus. Como comprovam inscrições e escavações arqueológicas, ele surgiu sobre as ruínas de um santuário de Hórus do antigo reirio. A lenda da placa solar alada que foi escavada na parede do templo de Edfu também tem sua origem em fontes antigas. Nela descreve-se como o deus Rá com sua comitiva aterrissou "a oeste dessa região, a leste do canal de Pechennu". Seu representante terrestre, o faraó, estava aparentemente em apuros, pois pediu ajuda contra seus inimigos aos pilotos celestes.

"A Sagrada Majestade do Rá-Harmachis falou a sua sagrada pessoa Hor-Hut: Ó tu, filho do Sol, tu sublime, que foste gerado por mim, abate o inimigo que está diante de ti no tempo mais curto. Em seguida Hor-Hut voou para o Sol na forma de uma grande placa solar com asas... Quando nas alturas celestes ele avistou os inimigos... abateu-se de forma tão violenta sobre eles que estes nem viram com seus olhos nem ouviram com seus ouvidos. No curto espaço de tempo não havia mais nenhuma cabeça. Hor-Hut, brilhando com muitas cores, retornou ao barco do Rá-Harmachis em sua forma de uma grande placa solar alada."

A lógica ilógica

Diz-se que é preciso ver tudo isso simbolicamente. Fico sempre atônito com todas as coisas que "é preciso". Nesse sentido os hieróglifos deixam em aberto um amplo leque de interpretações. Já muito antes de Jean-François Champollion, o tradutor dos hieróglifos,

William Warburton (1698-1779), bispo de Gloucester, Inglaterra, que se ocupou intensivamente com os sinais de escrita egípcios e as tradições antigas, percebeu que os egípcios antigos utilizavam dois tipos de escrita: "...uma para descobrir o que se quer dizer e manifestá-lo aos outros, sendo a outra no entanto para manter a coisa oculta".

Assim é. Hoje aplica-se aos textos hieroglíficos uma receita básica, embora o espectro de interpretações possíveis estenda-se por todas as cores do arco-íris. Recentemente surgiram hieróglifos antigos que, apesar do trabalho de decifração de Champollion, não se consegue traduzir. Esforcei-me em imaginar a "lenda da placa solar alada" apenas em abstrato, na névoa do vôo cego religioso. Após o deus voador Rá ter ajudado o faraó contra seus inimigos, ele constatou de maneira lapidar: "Aqui é agradável de se viver". Logo a seguir as paisagens circundantes são consideradas com um nome e "os deuses do céu", bem como 'os deuses da Terra', são exaltados. Deveria ao menos ser esclarecido de que maneira isso é entendido, para que-pudéssemos ler mais e compreender os textos originais:

"Hor-Hut voou para o alto em direção ao Sol como uma grande placa alada. Por isso desde esses dias ele é chamado de o senhor do céu..."

Como comprova a inscrição de Edfu, a ajuda divina foi a verdadeira razão para a adoração e a difusão da placa solar alada, e não, como querem nos convencer, o Sol em um mundo superior e inferior imaginário. O texto de Edfu é claro:

"Harmachis seguiu em seu navio e desembarcou junto à cidade do trono de Hórus. Thot falou: 'Aquele que envia raios, que foi gerado por Rá, derrotou os inimigos sob sua forma. Ele a partir desse dia é chamado de aquele que envia raios, que foi gerado por montanhas de luz'. Harmachis falou a Thot: 'Leve esta placa solar a todas as cidades dos deuses no Egito Inferior, a todas as cidades dos deuses no Egito Superior e a todas as cidades dos deuses'".

Como anotação à margem, a palavra "aquele que envia raios", que foi utilizada aqui, não é de forma alguma criação minha, tendo sido traduzida do texto de Edfu pelo Prof. Dr. Heinrich Brugsch no ano de

1870 (!). Em que se transformou a "placa solar alada" na egiptologia moderna? Em detalhe cerimonial. Esquecido ficou o sentido original, que não representava placa solar alada alguma, e sim uma barca solar com asas. Incapaz de reconhecer a realidade da época, a energia imaginativa acadêmica transforma realidades em mitos. O mundo está novamente em ordem. Qual?

Um amável egiptólogo achava insuportável a idéia de que algum deus teria realmente intervindo nas lutas dos homens. Exatamente tão insuportável quanto a minha concepção de que extraterrestres teriam se imiscuído em assuntos terrestres. A lógica humana dá saltos esquisitos. No Antigo Testamento, por exemplo, o deus que desce em meio a fumaça, fogo, tremor e barulho freqüentemente intervém nas batalhas em favor do povo eleito. De verdade, entenda-se. Lá a lógica faz sentido. Qual?

Fiat lux!

Se os textos das pirâmides conseguem lançar alguma luz sobre as ingênuas concepções dos egípcios antigos, eles evidentemente não chegam a acender uma luz. Como os egípcios realmente iluminavam os espaços internos de suas pirâmides? As paredes cheias de hieróglifos e representações artísticas não podem ter sido feitas no escuro. Teriam sido os monólitos decorados trabalhados ao ar livre antes de finalmente chegarem a seu lugar definitivo nas grutas tenebrosas? É possível. O pessoal da construção teria que ter envolvido as placas e paredes decoradas em estopa para o transporte, eles não podiam de forma alguma ser danificados. É possível também que se trabalhasse na pirâmide aberta, descoberta, que as salas somente fossem fechadas após os cinzeladores alfabetizados terem terminado seu delicado trabalho com o cinzel. O problema da iluminação pode ser solucionado nas pirâmides que estão na superfície, mas nas subterrâneas não. Muitas pirâmides erguem-se sobre cavernas que foram escavadas, e também os túmulos no Vale dos Reis em Lúxor são clarabóias lacradas nas quais a luz do sol não penetrava. Como então eram iluminadas as paredes e tetos guarnecidos de cores suntuosas nas galerias

tumulares? Haveria alguém segurando uma tocha ao lado de cada artesão? Seria a luz do sol desviada para o escuro calabouço por meio de espelhos?

Peter Krassa e Reinhard Habeck fizeram as mesmas perguntas em seu livro excelentemente pesquisado *Luz para o Faraó*. Uma obra engenhosa, despreocupada, brilhante, que deveria fazer parte da biblioteca de qualquer pessoa interessada no Egito. Krassa e Habeck lembraram-se que tochas, lâmpadas a óleo ou cera esfumam, que necessariamente seria possível constatar a presença de partículas de fuligem em paredes e tetos. Não é o caso. Espelhos, portanto? Os espelhos de ferro da época não valiam grande coisa, qualquer irregularidade e eles perdiam cerca de um terço de sua luz devido à difusão e à absorção. Após três espelhos as trevas venciam.

"É melhor acender uma pequena luz que blasfemar por causa da grande escuridão" (Confúcio, 551-479 a.C).

Imagine que Cleópatra tenha levado seu amigo romano Júlio César através das escuras passagens da pirâmide. De repente acende-se em sua mão uma luz misteriosa que ilumina as paredes e cega o atônito imperador romano.

— Que luz mágica você domina, querida? — informa-se César, assustado.

— Nós chamamos a isto de lanterna de bolso — responde ela, lisonjeada. — Nossos antepassados já as usavam há milênios. Vocês, romanos avançados, não conhecem essa fonte de luz?

Krassa e Habeck resumiram suas picantes idéias para *Ancient Skies*, o informativo da *Ancient Astronaut Society*. Os antigos egípcios dominavam a luz elétrica!

Louco? A afirmação pode ser muito bem fundamentada. A história nos ensina que o efeito da corrente elétrica só se tornou conhecido em 1820 através do dinamarquês H. C. Oersted. Michael Faraday prosseguiu com as investigações, e desde 1871 nós conhecemos a lâmpada incandescente de Thomas Edison.

Thomas Edison não foi o primeiro

Esta representação histórica é falsa. No Museu Nacional de Bagdá, Iraque, há um aparelho que consiste em um vaso de terracota de dezoito centímetros de altura, um cilindro de cobre um pouco mais curto e um bastão de ferro oxidado no qual se aderem restos de betume e chumbo. Esse estranho vaso foi encontrado em 1936 pelo arqueólogo alemão Wilhelm König durante escavações em uma colônia parta nas proximidades de Bagdá.

König já desconfiava que o curioso achado poderia tratar-se de uma espécie de bateria geradora de corrente. As pesquisas confirmaram sua suposição. O interior do vaso continha uma fina folha de cobre na forma de um cilindro de cerca de doze centímetros de comprimento e 2,5 centímetros de diâmetro, soldado com uma liga de zinco e chumbo. A base do cilindro era formada por uma tampa de cobre hermeticamente fechada isolada internamente com betume. A extremidade superior do vaso estava igualmente lacrada com uma tampa de betume. Através dessa tampa projetava-se, isolado do cobre, um bastão de ferro de onze centímetros de comprimento introduzido profundamente no cilindro. Quando cheio de uma solução ácida ou semelhante à lixívia obtinha-se um elemento galvânico, além disso exatamente na mesma combinação que Galvani utilizou na bateria que leva seu nome.

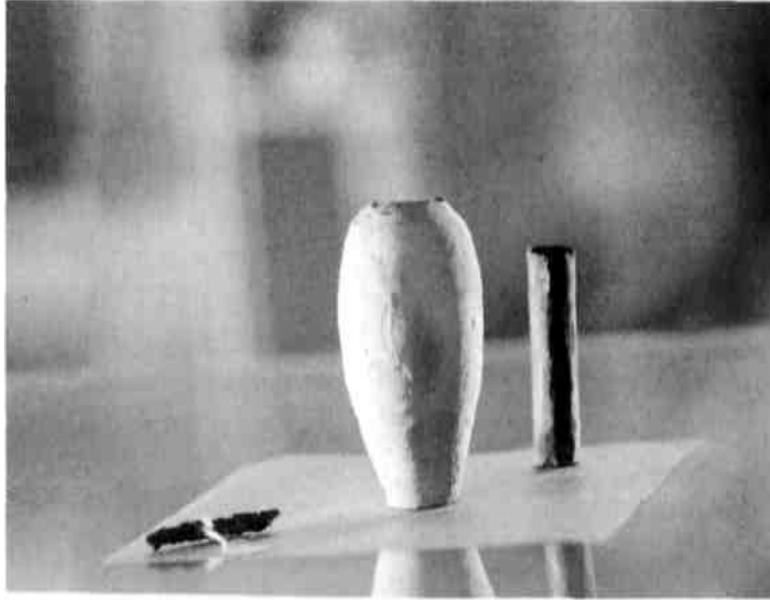
O americano F. M. Gray, colaborador no laboratório de alta tensão da General Electric em Pittsfield (EUA), provou em 1957 que a corrente fluía e era também transmitida. Com uma cópia exata do aparelho e utilizando uma solução de sulfato de cobre, ele conseguiu produzir corrente elétrica. Com isso ficou provado que o achado na colina de ruínas de Chujut Rabuah, bem como muitas outras descobertas semelhantes que foram feitas em Seleukia, nas margens do Tigre, e na vizinha Ctesiphon, eram de fato baterias elétricas. Teriam elas sido utilizadas também no Egito?

Antigos relevos de paredes em uma cripta subterrânea de Dendera, setenta quilômetros ao norte de Lúxor, confirmam as suposições de Krassa e Habeck. O complexo de templos de Dendera é preponderantemente dedicado à deusa Hathor. Nos tempos mais antigos ela era a deusa do céu e mãe do deus-Sol Hórus. Como os egípcios viam nas estrelas uma gigantesca vaca, a deusa Hathor,

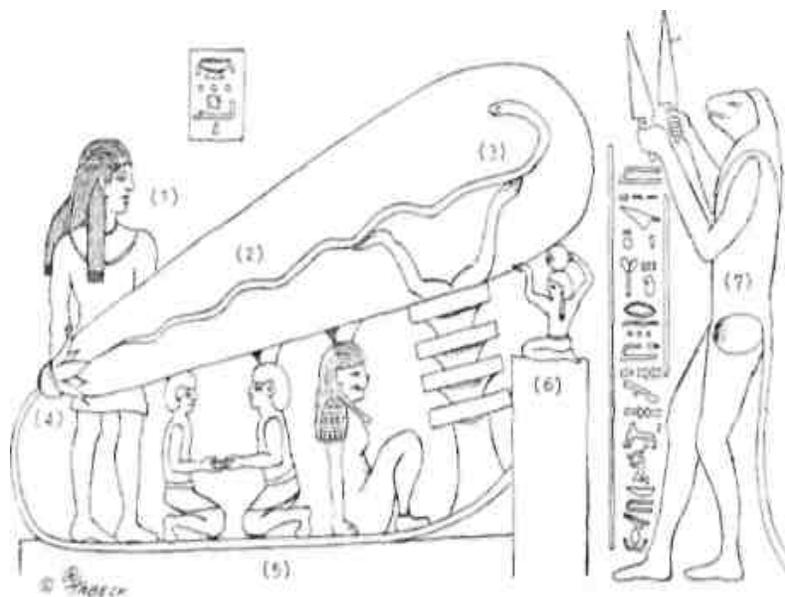
além de sua imagem humana, recebeu também a forma de uma vaca. Como pessoa ela é sempre representada com chifres bovinos e uma placa solar. É a deusa da dança, da música, do amor e também da ciência e da astronomia.

Luz para o faraó

Segundo está documentado por Mastabas Dendera, o templo da deusa Hathor já era conhecido no antigo reino. A cidade-templo perdeu significado no decorrer da história egípcia, até que na época dos Ptolomeus ela foi restaurada e construída novamente. Hoje as instalações do templo valem a viagem para qualquer visitante. Paredes e tetos dão uma boa idéia da concepção primitiva que os egípcios tinham dos deuses, que evidentemente não era apresentada sem os antigos modelos. Dendera é também o único lugar do Egito no qual foi encontrado um zodíaco completo com as 36 décadas do ano egípcio. O adorável relevo com suas doze figuras principais, com sinais matemáticos e astronômicos, que hoje pode ser admirado no Louvre, em Paris, foi retirado do teto de um templo de Dendera no século passado e vendido ao rei Luís XVIII da França por 150.000 francos. Astrônomos que pesquisaram a representação zodiacal de Dendera datam-na de 700 a.C., enquanto outros chegam a dar o ano de 3733 a.C. como a data de sua origem.



A bateria elétrica pode ser vista no Museu de Bagdá.



(1) Um homem sustenta um (2) objeto em forma de bolha, no qual enrosca-se uma serpente (3). A extremidade do objeto em forma de bolha e a serpente terminam em um suporte (4) do qual sai um cabo (3) que leva a uma caixinha (6), sobre a qual está ajoelhado o deus do ar. O macaco com as facas afiadas (7) simboliza o perigo a que se expõe uma pessoa que não sabe.

Únicas em Dendera são também as câmaras subterrâneas com seus misteriosos relevos de paredes de épocas há muito esquecidas. Uma dessas câmaras mede 4,60 por 1,12 m e somente pode ser alcançada por uma estreita abertura semelhante a uma toca. A câmara é baixa, abafada e impregnada com o cheiro de urina seca que os guardas secretam despreocupadamente nas horas de menor movimento.

"Nas paredes podem-se reconhecer figuras humanas ao lado de objetos em forma de bolha que lembram lâmpadas elétricas superdimensionadas. Dentro dessas 'lâmpadas' encontram-se serpentes em linhas onduladas. A extremidade da serpente, que se afila, leva a uma flor de lótus que sem muita fantasia pode ser interpretada como o suporte da lâmpada. Algo como um cabo leva a uma caixinha sobre a qual se ajoelha o deus do ar. Imediatamente ao lado está representada como sinal da energia uma coluna Djed de

dois braços, que por sua vez está ligada à serpente. É notável também o demônio semelhante a um babuíno com duas facas nas mãos, que aí representa um poder protetor e defensivo".

Os eruditos especialistas, que na verdade deviam saber disso, ficam bastante desconcertados diante deste relevo na saia estreita e sem luz. Fala-se de uma "sala de culto", de uma "biblioteca", de "arquivos" e de "depósito para a conservação de objetos de culto".



Outras variações de "coluna Djed".



Um "depósito" ou uma "biblioteca" que somente é acessível através de um buraco estreito? É simplesmente ridículo! O mundo dos especialistas tampouco pode fazer alguma coisa com a representação nas paredes. O que é isso, uma "coluna Djed"?

- Um símbolo de estabilidade
- Um símbolo de eternidade
- Um fetiche pré-histórico
- Uma árvore desfolhada
- Uma coluna com entalhes
- Um sinal de fertilidade
- A forma de uma espiga

Krassa e Habeck, mais comprometidos com a razão, vêem aí um isolador. E por que não? Já no antigo reino havia sacerdotes específicos do "venerável Djed", até mesmo o importante deus Ptah era chamado de "venerável Djed", executado pelo rei em pessoa com a ajuda de sacerdotes.

Uma coluna Djed não era algo cotidiano. Apenas iniciados podiam lidar com ela. Colunas desse tipo foram encontradas já sob a pirâmide mais antiga, aquela de Djoser, em Sakkara. Ao observar os sentimentais significados atribuídos a esse curioso objeto, alguém

como eu fica francamente feliz. O que é que ainda tem que nos ocorrer até que abramos os olhos e vejamos as coisas como elas realmente são? Atrás, nos caminhos dos cérebros de veneráveis eruditos, é tecido o pensamento dos antigos egípcios, e na frente, na realidade de nosso século, surgem os cultos-"cargo". A coluna Djed ilustra uma técnica tão evidentemente mal compreendida que até mesmo os pombos podem vê-la, e os cegos senti-la. O que foi mesmo que o profeta Isaías disse no Antigo Testamento? "...e seus olhos eles os mantêm cerrados, para que não vejam com seus olhos..."

Nas paredes da cripta sob Dendera é celebrada uma ciência secreta: a da eletricidade. Não espero que os especialistas adotem a opinião de que os antigos egípcios teriam lidado com correntes elétricas. Na verdade é uma pena, pois "os homens brilhantes são mais sagazes quanto menos razão têm" (Johann Wolfgang von Goethe, 1749-1832).

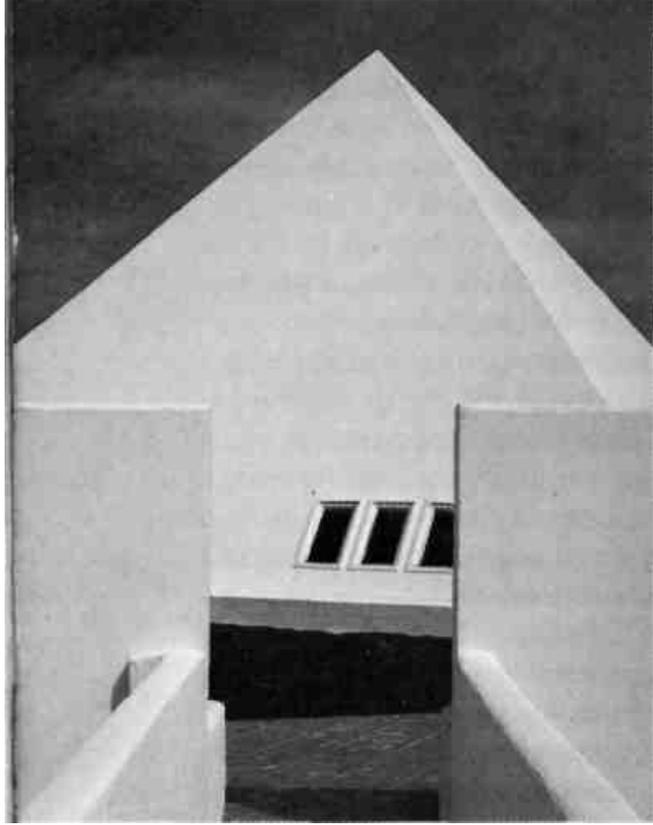
A magia das pirâmides

Estou em uma pirâmide de oito metros de altura disposta exatamente na direção dos pontos cardeais. À minha volta inclinam-se em minha direção quatro superfícies triangulares de coloração cinza-clara que se unem para formar a ponta da pirâmide diretamente sobre minha cabeça. O chão está revestido por um tapete bege, há almofadas violeta espalhadas em volta como flores; em algumas das almofadas estão sentados homens e mulheres imersos em si mesmos, em silêncio. Meus olhos apalpam as superfícies da pirâmide, abaixo, no lugar mais largo do triângulo; foram colocadas oito pequenas janelas, perfazendo um total de 32. Meus pés descansam sobre uma estrela de seis pontas que foi colocada no chão.

Cada canto da pirâmide é iluminado suplementarmente por uma pequena pirâmide de vidro. Uma luz mortiça, esmaecida, mergulha o espaço interno em suaves tons de amarelo, as largas folhas das portas recobertas de espuma são fechadas e então começa a música. No início é apenas um tênue sussurro, uma distante

seqüência de sons que me embala com arrulhos murmurantes, e então há um rugido e um tremor, a vibração flui de cada superfície da pirâmide, banhando meus sentidos, arrebatando-me para um universo repleto de vibrações. Enfeitiçado, incapaz de mover-me; permaneço em pé sobre minha estrela e deixo que a *Sinfonia Novo Mundo*, de Antón Dvorak, tocada pela Filarmônica de Viena, penetre em mim. Continuo em pé, ausente, como se estivesse hipnotizado, quando a melodia se interrompe com um crescendo fulminante. O silêncio súbito atua como um choque. Para mim é como se meu cérebro tivesse sido colocado em uma máquina de lavar roupa; milhares de pensamentos, inspirações, correm pelas células cinzentas, me revolvem, me arrastam para além deste mundo, levando-me para fora, para o céu noturno saturado de estrelas.

Nunca antes tive tanta consciência de que o tópico do deus morto somente podia sair de cérebros egocêntricos. O deus que foi declarado morto está em todas as partes, à minha volta, em cada molécula, em cada átomo de minha existência. Ainda que o corpo continue sempre lá sob o centro da pirâmide, minha consciência explode por sobre a ponta da pirâmide. Sinto-me parte integrante do universo, como o raio que se espalha em todas as direções com a velocidade da luz. Não tenho olhos, e mesmo assim reconheço a iluminação leitosa que faz com que a pirâmide brilhe abaixo de mim; não tenho ouvidos e escuto com cada fibra de meus sentidos as melodias que fluem umas por dentro das outras da peça *Glass Works*, de Philipp Glass, que agora envolve a pirâmide. Atônito, no mesmo décimo de segundo torna-se claro para mim que não posso conhecer o título da obra musical, que jamais em minha vida ouvi falar de um compositor chamado Philipp Glass. O que está acontecendo aqui? Por que essa clarividência que tudo penetra, e que está à espreita em todas as partes ao mesmo tempo? Será que alguém colocou alguma droga em minha bebida? Estaria eu sendo vítima de alguma força espiritual que toma conta de mim?



A pirâmide Etora, em Lanzarote.

Torno a mergulhar em meu corpo e, tremendo como um pudim, deixo a pirâmide com passos lentos. Fora encontro o técnico de som, um homem jovem que instalou uma aparelhagem quadrifônica na pirâmide Etora, na ilha Lanzarote. Etora é um centro de seminários esotéricos; eu tinha sido convidado para dar algumas palestras lá. É um paraíso sem manhas ou outros espíritos nocivos.

— Como se chama a peça que está tocando na pirâmide?

— *Glass Works*, de Philipp Glass.

— Meus cumprimentos pela acústica! Você calculou tudo com perfeição.

O técnico de som riu.

— Absolutamente nada foi calculado! Eu confio em meu ouvido. Além disso, atua aqui o efeito pirâmide.

O efeito pirâmide

A descoberta desse efeito soa como um conto de fadas comovente. Uma vez, na florida Cote d'Azur de Nice, Antoine Bovis conduzia um negócio de ferragens. Ora, o Sr. Bovis tinha em mente algo mais elevado que o comércio de parafusos e rebites, ele era um encarniçado pensador e inventor, e já nos anos 30, quando ninguém ainda falava em "New Age", Antoine Bovis dirigia um círculo esotérico.

Quem iria se surpreender ao saber que ao lado de alavancas de ferro e ferramentas de todos os tipos o Sr. Bovis também vendia em sua loja pêndulos magnéticos especiais, um "biômetro" inventado por ele e diversos aparelhos radiostáticos? Em uma viagem ao Egito que o levou também à Grande Pirâmide de Gizé, Bovis fez uma curiosa descoberta, por cima da qual outros turistas passavam inadvertidamente. No chão da câmara real havia um pequeno rato-do-deserto morto, sabe Deus como o animalzinho foi parar no milenar edifício.

Antoine Bovis tocou levemente o ratinho com a ponta do pé; estava interessado em saber se besouros ou formigas já teriam encontrado o tortuoso caminho até o cadáver do animal. O Sr. Bovis perscrutou atentamente o chão com os olhos, virou e revirou o ratinho até que finalmente se abaixou e apanhou o animalzinho. Então ele estremeceu como se tivesse sido atingido por um raio: o rato do deserto estava leve como uma pluma, enrugado, mumificado.

Que forças duvidosas estariam agindo ali? Por que o ratinho não se decompunha?

Nem bem chegou a casa, o estranho Sr. Bovis construiu uma pequena pirâmide com bastões de ferro e madeira; a descoberta na pirâmide de Quéops lhe dava nos nervos. Desde o início a intuição o levou a fazer o que era correto. Exatamente como a pirâmide original em Gizé, Antoine Bovis dispôs seu modelo na direção norte—sul, e então colocou um pequeno pedestal de madeira na pirâmide, que tinha exatamente um terço da altura de seu modelo. O pedestal deveria marcar a posição da câmara do rei, que na Grande Pirâmide

também se encontra a um terço de altura sobre a fundação. Finalmente, seguindo uma inspiração de momento, e claro que também porque havia ragu de novilho para o jantar, Bovis colocou um pedacinho de carne de novilho sobre o pedestal.

A carne na verdade deveria, nos dias seguintes começar a cheirar mal, mas isso não aconteceu. Ela foi se tornando visivelmente mais seca, mais ressequida, exatamente como se uma energia invisível fosse retirando o líquido do pedaço de ragu. Bovis observou, irritado, o processo de mumificação, e então fez novas séries de experimentos com e sem o modelo de pirâmide.

Todos os materiais orgânicos se desidratavam na pirâmide, e os que ficavam fora dela apodreciam.

Isso é muito lógico, disse para mim mesmo quando li essa história pela primeira vez. A carne na pirâmide está isolada quase que hermeticamente do ambiente, as bactérias não podem entrar, como em nossas embalagens a vácuo. Mas por que os pedaços de carne secam? O que lhes retira o suco?

Pensamentos semelhantes também devem ter movido o engenheiro de rádio tcheco Karl Drbal, que leu um ensaio sobre o Sr. Bovis em um jornal obscuro. Drbal repetiu os experimentos de Antoine Bovis, confirmou-os e disse para si que carne, ovos e queijo deviam ser os ingredientes errados para experiências com pirâmides. Como a coisa se comportaria com objetos de pesquisa inorgânicos, "não vivos", portanto? Será que um pedaço de pedra, uma colher de café ou, quem sabe, um dedal se secariam em um modelo de pirâmide?

Karl Drbal procurou um objeto pequeno, que coubesse em sua minúscula pirâmide de papelão de apenas oito centímetros de altura (comprimento da base: 12,5 cm). Seus olhos caíram sobre uma lâmina de barbear usada, com a qual de qualquer forma não se podia fazer mais nada. O engenheiro de rádio presumia que a lâmina perderia na pirâmide o pouco de corte que lhe restava. Vinte e quatro horas mais tarde, examinou a superfície cortante com uma lente. Ele estava enganado, ou a lâmina exibia um corte novo? Decidindo-se rapidamente, Karl Drbal raspou sua barba rala com a lâmina velha. Então tornou a colocar a lâmina na pirâmide; o metal

gasto por completo deveria arruinar-se totalmente. No dia seguinte ele barbeou-se outra vez de maneira impecável com a mesma lâmina. O que estaria acontecendo? Estaria ele somente imaginando, ou a lâmina estava mais afiada? Seus dedos passearam de leve pela pele perfeitamente glabra, na qual não se podia constatar o menor corte. Balançando a cabeça, Karl Drbal tornou a colocar o objeto da experiência na pirâmide — e barbeou-se impecavelmente com a mesma lâmina durante cinquenta dias.

Tudo isso aconteceu em fevereiro e março de 1949. O teimoso engenheiro de rádio continuou experimentando durante cinco anos e três meses, até 6 de julho de 1954. O tempo médio de utilização era de 105 barbas diárias por lâmina. No total Karl Drbal utilizou 18 lâminas de diferentes fabricações, onde "a quantidade de barbas com a mesma lâmina sendo usada diariamente ficava entre 200, 170, 165, 111 e 100"³⁰. Além disso, Karl Drbal continuou a usar seu afiador de lâminas de barbear grátis após a fase de experiências. Em 25 anos ele usou — note bem — apenas vinte e oito lâminas! É compreensível que os fabricantes de lâminas de barbear mostrassem pouco entusiasmo a respeito.

Faltava pouco para patentear o prodígio da lâmina de barbear. Mas como? O próprio Karl Drbal não sabia qual o processo que produzia a mágica no modelo de pirâmide. Finalmente, apesar disso, ele apresentou um pedido de patente, e como tinha certeza de que a comissão de patentes dificilmente se deixaria convencer, enviou uma pequena pirâmide com lâminas de barbear aos metalúrgicos que faziam parte da comissão. Sim, e como nos anos 50 usar uma lâmina nova por dia era um luxo na Tchecoslováquia, os metalúrgicos céticos experimentaram com as próprias barbas.

No verão de 1959 Karl Drbal conseguiu a patente do "Dispositivo para a Manutenção de Lâminas de Barbear e Navalhas". CSSR — Patente no. 93.304.

Desde então a experiência com as lâminas de barbear foi repetida milhares de vezes, sempre com o mesmo resultado desde que a pirâmide experimental e a superfície cortante da lâmina de barbear fossem colocadas exatamente na direção norte—sul. O Dr. Gottfried

Kirchner noticiou em seu programa de televisão *Terra X* um experimento estritamente científico conduzido pelo Prof. Dr. J. Eichmeier na Universidade Técnica de Munique. Aí a metade de uma lâmina permanecia durante oito dias em uma pirâmide *deplexiglas*, e a outra metade em uma gaveta trancada. Subseqüentemente as duas metades de lâmina eram examinadas sob o microscópio eletrônico. "As diferenças na largura das superfícies cortantes, mas também na estrutura superficial das duas metades de lâmina" eram notáveis, escreve o Dr. Kirchner.

Explicações para o inconcebível

Que energia modifica a estrutura molecular e, com isso, a ordenação dos átomos em uma lâmina de aço? Por que a experiência só funciona em uma pirâmide e não igualmente em um cubo ou um cilindro? O que a forma da pirâmide tem em si de especial, e por que a misteriosa energia somente atua quando um lado da pirâmide aponta com exatidão o norte da bússola? Não se pode mais contestar que as modificações não ocorrem apenas no aço, mas também em outros materiais, somente não se sabe de nada muito preciso em relação a como isso se dá. O Dr. Kirchner informa sobre cientistas americanos que acham que a energia de radiação do objeto da experiência é conservada no interior da pirâmide. "A energia, portanto, não pode passar pelas superfícies laterais, sendo refletida para o interior da pirâmide." Os reflexos ininterruptos modificariam a estrutura.

Isso à primeira vista pode soar aceitável, mas provoca mais perguntas que as que são respondidas. Todas as ligações moleculares, e portanto toda matéria, irradia energia. É somente graças a essa irradiação própria que os radioastrônomos comprovam a existência de séries inteiras de materiais orgânicos e inorgânicos no universo. No entanto, irradiação significa ao mesmo tempo perda de energia. Caso uma fonte de radiação fosse "irradiada" até o fim, ela deixaria de existir. A energia irradiada é constantemente renovada no âmbito subatômico, porque os elétrons, os tijolos dos átomos, modificam seu estado e saltam por assim

dizer de um nível de energia para outro. Ora, um lado da pirâmide feito de papelão é tão permeável para um elétron quanto uma rede de pesca o é para o ar. O que é que o ângulo de inclinação de uma pirâmide muda nisso tudo?

O tcheco Karl Drbal, que realizou a mais demorada série de experiências com lâminas de barbear em pirâmides, menciona uma série de outras razões para o efeito piramidal. Nos "pequenos espaços intersticiais da estrutura cristalina do corte da lâmina de barbear" estão armazenadas também as chamadas moléculas de água dipolares. Estas são expulsas pela ressonância da energia radiante. Simbolicamente, segundo Karl Drbal, poderia se falar de "uma desidratação do fio da lâmina de barbear".

Em que mundo dos espíritos desaparecem então essas moléculas de água dipolares, já que pretensamente elas se refletem no espaço interno da pirâmide? Elas se misturam com o ar circundante, diz Karl Drbal, e com isso dá talvez a única solução plausível. As pirâmides experimentais são permeáveis ao ar. Mas o que acontece com uma pirâmide experimental no vácuo, que não permite nenhum tipo de troca de ar? Que energias mensuráveis são necessárias para espremer ou liberar as moléculas de água dipolares do aço?

O físico soviético Malinow esclareceu o estranho efeito das pirâmides através de "ondas eletromagnéticas" no contexto do campo magnético da Terra. Mas então por que razão, por todos os faraós construtores de pirâmides, estas ondas matam os fungos e bactérias que provocam o bolor e o apodrecimento dos alimentos, mas ao lado disso conservam os mesmíssimos alimentos e até reforçam o seu aroma natural? No âmbito da Ancient Astronaut Society, uma associação de utilidade pública que se ocupa de minhas teorias, queríamos uma explicação exata para isso, e incentivamos nossos sócios a executarem experiências com todos os materiais possíveis e imagináveis. Após semanas e meses chegaram a nós 118 cartas de homens e mulheres de várias atividades profissionais, mas também de estudantes. Todos eles haviam construído modelos de pirâmides de tamanhos diversos, com diferentes materiais, e as tinham colocado no jardim, no porão, sobre o forro da casa, no dormitório, em um colchão de ar ancorado na

piscina e até mesmo na geladeira, municiadas com as coisas mais espantosas. Um jovem de dezesseis anos de Holzkirchen, na Bavária superior, informou que havia colocado formigas em uma caixinha de material plástico, mas elas morreram após quatro dias, e um ginásiano da mesma idade descreveu sua experiência com moscas, que já tinham batido as botas 24 horas depois. Faltaram oxigênio, líquido e alimento aos pobres animaizinhos. Ordenei por telefone aos experimentadores adolescentes que interrompessem suas experiências de horror imediatamente. As pessoas às vezes são sinistras.

Uma professora, que estava passando as férias no cantão de Tessin, no sul da Suíça, colocou um pedaço de pão embolorado em sua pirâmide revestida de papel-pergaminho e depositou a obra de arte de 22 centímetros de altura no porão, "porque lá é bastante úmido, e os fungos do bolor gostam de umidade e escuridão". Após dezoito dias o bolor tinha desaparecido, e o pão tinha virado farinha de rosca. Ha!

Perplexo ficou o pensionista de Arbon, às margens do lago de Constança, que colocou em uma pirâmide de vidro uma dessas pequenas velas que se usam para manter os pratos aquecidos. Ele escreveu que na verdade apenas queria saber se a chama queimava regularmente. Como a pequena chama se apagava com frequência devido à falta progressiva de oxigênio, o homem de 68 anos perdeu a paciência com a brincadeira e esqueceu a pirâmide na estante de livros. Nove dias depois, ao passar por lá e olhar para a pirâmide, constatou que a vela tinha se transformado em um dedo atrofiado de cera. A temperatura outonal dificilmente poderia justificar a deformação da vela, nenhuma das outras velas que estavam na sala exibia qualquer modificação.

"Verdadeiramente assustada" ficou também Elka, uma pintora de fim-de-semana de 62 anos, de Wuppertal, que por puro prazer pincela a óleo pequenas figuras em miniatura. Seus coloridos produtos são minúsculos, têm um comprimento lateral de apenas cinco centímetros. A Sra. Elka colocou um quadrinho recém-pintado sobre um elegante pedestal de madeira em uma pirâmide de vidro de 28 cm de altura, não porque estivesse fazendo uma experiência, mas

muito simplesmente porque o quadrinho, que mostrava uma pequena casa, um gato e a lua cheia, ficava bastante valorizado atrás das superfícies triangulares da pirâmide. Uma semana depois a Sra. Elka teve a impressão de que a miniatura se modificava. Três semanas mais tarde "a lua tinha caído do céu, a tinta do teto de madeira negro e ocre estava totalmente rachada, o céu azul-escuro brilhava intensamente e a parte posterior do gato tinha se dissolvido no ar". Que belo efeito! Recomendai à Sra. Elka que anunciasse suas futuras criações como "autenticamente pintadas por pirâmides".

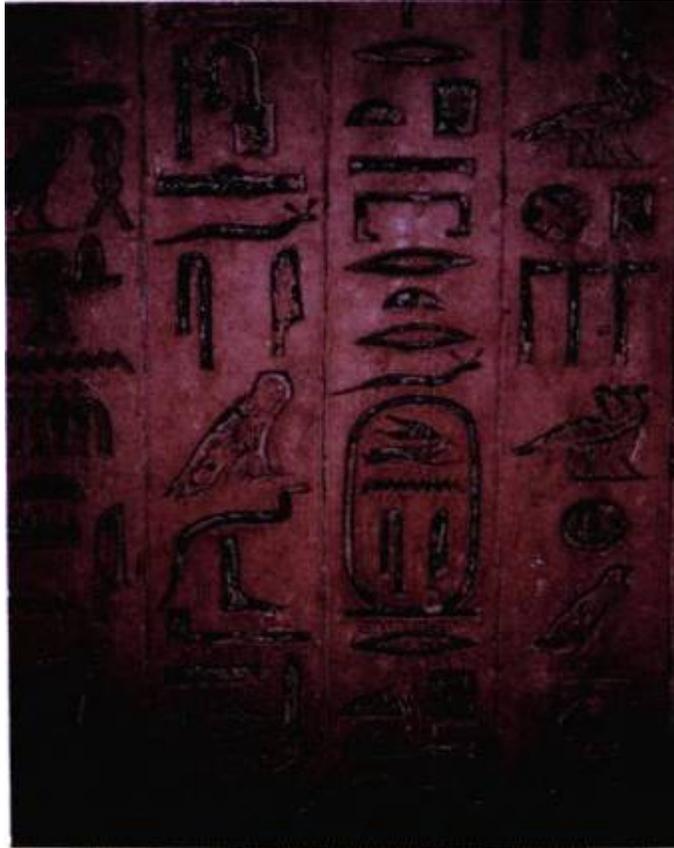
A experiência da pirâmide feita pelo casal Burgmüller, em Hamburgo, com o banal mel de abelhas apontava na mesma direção. Os Burgmüller moram no oitavo andar de um edifício, e tinham comprado sua pequena pirâmide *deplexiglas* de 14,5 cm de altura. Após o café da manhã, o Sr. Burgmüller colocou duas colheres de sopa de mel em uma tacinha e pôs o recipiente sobre o pedestal no interior da pirâmide, como estava previsto. Vinte e quatro dias depois o mel tinha se transformado em um pelote "que parecia cera endurecida ao tato". Inadvertidamente a fiel esposa tirou a pirâmide de sua posição norte—sul ao arrumar a sala e — abracadabra — apenas seis dias depois o mel de abelhas escorria da tacinha mais líquido do que nunca. Talvez dessa maneira se possam explicar as lágrimas de São Januário, que está na catedral de Nápoles e que todos os anos começa a chorar de maneira fantasmagórica.

Esses resultados, que se devem mais ao acaso que a qualquer outra coisa, foram confirmados pelos "contabilistas". Com isso me refiro àquelas pessoas quietas e amigáveis que penosamente mantêm um registro diário e horário e que até mesmo pesam os objetos da experiência na balança de cartas. Gerhard Leiner de Graz, Áustria, construiu um modelo de pirâmide de madeira compensada de 4,5 mm de espessura. Ele iniciou sua série de experiências no dia 19 de março de 1983 às 12h30 min. Na pirâmide — posicionada na direção norte—sul — de colocou um ovo de galinha com sete dias que pesava 60,2 g. Um segundo ovo de galinha ficava fora do âmbito da experiência. A sala na qual o experimento estava sendo levado a cabo tinha uma temperatura média de 19°C.

No dia 4 de outubro — duzentos dias depois! — o ovo da pirâmide tinha perdido 58,8 por cento de seu peso, a gema estava amarela, o cheiro completamente normal: o ovo estava comestível. O ovo de controle fora da pirâmide tinha um fedor que subia até o céu, perdão, até o teto da sala. Outras tentativas de longa duração feitas por Gerhard Leiner confirmam os resultados, somente um pintinho ainda não eclodiu do ovo.

Outro membro da AAS experimentou com pedaços de maçã, rabanetes, sementes de plantas, tabaco, suco de laranja, plantas de pepino e de tomate e até mesmo com morangos.





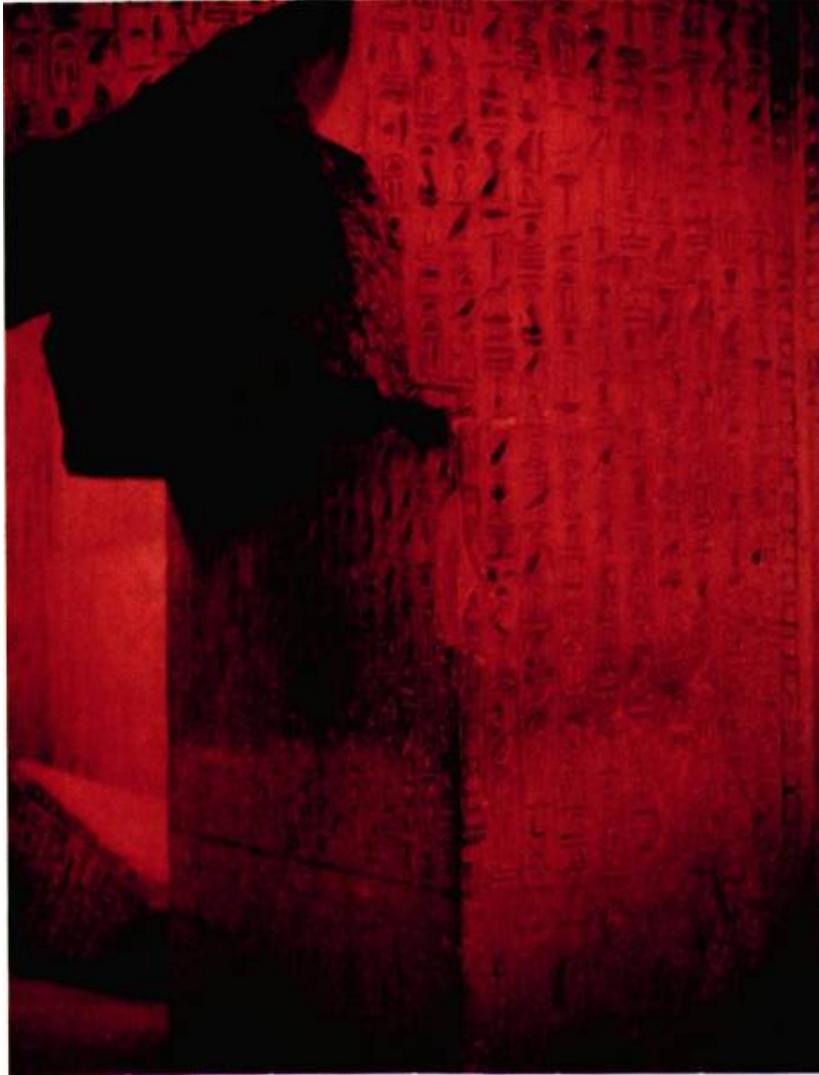
46 - *As paredes internas da pirâmide de Unas estão cobertas de inscrições.*



47 - Meninos e meninas tecem tapeçarias em sistema de autogestão.



48





50 - *A placa solar alada no túmulo do faraó Sétí.*



51 - *A placa solar sobre as entradas dos templos é posicionada de forma exatamente geométrica. Esta pintura no teto do templo de Dendera prova que os egípcios representavam o Sol com raios.*



52



53 - *O barco celeste do faraó Quéops originalmente estava no rochedo situado ao lado da pirâmide, coberto por estes pesados monólitos.*



54



55 - *Os relevos nas paredes da cripta secreta sob o templo de Dendera comprovam um know-how tecnológico que se perdeu.*



56

Todos os experimentadores registraram um sabor mais intenso nas frutas que estavam dentro da pirâmide. As plantas de legumes colocadas sob uma pirâmide-estufa revestida com folhas de papel cresciam mais rapidamente que as plantas de controle; os pepinos e os tomates ficavam mais firmes, mais compactos, e seu aroma era muitas vezes mais concentrado que o de qualquer tipo de legume usado para comparação.

Feitiço? Fantasmagoria? Mágica? Enganação ou imaginação? A força da imaginação é, na verdade, a única arma na guerra contra a realidade — e aqui ela não estava em jogo. Os objetos experimentais modificavam-se de forma mensurável e visível, os resultados, como exige a ciência, podiam ser repetidos a qualquer hora. Só que ninguém tem uma resposta para o que realmente acontece e por que acontece.

Eu mesmo ganhei uma pirâmide de vidro de presente, que passou algumas semanas despercebida na varanda, uma espécie de jardim de inverno. Uma tarde apanhei um vinho tinto Bordeaux muito jovem. Com os anos o palato, a língua e o estômago percebem o que desce suave, o que não é aguardente ordinária, o que faz bem às vísceras e se espalha pelo corpo como o néctar dos deuses. Aquele Bordeaux estava agitado, áspero, ácido, ele não estava de forma alguma

maduro. Enquanto eu despejava o conteúdo em uma garrafa de vinagre, fui tomado pelo espírito da pirâmide, que me levou a fazer uma extravagância. Apanhei uma garrafa original fechada da mesma marca, coloquei-a em minha pirâmide de vidro... e a esqueci. Chegaram o outono e o inverno. Na primavera eu, marido moderno que sou, ajudei minha mulher a arrumar a varanda. A garrafa de vinho!

O Bordeaux tinha adquirido uma cor mais escura, seu sabor era redondo, aveludado, sem acidez, como um Grand Cru *classe* de sete anos. O conhecedor sabe o que isso significa. Promovi uma prova com uma segunda garrafa do mesmo ano que tinha ficado no porão. A diferença era gritante. Desde então visitantes que vêm e vão comprovam que há sempre uma garrafa de Bordeaux sob minha pirâmide. Para ocasiões especiais.

Durante meu seminário em Etorá, na ilha Lanzarote, encontrei-me também com Hans Cousto, um gênio da matemática que anda metido com medidas e comprimentos galácticos e de ondas terrestres. Ele projetou uma pirâmide de 9,84 m de altura para ser construída por qualquer pessoa, e que ele chama de "caramanchão cósmico". Algum dia eu bem que gostaria de conseguir uma adega cósmica. Perguntei ao computador vivo Cousto o que o diâmetro da Terra tem em comum com a Grande Pirâmide.

— O diâmetro de nosso planeta à altura do Equador é de 12.756.326 m. Um dia terrestre tem 86.400 s. Divida os metros pelos segundos e terá a altura da pirâmide, 147,64 m.

Uau! Mas por que segundos? Os antigos egípcios conheciam os nossos segundos? Fiquei sabendo que eles não são uma descoberta nossa: "Sabe-se que um minuto tem 60 s e 1 h, 60 min. $60 \times 60 = 3.600$. Esse é o perímetro do círculo em graus. Noventa graus, um quarto daquele, é o ângulo reto. Como você pode ver, nossos segundos têm muito a ver com a geometria e o perímetro da Terra, e isso já desde os tempos de Olim!"

Hans Cousto permaneceu coerente. Ainda se pode conversar com ele.

Sugestões para o possível

Números das pirâmides, a energia das pirâmides — eles existem, e nenhuma universidade se dá ao trabalho de investigar tão estranhas relações. A razão de determinadas bactérias, vírus e fungos penetrarem em uma pirâmide e outros não deveria naturalmente interessar a estudiosos de imunologia e higiene. Será que a forma da pirâmide modifica venenos especialmente aniquiladores? Será que ela endurece ligas e soldas? Utilizando-se pirâmides seria possível melhorar o efeito do petróleo e outros produtos químicos retirados da natureza, intensificar o sabor das verduras ou, por mim, purificar a água de uma piscina pública sem recorrer ao uso do cloro? Será que as pirâmides podem ser utilizadas como filtros? Como reservatórios de água doce? Seria possível melhorar o vinho em barris sob pirâmides, conservar frescas as verduras, flores e frutas? Como *globetrotter* que sou, sei que os medicamentos se estragam rapidamente nos países em desenvolvimento porque os refrigeradores não funcionam ou não estão disponíveis. Por que nenhuma multinacional da indústria química se atreve a fazer experiências com embalagens em forma de pirâmide?

Anoto aqui perguntas ao acaso, que me ocorrem espontaneamente. Pensamentos acarretam conseqüências, talvez uma ou outra faísca do espírito inspire um cérebro alerta. Pois seria uma lástima se a energia das pirâmides deixasse de ser utilizada por estar sob o fino véu das coisas obscuras. Afinal, o fatal nesses efeitos continua sendo sua existência comprovável. Quantas vezes pensamentos atirados ao acaso já não resultaram em grandes coisas? Dessa maneira, deixo o caminho livre para que pequenos pensamentos possam movimentar grandes coisas.

Você está com sono? Cansado? Deprimido? Sente-se por duas horas em uma pirâmide, de tal maneira que sua cabeça fique na terça parte inferior dela. Você vai constatar, espantado, como os neurônios de sua câmara pensante esgotada *começam* a fluir novamente. De qualquer forma esse exercício não deve ser praticado por muito tempo, pois o efeito das pirâmides faz com que cabeças-d'água encolham.

Você não atina com a solução para o seu problema? Falta a idéia brilhante? A inspiração decisiva? A mágica das pirâmides pode ajudar muito. Eu o constatei com perplexidade.

Há décadas os radioastrônomos tentam entrar em contato com formas de vida extraterrestres no universo. Não tiveram sucesso até agora, porque a busca tem sido empreendida *com* meios muito modestos em comprimentos de onda muito limitados. Toda a radioastronomia está baseada em ondas eletromagnéticas — em que mais? —, pois as ondas de rádio, que se propagam a 300.000 km por segundo, são o mais rápido meio de comunicação existente. Rápido para a Terra — mas não suficientemente rápido para o universo. Uma conversa com extraterrestres que estivessem sentados junto ao receptor a uma distância de vinte anos-luz do sistema solar poderia se tornar bastante aborrecida. As respostas a nossas prementes perguntas iriam repicar nas antenas quarenta anos depois, na melhor das hipóteses. Não haverá realmente nada mais rápido que as ondas de rádio ou de luz? Será a forma da pirâmide o emissor para o universo, o ouvido aberto aos extraterrestres? Será que as forças magnéticas da Terra amplificam nossos pensamentos em uma pirâmide corretamente direcionada? Será que, ao orar, as pessoas enviam padrões de pensamento com louvores e desejos para além da caixa de ressonância de uma igreja ou templo, até a eterna criação? Será que a energia das pirâmides pode converter pensamentos humanos em impulsos mais rápidos que a luz? Será que lá fora telepatas extraterrestres estão esperando por nossas mensagens em uma pirâmide?

Você gostaria de ser alguma vez viajante do tempo? Ser arrojado ao passado ou ao futuro pelas ondas de Cronos? Você tem vontade de apenas uma vez entrar em contato com outras dimensões e seres estranhos? Segundo relatou o historiador Paul Brunton, que passou uma noite na Grande Pirâmide, lá acontecem coisas muito estranhas. "Finalmente chegou o ponto culminante. Gigantescas criaturas primordiais, horríveis figuras de terror do mundo dos mortos, formas de aparência grotesca, louca, monstruosa, diabólica juntam-se à minha volta e me enchem de um horror inimaginável. Em poucos minutos vivenciei algo cuja recordação é indelével para todo o

sempre. Essa cena incrível está registrada em minha memória de forma tão vivida como uma fotografia".

No decorrer da noite Paul Brunton entrou em contato com "altos sacerdotes de um antigo culto egípcio"; ele foi metamorfoseado em um ser espiritual e levado à "sala de ensino". Ficou sabendo que na pirâmide era conservada a lembrança de raças humanas perdidas, bem como a aliança feita pelo Criador com o primeiro grande profeta. Brunton relatou que esses seres espirituais o teriam levado a uma sala que ficava muito abaixo da pirâmide.

Será que são ou foram conservados na Grande Pirâmide documentos de raças humanas antigas? Existem ainda câmaras e passagens não pesquisadas? Em que etapa da história humana essa "cápsula do tempo" foi projetada, construída? Existe a sala muito abaixo da pirâmide descrita por Paul Brunton?

Ela existe — eu estive lá embaixo.

CAPÍTULO 4

OS OLHOS DA ESFINGE

"Eu colhi somente um ramalhete de flores e não acrescentei nada além do fio que as une".

Michel de Montaigne, ensaísta francês (1533-1592).

Início de dezembro de 1988. Parece que o platô de Gizé foi varrido. Nenhum ônibus de turistas, nada de buzinas ou aglomerações, nenhum camelo, cavalo, nenhum vendedor insistente, nenhuma fila diante da entrada da Grande Pirâmide. Ruas e edifícios em torno da antiga edificação estão tão impecavelmente limpos quanto a Rua da Estação (Bahnhofstrasse), de Zurique. Escolares correm pelos arredores, garotos desrespeitosamente batem suas bolas contra os blocos da pirâmide. Diante da entrada da Maravilha do Mundo de Quéops estão sentados dois guardas de olhar sério que também devem impedir a entrada de turistas isolados caso eles resolvam aparecer por aqui.

Mas não aparece ninguém. O que está acontecendo em Gizé? Será que de repente os estrangeiros não são mais desejados? Um inspetor amistoso nos informa:

— Estão sendo executados trabalhos de restauração na Grande Galeria — disse ele. — Como os organizadores de excursões e hotéis estão informados, os turistas nem são trazidos a Gizé. A oferta de templos grandiosos é inesgotável no Egito, os hóspedes são plenamente compensados em Sakkara pelo cancelamento da visita a Gizé.

Nós, o notável fotógrafo amador Rudolf Eckhardt e eu, apresentamos ao jovem inspetor, pedimos uma autorização de exceção e dissemos, o que era verdade, que queríamos fazer algumas fotos na Grande Pirâmide com toda a calma, o que não seria possível durante o burburinho dos turistas. O homem pediu que fôssemos à barraca dos egiptólogos. Estudantes e inspetores estavam sentados em um sofá velho e em diversas cadeiras. Eles me escutaram

pacientemente, meus documentos passaram de mão em mão, olhares furtivos dirigiram-se a nosso equipamento fotográfico.

— Vídeo? Filme? — perguntou o chefe da equipe.

— Não — sorri com confiança —, apenas fotos!

Serviram-nos chá preto, adocicado, eu distribuí chocolate suíço. Conversamos um pouco sobre nossa especialidade. Que bom que eu tinha lido tanto sobre o Egito nos últimos anos. Veio então o pedido amável do chefe da equipe a um estudante, se ele poderia nos acompanhar. Marchamos em direção à Grande Pirâmide. O estudante, prestativo, perguntou se precisávamos de esclarecimentos.

— Não — respondi —, nós conhecemos a literatura existente sobre a pirâmide. Queremos apenas poder fotografar sem ser perturbados. Quando subíamos até a entrada da pirâmide, nosso acompanhante encontrou dois colegas. Trocaram saudações. Eu disse ao "nosso" estudante que ele podia esperar ali, descansando; faríamos as fotos e voltaríamos àquele lugar. O estudante assentiu e fez algumas recomendações aos guardas da entrada. Com uma inclinação humilde e o "Salem" árabe eles deixaram que entrássemos.

A gruta na rocha

A primeira coisa de que nos demos conta foi que o acesso para a passagem ascendente não era o mesmo pelo qual os turistas eram admitidos. Uma galeria levemente torta escavada nos blocos de pedra nos levou ao interior. Abaixado como na outra visita, arrastei-me até a Grande Galeria segurando nas alças de madeira colocadas na parede. Que visão! A pirâmide não passava por isso havia 4.500 anos. Toda a galeria estava atulhada de estruturas de ferro e pranchas de madeira. Os detalhes que desejávamos não estavam à vista. Satisfeitos, constatamos que a grade constantemente trancada que dá acesso à câmara da rainha estava aberta. Lá a mesma visão: andaimes, tábuas, escadas. Regressamos, chegamos à chamada "encruzilhada dos três caminhos". Esse é o ponto onde as passagens ascendente e descendente cruzam-se com a galeria da entrada. Lâmpadas incandescentes espalhavam uma luz amarelada uniforme. A grade que dava para o corredor que leva ao fundo da pirâmide também estava aberta. Espiei para baixo, para a interminável galeria: os pontos de luz nas paredes perdiam-se de vista, dissolviam-se no

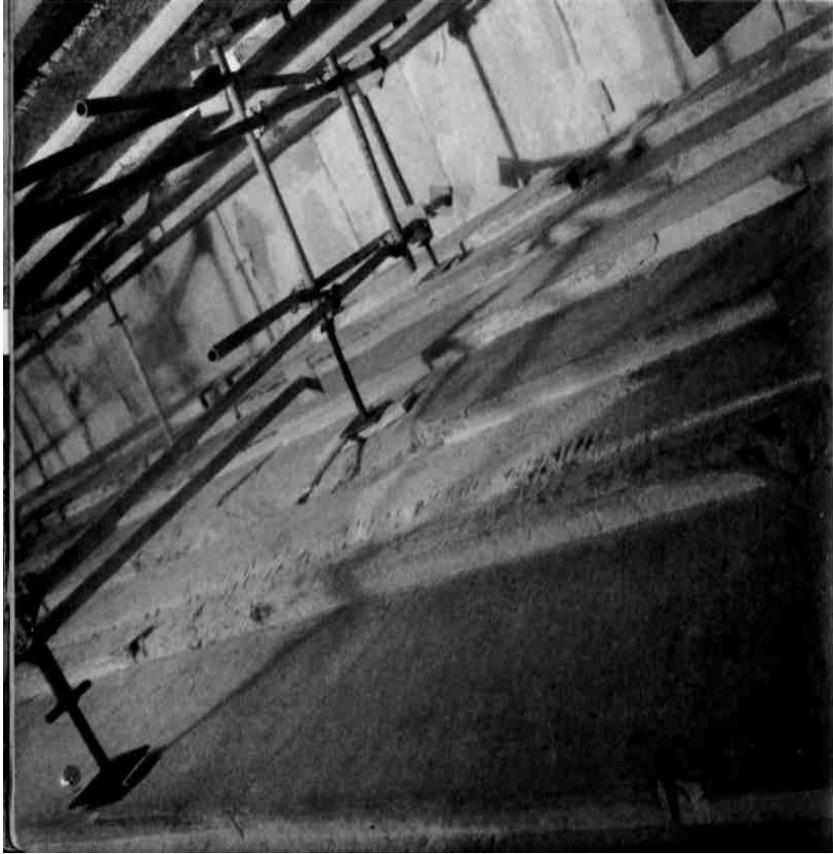
nada do abismo. Pela literatura, eu sabia o que havia lá embaixo: uma gruta, chamada de "câmara mortuária subterrânea". Os inspetores raramente permitem uma visita até lá embaixo, é muito cansativo, eles dizem, e muito perigoso.



Quando da minha última visita a Gizé, tinham sido instalados andaimes na câmara da rainha.



Uma galeria levemente curva, esculpida em blocos de rocha, leva ao interior da pirâmide de Queóps. Na Grande Galeria também tinham sido instalados andaimes.



Agora estávamos diante da entrada do poço. Nenhum guarda à vista; ao contrário, lá fora dois supervisores cuidavam para que ninguém pudesse entrar. Chamamos algumas vezes: "Hallo, is somebody there?" As vozes ecoavam nas paredes, estávamos sós na pirâmide. As medidas da galeria eram de 1,20 x 1,06 m, muito pouco para se caminhar ereto e demasiado para se arrastar sobre a barriga. Pendurei um estojo de câmara fotográfica sobre o peito, outro nas costas, encolhi a cabeça e os ombros, agachei-me e a largos passos de pato entrei gingando nas profundezas. Rudolf vinha atrás com um equipamento ainda maior. Eu estava sempre iluminando com minha lanterna as lisas paredes de pedra calcária de Tura polida. Com que precisão o trabalho fora executado! As juntas entre os blocos de pedra, que mal podiam ser notadas, não corriam de acordo com o prumo, mas enviesadas em relação à inclinação da entrada. O ângulo de inclinação é de 26 graus, 31 minutos e 23 segundos. Engatinhávamos em silêncio, após cerca de quarenta metros fizemos uma pausa para descansar. Mechas de cabelo grudavam em minha testa. E então adiante, caminhando como patos, após 65 metros, encontramos um nicho à direita, e ar fresco saía de uma tubulação milenar. Adiante... mais fundo... essa passagem não termina nunca? As coxas doem, meus tendões não estão acostumados a tais exercícios de torção. Oitenta metros... noventa metros... abaixo de nós não há mais nenhuma luz. Nós dois sabemos que a passagem desemboca em uma gruta, mas é claro que jamais tínhamos pensado que ela mergulhasse tão interminavelmente. Após 118 m senti o chão áspero sob os sapatos; o ar é abafado, quente, podemos ficar eretos novamente. Há um holofote no chão, semelhante a vísceras, a franja de um cabo de alta tensão pende ao lado. Com mãos trêmulas Rudolf, à luz de minha lanterna de bolso, une as pontas do cabo, sempre preocupado em não provocar um curto-circuito nem tomar um choque. A luz se acende.

A caverna na qual nos encontramos está cerca de 35 m abaixo das fundações da pirâmide. Segundo tradições árabes, ela foi encontrada pela primeira vez pelo califa Abdullah Al-Ma'mun, filho do famoso Harun Al Raschid, conhecido pelos contos das *Mile Uma*

Noites. Al-Ma'mun tinha ascendido ao trono de Bagdá no ano de 813, e de 820 até sua morte, em 827, governou também o Egito. O jovem Al-Ma'mun era tido como possuidor de uma cabeça iluminada, que incentivava as ciências, e por isso era considerado como alguém que ampliava o espaço da cultura árabe no mundo. Manuscritos antigos anunciavam que sob a Grande Pirâmide encontravam-se trinta câmaras secretas com tesouros, e também com mapas terrestres e celestes dos antepassados divinos. É compreensível que Al-Ma'mun cobiçasse esses tesouros; sendo ele governante do Egito, ninguém podia censurá-lo por esse motivo, e a classe sacerdotal maometana considerava as pirâmides como sendo edifícios pagãos. Eles não tinham nada contra sua profanação.



Como se arromba uma pirâmide

E assim Al-Ma'mun recrutou uma tropa de assalto de operários, artífices e engenheiros que deviam abrir uma entrada na pirâmide. Como todos os pés-de-cabra e alavancas de ferro não eram suficientes, foi lembrada uma antiga técnica de guerra para romper muralhas. Acendia-se uma enorme fogueira diretamente diante de um dos blocos de pedra da pirâmide, que era soprada até que o bloco estivesse em brasa. Derramava-se vinagre sobre a pedra aquecida, esta rachava e podia finalmente ser arrebetada com malhos. Dessa maneira os homens de Al-Ma'mun abriram a entrada que hoje é utilizada pelos turistas.

Penosamente a tropa de choque penetrou trinta metros pirâmide adentro. O ar era muito escasso, abafado e tóxico, pois o fogo e os archotes tinham consumido o pouco oxigênio disponível. Nervosos, os homens queriam desistir, confessar o fracasso a seu soberano, quando de repente todos ficaram paralisados.



Entradas: A entrada propriamente dita da pirâmide fica dez camadas de pedra mais para o alto. Na página à esquerda, acima: A entrada da câmara mortuária incompleta.

Ouviu-se na pirâmide algo que retumbava e então um estalo seco. Eles deviam estar próximos de uma passagem, alguma pedra tinha desabado no interior da pirâmide.

Com novo ânimo os homens continuaram perfurando, martelando, malhando, cinzelando até chegar à passagem descendente que Rudolf e eu, andando como patos, tínhamos deixado para trás. Por enquanto a tropa de choque de Al-Ma'mun não ansiava pelas profundezas, eles escalaram a garganta e chegaram à entrada verdadeira, secreta, da Grande Pirâmide. Ela ficava 16,5 m acima do chão, ou dez camadas de pedra mais alto que o buraco aberto por Al-Ma'mun. Após terem recobrado a coragem e orado a Alá, os

homens desceram pela escura passagem até chegar à espaçosa gruta na qual agora nos encontrávamos.

O foco de luz iluminou o teto, que foi escavado na rocha, passou pelas paredes, por dois pedestais enormes. Duas estranhas corcovas, brutas, projetavam-se das monstruosidades de pedra. No chão, atrás de nós, cerca de quatro metros abaixo, havia um poço escavado na rocha protegido por uma balaustrada de ferro. À esquerda, na parede sudeste, uma outra abertura do mesmo tamanho que a passagem descendente pela qual havíamos vindo. Já acostumados com o passo de pato nesse entretempo, tornamos a nos abaixar, tensos com a perspectiva; em que novas câmaras o poço desembocaria? A coisa terminava quinze metros depois. Um beco sem saída a essa profundidade? Para quê?

A sala escavada na rocha sob a pirâmide mede 14,02 m de leste a oeste, e 8,25 m de norte a sul. Medidas bastante razoáveis. Arqueólogos atuais a caracterizam como "câmara mortuária incompleta"¹, e com isso chegamos ao lavadouro dos mais extravagantes absurdos.

Contradições

A pseudocâmara mortuária estará "incompleta"? Deve-se deixar que isso passe em ordem e lentamente pela cabeça. Dificilmente a gruta pode ter sido escavada na rocha após a pirâmide ser erguida. Aonde levar o entulho? Eu, para não colher contradições, procedi da seguinte maneira: primeiro o complexo subterrâneo, e então a superestrutura. Como é que os pedreiros chegaram 35 m abaixo do solo rochoso? Obviamente cavando, martelando. O primeiro da fila de trabalhadores devia passar o entulho que penosamente produzia com o mole cinzel de cobre ou ferro para os companheiros de trás, que levavam o cascalho a céu aberto. Quanto mais profunda se tornava a galeria inclinada, mais escuro ficava. Logo... E dá-lhe tochas, cera, lâmpadas a óleo que consumiam o último resto de oxigênio.

Como essa solução não leva a nada, devem ter sido instaladas galerias de ventilação, como se fez posteriormente nos túneis das minas. Onde estão eles? Hoje conhece-se apenas um poço inclinado que dá acesso à passagem descendente, e ele foi feito por ladrões de túmulos. Seja como for que o problema tenha sido resolvido, em algum momento as toupeiras humanas alcançaram o ponto onde a câmara mortuária subterrânea devia estar instalada. Mas a coisa prosseguia, acima: Tragam os cinzéis e os martelos, amigos! Luz e ar são supérfluos nas profundezas. Talvez as equipes trabalhassem no escuro com olhos de radar, de raio X ou de albinos e não se preocupassem com os pedaços de pedra que estavam sempre caindo na cabeça de um ou de outro, esmagando dedos e entalando pés. O entulho era levado em carrinhos para cima. O ar pode muito bem ter sido bombeado, através de mangueiras feitas com tripas de animais, para a gruta impregnada de pó de pedra.

Minha descrição sarcástica deveria demonstrar como a coisa seguramente não aconteceu. *Tinha* que haver poços de ventilação que levassem a esse salão sob a pirâmide. Especialistas, acendam as luzes, sondem paredes e tetos! Talvez vocês até mesmo dêem de cara com uma das salas de tesouros de que falam as tradições antigas.

Após o salão ter sido escavado pela metade, os felizes trabalhadores, de brincadeira, devem ter cavado no canto sudoeste um corredor sem saída de quinze metros de comprimento, que eles ainda se deram ao trabalho de revestir com blocos polidos. Como despedida eles cavaram um buraco no chão, deixaram atrás de si a sala incompleta como uma caverna rochosa e começaram — sagrado Osíris, socorro! — a recobrir a galeria penosamente escavada antes com blocos de Tura maciços finamente polidos. Mais de cem metros sem a menor diferença de inclinação em linha absolutamente reta inclinada para cima! E para que toda essa cavação, a fadiga, o esforço de fazer cuspir sangue no apertado cárcere? Para um buraco de rocha incompleto a 35 metros de profundidade, no qual ainda assim nunca foi colocado algo.

Há pessoas que vivem tão cuidadosamente que morrem como novas, e outras que usam seus cérebros apenas para ler, e nunca para

pensar. E assim escuto que durante a construção da pirâmide o arquiteto ou engenheiro teria sido trocado, os planos teriam sido modificados de uma hora para outra. Como? Enquanto lá embaixo, na "câmara mortuária incompleta", pedras tinham que ser quebradas da rocha e rebocadas para a luz do dia, o poço de cem metros de comprimento que se dirigia para as profundezas não podia ser revestido com blocos de Tura polidos. Já nos primeiros dez metros esse revestimento teria impedido a retirada do entulho da caverna lá embaixo. Não haveria mais espaço — afinal eu estou de cócoras —, além disso os restos de pedra teriam arranhado as paredes impecavelmente polidas e revestidas. Nada disso pode ser constatado, e tampouco rastros de rodas ou talhos. Caso se veja, como fazem os arqueólogos, a sala de rocha como uma "câmara mortuária incompleta" — a caverna, de repente, não era mais necessária, e segundo as concepções de um novo engenheiro era supérflua —, então não havia a menor razão para que o acesso de 118 m de comprimento para a agora inútil câmara mortuária fosse ainda por cima revestido com monólitos polidos de Tura. Afinal o polimento da passagem descendente utilizada no decorrer de todo o trabalho somente pode ter sido iniciado *após* o término do trabalho de escavação subterrânea. Um acesso digno de um rei para um buraco de lixo incompleto sob a pirâmide? Um beco sem saída na mesma caverna? O que é que não faz sentido aqui?

Como solução, vejo aqui três possibilidades:

1. A coisa lá embaixo continua. Para algum lugar, por trás de algum monólito.
2. A caverna já foi arrumada.
3. Na caverna jaz alguém, talvez em um estado semelhante ao da hibernação.

O desconhecido não dava importância nem a nomes, inscrições e honras terrestres, nem a uma sala revestida de monólitos. A única preocupação dirigia-se a seu corpo. Somente o corpo tinha que vencer, ileso, um determinado período de tempo.

Futilidades e frescuras eram supérfluas na câmara.

É até mesmo possível que todas as três idéias se engrenem uma na outra.

O que afinal descobriu a corajosa fileira de arrombadores de Al-Ma'munna "câmara mortuária incompleta"? O que eles encontraram na Grande Pirâmide, eles, os "primeiros conquistadores" em milênios?

As emocionantes descobertas dos árabes

Ninguém sabe nada de mais preciso. Não foram feitos inventários, ou então eles não existem mais. No século XIV ainda havia na Biblioteca do Cairo antigos manuscritos árabes e coptas, além de fragmentos que foram coletados pelo geógrafo e historiador Taki ad-Din Ahmad ben 'Ali ben 'Abd al-Kadir ben Muhammad al-Makrizi (1364-1442) em sua obra *Hi-tat*. Vale a pena saborear, por assim dizer, as citações. Ainda que várias passagens lembrem a florida arte árabe de contar fábulas das *Mil e Uma Noites*, ainda assim resta um substrato de nomes, datas e tradições com um conteúdo surpreendente.

No *Hitat* pode-se ler que as três grandes pirâmides teriam sido construídas "sob uma estrela favorável, a respeito do que todos tinham se posto de acordo".

"Em seguida ele (o construtor) instalou na pirâmide ocidental trinta câmaras de tesouros de granito colorido; elas foram enchidas com riquezas, com aparelhos e estátuas de nobres pedras preciosas, com aparelhos de ferro excelente, tais como armas que não enferrujam, com vidro que pode ser dobrado sem que se quebre, com talismãs raros, com os diferentes tipos de remédios simples e combinados e com venenos mortais.

Na pirâmide oriental ele fez com que fossem representadas as diferentes abóbadas celestes e os planetas bem como, com imagens, aquilo que seus antepassados tinham feito: além disso vieram incenso, que se oferecia às estrelas, e livros sobre estas. Lá encontram-se também as estrelas fixas e as que se deslocam em seus períodos de tempos em tempos...

Para que servia o poço sem saída na sala rochosa subterrânea?



Na pirâmide colorida ele finalmente colocou os cadáveres dos adivinhos em caixões de granito negro; ao lado de cada adivinho ficava um livro onde estavam descritas suas artes maravilhosas, sua vida, suas obras, o que ele tinha feito em sua época... Também não houve nenhuma ciência que ele não mandasse escrever e anotar. Além disso, mandou que se levassem para lá os tesouros dos astros, que tinham sido oferecidos a estes como presentes, e também os tesouros dos adivinhos, e estes formavam uma quantidade imensa e incalculável."

Mais adiante fica-se sabendo que o rei teria erigido um ídolo sob cada pirâmide e que combatia os possíveis invasores com armas variadas. Um desses protetores "ficava ereto e tinha junto a si uma espécie de lança de arremesso. Em torno de sua pele enroscava-se uma serpente que se lançava sobre qualquer um que se aproximasse do guarda". Um outro ídolo é descrito como tendo olhos flamejantes muito abertos, que estava sentado sobre um trono e que igualmente trazia uma lança de arremesso. Quem olhava para ele não podia mais mover-se e ficava enraizado até morrer. Na terceira pirâmide vigiava um guarda que atraía a si os invasores até que estivessem firmemente presos a ele, não podiam mais libertar-se e finalmente

entregavam a alma. Quando o construtor das pirâmides morreu, foi sepultado em uma pirâmide.

De acordo com as tradições árabes, deveria haver nas três pirâmides tesouros e livros com conteúdos inimagináveis. Teria Al-Ma'mun saqueado as câmaras dos tesouros? Teria ele encontrado cadáveres mumificados em sarcófagos?

"Al-Ma'mun abriu a Grande Pirâmide. Procurei em seu interior e avistei um grande aposento abobadado cuja base formava um retângulo, enquanto em cima ele era redondo. No centro encontrava-se um poço de água com dez côvados de profundidade. Quando se desce por ele descobre-se em cada um de seus quatro lados uma porta que se abre para uma grande sala na qual há cadáveres, filhos de Adão...

Diz-se que na época de Al-Ma'mun lá se subiu até chegar a um aposento abobadado de pequeno tamanho, no qual estava a estátua de um homem que tinha sido feita de pedra verde, um tipo de malaquita. Ela foi levada a Al-Ma'mun, e descobriu-se que estava fechada com uma tampa. Quando ela foi aberta, havia dentro o cadáver de uma pessoa que usava uma couraça dourada enfeitada com todos os tipos de pedras preciosas.

Sobre seu peito estava uma lâmina de espada sem punho, e ao lado de sua cabeça uma pedra de jacinto vermelha do tamanho de um ovo de galinha que brilhava como as chamas do fogo. Al-Ma'mun a tomou para si. O ídolo, entretanto, do qual tinha sido retirado esse cadáver, eu vi ao lado do portão do palácio real em Misr até o ano 511.

...eles entraram então no aposento intermediário e lá encontraram três ataúdes que tinham sido feitos com pedras brilhantes transparentes; neles jaziam três cadáveres; cada um deles estava coberto com três roupas e tinha ao lado de sua cabeça um livro em uma escrita desconhecida... Al-Ma'mun ordenou que se retirasse tudo o que fosse encontrado nos aposentos; as personagens no entanto ele ordenou que fossem novamente colocadas nos esquifes, com o que as portas foram fechadas como antes."

Tudo um pouquinho oriental, é-se tentado a repudiar o que é narrado. De muito mau gosto para ser verdade. Mas como é que nós, a partir de nosso presente, chegamos a desqualificar relatos antigos por

serem pouco dignos de crédito? Algum de nós estava lá? Algum de nós conheceu os cronistas, respeitados e honrados em seu tempo? Nós nos consideramos como a sociedade da comunicação de massa eletrônica, a sociedade mais bem informada, segundo se diz, e no entanto todas as informações que são servidas aos cientistas, estudantes, jornalistas, comunicadores e ao povo em geral já foram peneiradas, filtradas, espremidas unilateralmente. A opinião que temos de nós mesmos é freqüentemente preconceito mastigado previamente, onde os preconceituosos, por sua vez, são vítimas de uma linha de pensamento simplista. Julgamentos generalizantes tais como: "Os cronistas árabes são contadores de histórias fantásticas", ou: "Sabe-se tudo sobre as pirâmides", ou: "A opinião científica erudita comprovada..." não passam de figuras de linguagem por trás das quais se esconde a ignorância. Nós nos tornamos parciais porque o fluxo de informações nos força a admitir somente idéias determinadas. Muitas vezes *acreditamos* que sabemos algo.

Os cronistas árabes contam que Al-Ma'mun teria encontrado "o cadáver de uma pessoa", que usava uma estranha "couraça com pedras preciosas". Um conto de fadas? Tais couraças no entanto são conhecidas também no Antigo Testamento. No capítulo 28 do Êxodo esclarece-se exatamente que roupas Aarão (irmão de Moisés) e os sacerdotes levitas tinham que usar. Entre outras coisas um peitoral com doze pedras preciosas diferentes.

Novas passagens e câmaras

Nas três grandes pirâmides deveriam se encontrar estátuas, sarcófagos e livros com conteúdo científico? Exageros desmedidos? A "ciência" já não sabe há muito tudo sobre as pirâmides? Os crédulos acreditam nisso.

É do conhecimento geral a experiência com radiação feita no final de 1968 e início de 1969 pelo ganhador do prêmio Nobel de física Dr. Luis Alvarez na pirâmide de Quéfren. Alvarez e sua equipe partiram do fato de que raios cósmicos bombardeiam nosso planeta todo o tempo, e que ao penetrar em corpos sólidos como pedra, por exemplo, perdem uma fração de sua energia. Em média um metro

quadrado de chão é atingido por 10.000 prótons por segundo. As partículas cósmicas mais enraizadas atravessam as mais espessas camadas de pedra e até mesmo o planeta inteiro. Através de medições pode-se constatar quantas partículas elementares atravessam uma camada de pedra. Caso a pedra contenha qualquer espaço oco, os prótons, devido a esses espaços vazios, são menos retidos, sendo o fluxo de prótons portanto maior que na rocha maciça.

Montou-se uma "câmara de rádio" na pirâmide de Quéfren, em que os raios de partículas cósmicas eram retidos por uma fita magnética. Essas fitas eram avaliadas por um computador IBM, sendo que o programa do computador levava em conta a forma da pirâmide, o tamanho e o ângulo de inclinação.

Já ao final de 1968 foram registrados os percursos de mais de 2,5 milhões de raios cósmicos. A avaliação do computador mostrava corretamente a forma da pirâmide; sabia-se, portanto, que a série de experimentos era razoável e que os instrumentos de medição estavam em ordem.

Então veio o grande espanto e o balançar de cabeças. Os osciloscópios mostravam um padrão caótico. Nada mais era reconhecível, exatamente como se partículas cósmicas se desviassem nos cantos. Mesmo quando as mesmas fitas magnéticas eram colocadas na calculadora, o computador emitia outros dados e outros gráficos. Era desesperador. A caríssima experiência, de que participaram diversos institutos americanos, a firma IBM e a Universidade Aim-Shams do Cairo, terminou sem que se obtivesse qualquer resultado aproveitável. O Dr. Amr Gohed disse aos jornalistas que os achados eram "cientificamente impossíveis" e acrescentou que ou a estrutura da pirâmide era uma trapalhada ou haveria "um mistério que escapa à nossa compreensão — chamem-no de ocultismo, a maldição do faraó, feitiço, magia ou o que quiserem".

Desde então a pirâmide foi esquadrihada com novos aparelhos e novos métodos em busca de espaços vazios... com sucesso. No verão de 1986 os arquitetos franceses Jean-Patrice Dormion e Gilles Goidin descobriram com seus detectores eletrônicos espaços ocios

na pirâmide de Quéops. Com o auxílio da Administração da Antigüidade Egípcia foram afinal introduzidas microssondas através de pedras de 2,5 m de espessura. Sob a passagem que dá para a câmara da rainha os franceses encontraram um espaço vazio de 3 m de largura e 5,5 m de altura que está cheio de areia de quartzo cristalino. Por trás da parede noroeste da câmara da rainha também foi localizado um espaço vazio. Até agora não foi encontrado nenhum acesso a esses aposentos. O que é portanto que sabemos? Com que direito nós desterramos as tradições árabes para o reino das fábulas?

Alarmados com o sucesso dos dois arquitetos franceses, os japoneses da Universidade Waseda de Tóquio não se deixaram passar para trás. Os magos da eletrônica tinham acabado de experimentar uma espécie de aparelho de radar com o qual vários tipos de rocha — granito, pedra calcária, arenito — podiam ser integralmente radiografadas. A equipe de alto quilate da Universidade de Waseda, que chegou ao Cairo em 22 de janeiro de 1987, era constituída de um professor de egiptologia, um doutor em geofísica e vários técnicos em eletrônica. O chefe da equipe era o Prof. Sakuji Yoshimura, que trabalhava de preferência em colaboração com o Dr. Ahamed Kadry, o presidente da Administração da Antigüidade Egípcia.

Os japoneses, sempre brilhantes no setor de eletrônica e equipados com excelentes instrumentos e computadores portáteis, radiografaram tanto o corredor que leva à câmara da rainha quanto a própria câmara da rainha, e além disso a câmara do rei que se encontra acima, toda a área sul da Grande Pirâmide e finalmente a Esfinge e a área que a circunda. Para que fazer suspense? A equipe de pesquisa japonesa conseguiu localizar indícios indiscutíveis de todo um labirinto (!) de passagens e espaços vazios na Grande Pirâmide.

O relatório científico fortemente ilustrado da Universidade de Waseda tem mais de sessenta páginas com dados de medições referentes às várias seções individuais, todas elas atravessadas por vigas brancas — corredores, poços e espaços intermediários vazios na pirâmide. A sudoeste da câmara do rei foi localizada uma sala

maior, da mesma maneira que a sudoeste do eixo principal da Grande Galeria. Uma passagem sai da parede noroeste da câmara da rainha, e ao sul da pirâmide de Quéops foi localizada uma cova de 42 m de comprimento que parece atravessar a pirâmide por baixo. Já está confirmada a descoberta feita pela eletrônica japonesa de uma segunda barca do Sol no platô rochoso sob a pirâmide.

O que mais? Que surpresas nos aguardam adiante? Como vão se comportar aqueles cientistas que sempre fazem gestos negativos com um sorriso nos lábios quando se fala de salas ainda não descobertas na pirâmide? Por enquanto ninguém sabe o que as passagens e câmaras detectadas eletronicamente contêm — ou se elas já foram saqueadas. Ninguém? Eu já disse que em dezembro de 1988 a Grande Galeria e a câmara da rainha tinham sido completamente atulhadas com andaimes e tábuas. Não se podia encontrar um operário em parte alguma. É preciso que se permita a pergunta: prosseguem na calada da noite as análises e sondagens eletrônicas? Já foram introduzidas microssondas com fios óticos nos blocos da pirâmide e feitas fotografias em primeira mão? Eu teria total compreensão para um procedimento desse tipo. Quem é que pode desenvolver um trabalho científico em meio ao burburinho dos turistas? Ou, perguntando de outra maneira: será que a egiptologia não estaria burlando seu prestígio ao abrir salas fechadas há milênios como ladrões na calada da noite e a portas fechadas? Quem então ainda iria acreditar que aquilo que foi exibido — ou que não pode ser exibido — representa tudo o que foi encontrado?

A fraude com Quéops

Talvez nos aguarde ainda na Grande Pirâmide uma sensação de um tipo muito diferente, que necessariamente magoaria os egiptólogos de maneira muito especial. Ou seja, a constatação de que Quéops não foi seu construtor. Sempre que pergunto a um especialista pelo construtor da Grande Pirâmide, recebo a resposta estereotipada como um tiro de pistola: Quéops. Nenhuma dúvida? Nenhuma dúvida. O faraó Quéops é considerado uma "opinião científica erudita

segura". Perguntas não são procedentes. Basta. Quando se arranha o verniz, a "opinião erudita segura" emite um vento áspero na cara.

O que concede ao faraó Quéops o título glorioso de construtor da pirâmide? De onde vem a segurança de que apenas Quéops e ninguém além dele ergueu o mais impressionante de todos os edifícios? Devemo-nos lembrar de que na Grande Pirâmide não há nenhum texto de pirâmide, nenhuma louvação ou glorificação do senhor da construção. A vaidade anônima.

Se formos ver bem, há apenas duas indicações a respeito de Quéops, que foram transformadas em avalanche na literatura especializada. Heródoto escreveu que Quéops tinha mandado erguer a pirâmide. "Quéops" é grego, em egípcio a personagem se chama "Chufu". Em Diodoro da Sicília o senhor da construção é chamado de "Chemmis", e Caio Plínio Segundo, que enumera expressamente o nome dos historiadores que já tinham escrito sobre as pirâmides antes dele, comenta secamente: "Nenhum deles sabe, no entanto, dizer quem foi realmente o construtor". Neste caso em particular, a arqueologia se apoia inteiramente em Heródoto — por outro lado eles querem que ele vá para o inferno.

A segunda prova para a autoria de Quéops/Chufu é uma inscrição em uma das "câmaras de descarga" sobre a câmara do rei. Um momento! Eu não preguei o tempo todo que na Grande Pirâmide não havia nenhuma inscrição?

O caso é uma novela policial com um farsante como protagonista. O mistério não foi analisado e solucionado por Sherlock Holmes, e sim por Zecharia Sitchin, um especialista em línguas orientais antigas.

Em 29 de dezembro de 1835 o coronel britânico Howard Vyse, um oficial da guarda, veio ao Egito. Vyse era um trocista único, um sobrinho do conde de Stafford, por um lado disciplinado até a medula, por outro lado a ovelha negra da família que tinha que se destacar por meio de feitos notáveis. Vyse estava entusiasmado e fascinado com o enigma das pirâmides, e imediatamente associou-se com o capitão italiano Giovanni Battista Caviglio (1770-1845), que já andava escavando por Gizé havia algum tempo. Com o decorrer dos meses os dois homens se desentenderam, e a 13 de fevereiro de 1837 as tensões levaram a um rompimento. Vyse, o britânico que

possuía uma licença de escavação do cônsul, expulsou o italiano do campo de escavações.

Já 27 anos antes de Howard Vyse o diplomata britânico Nathaniel Davison (morto em 1783) tinha descoberto no final da Grande Galeria um buraco no teto, pelo qual ele entrou no dia 8 de julho de 1765. Nessa ocasião, Davison chegou à chamada câmara de descarga que estava mais abaixo dentre as que se encontram sobre a câmara do rei. Naturalmente Vyse sabia dessa "câmara de Davison", pois ele anotou em seu diário que supunha existir mais uma câmara mortuária escondida sobre a "câmara de Davison". Vyse queria tornar-se famoso de qualquer maneira, seu nome devia entrar para a história, ele devia isso à família. A 27 de janeiro de 1837 ele até mesmo confessou, em seu diário, que tinha de descobrir alguma coisa antes de retornar à Inglaterra. Vyse e seu engenheiro-chefe, John S. Perring, muniram-se de pólvora e abriram um poço no bloco da pirâmide sobre a "câmara de Davison". A 30 de março, 27 de abril, 6 de maio e 27 de maio de 1837 Vyse e Perring descobriram de fato quatro outros espaços vazios sobre a "câmara de Davison", que, pela ordem, foram batizados de câmara de Wellington, de Nelson, de Arbuthnot e de Campbell. Nas duas câmaras superiores Vyse notou alguns cartuchos nos monólitos que evidentemente tinham sido pincelados com tinta vermelha. A partir das pedreiras das montanhas de Wadi-Maghara era conhecido que mestres-de-obras freqüentemente marcavam monólitos isolados com cores para que eles, após a confusão do transporte, chegassem ao destino correto. Uma dessas marcas a pincel exibia o nome do faraó: "Ch-u-f-u". A prc a foi apresentada, o monólito inscrito estava destinado a Chufu/Quéops. O anúncio sensacional correu o mundo, Howard Vyse tinha conseguido!

Em mais de dois milhões de blocos trabalhados apenas para a pirâmide de Quéops tinha-se que encontrar o cartucho "Quéops" o tempo todo. Mas nessa ocasião isso não incomodou ninguém.

O orientalista Zecharia Sitchin, no 13º. capítulo de seu livro *Degraus para o Cosmos*, bem como em dois trabalhos suplementares em *Ancient Skies*, revelou que Howard Vyse era um embusteiro. As provas contra Howard Vyse são uma obra-prima criminológica tão

sagaz que é preciso perguntar-se por que razão os egiptólogos se apegam a suas "opiniões eruditas seguras".

Com base em dados, declarações e anotações de diários, mas especialmente devido a erros ortográficos cometidos pelo falsário, Zecharia Sitchin desvenda a trapaça da dupla Vyse-Perring. Após a descoberta do cartucho "Ch-u-f-u", especialistas já apresentavam dúvidas, mas suas vozes foram abafadas pelo alarido da vitória. O egiptólogo Samuel Birch, um especialista em hieróglifos, já presumia em 1837: "Embora (o cartucho) não seja muito legível, já que está escrito em letras hieroglíficas semi-hieráticas ou lineares..." e um pouco depois: "o significado... não é realmente evidente... muito difícil de interpretar..."

O que é que perturbava o especialista em hieróglifos Samuel Birch? A inscrição pincelada estava escrita em sinais que ainda não existiam na época de Quéops. Com o passar dos séculos, desenvolveu-se no antigo Egito uma "escrita hierática" a partir da escrita por imagens... muito depois de Quéops. Até mesmo Richard Lepsius, o (pretense) descobridor do labirinto, admirou-se com os sinais pintados com pincel e tinta vermelha, porque eles se pareciam demais com a escrita hierática.

Como é que os sinais escritos chegaram à pirâmide de Quéops? Será que séculos após a construção alguém esteve lá pintando cartuchos nos monólitos? De maneira nenhuma, as "câmaras de descarga" eram completamente inacessíveis, pois Vyse teve até mesmo que usar explosivos!

Vyse, um militar e de modo algum um egiptólogo, conhecia apenas uma obra *standard* sobre hieróglifos, o manual publicado em 1828 *Matéria hieroglyphica*, de John Gardner Wilkinson. Como se ficou sabendo somente mais tarde, o nome "Chufu" foi escrito errado no manual de Wilkinson. A consoante "Ch" estava representada pelo símbolo do Sol, "Rá". A dupla de falsários Vyse/Perring não apenas tinha empregado uma escrita utilizada séculos depois de Quéops, além disso eles tinham copiado o erro ortográfico do manual de Wilkinson! Será que ninguém deveria ter percebido que a tinta vermelha tinha sido aplicada recentemente? Diz Zecharia Sitchin a esse respeito:

Essa pergunta foi respondida na época por um dos envolvidos, ou seja, por Perring, em sua própria obra sobre as pirâmides de Gizé. Lá ele escreve que a tinta utilizada para as inscrições egípcias antigas "era um composto de almagre vermelho, denominado *moghrah* pelos árabes, que ainda é empregada... os desenhos sobre a pedra estavam tão bem preservados que é impossível saber se eles foram feitos ontem ou há 3.000 anos".

Falei a diversos egiptólogos do desvendamento do crime feito por Zecharia Sitchin. Nenhum deles conhece a análise. As pessoas balançam a cabeça com a segurança dos que sabem e confiam em que Howard Vyse fosse, afinal, um arqueólogo honesto. Vyse não era arqueólogo. Pode ser que fosse honesto... mas era também ambicioso.

A honra é uma coisa em si também na arqueologia. Quando o inglês Howard Carter se tornou mundialmente famoso com a descoberta do túmulo de Tutancâmon em 4 de novembro de 1922, ninguém se atreveu a duvidar de seus dados. O renome de Carter era imaculado. Para irritação de todos, as ante-salas do túmulo de Tutancâmon propriamente dito já tinham sido arrombadas por ladrões de túmulos, disse Carter. Nesse entre-tempo o mundo dos especialistas ficou sabendo que Carter mentira, que isso não tinha acontecido. Foi ele mesmo que se meteu na tumba de Tutancâmon *antes* da abertura oficial do túmulo, desordenou tudo intencionalmente e roubou uma série de objetos valiosos para que não tivesse que deixar a metade para o governo egípcio, como estava estipulado no contrato. Esse crime foi descoberto pelo arqueólogo Dr. Rolf Kraus do Museu Egípcio de Berlim. Nem o mundo especializado nem o público reagiu.

Quem foi o construtor?

Não há a menor prova convincente de que Quéops tenha sido o construtor da Grande Pirâmide. Isso na verdade não convence que ele não tenha mandado construir a Grande Pirâmide, somente depõe muito mais contra ele que a seu favor. Nenhum hieróglifo, nenhum texto de pirâmide, nenhuma estátua, busto, paredes cheias de

louvores. Uma única figurinha de marfim minúscula, de apenas cinco centímetros de altura, representa Quéops no Museu Egípcio. Por outro lado, há fortes provas *contra* Quéops, só que elas não são levadas em consideração pelos especialistas.

No ano de 1850 foi encontrada nas ruínas do templo de Ísis uma coluna que hoje pode ser admirada no Museu Egípcio do Cairo. O templo de Ísis fica imediatamente ao lado da Grande Pirâmide. A inscrição na coluna afirma que Quéops teria fundado "a casa de Ísis, a Senhora da Pirâmide, ao lado da casa da Esfinge". Se Ísis é designada a "Senhora da Pirâmide", então a Grande Pirâmide já existia quando Quéops surgiu no cenário egípcio. Além disso, já existiria também a Esfinge, que segundo a opinião dos arqueólogos somente foi erguida por Quéfren, o sucessor de Quéops. Por que é que os eruditos não tomam conhecimento dessa comunicação esmagadora? A coluna foi encontrada em 1850. Recordemos: já treze anos antes as pessoas tinham entrado em acordo graças às falsas descobertas feitas por Howard Vyse em Quéops. A coluna não se encaixava em nenhum lugar nesse conceito, os arqueólogos declararam que se tratava de uma falsificação que necessariamente tinha sido feita após a morte de Quéops "para corroborar as concepções dos sacerdotes locais".

Tudo isso nos autoriza a perguntar: se não foi Quéops quem mandou construir a Maravilha do Mundo de Gizé, então quem foi? Os egiptólogos conhecem a cronologia após Quéops sem lacunas. Não há lugar para um faraó adicional depois de Quéops. Se não foi ninguém depois, então foi alguém *antes* dele. Só pensar nisso já é insuportável para os especialistas, pois vira de ponta-cabeça o desenvolvimento cronológico das edificações a que eles estão afeiçoados. Será que os cronistas árabes poderiam ajudar? O que informam as tradições?

"As maiores pirâmides são as três que até o dia de hoje se encontram diante de Misr (Cairo — EvD). As pessoas não são unânimes quanto à época de sua construção, quanto ao nome do construtor e o porquê de elas terem sido construídas, e expressaram as mais diferentes opiniões a respeito, no entanto, equivocadas em

sua maioria. Sobre esse assunto quero relatar aqui o que basta e satisfaz, se Deus, o Altíssimo, quiser.

O Mestre Ibrahim Ben Wasif Sah Al-Katib diz nas 'Notícias do Egito e seus Prodígios', lá onde ele conta sobre Saurid, o filho do Sahluk, o filho do Sirbak, o filho do Tumidun, o filho do Tadrasan, o filho do Husal, um dos reis do Egito antes do Dilúvio, que governavam a partir da cidade de Amsus, sobre a qual falaremos neste livro quando tratarmos das cidades do Egito. Ele foi o construtor das duas grandes pirâmides em Misr... — O motivo da construção das duas pirâmides foi que trezentos anos antes do Dilúvio Saurid teve o seguinte sonho: a Terra com seus moradores virava, as pessoas fugiam com pressa cega, as estrelas caíam..."

Com essa seqüência de nomes tão precisa torna-se difícil classificar o texto como fábula ou mito. Trezentos anos *antes* do Dilúvio um rei chamado Saurid teria tido um sonho que finalmente levou à construção das pirâmides? Seus conselheiros e adivinhos também foram assolados por sonhos horríveis, predizia-se o fim da civilização. "O céu se abria, uma luz brilhante se aproximava... e homens desciam do céu trazendo clavas de ferro com as quais se abatiam sobre as pessoas."

Mais velhas que o Dilúvio?

O rei perguntou então aos sábios se após o Dilúvio o Egito voltaria a ser habitável. Como a resposta foi afirmativa, ele se decidiu pela construção das pirâmides, para que todo o conhecimento humano daquela época fosse preservado. Um motivo notável. Na ponta da pirâmide o Saurid ante-diluviano mandou colocar uma inscrição que dizia:

"Eu, Saurid, o rei, construí estas pirâmides em tal e tal época, e terminei sua construção em seis anos. Quem vier depois de mim e achar que é um rei como eu, que a destrua em seiscentos anos: e sabe-se que destruir é mais fácil que construir. E quando elas estavam prontas eu também as cobri de brocado, que ele as cubra com esteiras..."

Quando o rei Saurid ben Sahluk morreu, foi sepultado na pirâmide oriental, Hugib no entanto na ocidental, e Karuras na pirâmide feita de pedras de Assuan embaixo e pedras de Kaddan em cima.

Estas pirâmides têm portões sob a terra aos quais se liga uma passagem abobadada. Cada passagem tem 150 côvados de comprimento. O portão da pirâmide oriental fica do lado norte, o da ocidental do lado oeste, e o portão da passagem abobadada da pirâmide que tem revestimento de muralha fica no lado sul. O que as pirâmides contêm em ouro e esmeraldas é indescritível.

O homem que traduziu estes escritos do copta para o árabe somou as datas até o nascer do sol do primeiro dia de Thot — isso foi num domingo — no ano 225, pela contagem árabe, resultando a soma em 4.321 anos solares. Quando ele então pesquisou quanto tempo tinha decorrido do Dilúvio até esse dia, encontrou: 1.741 anos, 59 dias, 13 4/5 horas e 59/400 segundos. Ele subtraiu isso da soma e restaram 399 anos, 205 dias, 10 horas e 21/400 segundos. Ele então reconheceu que essa inscrição tinha sido escrita tantos anos, dias, horas e frações de hora *antes* do Dilúvio".

No *Hitat* são reproduzidas uma em seguida da outra diversas tradições árabes que freqüentemente contêm datações contraditórias quanto à construção das pirâmides. Cito aqui apenas um exemplo:

"Abu Zaid Al-Balhi conta: encontrou-se sobre a pirâmide uma inscrição escrita em sua língua. Podia-se compreendê-la, e ela dizia: 'Estas duas pirâmides foram construídas quando o 'Abutre que Cai' se encontrava na constelação de Câncer'. Eles então calcularam a partir desse momento até a Higrá do Profeta, o que resultou em duas vezes 36.000 anos solares".

Como era esse visionário rei Saurid? É ele uma figura nebulosa, mítica, inventado no mundo onírico dos desejos e anseios, ou pode-se classificá-lo em algum lugar? Sobre ele, o *Hitat* diz que se trataria de "Hermes, que os árabes chamam de Idris". Diz-se que Deus em pessoa o teria instruído no conhecimento das estrelas, anunciando-lhe que uma catástrofe se abateria sobre a Terra, embora um resto do mundo, no qual as ciências seriam necessárias, sobrevivesse. Em

função disso Hermes, aliás Idris, aliás Saurid, teria construído as pirâmides. O *Hitat* torna-se ainda mais explícito no capítulo 33:

"Há pessoas que dizem: o primeiro Hermes, que foi chamado 'Tríplice' em suas virtudes de profeta, rei e sábio (é ele que os hebreus chamam de Henoque, o filho de Jared, do filho de Mahalalel, do filho de Kenan, do filho de Enos, do filho de Seth, do filho de Adão — abençoado seja —, e este é Idris), ele leu nas estrelas que o Dilúvio viria. Então fez com que as pirâmides fossem construídas e nelas armazenou tesouros, escritos eruditos e tudo o que ele temia pudesse se perder e desaparecer, para proteger e certamente conservar as coisas".

Nós, ocidentais, que não estamos acostumados a pensar em dimensões anteriores ao Dilúvio, perguntamos confusos por que diabos os cronistas árabes insistem em uma datação anterior ao Dilúvio. Muhammad ben Abdallah ben Abd al-Hakam afirma isso muito bem:

"Segundo minha maneira de ver, as pirâmides somente podem ter sido construídas antes do Dilúvio; pois se elas tivessem sido construídas depois, *então as pessoas estariam mais bem informadas sobre elas*". Um argumento notável. Não refutável.

A afirmação do *Hitat* de que o Enoque do Antigo Testamento é a mesma personagem que Hermes e Idris é emocionante. Pode-se fazer muito com essa informação. Não é apenas no *Hitat* que Enoque, aliás Hermes, aliás Idris, aliás Saurid, é citado como construtor de pirâmides, o viajante-pesquisador e escritor árabe Ibn-Battuta (século XIV) garante que Enoque teria erguido as pirâmides antes do Dilúvio para "colocar a salvo nelas livros da ciência e do conhecimento e outros objetos valiosos".

Meu amigo Enoque

Quem é esse Enoque? Meus leitores o conhecem de livros anteriores, e por isso minha descrição será tão breve quanto possível.

O nome Enoque significa em hebraico "o iniciada, o inteligente, o conhecedor". Moisés o caracteriza como sendo o sétimo dos dez pais primordiais, um patriarca antediluviano portanto, que há milênios permanece à sombra de seu filho Matusalém, sobre o qual o Gênesis afirma que atingiu a idade de 969 anos — "tão velho quanto Matusalém". No Antigo Testamento, Enoque é mencionado apenas de passagem, embora o patriarca não merecesse ser colocado tão à margem. Enoque é, na verdade, autor de emocionantes livros escritos na primeira pessoa. Esses livros de Enoque não são parte integrante do Antigo Testamento, os pais da Igreja não entenderam Enoque e o excluíram até mesmo do "uso público". Graças a Deus, a Igreja etíope não seguiu essas instruções. Os textos de Enoque foram adotados pelo cânon antigo-testamentário da Igreja abissínia e figuram desde então no índice das Sagradas Escrituras.

Hoje existem duas variantes diferentes dos livros de Enoque, que no entanto expressam no fundo a mesma coisa: os livros de Enoque etíopes e os eslavos. Comparações de textos altamente acadêmicas levaram à conclusão de que a escrita original remete-se a um único autor. Quem teimosa e exclusivamente se esforça em interpretar os textos de Enoque do ponto de vista teológico tropeça em um labirinto de informações curiosas. Deixando-se de lado os arabescos acessórios com sua florida linguagem metafórica e tomando-se o esqueleto, nós, que vivemos hoje, sem mudar uma única letra, somos brindados com o relato de um drama francamente sinistro.

Os cinco primeiros capítulos do Livro de Enoque anunciam um julgamento do mundo. Nos capítulos de 17 a 36 são descritas as viagens de Enoque por diversos mundos e a distantes abóbadas celestes; os capítulos de 37 a 71 transmitem parábolas de tipos variados que os "Celestes" contaram aos profetas, e os capítulos de 72 a 82 contêm dados minuciosos sobre as órbitas solar e lunar, dias intercalares, estrelas, e sobre a mecânica celeste. Os capítulos restantes contêm conversas de Enoque com seu filho Matusalém, a quem ele anuncia o Dilúvio vindouro. Com final feliz, Enoque então desaparece no céu em um carro de fogo.

O Livro de Enoque eslavo contém dados adicionais que não aparecem no Enoque abissíneo. A versão eslava narra como Enoque

entrou em contato com os Celestes:

"Os livros das parábolas sagradas de Enoque, do homem sábio e grande escritor que o Senhor acolheu e amou, para que ele visse as moradas do Altíssimo... No primeiro mês do 365º. ano de vida, no primeiro dia do primeiro mês, eu, Enoque, estava sozinho em minha casa... e apareceram para mim dois homens extremamente grandes, tais como eu nunca tinha visto sobre a Terra. E seus rostos estavam iluminados como o Sol, e seus olhos como tochas flamejantes, e fogo saía de suas bocas; suas plumas de aparência diferente, seus pés púrpura, suas asas brilhantes como Deus, seus braços mais brancos que a neve. E eles estavam à cabeceira de minha cama e me chamavam por meu nome. Mas eu despertei de meu sono e vi claramente cada homem parado a meu lado. E cada um deles falou para mim: Seja corajoso, Enoque... hoje você vai conosco para o céu. E diga a seus filhos e a todas as crianças de sua casa tudo o que eles devem fazer-sem você sobre a Terra em sua casa, e ninguém deve procurá-lo até que o Senhor o traga de volta a eles..." Enoque foi levado para longe, acima da Terra, e lá ele é apresentado a diversos "anjos".

Entregam a ele um aparelho para "escrever rápido", e ele é exortado a anotar tudo o que os "anjos" lhe ditam. "Oh, Enoque, contemple a escrita da lousa celeste, leia o que lá está escrito, e tome nota de cada detalhe."

Dessa maneira são compostos 360 livros, uma herança dos deuses para os homens. Após muitas semanas Enoque é levado novamente para casa pelos estranhos, só que somente para lá despedir-se definitivamente de seus entes queridos. Ele confia os livros escritos a seu filho Matusalém e o encarrega expressamente de guardá-los e transmiti-los às futuras gerações deste mundo. E qual foi a consequência disso? Além dos livros de Enoque existentes, não se sabe nada, todos os outros são considerados desaparecidos.

Quando, em discussões, a conversa se volta para Enoque e eu sugiro que o profeta antediluviano, como privilegiado, foi fazer um curso em uma nave-mãe de extraterrestres, ouço sempre que então ele deve ter sido enfiado em algum tipo de roupa espacial. Deve? Em nossos ônibus e estações espaciais os astronautas também se

movimentam sem roupas espaciais. Os extraterrestres — e, vice-versa, Enoque — somente teriam que proteger-se da troca indesejada de vírus e bactérias. O que é que o atento aluno Enoque descreve?

"E o Senhor disse a Miguel: Vá até lá e dispa Enoque das roupas terrestres e unte-o com um bom unguento e vista-o com as roupas de minha magnificência. E Miguel assim o fez, como o Senhor lhe tinha dito: ele me untou e me vestiu. E a aparência daquele unguento era mais como a de uma grande luz, e sua gordura era como o bom orvalho, e seu perfume o da mirra e resplandecente como os raios do Sol. Olhei para mim mesmo e eu era como um de seus Magníficos, e não havia diferença de aparência. "

Uma concepção realmente curiosa. O Deus verdadeiro e universal teria dado instruções para que Enoque fosse esfregado com um unguento especialmente gorduroso e de perfume intenso. Nós, seres humanos, sempre tivemos um cheiro especial.

Há ligações entre o profeta Enoque do Antigo Testamento e o desconhecido rei Saurid, que foi responsabilizado pelas pirâmides pelos árabes?

- a) Ambos viveram antes do Dilúvio.
- b) Ambos foram avisados do Dilúvio vindouro por deuses.
- c) Ambos foram autores de livros sobre todas as ciências.
- d) "Deus em pessoa" instruiu a ambos em astronomia.
- e) Ambos dispuseram que suas obras fossem guardadas para futuras gerações.

Em contraste com a concordância geral, surgem também sérias discrepâncias. Saurid estaria sepultado em uma pirâmide — Enoque deixou a Terra em um veículo celeste. Além disso procura-se em vão, nos livros de Enoque existentes, por uma única palavra que indique ter o patriarca bíblico mandado construir pirâmides.

Entre Enoque, Saurid e o mensageiro dos deuses grego Hermes pode-se também estabelecer ligações indubitáveis. Só que Hermes nem é antediluviano nem surge como construtor de pirâmides.

Minha experiência profissional me ensinou que por trás das tradições populares há mais que apenas fantasia e arte fabulatória humanas. Existe algo como um interrogatório do mito, uma peneira que exclui o acessório e condensa os testemunhos nucleares. Por volta de 700 a.C. o poeta grego Hesíodo escreveu em *Mitos das Cinco Raças Humanas* que, a princípio, os deuses imortais, "Cronos e seus camaradas", teriam criado os homens. "Aqueles heróis de alta linhagem, chamados semideuses, que habitaram a Terra interminável na época anterior à nossa..."

Semideuses são também semi-homens, seres terrestres com genes extraterrestres. Seja Hermes, Enoque, Idris ou Saurid, todos eles faziam parte desse clã de eleitos. A todos eles aplica-se a fórmula "há muito tempo". Finalmente a tradição une todos eles com "livros escritos" que "foram escondidos". Esse elo de ligação aplica-se a Saurid, Idris e Enoque, bem como — note bem — a muitos outros mestres da humanidade, inclusive os semideuses mencionados por Hesíodo.

Caso o conteúdo dos mitos somente devesse ser procurado na névoa em que eles são constantemente mergulhados, então não seria possível colher qualquer informação deles. Sempre foi mais simples acreditar em alguma opinião erudita — segura ou não — do que aplicar a razão e usar o tempo para auscultar aquilo que os conteúdos dos mitos têm em comum. Não se trata aqui de um estudo comparativo acadêmico de mitos, pois para isso eu teria que me preparar muito mais. Continuo tratando aqui da construção da Grande Pirâmide e da possibilidade de que haja nas pirâmides testemunhos escritos antiqüíssimos que poderiam colocar de pernas para o ar todo o nosso pensamento religioso, mas também nossas concepções sobre os primórdios da história humana e a evolução.

Para meus amigos, os egíptólogos, não há nenhuma razão para falar da construção da pirâmide pelo faraó Quéops. Na cronologia das dinastias não há lugar para nenhum construtor depois dele; cada um construiu seu próprio santuário, e eles podem ser datados. Além disso os nomes dos reis egípcios são conhecidos através do "Papiro de Turim", um documento surgido no século XIII a.C. que hoje está conservado em Turim. Os egíptólogos encontraram também listas de

nomes dos reis no templo de Séti I, em Ābidos, bem como em várias paredes da região de templos de Karnak. O belo e dedicado trabalho dos egíptólogos foi reconhecido sem inveja. Os soberanos egípcios estão assentados.

Milênios confirmados

E que tal a coisa *antes* de Quéops? A contagem de dinastias inicia-se por volta de 2920 a.C. com um rei dito tinita chamado Menés. (São mencionados também Min e Hor Aha.) À época desse Menés, no entanto, o Estado egípcio já devia ter assumido formas bem organizadas, pois Menés conduziu empresas militares que ultrapassaram as fronteiras. Ele também fez com que o Nilo fosse desviado ao sul de Mênfis. Empreendimentos desse tipo não podem ser feitos de supetão, Menés também teve precursores.

A cruz das datações é a seguinte: nós cristãos contamos os anos a partir do nascimento de Cristo, os romanos contavam "ab urbe condita", a partir da fundação de Roma no ano de 753 a.C. Quanto aos antigos egípcios, ao contrário, não se conhece o início de sua contagem do tempo, nada que possa ser traduzido em números. E assim nada-se em um pudim, não há nenhum ponto fixo onde agarrar-se. Para a cronologia após Menés, os especialistas com grande esforço reconstruíram uma obra numérica a partir de achados passíveis de serem datados, edificações e cálculos astronômicos. Este edifício de datas confere com poucas divergências, mas não pode dizer nada sobre a época anterior à 1ª. Dinastia.

Aqui entra a lenda. Para espanto dos eruditos, ela também cita com precisão listas de nomes e o desenvolvimento dos governos; somente faltam à arqueologia os monumentos ou artefatos correspondentes. O que é que se pode fazer com nomes e datas que retrocedem milênios no passado mas que não podem ser comprovados por documentos sólidos? Eles se transformam em mitos.

Atribui-se ao sacerdote egípcio Mâneto oito obras, entre elas uma história do Egito e o Livro de Sothis. Eles contêm os nomes e anos

de governo de reis pré-históricos que chegam até a época dos semideuses e deuses. Como é que Mâneto, que viveu no século III a.C, chegou aos números antigos? Desde os tempos mais antigos era usual fixar os anos segundo acontecimentos extraordinários. Surgiu assim algo como "listas de datas", que cresceram até se tornar anais. Os sacerdotes protegiam e copiavam esses anais, pois somente a partir deles era possível recitar os feitos famosos dos homens e os empreendimentos notáveis e admiráveis dos deuses.

Mesmo em épocas posteriores, quando o reino dos faraós estava no apogeu e os anais não transmitiam mais datas de calendário exatas, era costume relacionar os anais a acontecimentos especiais. Queria-se ver se algo assim já tinha acontecido antes. E desse modo foi transmitido que Ramsés IV, ao fazer uma visita a Heliópolis, encontrou seu nome gravado com sinais dourados em uma árvore. Por conseguinte, "consultaram-se os anais desde o início do reino, tudo o que estava nos rolos até a época dos antepassados", e não se encontrou registro de nada semelhante. Procurava-se também nos anais, por exemplo, catástrofes climáticas extraordinárias ou o esperado retorno dos deuses.

O sacerdote Mâneto tinha anais desse tipo à disposição para suas pesquisas. Ele escreveu que o primeiro soberano do Egito teria sido Hefesto, que também teria inventado (trazido?) o fogo. Seguem-se então Cronos, Osíris, Tiphon, um irmão de Osíris; e então Hórus, o filho de Osíris e Ísis. "Após os deuses, a linhagem dos filhos dos deuses reinou por 1.255 anos. E outros reis, por sua vez, governaram por 1.817 anos. Em seguida outros trinta reis, menfíticos, por 1.790 anos. Em seguida outros dez reis tinitas, durante 350 anos. O reinado dos espíritos dos mortos e dos filhos dos deuses abrangeu 5.813 anos.

O príncipe da Igreja Eusébio, que adotou essas datas de Mâneto, anota expressamente que aí se trata de anos lunares, que por sua vez retrocedem a uma data que supera 30.000 anos solares a.C. Compreensivelmente os eruditos discutem os números de Mâneto, falta o ponto de referência fixo a partir do qual pode-se calcular para diante ou para trás.

Nossos arqueólogos têm horror a datações em dezenas de milhares de anos. Os números de Mâneto estão baseados em anos lunares, ele mesmo é acusado de exagero, pois como sacerdote tinha, afinal, interesse em ligar o sacerdócio a uma tradição antiqüíssima. Mesmo os críticos bem-intencionados, que não duvidam da integridade de Mâneto, consolam-se com o fato de que ele teria na verdade copiado anais antigos onde os exageros, por sua vez, pululavam. Continua sendo incompreensível por que então outros autores da Antigüidade, que não eram nem sacerdotes nem egípcios e aos quais não podemos imputar nenhum tipo de auto-incensamento, operavam igualmente com "datas impossíveis".

Diodoro da Sicília, ainda assim historiador e autor de uma biblioteca histórica em quarenta volumes, cujos livros estão sempre sofrendo surtos de ceticismo e crítica, narra no primeiro volume que os antigos deuses teriam "sozinhos fundado muitas cidades no Egito"; dos deuses teriam surgido descendentes, dos quais "alguns dentre eles se tornaram reis no Egito".



Os pontos de luz perdem-se no poço sem fim.

A "coluna Djed" existe em muitas versões. Uma antiqütssima técnica de isolamento foi transformada em símbolo religioso da constância.



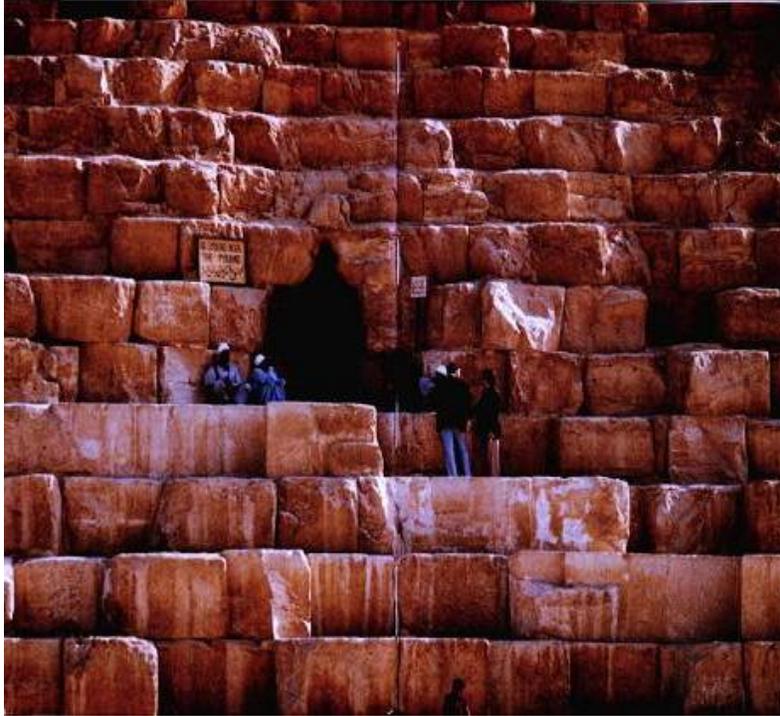
58



59



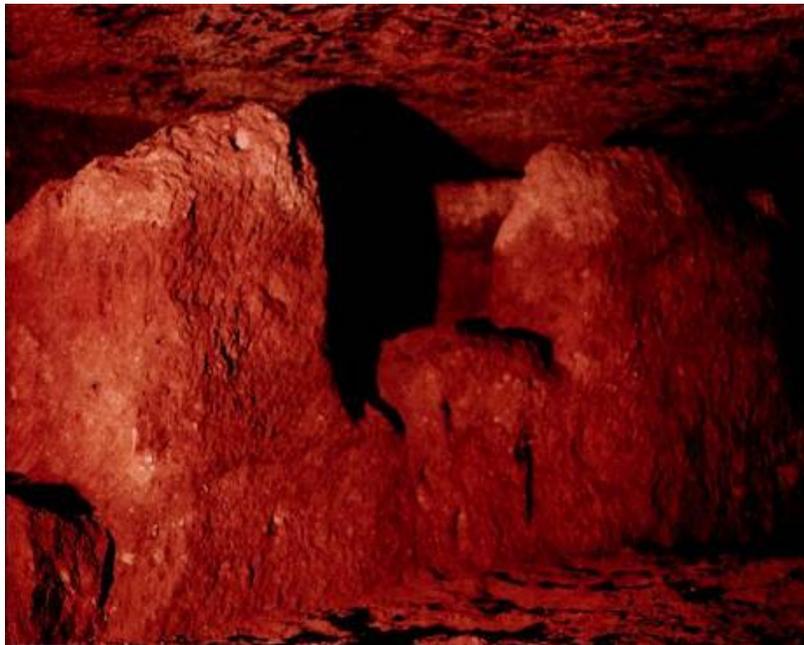
60



Este buraco foi cavado na pirâmide pelos homens de Al'Ma'mun, e hoje serve de entrada para os turistas.



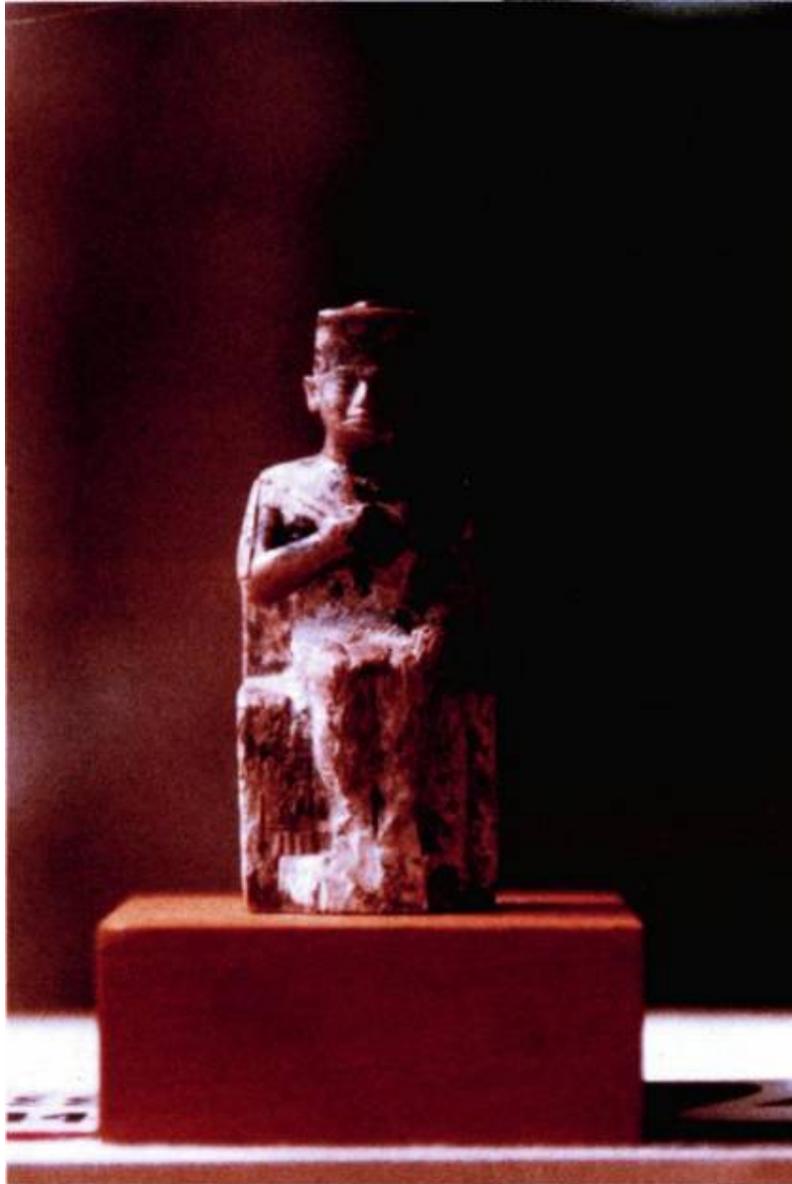
62



63



64 - *Trinta e cinco metros abaixo da pirâmide de Quéops: a sala das rochas. Ela deve ter sido erguida antes da construção da pirâmide.*



Esta é a única figurinha, da qual se sabe com certeza, que representa o faraó Quéops, que presumivelmente teria construído a pirâmide que leva o seu nome. Tem apenas 5 cm de altura (Museu Egípcio do Cairo).

Naquela época distante, o precursor do *Homo sapiens* era ainda uma forma primitiva, "os deuses foram os primeiros a desacostumar os homens de devorar uns aos outros". Dos deuses os homens aprenderam — segundo Diodoro — as artes, a mineração, a construção de ferramentas, o cultivo do solo e a fabricação do vinho.

Mas é claro que também línguas e escrita originaram-se com os prestimosos seres celestes.

"Por estes na verdade foram pela primeira vez coordenadas e divididas as línguas compreendidas por todos, e dotadas de nomes muitas coisas para as quais até então não se tinha nenhuma expressão, e também a invenção da escrita partiu dele (Hermes, aliás Enoque), bem como a disposição da adoração aos deuses e das oferendas. Ele também teria sido o primeiro a descobrir a ordenação dos astros e a harmonia dos sons através da observação... Com o que então ele se tornou necessário como escritor sagrado até os tempos de Osíris."

Não é de se desprezar. Muito longe de Diodoro, Enoque também é intitulado "escritor sagrado". Exatamente como Diodoro, que não sabe nada sobre o patriarca bíblico, Enoque, no relato de suas experiências, feito na primeira pessoa, também escreve que os "guardas do céu" teriam se distinguido na Terra tanto como professores positivos como negativos.

"O nome do primeiro é Jequn; foi ele que seduziu todos os filhos dos anjos, trouxe-os até a terra firme e os seduziu através das filhas aos homens. O segundo se chama Asbeel; este deu aos filhos dos anjos maus conselhos, e eles degradaram seus corpos através das filhas dos homens. O terceiro chama-se Gadreel; foi ele que mostrou aos filhos dos homens todo tipo de golpes fatais. Ele também seduziu Eva e mostrou aos filhos dos homens os instrumentos de morte, a couraça, o escudo, a espada de batalha e todo tipo de instrumento de morte... O quarto chama-se Penemue; este mostrou aos filhos dos homens a diferença entre amargo e doce e lhes anunciou todos os segredos de sua sabedoria. Ele ensinou os homens a escrever com tinta sobre papel..."

Por que é que nos opomos a tradições desse tipo, que há milênios eram parte integrante do conhecimento histórico? Será que a nossa pesquisa histórica, a partir do ponto em que ultrapassa o faraó Menés, tem algo mais razoável para oferecer? Onde estão os argumentos convincentes contra Diodoro? Eu torno as coisas muito simples, presumo, não podemos nos deter apenas em Diodoro. Certo. Mas é exatamente aqui que está a maldição de nossa

especialização. Um egiptólogo não sabe nada sobre as tradições indianas antigas, um erudito do sânscrito não sabe nada sobre Enoque ou Ezra, um americanista, nada sobre o *Rigveda*, um sumerólogo, nada sobre o deus maia Kukulcan... etc. E quando alguma cabeça sensata faz estudos comparativos, então é sempre a partir do ponto de vista mais empolado e estreito da teologia ou da psicologia. A cadeia de provas para o relato de Diodoro já foi confirmada internacionalmente há milênios, ainda que cada narrador forneça vários nomes e diferentes enredos para tal. Filtrando-as, todos os cronistas antigos das sete regiões da Terra descrevem no fundo a mesma coisa. Qual pode ser o motivo para que não acreditemos em uma única palavra desses cronistas? Eu sei, uma verdade nunca triunfa, mas seus opositores vão aos poucos desaparecendo. Para mim a evidente constatação rabiscada por Diodoro de que o deus egípcio Osíris teria fundado algumas cidades também na Índia é tão clara que qualquer disputa acadêmica a respeito me aborrece. E o que é que Diodoro anuncia no que se refere a datas?

"De Osíris a Ísis até a soberania de Alexandre, que fundou no Egito a cidade que leva seu nome, passaram-se mais de 10.000 anos, eles dizem, mas como escrevem alguns, apenas um pouco menos de 23.000..."

Poucas páginas depois, no capítulo 24, Diodoro narra a luta dos deuses olímpicos contra os gigantes. Aí o crítico Diodoro repreende os gregos, eles se enganam em colocar o nascimento de Hércules apenas uma geração antes da Guerra de Tróia, pois isso teria "acontecido à época do primeiro surgimento do homem. A partir daí foram contados pelos egípcios mais de 10.000 anos, a partir da Guerra de Tróia, no entanto, nem mesmo 1.200".

Diodoro sabe o que está falando, pois no capítulo 44 ele chega até mesmo a comparar as datas egípcias com sua própria visita ao Egito. Ele escreve que originalmente teriam 'dominado o Egito deuses e heróis, e na verdade não muito menos que 18.000 anos, e o último rei divino teria sido Hórus, o filho de Isis. Por reis humanos, no entanto, o país, a partir de Moeris, não foi governado por menos

que 5.000 anos até a 18^o. Olimpíada, quando eu mesmo fui ao Egito..."

Diodoro fez sua lição de casa, estudou as fontes da época, conversou com os que sabiam. Nós não. Em nome das religiões que já predominavam, destruimos as bibliotecas antigas, deixamos que manuscritos preciosos fossem consumidos pelas chamas, assassinamos os conhecedores e os sábios de seus povos. Os 500.000 volumes escritos da Biblioteca de Cartago? Queimados! Os *Livros Sibilinos* ou o livro *Avesta* dos pársios, escrito em letras douradas? Queimados! As bibliotecas de Pérgamo, Jerusalém, Alexandria, com um total de milhões de obras? Queimados! Os manuscritos de valor incalculável dos povos centro-americanos? Queimados! Nosso passado piromaníaco é tão gigantesco quanto a palha nas cabeças revolucionárias.

Heródoto e 341 estátuas

Também Heródoto, que visitou o Egito séculos antes de Diodoro, dá no segundo livro das *Histórias* (capítulos 141 e 142) um exemplo claro da antigüidade da história egípcia. Ele descreve como os sacerdotes em Tebas lhe teriam mostrado pessoalmente 341 estátuas, indicando cada uma delas uma geração de altos sacerdotes desde 11.340 anos. "Pois cada sacerdote ergue lá ainda durante sua vida sua própria estátua. Os sacerdotes enumeraram e me mostraram todas uma após a outra para provar que o filho sempre sucedia ao pai. E assim eles foram, desde a imagem do morto mais recente, passando por toda a série até o começo... Eles mostraram que todos cujas imagens lá estavam eram pessoas desse tipo, muito diferentes dos deuses. Antes desses homens, no entanto, os deuses teriam dominado o Egito e residido entre os homens... Os egípcios pretendem saber isso com toda a segurança, pois eles constantemente contaram e anotaram os anos..."

Por que os sacerdotes iriam mentir tão descaradamente ao viajante Heródoto com seus 11.340 anos contados? Por que eles ressaltam expressamente que há 341 gerações nenhum deus tinha estado mais

entre eles? Por que eles demonstram seus precisos dados cronológicos em estátuas que estão à mão? Heródoto, que não era crédulo, sublinha que os sacerdotes teriam "...provado para mim mesmo, na maioria dos casos através de fatos, que foi assim". Ele diferencia meticulosamente realidades de narrativas:

"Tudo o que eu narrei até aqui está baseado em observações próprias, julgamentos próprios ou pesquisas próprias. Daqui para a frente eu gostaria também de contar a história egípcia tal como a escutei. Mas é claro que aí também ocorrem muitas coisas que eu mesmo vi".

Nossa opinião erudita "segura" conhece Menés como o primeiro faraó da 1ª Dinastia (por volta de 2920 a.C.). A mesma opinião erudita toma de Heródoto a informação de que Menés teria mandado desviar o Nilo acima de Mênfis, mas, fechando olhos e ouvidos, oculta o que Heródoto constata dezoito linhas depois:

"A Menés seguiram-se 330 reis, cujos nomes os sacerdotes leram para mim em um livro".

Não há realmente um lugar para um construtor das pirâmides entre os 330 reis depois de Menés? E, em vista das estátuas mostradas a Heródoto, cada uma representando uma geração de altos sacerdotes, a questão dos anos lunares soluciona-se por si mesma. "Podem-se considerar tolas todas as pessoas por algum tempo e algumas pessoas todo o tempo, mas não todas as pessoas todo o tempo" (Abraham Lincoln).

O olho da Esfinge

Era uma vez um príncipe egípcio que gostava de caçar na região de Mênfis, lá onde se encontram as Grandes Pirâmides. Um dia, ao meio-dia, ele se deitou esgotado à sombra da cabeça da Esfinge e adormeceu. Então, de repente, "o grande deus" abriu a boca e conversou com o príncipe adormecido como um pai fala a um filho:

"Veja-me e olhe para mim, meu filho Tutmés. Eu sou teu pai, o deus Harachte-Chepere-Rá-Atum. Quero dar-te o domínio real... As riquezas do Egito e os grandes tributos de todos os países devem ser destinados a ti. Já faz muito tempo em anos que meu rosto está voltado para ti, assim como meu coração. Me aflige a areia do deserto sobre a qual estou. Promete-me que satisfarás meu desejo..."

O príncipe se tornou o faraó Tutmés IV (1401-1391 a.C). Já em seu primeiro ano de governo ele realizou o pedido do pai divino: desenterrou a Esfinge. Tutmés confiou a tocante história de seu sonho a uma coluna que hoje se encontra entre as patas dianteiras da Esfinge.

A Esfinge, a Esfinge — ninguém sabe nada exatamente, pois até hoje tenta-se adivinhar se a colossal figura exibia originalmente traços masculinos ou femininos. Talvez ambos. A ação de salvamento de Tutmés não durou muito. O/A Esfinge foi novamente coberta pela areia, os ptolomeus desenterraram o ser híbrido, a areia voltou a cobri-lo.

A escavação feita em 1818 por Giovanni Battista Caviglio, o mesmo que brigou com Howard Vyse, é historicamente conhecida. Caviglio descobriu entre as patas de leão um átrio recoberto com placas de pedra que estava subdividido por uma passagem onde repousava um leão de pedra. Apenas setenta anos depois a Esfinge — eu fico com o " a" — precisou ser novamente desenterrada por Gaston Maspero, na época diretor da Administração da Antigüidade Egípcia, e quarenta anos mais tarde aconteceu novamente. A Esfinge afundou na areia. Nos tempos de Heródoto a notável e misteriosa figura devia estar invisível. O Pai da História não a menciona uma única vez.

O que é isso, a Esfinge? Um corpo de leão de 57 metros de comprimento, 20 metros de altura, esculpido em um único bloco de pedra gigantesco, com uma cabeça enigmática e um véu cobrindo a parte posterior da cabeça. O egiptólogo Kurt Lange denomina a figura "o emblema monumental do poderio real". O que é que ela representa? O que ela simboliza? Qual é sua função? A que foi destinada? Não há nenhuma resposta para as perguntas. Milênios

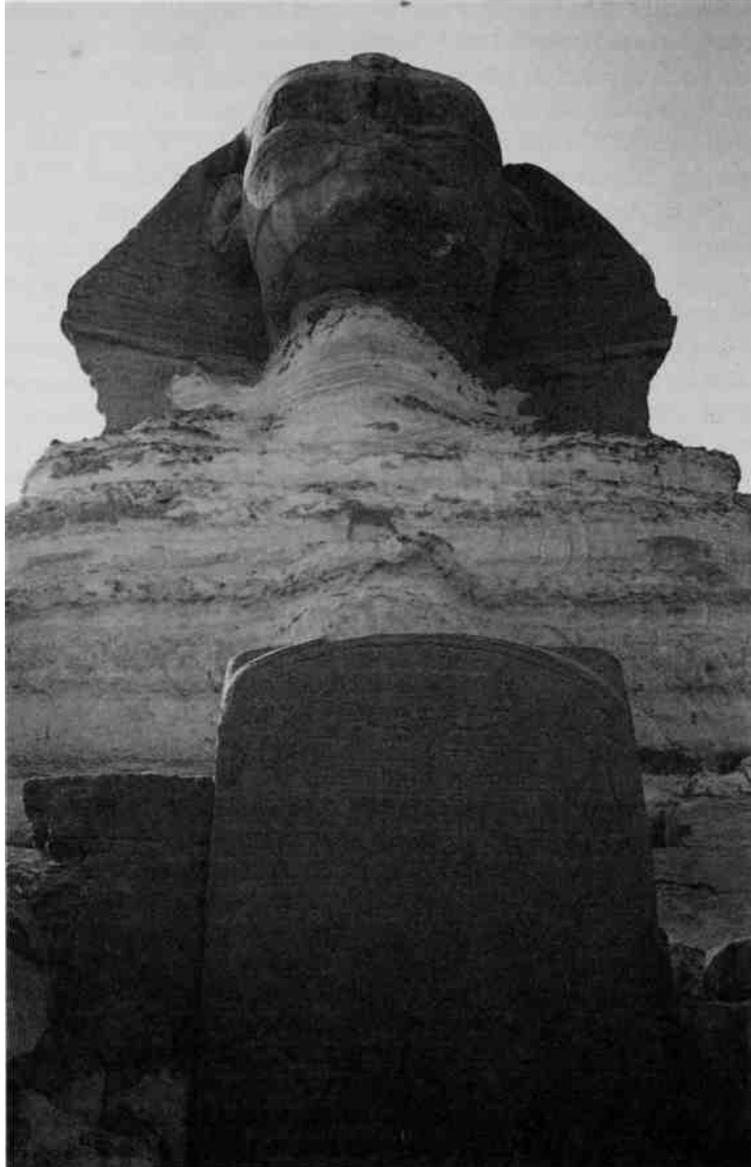
aderiram-se ao gigantesco monumento, eventuais inscrições, bem como uma forma que a Esfinge um dia levava ao peito, se decompuseram.

Richard Lepsius tentava imaginar o significado da Esfinge, que em sua época estava coberta até a metade com areia. "Que rei deveria ela representar?", perguntava Lepsius, e: "Se aqui está representado o rei Quéfren, por que a imagem não leva o seu nome?"

Os olhos da Esfinge estão totalmente abertos, com uma calma cheia de expectativa ela olha pensativa, reflexiva, segura de si e, segundo me parece, levemente sarcástica em relação aos minúsculos seres humanos abaixo, de si. Em um ponto ao menos os especialistas são unânimes: a Esfinge de Gizé é a mais antiga de todas as esfinges, a mãe, o modelo primordial das imitações posteriores. Ela é atribuída ao faraó Quéfren (2520-2494 a.C.), não porque exista alguma prova segura e invulnerável, e sim porque ainda se pode decifrar o nome "Quéfren" em um dos cartuchos despedaçados da coluna de Tutmés. E assim entende-se "Quéfren". Tutmés viveu mais de mil anos depois de Quéfren, somente ele mesmo poderia informar em que contexto o cartucho "Quéfren" apareceu em sua inscrição.

Caio Plínio Segundo escreve no capítulo 17 de seu 36º. Livro:

"Diante dessas pirâmides ergue-se a Esfinge, uma divindade dos habitantes de lá que ainda é muito admirada, mas que é tratada pelos escritores com um silêncio quase completo. Nela estará sepultado o rei Harmais; ela mesma, no entanto, teria sido levada para alguma outra parte. Foi trabalhada a partir de uma única pedra natural, e o rosto vermelho desse monstro é venerado como divino".



A coluna do sonho do faraó Tutmés IV ergue-se diante das patas da Esfinge de Gizé.

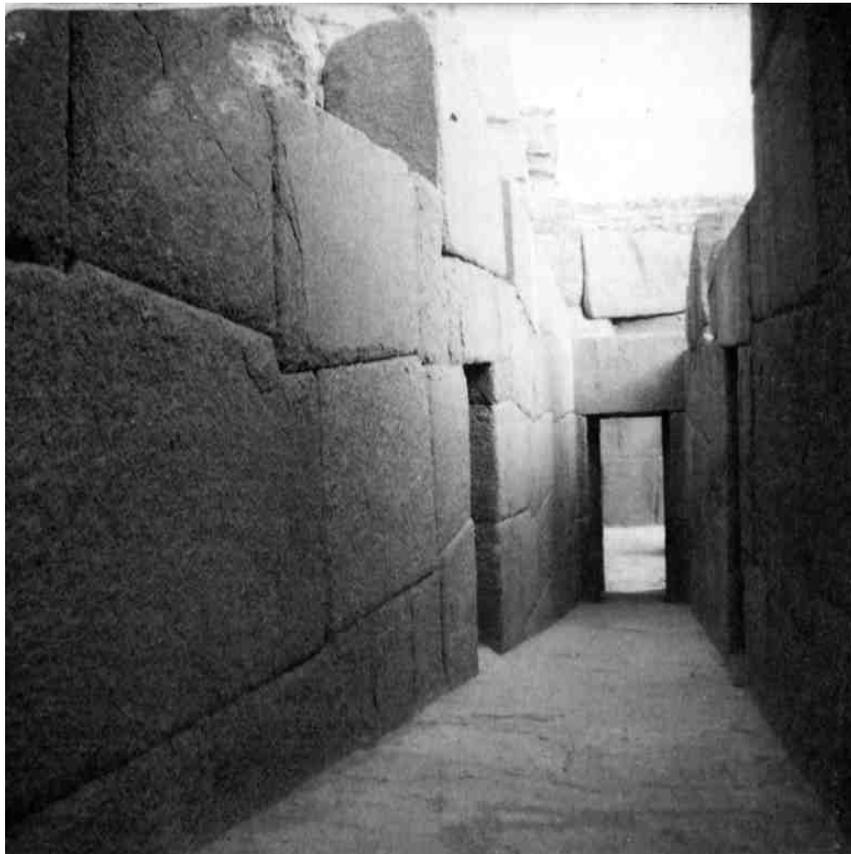
Para a egiptologia não existiu no Egito um rei com o nome de "Harmais", e tampouco foi localizado até hoje qualquer túmulo sob a Esfinge. Talvez o "Harmais" de Plínio seja idêntico ao "Amasis" de Heródoto. E então nós aterrissamos novamente em campos míticos, pois Heródoto atesta: "Segundo declarações dos próprios egípcios, até a época do governo de Amasis teriam decorrido 17.000 anos..." Esfinge e pirâmide formam um conjunto desde que existe a memória humana. Ambas estão ligadas por sua massa monumental — e por seu anonimato. Ninguém esculpe na rocha assim rapidinho um ser híbrido de 57 m de comprimento e 20 m de altura. Sem esboços detalhados e modelos, nesse caso até mesmo sem andaimes, não seria possível dar forma ao ser maravilhoso. Sobre ou dentro das pirâmides esperava-se encontrar inscrições do tipo: "Eu, o faraó XY, construí este edifício". Na Esfinge seria o caso de algum entalhe com este sentido: "Eu, deusa/deus XY, guardo este campo sepulcral", ou: "Para toda a eternidade eu lembro aos homens..." Que razões levaram a que tanto as pirâmides quanto a Esfinge fossem monumentos sem etiqueta? Havia, já naquela época, um segredo em torno desses edifícios, um mistério que intencionalmente não foi tornado público? Será que o anonimato não foi desmazelo ou perfídia de gerações posteriores, e sim objetivo? Uma constatação seca feita por Diodoro da Sicília age aqui como dinamite. Ele afirma mesmo que alguns dos deuses primordiais teriam sido sepultados na Terra. Como? E onde?

"Mas o que se conta sobre o sepultamento desses deuses é na maior parte das vezes contraditório, porque era proibido aos sacerdotes difundir o conhecimento exato dessas coisas, que a eles tinha sido transmitido, e como eles não queriam que a verdade chegasse até o povo, aquele que revelasse às massas informações sobre esses deuses que deviam ser mantidas em segredo corria grande perigo."

A informação escassa oculta monstruosidades. Os deuses foram sepultados em algum lugar na Terra! Os altos sacerdotes sabiam disso, mas não podiam divulgar nada expressamente. Por que um desses reis-deuses não jazeria sob a Grande Pirâmide? Se ele se

chamava Saurid ou Idris, Hermes, Enoque ou seja lá o que for, isso não tem mais qualquer importância.

Se... se a Grande Pirâmide foi construída por um deus-rei ou por um filho dos deuses... se isso aconteceu em uma época anterior a Quéops... se a pirâmide contém livros secretos e instrumentos valiosos... e até mesmo se um desses deuses-reis está sepultado na pirâmide, então a ausência de nome é intencional.



Estes muros de monólitos perfeitamente encaixados poderiam estar também na capital inca Cuzco, no Peru. A foto, no entanto, foi tirada no templo ao lado da Esfinge de Gizé. Teriam ensinado no Peru os mesmos engenheiros que no Egito?

Diodoro solucionou o enigma. Era absolutamente proibido difundir o conhecimento sobre as tumbas dos deuses.

E a Esfinge? Neste modelo ela se transforma em uma grandiosa lembrança da ligação entre o elemento terrestre e o extraterrestre,

entre o animal terrestre e o intelecto divino. Ela é o símbolo tornado pedra da ligação entre a carne e a razão analítica, o primitivismo pujante de força e a cultura elevada. A Esfinge sorri, irônica e sagaz, sobre os milênios. Os olhos da Esfinge observam nosso desenvolvimento com suavidade e compreensão até o dia em que os *nossos* olhos se abram. Este dia está próximo, as câmaras e galerias secretas da pirâmide já foram localizadas.

O faraó desaparecido

Uma bomba enigmática especialmente explosiva foi deixada por um faraó que comprovadamente governou sessenta anos antes de Quéops, Sechemchet, da 3ª. Dinastia (2611-2603 a.C.). Este soberano mandou erguer uma pirâmide própria a sudoeste da pirâmide em degraus de Sakkara que evidentemente nunca foi completada, pois o edifício erguia-se a apenas oito metros do solo. No decorrer dos milênios essa pirâmide desapareceu na areia sem deixar restos, e somente em 1951 foi de novo localizada pelo arqueólogo egípcio Zakaria Goneim.

O Dr. Zakaria Goneim era tido como um arqueólogo extremamente inteligente e talentoso, o contrário de um erudito fechado ou até mesmo obstinado. Ele conduzia seus seminários e escavações com um humor amistoso, e às perguntas dos estudantes sempre respondia com uma refinada sensibilidade. Também preferia animar com histórias os ossos e ruínas escavados. Quando Zakaria Goneim descobriu a entrada esculpida na rocha, que dava acesso a um corredor sob a pirâmide de Sechemchet, esperava fervorosamente que a câmara mortuária que estava lá embaixo tivesse resistido incólume.

Com esforço e durante anos a equipe de escavadores cavou através das camadas de areia e de pedra. Zakaria Goneim encontrou uma outra passagem na qual havia milhares de ossos de animais, entre eles gazelas e carneiros. Também vieram à luz do dia 62 pequenas lousas quebradas com fragmentos de escrita do ano 600 a.C. Alguém deveria tê-las depositado lá 2.000 anos após a morte do faraó Sechemchet. No final de fevereiro de 1954 os escavadores,

por fim, encontraram-se diante da câmara mortuária propriamente dita, enterrada no chão do deserto. Zakaria Goneim generosamente cedeu a abertura oficial ao Ministro da Cultura de então, que em 9 de maio de 1954 desferiu a martelada decisiva.

Os homens se arrastaram por uma última galeria até chegar a um salão subterrâneo esculpido na rocha crua, exatamente como a "câmara mortuária incompleta" sob a pirâmide de Quéops. No centro da sala havia um magnífico sarcófago de alabastro branco, uma variedade de mármore. Na extremidade norte do sarcófago podiam-se reconhecer os restos decompostos de uma coroa de flores que alguém tinha colocado sobre o sarcófago como um último adeus ao faraó morto. Imediatamente Zakaria Goneim recolheu o pó de plantas com todo o cuidado, e nesse mesmo instante ficou claro para ele o que a sorte lhe tinha colocado nas mãos.



O busto do arqueólogo egípcio Dr. Zakaria Goneim está diante do Museu Egípcio do Cairo.

Uma camada de restos de vegetais bastante considerável era a prova de que o sarcófago estava inviolado. Os trabalhadores e arqueólogos riram, dançaram e pularam de alegria na sala subterrânea. Finalmente um sarcófago intacto!

Nos dias que se seguiram a peça suntuosa e única foi minuciosamente pesquisada. Não havia o menor sinal de uma abertura feita com violência no sarcófago nos 4.500 anos que haviam decorrido; nem mesmo um vestígio de tentativa de abertura pôde ser constatado. Indubitavelmente o faraó Sechemchet jazia no sarcófago, o ramo de flores decomposto proporcionava a prova adicional. O magnífico sarcófago — "imaculado" — não era único apenas pelo material e a cor branca cremosa, mas também devido à porta de correr que o fechava hermeticamente. Usualmente os sarcófagos têm tampas que se apoiam sobre suas bordas. Aqui não. O sarcófago de Sechemchet tinha na face dianteira uma porta de

correr que se deslocava verticalmente como uma jaula, os trilhos e bordas maravilhosamente cinzelados no alabastro. Era uma obra de arte sem par, o mais belo e ao mesmo tempo mais antigo sarcófago que os egiptólogos já tinham admirado.

Zakaria Goneim recrutou uma tropa policial especial sudanesa, que guardava a câmara mortuária dia e noite e não permitia a entrada de ninguém. Os policiais sudaneses, conhecidos por sua obstinação, cumpriam estritamente uma ordem, uma vez que tivesse sido dada. Tudo deveria permanecer intocado até a abertura oficial do sarcófago.

A 26 de julho de 1954 isso aconteceu. Representantes do governo egípcio, arqueólogos selecionados e uma horda de jornalistas de todo o mundo foram convidados, filmadoras e câmaras fotográficas instaladas, o sarcófago iluminado por refletores. Havia também produtos químicos à mão para o caso de que algo tivesse de ser protegido no ato da decomposição imediata. Zakaria Goneim olhou uma vez mais para o sarcófago, enquanto sentia borbulharem dentro de si sentimentos indescritíveis de esperança e felicidade. E então ele deu a ordem para a abertura.

Dois operários enfiaram facas e em seguida alavancas na junta que mal podia ser percebida na extremidade inferior da porta vertical. Cordas foram preparadas; outros operários colocaram-se sobre o sarcófago e puxavam com toda a força de seus corpos. Durante duas horas as pessoas uniram as forças tentando abrir a porta de correr. Finalmente uma fenda, um gemido e o ranger do alabastro quando a porta se abriu alguns centímetros. Imediatamente foram colocados calços de madeira na abertura. Tensos e em silêncio, os representantes da imprensa e os arqueólogos presentes acompanhavam a abertura, que aumentava centímetro a centímetro. Zakaria Goneim foi o primeiro a ajoelhar-se e, cheio de expectativa, iluminar com uma lanterna o interior do sarcófago. Confuso, inseguro, perplexo, ele continuava iluminando a cavidade — o sarcófago estava vazio!

Os arqueólogos não compreendiam mais seu mundo, os jornalistas sentiram-se logrados e deixaram o sepulcro decepcionados. Nos dias que se seguiram Zakaria Goneim tornou a iluminar o sarcófago

uma e outra vez; ele não continha nem mesmo um grão de areia. O grandioso cofre de alabastro estava impecavelmente limpo.

Mortos adormecidos?

O que aconteceu? Terá a múmia de Sechemchet se erguido do pó, ou será que o faraó nunca foi sepultado? Esta última possibilidade é até concebível, mas contradiz os duros fatos.

Recordemos: o sarcófago estava perfeitamente lacrado, intocado havia milênios. Sobre o sarcófago havia flores, presumivelmente uma última homenagem da amada que acompanhara seu senhor até o túmulo.

Enquanto eu estava com Rudolf Eckhardt na sala subterrânea e fotografava de todos os ângulos o incomparável sarcófago juntamente com os restos de flores, passaram por minha cabeça aqueles pensamentos crus que pertencem com mais propriedade ao reino da ficção científica, mas que não podem ser descartados. Eu não estava disposto a dar de ombros, satis-fazer-me com o sarcófago vazio e esconder meus pensamentos na névoa cinzenta.

O que Diodoro da Sicília tinha relatado havia 2.000 anos? "Deuses primordiais" teriam sido sepultados na Terra? Eu agora me encontrava em uma sala de rocha literalmente primordial, mais antiga que Quéops, as contradições petrificadas crepitavam em mim como os risos abafados de Hermes, o mensageiro dos deuses. Ali estavam o sarcófago incomparável, único em sua beleza... e a crua sala de rocha, sem teto polido nem placas monolíticas. O enorme peso e, ao mesmo tempo, a suavidade do sarcófago não combinavam com o tosco buraco de rocha. A situação era semelhante àquela na "câmara mortuária incompleta" no rochedo sob a pirâmide de Quéops. Estaria eu diante do sarcófago de um rei primordial lendário? Teria sido depositado ali um filho dos deuses para o descanso, não eterno certamente, pois nesse caso Zakaria teria encontrado seu cadáver, mas apenas por algumas décadas ou na melhor das hipóteses séculos, até que seus colegas viajantes do espaço vieram buscá-lo e o despertaram novamente? Absurdo? Também pensamos em colocar os futuros astronautas em um estado semelhante ao sono profundo durante suas longas viagens. A idéia não é assim tão ingênua. Será que o relógio terrestre do filho dos deuses XY tinha parado? Estaria

ele seriamente doente? Teria ele cumprido sua tarefa entre os homens? Será que se tratava somente de colocar o corpo em estado de hibernação com o auxílio de alguns medicamentos e esperar até que os camaradas retornassem na nave-mãe, o localizassem e o levassem a bordo? Será que por essa razão uma câmara mortuária revestida com monólitos era desnecessária ou até mesmo perigosa? Reconhecidamente as pessoas somente interromperiam seus esforços cheios de respeito e espírito de sacrifício no trabalho de talhar monólitos quando a última junta fosse encaixada sem deixar traços.



Ainda hoje se podem ver sobre o sarcófago os restos de uma antiga coroa de flores.

Há anos que entrar na "Câmara do sono" tinha esse significado, e exatamente isso tinha de ser proibido. Uma vez em sono profundo, nenhum pedreiro ou sacerdote poderia mais penetrar na sala subterrânea, o anonimato e o esquecimento em torno da caverna com o sarcófago eram uma ordem do rei primordial, "...porque era vedado aos sacerdotes difundir o conhecimento exato dessas coisas que a eles tinham sido transmitidas" (Diodoro).

Da origem da ressurreição

Teria a predominante idéia de ressurreição se originado naquela época, quando os reis primordiais se deitavam para dormir profundamente?

Teriam os faraós posteriores unicamente imitado o que os sacerdotes, com seu conhecimento secreto proibido, sempre souberam e que logicamente confiavam a seus faraós, os chefes supremos, isto é, que os corpos mortos apenas dormem, sendo depois recolhidos pelos deuses e levados "para o universo"? Foi essa a verdadeira razão para a posterior crença dos faraós de que valores terrenos tais como ouro e pedras preciosas tinham que estar à disposição nos túmulos para com isso pagar a equipe da ressurreição? Seria por essa razão que os textos das pirâmides fantasiavam de forma tão florida e esperançosa sobre uma futura viagem do faraó morto aos campos do céu estrelado?

Perguntas especulativas, eu admito, provocadas pelo arquivo das tradições. O que é fatal em nossos conhecimentos continua sendo que sem passado não se pode tê-los.

Ainda que até agora não tenha surgido nenhum "rei primordial adormecido" e nenhuma múmia de um descendente dos deuses, há fatos que podem demonstrar que eles um dia tenham existido. O homem sempre foi um grande imitador, ele se orientava — e o faz até os dias de hoje — sempre por algum modelo. Contradição? O que é então a macaqueação da moda do momento senão a imitação de modelos declaradamente belos? O homem copiou o cetro e o trono, aparelhos técnicos, como provam os cultos-"cargo", e ideais de beleza. Seria estranho se ele não tivesse imitado também a aparência dos deuses.

Qual comportamento de nossos antepassados é de tal forma antinatural e ao mesmo tempo internacional para que possa ser levado sem esforço a um denominador comum?

As deformações do crânio! Elas são o mais horrível exemplo da vaidade humana e combinam com a natureza do homem como um murro na cara. Por não dispor do intercâmbio eletrônico de comunicações, das viagens em jatos e de nenhum satélite de TV, nossos antepassados teriam cultuado mundialmente a deformação do crânio. As deformações começam nas têmporas, abaulando-se como ninhos de vespas da testa para cima. Freqüentemente a parte posterior da cabeça tem um volume três vezes superior ao de um crânio normal.

A respeito dos incas do Peru sabe-se que escolhiam seus noviços quando ainda eram muito jovens, e prensavam suas cabeças ainda não solidificadas com talas de madeira. Elas iam sendo apertadas por meio de dobradiças, que lenta e constantemente estreitavam cada vez mais o espaço intermédio. Algumas crianças devem ter sobrevivido a esse procedimento sob tormentos indescritíveis, pois senão não existiriam estes homens adultos com crânios deformados.

Qual perversão levou nossos antepassados a espremerem as tenras cabeças de suas próprias crianças para que se alongassem? Arqueólogos com os quais conversei a esse respeito compreensivelmente não podiam oferecer nenhuma solução razoável. Falava-se de um "pensamento utilitário", tal como o uso de diademas, que teria se tornado mais fácil através dos crânios deformados. Uma cabeça com testa normal é uma carga maior para um diadema do que um crânio alongado. Falou-se também de um "ideal de beleza" e da "exteriorização da diferença de um grupo social".

Amigos, deformações do crânio não são uma especialidade peruana! Elas são encontradas na América do Norte, México, Equador, Bolívia, Peru, Patagônia, Oceania, no cinturão de estepes euroasiático, na África ocidental e central, na região do Atlas, na Europa Central pré-histórica (Bretanha, Holanda) e, evidentemente, no Egito.

A prova

Por quê? As crianças tinham que ser deformadas para que seus crânios parecessem iguais aos dos antigos deuses. Os homens foram encontrados por toda parte ao redor da Terra pelos seres inteligentes e que infundiam respeito. Por toda parte gente imitadora que queria ser importante esforçava-se em se parecer ao menos externamente com esses seres. Logo os sacerdotes passaram a servir-se do truque bárbaro de atuar de maneira semelhante aos deuses com crânios alongados. E com isso as outras pessoas ficavam grandemente impressionadas! Veja, ele parece... ele se move como um deus. Ele deve ter algum conhecimento especial e — conseqüentemente — algum poder especial sobre os obtusos companheiros de espécie. Se as deformações do crânio existissem unicamente no âmbito de *um* povo, poder-se-ia buscar alguma razão local para isso. Mas não é assim, pois em representações plásticas o crânio alongado torna-se um atributo internacional dos deuses. Os deuses egípcios e os descendentes dos deuses com seus crânios

superdimensionados, que das estátuas e paredes dos templos sorriem para nós, são a prova irrefutável disso.

Eu não inventei os deuses primordiais, os mestres que vieram do universo, e também não sou o pai dos filhos dos deuses e dos deuses-reis. As datas loucas que provêm dessa época nebulosa e as indicações de que nas pirâmides encontram-se livros científicos e objetos valiosos tampouco se originaram no meu cérebro. Não sou responsável pelo fato de as pirâmides e esfinges não terem nenhum sinal de reconhecimento, e também não posso fazer nada se em uma sala rochosa subterrânea surge um sarcófago fenomenal, fechado e ainda assim vazio. Mas quero aproveitar e colocar em discussão o caleidoscópio de tradições e concepções, porque nossa ciência escolástica opera em via única, mas também para deixar entrar um pouco de ar fresco no banho turco do incenso acadêmico.

Ao ver todos esses documentos de uma época que há muito pertence ao passado, ocorre-me uma frase de Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592), com a qual ele encerrou um discurso perante um círculo de ilustres filósofos:

"Eu colhi somente um ramalhete de flores e não acrescentei nada além do fio que as une".



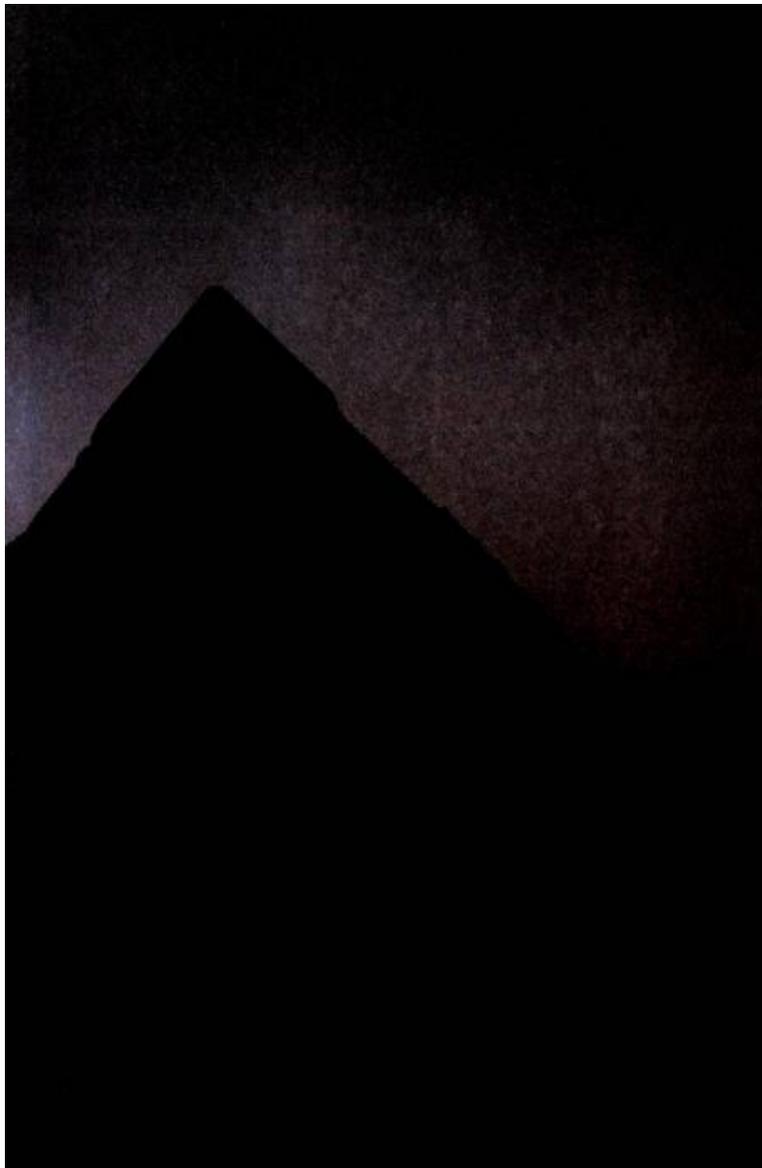
Profundamente encravado no solo rochoso de Sakkara, fica o túmulo do faraó Sechemchet

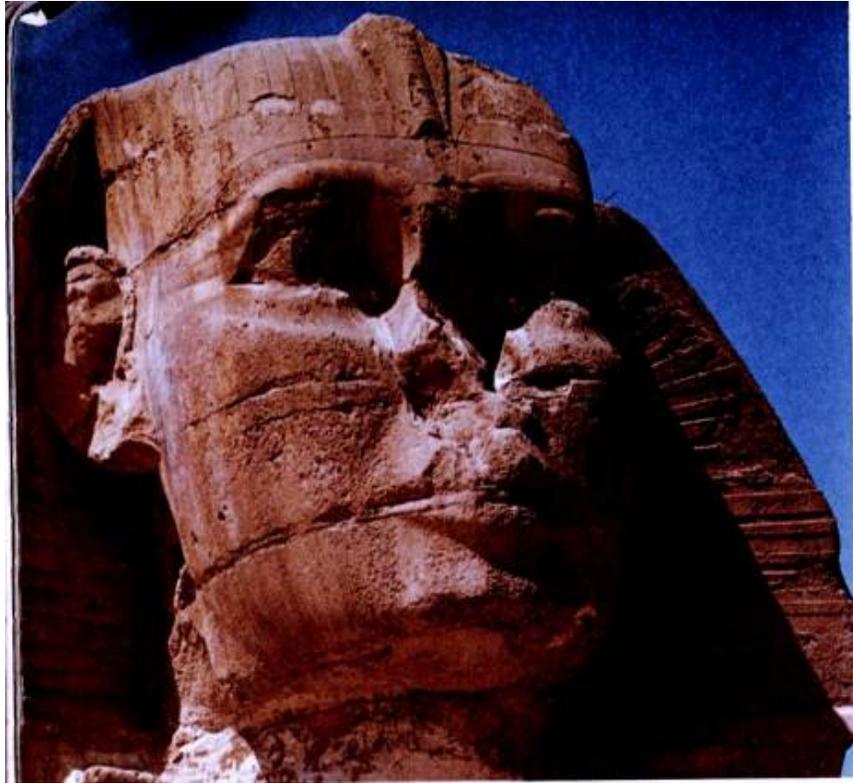


67 - *Uma grande decepção: o sarcófago de alabastro do faraó Sechemchet, esculpido em um único bloco de pedra, estava vazio!*



68





73



74

Eu gostaria de registrar meu agradecimento a todas as pessoas citadas aqui por suas notáveis fotografias e excelentes desenhos.

Caro leitor:

Como bom final quero apresentar-lhe a Ancient Astronaut Society — AAS. É uma sociedade de utilidade pública, que não visa a lucro algum. Foi fundada em 1973 nos Estados Unidos. Desde sua fundação, angariou membros em mais de cinquenta países.

A sociedade tem como finalidade a coleta, o intercâmbio e a publicação de indicações próprias para apoiar e firmar estas teorias:

— Em tempos pré-históricos a Terra recebeu visitantes do espaço...

(ou)

— A presente civilização técnica do nosso planeta não é a primeira...

(ou)

— Ambas as teorias combinadas.

Qualquer pessoa pode ser membro da AAS. Ela edita, de dois em dois meses, um boletim em alemão e inglês para seus membros. A AAS participa da organização de expedições e viagens de estudos a locais de achados arqueológicos importantes para a comprovação dessa teoria. Cada ano realiza-se um congresso mundial. Até agora os congressos foram realizados em: Chicago (1974); Zurique (1975); Crikvenica, Iugoslávia (1976), Rio de Janeiro (1977); Chicago (1978); Munique (1979); Auckland, Nova Zelândia (1980); Viena (1982); Chicago (1983) e Zurique (1985).

A contribuição anual para a AAS é de vinte e cinco francos suíços ou trinta marcos alemães. Nos países de língua germânica existem presentemente mil e setecentos membros. Muito apreciaria se V. Sa. pedisse informações adicionais sobre a AAS, ao departamento de língua alemã.

ANCIENT ASTRONAUT SOCIETY
CH — 4532 Feldbrunnen/SO

Cordialmente,
Erich von Däniken